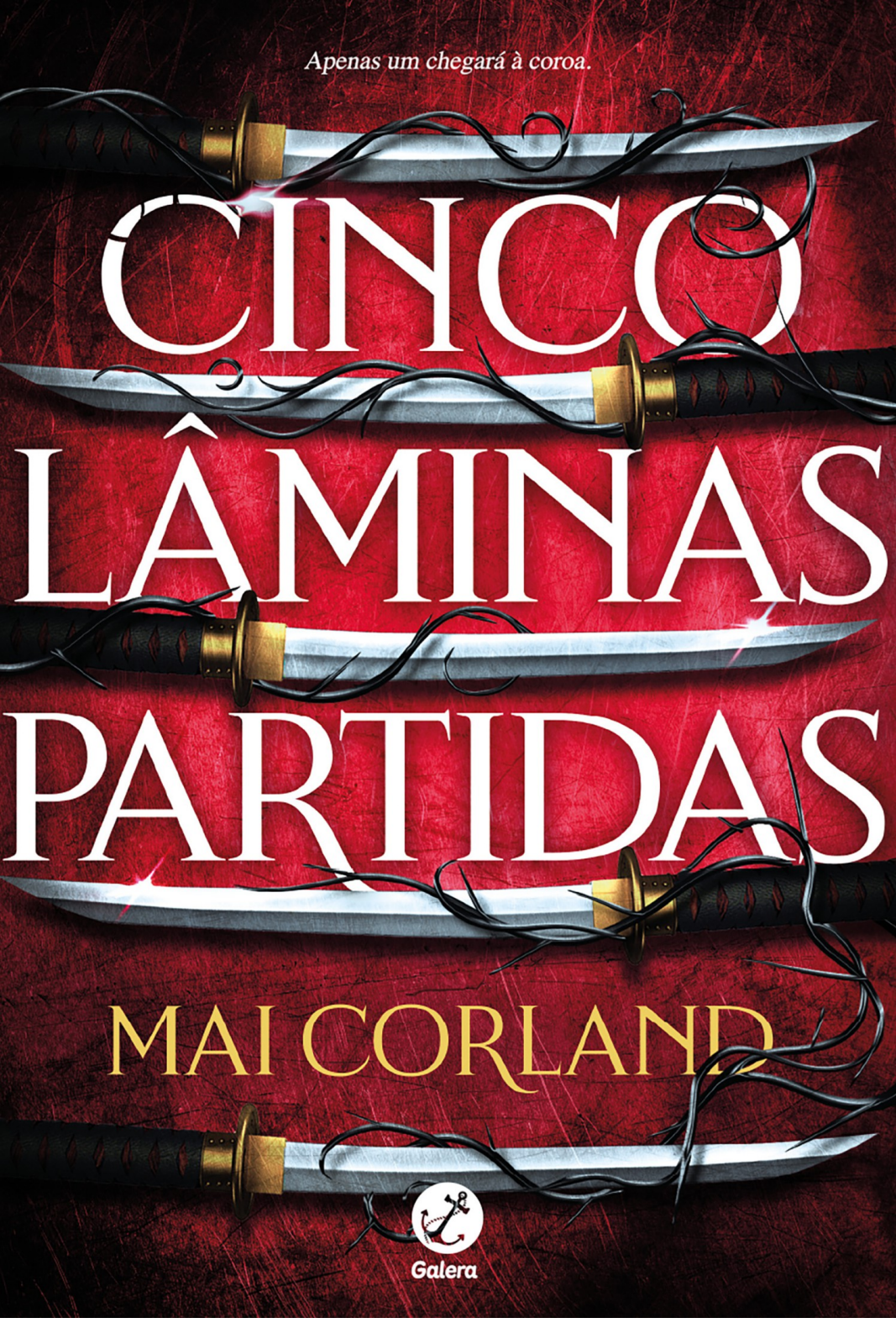


Apenas um chegará à coroa.



CINCO LÂMINAS PARTIDAS

MAI CORLAND

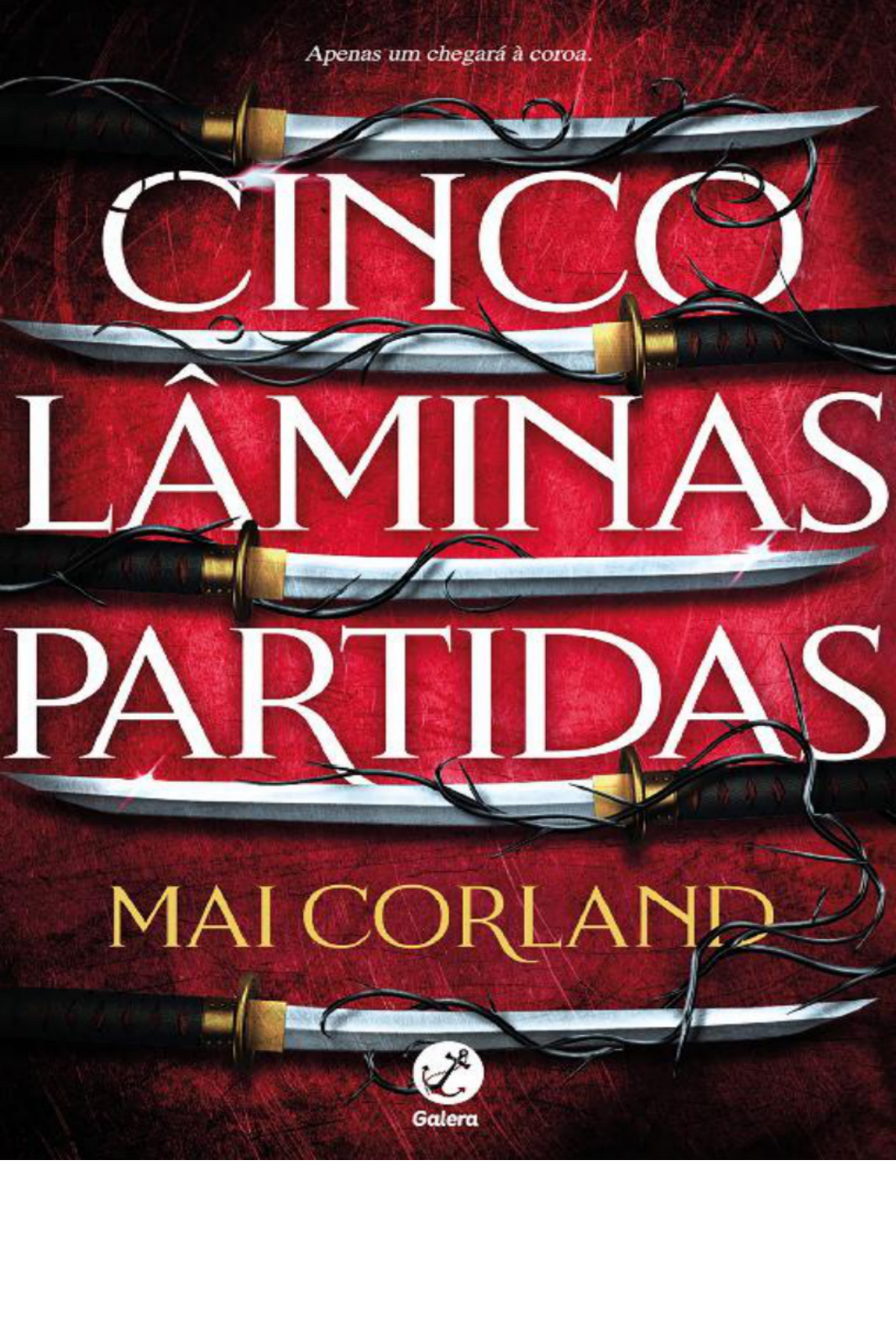


Galera

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Apenas um chegará à coroa.



CINCO LÂMINAS PARTIDAS

MAI CORLAND



Galera

MAI CORLAND

CINCO LÂMINAS PARTIDAS

Tradução
Carlos César da Silva

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2024

DESIGNAÇÃO

Elizabeth Brainer Stokes

TIPO DE ORIGINAL

Five Broken Blades

TIPO DE ORIGINAL

TIPO DE ORIGINAL

Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C832c

Rivers, Francine

Cinco lâminas partidas [recurso eletrônico] / Mai Corland ; tradução Carlos César da Silva.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2024.

recurso digital

Tradução de: Five broken blades

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital

ditions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-543-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção coreana - Coreia (Sul). 2. Livros eletrônicos. I. Silva, Carlos César da. II. Título.

24-92410

CDD: 895.73

CDU: 82-3(519.5)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Copyright © 2024 by Meredith Ireland

Publicado originalmente por Entangled Publishing, LLC.

Direitos de tradução negociados por intermédio da Alliance Rights Agency e da Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-543-2



EDITORA AFILIADA

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para o meu amor e raio de sol e homem de aço

Cinco lâminas partidas é uma fantasia de aventura sombria repleta de mentirosos letais, moralidades dúbias e segredos que podem destruir reinos. Portanto, a história inclui elementos que podem não ser adequados para todos os leitores. Neste livro há representações de violência, sangue, morte (incluindo a de figuras parentais, de crianças, de pessoas encarceradas e de animais), envenenamento, abuso de substâncias, conteúdo sexual, maus-tratos a animais, violência de gênero, trabalho sexual, ideação suicida e servidão por contrato. Há também descrições gráficas de estupro, agressão e genocídio. Leitores que possam ser sensíveis a tais elementos, leiam com cautela e preparem-se para se arriscar pela coroa...

NOTA DA AUTORA

A Coreia tem uma mitologia rica e uma cultura vibrante por si só. Como uma coreo-americana que foi adotada, eu me inspirei em minha história e minhas experiências de vida para criar o mundo de *Cinco lâminas partidas*. No entanto, cabe ressaltar que esta obra não é nem um trabalho de ficção histórica, nem uma fantasia baseada no mundo real: ela se passa em uma ambientação ímpar inspirada nas minhas pesquisas acerca de mitos, lendas e cultura da Coreia. Tomei liberdade criativa do início ao fim, mas espero que ao final deste livro os leitores sintam que tiveram a vida transformada, assim como eu senti durante a escrita desta obra.

— Mai

Sumário

CAPA
ROSTO
CRÉDITOS
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQUENTA
CAPÍTULO CINQUENTA E UM
CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE
CAPÍTULO SESSENTA
CAPÍTULO SESSENTA E UM
CAPÍTULO SESSENTA E DOIS
CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS
CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO
CAPÍTULO SESSENTA E CINCO
CAPÍTULO SESSENTA E SEIS
CAPÍTULO SESSENTA E SETE
CAPÍTULO SESSENTA E OITO
CAPÍTULO SESSENTA E NOVE
CAPÍTULO SETENTA
CAPÍTULO SETENTA E UM
CAPÍTULO SETENTA E DOIS
CAPÍTULO SETENTA E TRÊS
CAPÍTULO SETENTA E QUATRO
CAPÍTULO SETENTA E CINCO
CAPÍTULO SETENTA E SEIS

CAPÍTULO SETENTA E SETE
CAPÍTULO SETENTA E OITO
CAPÍTULO SETENTA E NOVE
CAPÍTULO OITENTA
CAPÍTULO OITENTA E UM
CAPÍTULO OITENTA E DOIS
CAPÍTULO OITENTA E TRÊS
CAPÍTULO OITENTA E QUATRO
CAPÍTULO OITENTA E CINCO
CAPÍTULO OITENTA E SEIS

CAPÍTULO UM

ROYO

CIDADE DE UMBRIA, YUSAN

Ouro em troca de sangue — esse é meu slogan e meu lema de vida.

O mercador conta lentamente muns de ouro. Suas mãos envoltas em luvas tremem a cada moeda que cai em sua palma. Ele é um pouco mais alto do que eu, mas meus ombros têm o dobro da largura.

— Anda logo. Não tenho a noite toda — digo.

Meu tom de voz grave o assusta, e dois muns de bronze caem no chão. Ele deixa as moedas rolarem para longe, mas interrompe a contagem e parece cogitar ir atrás delas. Pelos Dez Infernos. Isto vai levar uma eternidade.

Por fim, o homem coloca o dinheiro na minha mão, pagando pelo nariz e pela perna que quebrei. Em seguida, ele se afasta às pressas, e a brisa da noite faz sua capa de pele esvoaçar. Ser capanga não é lá um ganha-pão muito nobre, mas não é como se a alta sociedade também fosse flor que se cheire.

Conto meu dinheiro enquanto vagueio entre os edifícios cobertos de fuligem. A quantia está certa. Coloco as moedas no meu porta-níquel e o enfio no bolso do casaco. Atrás de mim, minha vítima mais recente choraminga na escuridão do beco. Se o homem continuar com esse barulho, as aves infernais vão comer toda a sua carne antes do amanhecer. Além do mais, o babaca do mercador rico não me pagou para matar.

— Dá pra parar com essa barulheira?

O homem para de gemer.

— Finalmente — falo.

Ele fica em silêncio — calado pela minha grosseria ou pela dor que está sentindo.

Penso em voltar para ajudá-lo. A ideia sempre me ocorre. Mas não é problema meu. O que acontece depois que cumpro minhas tarefas está fora da minha alçada — assim como não procuro saber o motivo pelo qual o mercador quis passar uma mensagem com essa agressão.

Essas incógnitas não levam a lugar algum. E eu preciso seguir meu caminho.

Tento aquecer minhas mãos repletas de calos com meu hálito quente. Frio do caralho. O gelo reluz nas ruas de pedra, e o escoamento já começou a congelar. As poucas árvores desta cidade abarrotada já perderam as folhas há muito tempo. O

inverno chega rápido a Umbria. Assim como a morte.

Eu provavelmente deveria comprar luvas, mas não gosto da ideia de gastar qualquer mun de prata que seja. Cada moeda faz diferença, e não é como se eu precisasse de vestimentas esnobes.

Quando chego à rua Úncia, dois casais bem-vestidos passam por mim, um de cada lado. Os quatro estão usando roupas de pele caras e chapéus de pena. Ricaços. Eles me olham por um longo instante e depois se afastam, como se eu fosse contagioso ou algo do tipo. Se meu tamanho não intimida as pessoas, a cicatriz no meio do meu rosto dá conta do recado. Elas mantêm certa distância de mim.

Ótimo.

Com um grunhido, abro a porta pesada de madeira da Costela & Cevada com o ombro. Já estive em recintos mais limpos e apresentáveis e com uma comida melhor, mas esses estabelecimentos não servem para pessoas como eu. O clima do lado de dentro está agradável, sem estar quente e barulhento, e é tudo de que preciso. A Costela & Cevada é a minha casa. É o lugar onde comecei meus negócios, dez anos atrás. Logo após completar quinze anos, abri meu escritório improvisado bem ali no canto da taverna — com vinte quilos de músculo a menos e nenhuma cicatriz no rosto. Os proprietários sabem muito bem sobre o meu trabalho, mas mantenho o estabelecimento em segurança, então fazem vista grossa.

Eu me sento na banquetta de sempre na ponta do balcão do bar. Yuri me vê e me serve uma caneca de cerveja. Pela sua aparência, ele poderia ter entre quarenta ou sessenta anos. Não tem como saber ao certo por conta da careca. Mas ele não é do tipo que fica de conversinha com os clientes, e eu gosto disso.

Ele me passa a bebida pelo balcão de madeira velha. Quase dá para dizer que o copo está limpo.

— Uma pessoa apareceu procurando você — avisa Yuri.

Arqueio as sobranças e dou um gole na cerveja. Tem sempre alguém procurando por mim — para brigar comigo, me machucar ou me matar. Isso não é novidade.

— Por que eu devia me importar?

Yuri joga um pano de prato sobre o ombro e se inclina em minha direção.

— Era uma garota.

Paro de beber. Meu coração bate tão forte que vai parar na garganta. Tento manter a calma.

— Como ela era? — pergunto, disfarçando minha agitação.

— Bonita — responde Yuri. A descrição sucinta não ajuda muito. Cerro a mão e o encaro. Ele arregala os olhos e coça o nariz, que alguém quebrou em algum momento do passado. Depois, começa a descrever: — Mais ou menos da minha altura, grandes olhos castanhos e cabelo preto meio curto. Devia ter a sua idade, lá pelos vinte e tantos anos. E usava uma capa de veludo vermelha.

Engulo em seco, digerindo as palavras. Uma mulher alta, de vinte e poucos anos, perguntando por mim é um tanto incomum. E acho que ser bonita faz

diferença, sim — não me lembro da última vez que uma mulher bonita veio me procurar. Talvez ela queira dar uma lição em algum ex-namorado ou se vingar de alguma rival. Mas eu não machuco mulheres.

— Ela está hospedada na Botina Preta — acrescenta Yuri.

Provavelmente a melhor estalagem em Umbria. Então quer dizer que a garota tem dinheiro e não é daqui, mas de alguma forma sabia onde me procurar. Aqui na taverna. Isso não está me cheirando nada bem.

— Não estou interessado — declaro.

Yuri dá de ombros.

— Como quiser.

Ele vai para a outra ponta do bar servir outro cliente — um homem aparentando ser velho demais para a própria idade está sentado na banquetta a quatro passos de mim. Ele só faz contato visual com Yuri, o que quer dizer que também está aqui para beber sozinho. Às vezes nos sentimos menos solitários compartilhando um barril de cerveja para afogar as mágoas, desaparecendo na multidão de clientes do bar. Mesmo sem conversar com ninguém. Na maioria das noites, é o que eu faço.

Mas hoje não posso ficar invisível. Tenho certeza de que vai ser um daqueles momentos dos quais não consigo me esquecer, mesmo que eu encha a cara até não poder mais. Então por que me arriscar a ter uma ressaca infernal amanhã?

Acabo com a cerveja, deixando a espuma na caneca. Afasto-me do balcão, arrastando os pés da banquetta no chão grudento.

— Fui.

Yuri ergue as sobrancelhas grossas. É como se os pelos que lhe faltam na cabeça tivessem ido para o rosto.

— Mas já?

Não é à toa que ele fica surpreso. Geralmente tomo algumas canecas de cerveja quieto no meu canto até o próximo trabalho aparecer. Os problemas não demoram a me encontrar, mas às vezes vêm só depois de umas quatro cervejas. Hoje foi só uma.

— Dor de cabeça. — Dou uma batidinha com os dedos na têmpora como se Yuri não soubesse onde minha cabeça fica. Mas é uma mentira, e, a julgar pelo movimento de seus olhos semicerrados, ele sabe disso.

Ainda assim, ele assente em resposta.

— Boa noite, Royo.

Dou um passo em direção à porta, mas algo estranho acontece. Sinto uma coisa esquisita, como se meu coração começasse a acelerar do nada. De soslaio, tenho certeza de que vejo um borrão vermelho. Pisco com força, dou uma olhada ao meu redor e encaro o espelho do bar. Nada. Só vejo meu rosto com a cicatriz e meu cabelo raspado. Nada vermelho à vista. Balanço a cabeça. Hoje estou realmente fora de mim. É melhor me mandar logo.

Saio da Costela & Cevada e volto para a rua gélida. Vou ter que dar um jeito nos cadarços das botas o quanto antes e provavelmente remendar o couro também, mas elas ainda dão para o gasto.

Tenho certeza de que esfriou ainda mais enquanto eu estava dentro da taverna. Minha respiração forma uma névoa no ar frio. Sopro ar quente nas mãos de novo enquanto ando pela rua.

Depois de seguir cinco quarteirões na direção errada, passo pela pousada Botina Preta. É inevitável desacelerar o passo e olhar para as lamparinas brilhando do outro lado das janelas. Fico me perguntando se... Mas então balanço a cabeça.

O que é que estou fazendo aqui? O que estou procurando?

Acelero o passo para me afastar. É suspeito demais. Estranho demais. Meu instinto sempre está certo, e as cicatrizes que carrego são lembretes das vezes que ignorei minha intuição. Da última vez, custou tudo o que eu tinha. Não vou cometer o mesmo erro.

É uma caminhada de uns quinze minutos pela avenida Avalon até minha choupana na parte mais pobre da cidade. As construções vão ficando mais antigas e menores conforme saio do distrito comercial. Umbria tem ido de mal a pior desde que o rei Joon assumiu o poder quando eu era criança. O país todo, na verdade.

A avenida faz uma curva, e logo vejo o rio à esquerda. É de se imaginar que seria bom estar perto da água, mas não em Umbria. A única hidrovía que temos é justamente o poluído rio Sol. As pessoas esvaziam latrinas e jogam lixo nele. E é ainda mais gelado, de arrepiar até os ossos, quando se mora perto o suficiente para conseguir ouvir a água batendo na orla imunda.

Tento ficar atento aos meus passos e meus arredores. Há perigos demais em Umbria causados por gangues, por homens como eu, por aves infernais, para dar bofeira andando feito um sonâmbulo por aí. Só que eu estou com a cabeça em outro lugar, distraído.

Culpo Yuri por isso. Ele é um taverneiro, não mensageiro. Podia muito bem ter guardado aquela informação toda para si.

Por outro lado, não estou irritado com Yuri. A verdade é que estou pensando *nela*. Quando Yuri disse que tinha sido uma mulher a me procurar, me senti esperançoso. E a esperança é uma faca de dois gumes — ela usa cacos de vidro para formar sonhos, e depois a realidade os estilhaça de novo. A esperança é o castigo mais cruel que existe, porque sem ela, eu sei que não é quem eu estou pensando que pode ser, idiota. Não pode ser. Nunca será possível.

Porque eu a matei.

CAPÍTULO DOIS

EUYN

CIDADE DE OUTTON, FALLOW

Estou sendo caçado.

Com o rosto coberto pela barba, rio baixinho da ironia do destino enquanto atravesso o centro comercial de Outton com agilidade. Antes eu era um caçador primoroso — o melhor em Yusan, de acordo com o rei. E agora aqui estou, nas terras baldias, em Fallow, e *eu* sou a presa.

Eu me esquivo usando troncos de árvore caídos para me esconder e não expor minha localização a céu aberto. Passei os últimos três anos tentando evitar que alguém faturasse a recompensa de vinte mil muns de ouro pela minha cabeça. Ao menos esse labirinto que chamam de centro comercial ajuda.

O mercado de Outton parece ter sido improvisado da noite para o dia, com estrutura feita de troncos e quaisquer tecidos que conseguiram resgatar de um navio naufragado. E então, no dia seguinte, decidiram deixar tudo exatamente como estava pelos próximos cem anos. Fico me perguntando se os mercados de Yusan são todos iguais — sujos e malcuidados. Nunca botei os pés dentro de um porque sempre tivemos criados para fazer as compras por nós. Além de qualquer outra coisa que desejássemos, na verdade. Mas essa não é mais a minha vida. Eu só não consigo me esquecer dela.

Passo por uma tenda onde um rapaz de aparência suspeita está vendendo pele de animais. De trás do balcão, ele acena para mim com a cabeça, e eu retribuo o cumprimento. Já o vi antes, mas não sei seu nome. Nunca perguntei, a fim de não dar brecha para que ele perguntasse o meu.

Quando fica evidente que não vou comprar nada hoje, ele me ignora e continua a analisar a multidão atrás de batedores de carteira, com uma lâmina a postos. Sem um rei, a justiça em Fallow é feita com as próprias mãos.

A sensação de estar sendo vigiado faz meu corpo se arrepiar. Olho de relance por sobre o ombro para ver se estou sendo seguido. Nada.

Continuo meu caminho, passando por tendas cheias de galinhas barulhentas e especiarias. Os aromas de cravo e cardamomo enchem minhas narinas conforme minhas botas se arrastam pelo chão poeirento. Finjo considerar comprar tâmaras secas enquanto olho por sobre o ombro direito. De novo, nada. Nada além do ambiente de sempre: mulheres cansadas em vestidos puídos carregando um cesto

na cabeça, e homens barbados atrás de mercadoria ou de uma boa briga. Crianças são raras aqui, e as que vi não eram nada além de pequenos laráprios.

Hoje, no entanto, não estou preocupado com a minha carteira. É a integridade do meu pescoço que está tirando minha paz.

Meu coração bate forte, e minha boca está tão seca quanto esse chão poeirento, mas não é por conta do clima. É porque sou um alvo a céu aberto em plena luz do dia. Gostaria de poder me misturar aos camponeses, mas é algo que ainda preciso dominar. Ando com um capuz cobrindo meu cabelo preto e com a túnica e a calça cheias de poeira, como todos ao meu redor, mas algo na minha aparência se recusa a exprimir simplicidade.

Duas mulheres levantam a cabeça para me encarar quando passo. Eu me viro para ver se há algum perigo, analisando o terraço das construções feitas de argila, mas as mulheres só estavam me observando. Porque meus traços e meus movimentos são delicados demais, e minha postura é empertigada. Estou há três anos sem conseguir sair de Fallow e até hoje não sei andar com a postura relaxada como fazem nesta região. Meus ombros se recusam a se a curvar pela exaustão. Quando tento imitar os trejeitos dos cidadãos daqui, a dona bonitinha da estalagem sempre me olha desconfiada e me pergunta se estou “de caneco vazio” — a gíria que usam para dizer que alguém está bêbado.

Eu deveria ter ficado na estalagem até o anoitecer, quando é mais fácil me misturar na multidão. Lá estou em segurança — tanto quanto possível. Já inspecionei cada canto dos cômodos, planejei todas as rotas de fuga. Há uma escada feita de corda escondida atrás da cortina, caso eu precise fugir rapidamente do meu quarto no segundo andar. É mais abafado lá em cima, mas uma janela no térreo seria de fácil acesso a alguém que quisesse me ferir enquanto durmo. Não que eu durma muito — as olheiras escuras são a prova disso. Nas raras vezes em que pego no sono, coloco uma adaga envenenada embaixo do travesseiro e deixo a besta escondida sob a cama. Tem uma espada no banheiro também, além de armadilhas em cima da porta e das janelas. Nunca saio da estalagem, muito menos durante o dia, se puder evitar. No entanto, eu não podia ignorar o envelope vermelho que estava à minha porta hoje de manhã.

***Príncipe Euyñ Hali Baejkin
Nos estábulos, a uma badalada
Tenho uma proposta para você***

Príncipe Euyñ. Príncipe. Euyñ.

Meu olhar se prendeu nessas palavras e senti o estômago se revirar, estragando meu café da manhã pouco nutritivo de salsicha fria e biscoito murcho. Alguém sabe quem eu sou — algo que ninguém deveria saber, porque o príncipe Euyñ morreu de exaustão térmica três anos atrás. Quando homens poderosos tentam te matar, o melhor é deixá-los acreditar que conseguiram. Agora eu atendo por Donal.

Amasso o envelope no meu bolso. Fui descoberto. Mas por quem?

Já me ocorreu, mais de uma vez nas últimas seis badaladas, que pode ser uma emboscada. Analiso a multidão mais uma vez, procurando pelas vestes pretas características dos assassinos que trabalham em nome da coroa. Talvez pudesse ser um presente do meu querido irmão mais velho para enfim colocar um ponto-final nessa questão e me matar como um homem. O problema, no entanto, é que eu quero viver — ou ao menos me recuso a morrer. E o rei Joon não ordenaria diretamente minha execução. Não fez isso da última vez, preferindo deixar nas mãos do clima e da natureza.

Então o que está acontecendo?

Quem mandou o envelope? Estou paranoico, mas não faz sentido serem os assassinos do palácio. Eles nunca mandam avisos por escrito — preferem cortar seu pescoço antes que você consiga gritar.

É loucura. É loucura aceitar o convite. Meu corpo implora para que eu dê meia-volta. Para que eu não siga pelo pior caminho. Mas só há uma direção que posso seguir para conseguir as respostas: em frente.

Minhas botas levantam poeira a cada passo enquanto saio do esparsos centro comercial. Tem poeira em tudo aqui. Não tem por que tentar manter qualquer coisa limpa. O que eu não daria pelos banhos perfumados do Palácio de Qali; os corredores de mármore frio e impecável; ou mesmo a sombra das árvores do jardim real, onde os criados borrifam uma bruma refrescante no verão e nos abanam com plumas. No entanto, estou preso em Fallow sob um sol escaldante, serpente e urubus do deserto voando em círculos pelo céu.

Tento ver se estou deixando um rastro na terra, embora haja pessoas demais entrando e saindo do centro comercial para que eu deixe marcas pelo caminho. Porém, as botas de soldado deixam pegadas distintas, então dou uma olhada de qualquer maneira.

Sinto o calor sufocante enquanto cruzo os estábulos e ajusto o capuz ao olhar para trás mais uma vez. Nada. Nada além de um ar poeirento e plebeus fazendo compras. Só que isso não significa que estou em segurança — apenas que ainda não avistei o perigo. Cacei cada criatura que existe em Yusan, e poucas me viram antes que eu atacasse.

Estou quase dentro dos estábulos quando vejo outro envelope vermelho. Em seguida, reparo na mão que o segura, e sei que é tarde demais para mim.

CAPÍTULO TRÊS

SORA

CIDADE DE GAIN, YUSAN

A campina fica belíssima nesta época do ano. Passo minha mão delicada e cheia de joias pela grama alta. Os filetes verdes são graciosos e leves, mas ao mesmo tempo firmes e fortes. Como eu.

Não sei ao certo como comecei a dar aulas sobre colheita. Ou ao menos como elas se tornaram recorrentes. Contudo, a cada semana, encontro cinco crianças desabrigadas na campina nos arredores das muralhas da cidade. Há uma quantidade surpreendente de plantas comestíveis e frutas saborosas nos limites da floresta. Levo as crianças para andar sob as árvores mais próximas em dias quentes para ensinar a elas sobre raízes comestíveis, mas não ando para muito além daqui. Não posso.

— Sora, e essa aqui? — pergunta Gli. Ela está segurando um cogumelo. Seu rostinho com um lábio leporino se ergue para mim, cheio de esperança. Os cachos grossos de seu cabelo estão penteados para trás da melhor maneira que conseguiu.

Ela tem nove anos — a mesma idade que eu tinha quando me levaram. Quer dizer, não levada... fui vendida.

Meus pais receberam uma quantia considerável em troca de sua primogênita. Meus *antigos* pais. Eu, como estas crianças, sou órfã. Ao contrário delas, no entanto, não sou livre.

Encaro o horizonte. Às vezes penso em ultrapassar o limite da floresta de Xingchi novamente, mas desta vez eu estaria preparada. Eu poderia fugir de Gain e nunca mais voltar. Talvez eu pudesse chegar até o norte, na segurança da cidade de Khitan. Só que aí lembro da grande questão. O motivo pelo qual não posso ir embora.

— Sora? — Gli tenta chamar minha atenção.

Ela ainda está olhando para mim, esperando uma resposta ao me encarar com seus grandes olhos castanhos. Afasto esses pensamentos e volto ao presente.

— Não, não, querida — falo. Coloco meu cabelo preto longo atrás da orelha e me inclino à frente para analisar o cogumelo na mão dela. — Está vendo essas pintinhas? Lembra do que elas significam?

Dou a ela um momento para se lembrar do que ensinei na semana passada.

Gli franze o cenho e abaixa a cabeça.

— Veneno.

— Isso mesmo — respondo.

Toco sua bochecha de leve e levanto seu rosto. A pele de Gli é mais escura do que minha palidez característica da região norte. Ela também está à beira do choro. A vida não foi clemente com ela, mas eu posso ser.

— Você se lembrou logo depois de ter esquecido, e isso é tão importante quanto se lembrar de primeira — digo. — Talvez até mais, porque agora você vai guardar de vez na memória. — Faço uma pausa e tiro o cogumelo dela. — Evitamos os alimentos venenosos.

Gli sorri apesar de ter errado, e eu retribuo o sorriso. Em seguida, Tao, que tem cinco anos e passa mais tempo segurando minha mão do que colhendo frutos, me puxa para correr atrás de uma borboleta. Eu permito, erguendo a barra do meu vestido colorido. A infância é um período tão curto, e as alegrias são poucas para os pobres em Yusan. Ainda mais raras para assassinas como eu.

Mas o sol está brilhando na campina, e é uma tarde amena, e as crianças riem, e as borboletas voam pela leve brisa. O ar está com cheiro de terra e flores silvestres, com um toque de maresia do Oceano do Oeste. Logo as chuvas fortes da temporada de monções vão substituir os lindos raios de sol, então tento aproveitar os dias ensolarados e gravá-los na memória.

Tento enxergar a bondade que ainda existe neste reino. Lembrar que a sorte anda ao meu lado. Eu sobrevivi. *Nós* sobrevivemos.

Nós mal terminamos a colheita quando vejo uma figura no limite da campina. Um arrepio percorre meu corpo, e eu endireito a postura. Eu reconheceria aquele alazão preto e aquela silhueta montada nele em qualquer lugar. É o conde. E só os deuses sabem quanto o odeio. Já desejei a morte dele mais de mil vezes, porém, infelizmente, os deuses não atendem aos pedidos de pessoas como eu.

Acredito que as pessoas o considerem um homem atraente, mas o dinheiro e o status social contribuem para as opiniões que elas nutrem sobre homens poderosos. Ele tem vinte e cinco anos a mais que eu, e um coração verdadeiramente sombrio. Eu sei quem ele é de verdade.

— Está bem, crianças. Marcamos para a mesma badalada na semana que vem? — proponho.

— Sim, srta. Sora — respondem eles em uníssono.

— Muito bem. — Sorrio, mas meus dedos estão gélidos quando toco o ombro de Gli. — É melhor vocês irem agora.

Se o conde estiver de mau humor, ele é capaz de pegar uma das crianças e cortar o pescoço dela. Sei que ele não sofrerá punição nenhuma por fazer algo do tipo, porque eu o vi fazer exatamente isso anos atrás. Quero que as crianças se afastem dele o mais rápido possível, e esses pequenos cresceram nas ruas — seu instinto entende a mudança que o perigo provoca no ambiente, e todos desaparecem em segundos.

Continuo sorrindo para a campina vazia antes de ir até o animal. É um cavalo de guerra que me pisotearia com a mesma rapidez com que olha para mim. Assim

como o homem montado em seu dorso. Meu sorriso se esvai à medida que me aproximo.

Os olhos castanhos do conde me observam como se eu fosse um doce sendo oferecido numa confeitaria. Como se estivesse planejando me consumir. Só que não é desejo — é posse, porque pertença a ele de corpo e alma.

Faço uma reverência quase imperceptível com a cabeça.

— Milorde.

— Você me parece bem, Sora. — Ele sorri, avaliando meu corpo novamente para o caso de eu não ter reparado da primeira vez. — Embora eu nunca vá entender o motivo de você perder tempo com aqueles pirralhos imundos.

Eu o encaro. Ele não fez uma pergunta, então não preciso responder. Além do mais, não estou aqui para ficar de conversinha.

O conde suspira e estende a mão enluvada, me dando um cartão. Há um nome rabiscado no papel. Acabo de receber outro alvo. Simples assim. Mais uma pessoa para matar. Uma alma para ceifar.

E não tenho escolha.

Assassinato é a forma como recompenso Sua Graça por todos os muns de ouro dados aos meus antigos pais quando fui vendida e pelo dinheiro investido na minha educação e no meu treinamento — pelo qual nunca pedi e que me deixou com inúmeras cicatrizes, a maior parte delas invisíveis a olho nu. Cada morte é contabilizada no valor da minha compra e nos juros altos que começaram doze anos atrás, quando fui vendida.

Entretanto, devo pagá-lo, senão minha irmã mais nova, Daysum, sofrerá consequências inenarráveis. Ela é a única família que me resta e está sob a “tutela” do conde, o que é um jeito mais agradável de dizer que ela é prisioneira dele. Quando fui vendida, ela foi levada como brinde.

— Quando? — pergunto.

— Hoje à noite, Sora — responde o conde. Seu rosto marrom assume um olhar mais frio, sua verdadeira expressão que exhibe toda a crueldade. — Ao amanhecer quero que tudo já esteja resolvido. Honre seu compromisso e talvez possa ver sua irmã por uma badalada amanhã.

Ele vai embora montado no alazão e me deixa sozinha na campina. A ameaça é nítida: se falhar, nunca mais verei Daysum.

CAPÍTULO QUATRO

ROYO

CIDADE DE UMBRIA, YUSAN

Quando finalmente chego à porta da minha choupana, já não sinto a porra dos dedos por causa do ar gélido da cidade. Outros homens — tolos e crédulos — passeiam com as mãos nos bolsos, mas eu não posso me dar ao luxo de ser imprudente assim. Não posso perder tempo tirando minhas mãos dos bolsos ou não conseguindo me esquivar de um soco só para mantê-las aquecidas.

No entanto, chego em casa — e por *casa* quero dizer uma choupana fria tão próxima do rio Sol a ponto de eu sentir seu odor fétido. Mas o aluguel custa um mun de ouro a cada dois meses, então não vou embora.

Verifico os arredores em busca de sinais de arrombamento. As janelas estão trancadas, e as ripas velhas de madeira estão em seus devidos lugares. Aliviado, abro as três trancas da porta e entro, acendendo as lamparinas a óleo.

Dentro da choupana está quase tão gelado quanto na rua. Não deixo a caldeira ligada quando saio porque não quero gastar dinheiro à toa, mas quase gostaria de ter deixado hoje. Preciso do conforto de um bom fogo.

Reacendo a brasa e aproximo as mãos dos pedaços de carvão que queimam aos poucos. Leva alguns minutos, mas enfim me aqueço o bastante para dar início à minha rotina.

Não tenho muitas coisas: uma mesa de jantar com duas cadeiras, uma poltrona grande próxima à caldeira, uma cama e um lavabo. Me levanto da poltrona para ver se as persianas estão totalmente fechadas e movo a cama para perto da parede. Em seguida, levanto a tábua solta do piso. Embaixo dela, cavei um esconderijo. Nele se encontra o meu bem mais valioso: pilhas de sacos de muns de ouro.

Pego meu porta-níquel; quinze moedas de ouro. Cinco do trabalho de hoje, seis que eu fui buscar de manhã pelo trabalho de ontem, quatro de uma aposta que ganhei no distrito de jogos de azar.

Quinze moedas de ouro. É o equivalente a um ótimo salário em Umbria, mas preciso de mais. Sempre preciso de mais.

Olho para os sacos no esconderijo. Cada um contém cinco mil muns de ouro. No total, são dez sacos. Levei dez anos para juntar tudo isso. Uma década inteira de ameaças, apostas, ossos quebrados, experiências de quase morte e sangue.

Muito sangue. Mas ver todo esse ouro neste cubículo que eu chamo de lar faz tudo valer a pena. Ou quase tudo. Uma sensação calorosa me invade. Orgulho. Segurança. Bens que o dinheiro pode comprar. E, então, me lembro de que a quantia mal chega a ser metade do que preciso.

Com cuidado, pego o menor dos sacos. Coloco nele os ganhos desta noite e calculo o novo valor. Duzentos e cinco muns de ouro. Embalo o saco de moedas no colo como se fosse um bebê, torcendo para que ele cresça e se torne robusto como seus irmãos. Por fim, dobro o tecido delicadamente e o coloco junto com os outros.

Tendo concluído minhas contas do dia, coloco a tábua solta no lugar e me lavo para ir me deitar. Depois de dar uma geral no quarto, pego meu porta-níquel vazio. Vou precisar dar um jeito de enchê-lo novamente amanhã. Mais gritos, mais sangue, mais apostas. Qualquer coisa que me pague.

É só quando coloco o porta-níquel no casaco que sinto o pedaço de papel. Eu o tiro do bolso. O bilhete é branco, com bordas douradas e uma caligrafia pomposa.

Royce
Estalagem Botina Preta, hoje à noite
Tenho um trabalho para você

Analiso a frente e o verso do bilhete. De onde foi que isso veio? E quando foi colocado no bolso do meu casaco? Olho em volta, mesmo sabendo que estou sozinho. Vou conferir os arredores de qualquer maneira, porque é impossível. Ninguém me pega desprevenido. Só que, de alguma forma, foi exatamente o que aconteceu.

Obsessivamente, vasculho a choupana até ter certeza de que realmente estou sozinho. Ainda estou com a minha lâmina favorita em mãos, caso eu precise usá-la. Faço uma última varredura e me deparo com meu próprio olhar afoito no reflexo do espelho do lavabo. A cor dos meus olhos geralmente fica entre o amarelo e o castanho, mas agora está preta. Preta como meu cabelo raspado.

Preciso me acalmar e pensar. Minha porta está trancada; não tem nada suspeito aqui dentro. O bilhete não apareceu no bolso do meu casaco enquanto eu contava o dinheiro. Só pode ter sido enquanto eu estava fora — no caminho de volta para casa ou mesmo na taverna. Então me lembro do borrão vermelho na Costela & Cevada, e daquela sensação estranha. Eu não estava imaginando coisas: alguém tinha mesmo enfiado a mão no meu bolso.

Não para tentar me roubar, pois quem quer que tenha sido, não levou os muns de ouro, mas me deixou este bilhete.

E só sei de uma pessoa que está hospedada na Botina Preta: a garota que estava me procurando na taverna. Pode ser coincidência, mas coincidências necessitam de sorte, e isso não existe em Umbria. Ao menos não para mim.

Está tudo errado nessa merda.

Ando pelo meu muquifo, amassando o bilhete. As paredes vazias parecem apertadas demais, e agora está um calor escaldante aqui dentro. Meu rosto está corado, meu pescoço, molhado de suor. O piso de madeira gasto range sob meus passos pesados.

Como?

Ninguém consegue chegar perto o bastante de mim para enfiar a mão no meu bolso. Estou sempre alerta. Sou assim desde que levei o corte no rosto. Então como é que alguém pode ter deixado um bilhete sem que eu percebesse? Quem? Se for mesmo a mulher de quem Yuri me falou, então tenho ainda mais dúvidas.

Não importa. Eu deveria deixar isso de lado. Deveria tacar este maldito bilhete no fogo. Minha intuição está me berrando que esta mensagem não passa de encrenca.

Mas preciso saber como a pessoa conseguiu me pegar de surpresa, porque, com um metro e oitenta de altura e pesando cem quilos, já faz muito tempo que não fico vulnerável. Se alguém conseguiu enfiar uma mensagem no meu bolso, também seria capaz de me atacar com uma lâmina. Preciso saber como isso aconteceu. E, mais do que isso: o motivo.

Visto o casaco de novo e saio na noite gélida.

CAPÍTULO CINCO

SORA

CIDADE DE USE, YUSAN

Pensando bem, acho que foi meu rosto que me condenou.

Eu o analiso no espelho de moldura dourada do banheiro. Nariz reto, rosto em formato de coração, pele impecável e olhos violeta. O conde procurou pela perfeição por todo o reino, por garotas que se tornariam mulheres belíssimas. Meninas com cicatrizes como Gli, ou enfermas como Daysum, não serviriam. Nenhuma garota frágil sobreviveria ao treinamento. Eu mesma mal consegui.

Faço questão de deixar o batom vermelho-sangue perfeito em meus lábios, limpando os cantos da boca com um guardanapo de seda. E claro que é de seda, tudo nesta mansão é de cetim e de ouro. O lugar tem cheiro de limpeza, com o aroma de cravo e sândalo. A nobreza sempre tem salas de banho privativas, enquanto os plebeus têm que se contentar com casas de banho públicas imundas e com o rio. Mas não nesta mansão. Não para esta gente. E não há como negar que somos nós contra os ricos. *Eles* têm liberdade. Nós, não.

Tirar vidas se torna muito mais fácil quando odeio minhas vítimas.

Não, estou mentindo para mim mesma. Mais uma vez.

Agarro a bancada de mármore. Nunca é fácil. Só que, no fim das contas, é a vida desse homem ou a de Daysum. Quando me lembro disso, não há escolha a ser feita ou clemência a ser mostrada. Preciso seguir o plano.

Ajeito o véu brilhante sobre meu cabelo liso. É ridículo usar um véu por modéstia quando meu vestido é quase transparente, mas tento não pensar nele ou em qualquer outra coisa. Minha mente devia ser como uma adaga: forjada para um único propósito — pôr um fim a vidas. Foi o que aprendi. É a única maneira de conseguir sobreviver a noites como esta.

Minhas mãos tremem enquanto puxo a parte do véu que cai sobre o ombro. Que estranho. Elas não tremiam fazia anos, desde que realizei minhas primeiras execuções. Estendo uma delas e meus dedos estão tão trêmulos que não consigo ver meus anéis com nitidez. As joias, é óbvio, pertencem ao conde, mas ele quer que eu as use como sinal de sua generosidade. Nós dois sabemos que ele as arrancaria do meu cadáver antes mesmo que meu corpo esfriasse, mas os adornos ajudam a compor a personagem de cortesã que devo interpretar.

Respirando fundo, fecho os olhos. Quando os abro novamente, minhas mãos

estão firmes e estou pronta para fazer o que precisa ser feito.

Destranco a porta.

Ele está esperando por mim quando saio do banheiro, sentado na cama, em posição de ataque feito um predador faminto. As luzes estão baixas, a porta está trancada. Imagino que Maricelus Silla não tenha mais interesse em fingir que se importa com o jantar e o vinho.

Ele já está com a camisa aberta, seu peito e sua barriga expostos. A calça foi desabotoada, e seu desejo é evidente.

Desvio o olhar.

— Obrigada por me entreter hoje, milorde.

— Chegue mais perto, Mila — pede ele.

É o nome que geralmente uso. O nome de uma cortesã que está viajando pela cidade a caminho de Tamneki. Maricelus acha que me encontrou por acaso enquanto saía de uma reunião com os lordes.

Com relutância, assinto com a cabeça e caminho a passos curtos. Este vestido restringe meus movimentos, e acredito que a ideia seja justamente essa: um lembrete do conde de que não posso fugir. Desejo a morte dele de novo, só para o caso de, desta vez, os deuses estarem à escuta.

Maricelus sorri e me agarra assim que chego perto o bastante. Tento não estremecer enquanto o homem apalpa meu corpo. Fecho os olhos fingindo prazer, porque atuar é a única defesa que tenho. Não consigo esconder nenhuma arma em um vestido translúcido como este. Não tenho força. E só os deuses sabem que ninguém me ajudaria se eu gritasse por ajuda. Tem um guarda do lado de fora do quarto, mas ele só está ali para proteger Maricelus — não a mim. Preciso deixar que este nobre consiga o que quer, como as outras garotas que vieram antes de mim fizeram.

O jantar revira em meu estômago. Quero vomitar, mas não posso.

Agarrando minha cintura nua, ele me joga na cama. Caio no colchão caro de penas, exatamente onde ele me quer. O ar escapa através dos meus lábios pintados de vermelho. Quando ele se deita por cima de mim, meu corpo fica dormente, formigando à medida que o medo toma conta, como sempre acontece nesses momentos. A boca de Maricelus encontra a minha. Ele me saboreia como se eu fosse uma iguaria enquanto suas mãos sobem pelo meu vestido.

Fico imóvel e permito que ele continue. Tentar lutar contra as vontades desses homens só os torna mais violentos. Eles estão acostumados a ver o mundo atendendo a todos os seus desejos, e são capazes de destruir quem se recusa a fazê-lo.

Portanto, não luto.

Deixo que ele me beije. Não faz a menor diferença se correspondo ou não — homens como ele não se importam com esse tipo de coisa. Ele tira a calça, e sinto sua língua úmida na minha boca enquanto ele geme de prazer.

— Escolhi o néctar mais doce — murmura.

Em seguida, ele arregala os olhos. O medo invade seu rosto quando de repente se lembra de que até os nobres são mortais.

Agora seus gemidos são de sofrimento, porque sua língua já começou a inchar e ele está engasgando. Maricelus tenta gritar conforme o veneno ungu se espalha por sua corrente sanguínea. Conheço bem a sensação — é como se um milhão de mãozinhas estivessem estrangulando cada músculo. Porém, seus gritos saem num arquejo, abafados. Sua voz sussurra pedindo ajuda, e ele está implorando com o olhar. Será que ele teria misericórdia de mim se eu fizesse o mesmo? A flor que ele colheu tão prontamente?

Desvio o olhar. Ele já está morto para mim.

Ele cai de costas, arfando. Este veneno causa uma morte absurdamente dolorosa e seu efeito não é imediato. Eu me lembro de ter visto duas meninas morrerem por causa do ungu, de como seus corpos ficaram paralisados. Lembro da sensação agonizante da microdose, do enrijecimento dos meus músculos e o pavor de não ter para onde correr, de estar presa num corpo à beira da morte. Não é o tipo de veneno da minha preferência, mas o conde exigiu que eu o usasse hoje. A palavra ungu estava escrita no verso do cartão.

Eu me abaixo e sussurro o nome do conde Seok para que Maricelus saiba bem com quem estava lidando. Para que saiba por que está morrendo. Eu interpreto o ato como caridade: apresento uma resposta para o último mistério da vida das vítimas.

O homem se debate na cama, agonizando, mas não consegue se levantar. Seus membros estão ficando cada vez mais enrijecidos. Logo ele não conseguirá fazer movimento algum além de piscar. E é nesse momento que a dor o atingirá. Eu vi o lampejo dela nos olhos das meninas que morreram por causa do ungu. É uma agonia indescritível. Suas mandíbulas se contorceram até se deslocarem por completo.

Enquanto o corpo de Maricelus paralisa, levanto-me e ajeito o vestido. Talvez leve uma badalada até que o homem morra, mas agora um antídoto já não teria mais efeito. Puxo as cobertas, afofando-as ao redor do corpo e apago a luz do quarto.

Maricelus Silla já está praticamente morto. Décima oitava morte em nome do conde: missão cumprida. Verei Daysum amanhã. Vamos rir e costurar juntas e vagar pelo jardim como se não fôssemos prisioneiras. Como se fôssemos as donas de uma grande mansão.

Gentilmente fecho a porta do aposento e pego o manto que deixei pendurado no gancho da porta.

— Ele já acabou o que queria comigo — anuncio.

O guarda assente, o olhar se demorando no meu corpo enquanto visto o manto e puxo o capuz.

Saio noite adentro. Quando chego no fim da estrada onde fica a mansão, rasgo a barra do meu vestido horrendo e corro até o cavalo que deixei escondido para a minha fuga. Provavelmente não vão notar a morte de Maricelus até amanhã de manhã, mas existe a possibilidade de descobrirem a qualquer momento — e já cometi o erro de me demorar demais para escapar de uma missão. Levei várias badaladas para me suturar e lavar o sangue da minha pele.

Cavalgo até sair da cidade de Use e troco de montaria no meio do caminho. Com o cavalo descansado, sigo pelo restante da estrada do litoral até Gain.

Fico aliviada ao me distanciar dos muros altos da cidade. Estou em casa, ou pelo menos sob a proteção do conde. Moro num pequeno chalé, uma de suas propriedades no pacato distrito das flores. Lírios e peônias enfeitam as ruas e os canteiros da minha janela. Minha porta é de um azul-esverdeado brilhante, e as paredes são brancas.

Deixo o cavalo no estábulo dos fundos do terreno e entro no chalé. Assim que tranco a porta, me encosto nela e solto um suspiro aliviado. Consegui. Os deuses permitiram que eu sobrevivesse a mais uma noite.

Acendo a lamparina a óleo porque a noite ainda vai durar mais algumas badaladas. Pingo, meu gato malhado, me recebe se entrelaçando nos meus tornozelos. Eu me agacho para fazer carinho nele. Seu pelo macio e os miados delicados me lembram de que estou em casa. Pingo não se importa com o meu trabalho noturno, com quantas são as minhas vítimas. Ele só quer um chamego e, de vez em quando, uma sardinha. Em troca, ele me passa uma sensação de tranquilidade e companhia que é para mim terrivelmente necessária. Antes, eu morava com outras dezenove garotas. No início. Mas elas foram morrendo uma a uma, até sobrar apenas três de nós. Quando fiz dezoito anos, me mudei para cá.

Com um profundo suspiro, penduro o manto, rasgo o vestido e o véu e os taco no fogo. As brasas queimam o tecido, e ele se desintegra rapidamente.

Eu me jogo na cama, tão exausta que quase não reparo no bilhete sobre meu travesseiro.

Me procure quando voltar

Sinto uma raiva tão grande que cerro as mãos em punho e xingo até o Reino dos Infernos. O que é que o conde quer de mim agora? Logo vai amanhecer. Penso em jogar o bilhete no fogo, inventar a desculpa de que não recebi a mensagem, mas não tenho essa opção. Ele não tolerará ser ignorado.

Eu me visto com a mesma calça e camisa de malha de sempre, que o conde odeia, e vou a cavalo até sua propriedade. A maioria dos nobres não tem condições de morar em mansões dentro da cidade, mas o conde é o homem mais rico de Gain. As regras nunca se aplicam a ele.

As ferraduras do meu cavalo ecoam pela estrada de paralelepípedos que leva à mansão. Os muros da propriedade ficam numa colina imponente, que contrasta com a cidade apinhada.

Faz três anos que pego essa estrada, desde que comecei a matar em nome dele. Seok descobriu o conceito de donzelas venenosas enquanto viajava em terras distantes do reino e decidiu criar seu próprio arsenal.

O conde chamou sua nova empreitada de “escola para meninas indesejadas” e contratou a madame Iseul como diretora, mas quem mandava de verdade era o conde. Ele que nos comprara junto a outro grupo de crianças que eram consideradas de pouca importância. O conde que franzira o cenho às meninas

que tiveram mortes horríveis, como se não passassem de um investimento perdido, meninas imprestáveis que se tornaram incapazes de suportar as doses cada vez maiores de seus venenos excêntricos. Fora o conde que cortara o pescoço de uma das meninas quando ela se rebelara. O conde que fora responsável pela morte do meu amor.

Madame Iseul simplesmente observava de perto, apertando as próprias mãos, enquanto éramos torturadas e mortas. Eu costumava odiá-la por seu silêncio e sua inércia. Contudo, à medida que ficava mais velha, passei a entender que ela era uma peça do jogo, tanto quanto eu.

Agora, quando penso nela, lembro que madame foi bondosa conosco quando não precisava ter sido. Ela segurou nossas mãos enquanto sofriamos. Nos ensinou bem e nos presenteou com mimos comprados com o próprio dinheiro para tornar nossa vida mais suportável. Nos dias ensolarados, ela nos dava aulas no pátio.

Hoje em dia, por procurar enxergar a bondade e a gentileza em qualquer situação, percebo que madame também fazia o mesmo. O mundo vai fazer de tudo para acabar com nossa humanidade, tentar arrancar tudo o que temos, mas, no fim das contas, cada um decide se manter firme ou se deixar levar pela maldade.

Guio o cavalo até as grandes portas de mogno da exuberante mansão de pedra. Próximas a elas ficam duas guaritas, de onde guardas espreitam com bestas em riste. Antes que eu possa tocar o sino, Irad sai de pijama, segurando uma lanterna a óleo.

— O que você quer? — pergunta ele, irritado.

Seu cabelo grisalho, normalmente impecável, está despenteado, e a camisa do pijama não está totalmente abotoada. Irad é o funcionário principal da mansão do conde e, portanto, se acha superior a mim, embora eu não saiba por quê. O conde poderia substituí-lo a qualquer momento, enquanto não pode fazer o mesmo comigo. Só três meninas sobreviveram ao treinamento, e Hana foi assassinada no primeiro ano de formada. Sun-ye é a única outra donzela venenosa em toda Yusan.

— Me diga você. Minha presença foi requisitada — respondo, descendo do cavalo. Mostro a ele o bilhete.

Ele assente, manda um pajem levar meu cavalo, e me guia para dentro.

O conde está à minha espera no escritório, sentado atrás de sua mesa ampla de madeira escura, vestindo um robe sobre o pijama de seda. Luxuosas lanternas a gás iluminam o ambiente como se estivéssemos no meio do dia e, como sempre, a sala está cheirando a eucalipto e couro. O conde está com a aparência impecável, apesar de ser tarde da noite.

Paro em frente à mesa e cruzo os braços.

— Sora — cumprimenta ele, olhando para mim, e depois voltando-se para o trabalho.

O conde vive assinando papéis ou examinando livros. Cada linha que ele lê certamente representa uma pobre alma que lhe pertence. É tudo o que somos —

palavras num livro de registros.

— O senhor já sabe que meu trabalho está feito — digo. — Por que estou aqui?

— Vou perdoar sua língua afiada desta vez porque imagino que esteja exausta. Sente-se.

Ele gesticula para uma cadeira. Respiro fundo de irritação ao me sentar.

— Milorde — digo, entre dentes.

Ele sorri, divertindo-se com meu mau humor. Não há rugas em seu rosto, e infelizmente seu nariz nunca foi quebrado. Ele une a ponta dos dedos, fazendo seus anéis de ônix, opala e ouro brilharem.

— Quanto ódio pelo homem que a alimenta. Aliás, que alimenta você e sua irmã. Me diga, Sora: você deseja se ver livre de mim?

Controlo o impulso de revirar os olhos. Ele fez uma pergunta, então devo respondê-la — mesmo quando é retórica. Essas são as regras.

— O senhor já sabe minha resposta.

Ele sorri de novo.

— Tenho um trabalho para você.

Arqueio as sobancelhas. Não me lembro de ele já ter solicitado dois assassinatos em um intervalo tão curto. E com certeza nunca um dia depois do outro. Geralmente leva pelo menos um mês antes de ele me fornecer outro nome.

— Mais um?

Ele assente.

Espero, mas ele não me entrega um cartão. A inquietude toma conta de mim e faz meu corpo tremer. Fico contente pelo tecido áspero da minha roupa esconder meu arrepio.

— Quem é o alvo? — pergunto.

— O rei Joon.

Solto uma risada, jogando a cabeça para trás. O conde, no entanto, continua com o rosto impassível. Ele não pode estar falando sério, mas não faço ideia de por que ele brincaria com uma provável traição à coroa.

Sorrio.

— O senhor quer que eu *mate* o rei de Yusan?

— Sim.

Recosto-me na cadeira e cruzo as pernas.

— O senhor sabe que podem prendê-lo só por incitar esta conversa, não é?

E a ideia reverbera em minha mente. Penso em ir aos soldados a postos nas muralhas de Gain e relatar o plano do conde para assassinar o rei. Penso na alegria que eu sentiria vendo Seok ser algemado, arrastado por guardas para ser torturado e executado.

— Certamente, mas você sabe que a dívida que você e sua irmã têm comigo seria transferida para o lorde Sterling caso eu morresse ou desaparecesse. Daysum já completou dezoito anos e se tornou uma bela mulher. Ela seria um ótimo acréscimo a qualquer uma das casas de prazer dele.

Fico de pé tão depressa que derrubo a cadeira.

— Fale isso de novo e nunca mais verá o nascer do sol.

O lorde Sterling é o irmão do conde e um homem totalmente repulsivo.

Encaro Seok com desprezo, agarrando a beirada da mesa. O que falei é um juramento e uma promessa. Assim como prometi a mim mesma que o veria engasgar com veneno antes que eu fosse ao encontro do Deus dos Infernos.

O conde se acomoda na poltrona de couro, em nada intimidado pela minha ameaça.

— Sabe, Sora, em outras circunstâncias, eu a teria feito condessa. Somos criaturas tão semelhantes.

— Vai me tirar os privilégios de jantar, também? — pergunto, debochada. Sei que estou brincando com fogo, testando o limite de quantas respostas atravessadas o conde poderá tolerar, mas ele deve ter ficado satisfeito pelo assassinato de Maricelus. Sem falar que seu plano é ridículo. — A resposta é não. Não posso matar um rei que também é um deus. Não entendo por que o senhor desperdiçaria minhas badaladas de sono com esse assunto.

O conde balança a cabeça.

— Ele não é um deus. É apenas um homem.

Eu o encaro. Até mesmo essa declaração é considerada uma blasfêmia. Todo o território de Yusan acredita que o rei Joon é um deus. Sua linhagem governou Yusan por mil anos — e a celebração milenar se aproxima. Sei muito bem que alguns homens são intocáveis. Estou diante de um neste exato momento.

— Se tem alguém que consegue acesso a um homem, esse alguém é você — diz o conde, com um sorriso zombeteiro.

— Vou ter que recusar o convite para uma tentativa de regicídio — digo.

— Se aceitar, anularei toda a sua dívida.

Como é? Eu o encaro em choque, sem entender ou conseguir emitir uma palavra sequer. Meu coração bate depressa, e repetidamente nego com a cabeça. É impossível. Só pode ser um mal-entendido — ou eu que ouvi errado, já que minha audição do lado esquerdo é um tanto prejudicada.

— Encontre um jeito de matar o rei, e você e sua irmã estarão livres — afirmou. — Suas dívidas serão apagadas dos meus registros. Pode pegar Daysum e ir viver onde vocês bem entenderem.

Não paro de balançar a cabeça. Meu coração bate tão forte que faz meu corpo inteiro se agitar. O zumbido nos meus ouvidos é desorientador. Não... não é possível. Não é possível assassinar o rei. E não é possível que o conde esteja me oferecendo a liberdade. Ele nunca mencionou essa possibilidade. E por mais que eu odeie tudo a respeito dele, sei que o conde é um homem de palavra. Ele nunca ameaça ou promete algo que não tenha intenção de cumprir.

Ele está falando sério. Mas por quê?

Apenas Sun-ye continuaria trabalhando para ele como donzela venenosa. Pelo menos um milhão de muns de ouro investidos em sua escola para acabar com apenas uma assassina? Do ponto de vista comercial, não faz sentido, e, acima de tudo, ele é um homem de negócios.

Fico imóvel, totalmente perplexa. O conde pega uma folha de papel e mostra

para mim os adendos assinados da nossa escritura: mediante à morte do rei, Daysum e eu não deveremos nada a ele. Nossa servidão estará terminada. O documento foi arquivado com o magistrado. É evidente, o magistrado deve ter achado que se tratava de morte natural, apenas como indicação de tempo, não um acordo para assassinar a realeza. Todas as escrituras são atreladas ao rei Joon e taxadas por ele.

Passo a mão pelo selo oficial de Yusan. Sinto nos dedos o alto-relevo das escamas de serpente.

— O que o senhor ganha com isso?

— Ah, Sora. Você sabe muito bem que não deve me questionar a respeito dos seus alvos.

Ele se levanta, e sua mão vem até mim tão rapidamente que não tenho tempo de me esquivar. O conde me estapeia no rosto com o dorso da mão. Caio na mesa perdendo o equilíbrio, e o baque contra a madeira sólida do móvel me deixa sem ar. Minha bochecha queima e meus olhos se arregalam, mas o gesto dele não deixará marcas. É como o conde ataca: de modo frio e calculista. Em seguida, ele se senta como se nada tivesse acontecido.

Endireito o corpo e me agarro mais uma vez à borda da mesa desejando que fosse o pescoço dele. Se minhas unhas fossem mais compridas, eu deixaria marcas. Espero até parar de ver o cômodo girando, até o medo apaziguar, e expiro pesadamente, esvaindo junto com o ar o meu impulso de retribuir o tapa. Qualquer coisa que desagradasse o conde só seria descontada em Daysum. Já aprendi essa lição muitas vezes.

Meu olhar se prende ao dele.

— E se eu morrer, o que acontece com Daysum?

Ele dá de ombros.

— Tentativas não me servem de nada. Se você morrer, mas cumprir o objetivo e Joon for assassinado, Daysum será libertada. Se ele sobreviver e você morrer, não haverá ninguém para pagar a dívida dela. Sua irmã terá que pagar com o próprio corpo, nesse caso. Um cliente por vez.

Eu cogito usar o abridor de cartas que vejo sobre a mesa. Penso em atingir o conde no peito e pressionar minha boca na dele. Ainda não tive a oportunidade de tirar meu batom envenenado, e sei que há ungu suficiente para matar dois homens. Assim, Seok sentiria um resquício da dor que senti, e se eu pedisse muito aos deuses, talvez um pouco da dor do coração partido também. Entretanto, Daysum está segura sob nosso acordo, e eu já vi a forma como lorde Sterling nos come com os olhos. Sei que ele testa todas as meninas de antemão. Ele não ousaria me tocar, porque ninguém sabe ao certo se a esta altura meu corpo já não virou um frasco de veneno ambulante. Porém, ele testaria Daysum com prazer e em dobro para compensar. Não posso permitir que isso aconteça. Não vou.

— Que sua morte seja lenta — digo, encarando o conde.

— Vá descansar um pouco. Daysum estará à sua espera às três badaladas.

— Às suas ordens. — Faço uma reverência e me viro para ir embora.

— Ah, só mais uma coisa — avisa o conde.

Paro, sentindo meus ombros tensos. Tem mais. É óbvio que tem mais.

— Tiyung a acompanhará até Tamneki — anuncia ele. — Vocês partirão depois de amanhã.

Deixo minha cabeça tombar para trás, encarando o teto decorado em caixotão. Tiyung é o filho do conde. Seu único herdeiro. Tão cruel quanto o pai, mas inútil. Possivelmente a pior pessoa em todos os três reinos, e o *único* motivo pelo qual digo “possivelmente” é porque nunca fui a Khitan ou visitei a nação da Ilha de Wei.

— Não seria mais fácil me matar de uma vez? — pergunto.

O conde verbaliza um dar de ombros ao responder:

— Seria, mas você é meu bem mais valioso. Tiyung levará sua escritura e irá queimá-la quando você concluir o trabalho com um resultado satisfatório. Depois, ele retornará a Gain para libertar sua irmã.

Em outras palavras, eu podia matar seu filho e queimar a escritura por conta própria, mas para isso teria que renunciar à vida de Daysum. Sempre imaginar minha irmã sendo violada dia após dia nas casas de prazer do irmão do conde. Sempre me preocupar com o que a vida dela se tornaria. E ele sabe que eu preferiria morrer a permitir que isso acontecesse. O conde sempre faz com que eu tenha pouco a ganhar e absolutamente tudo a perder.

— Complete a missão, Sora. Todo o reino de Yusan, mas principalmente você e sua irmã, lucrarão com isso — diz ele.

E com essas palavras o conde se retira do escritório, me deixando sozinha a questionar como é que, em seus livros de registro, a vida de duas jovens se equipara à morte de um deus-rei.

CAPÍTULO SEIS

EUYN

CIDADE DE OUTTON, FALLOW

—Sua Alteza Real — cumprimenta Mikail, fazendo uma reverência exagerada nos estábulos imundos. O fedor de esterco de cavalo quase me derruba tanto quanto vê-lo novamente.

Ele parece o mesmo de três anos atrás — alto e musculoso, com covinhas pronunciadas. Mikail está vestindo uma calça de montaria marrom e uma camiseta azul refinada demais para Fallow, sem falar na ornamentada espada envenenada presa à cintura. Ele se destaca na cidade tanto quanto uma cachoeira no deserto, mas poucas pessoas o encaram justamente porque ele não tenta passar despercebido. Ele nunca tenta.

Sua barba está feita, como sempre, sua boca é carnuda e sua pele é bela e negra. Seu cabelo castanho é suficientemente longo para não parecer um militar, e a leve ondulação dos fios foi aparada à perfeição. Fisicamente, ele continua o mesmo.

Mas há algo diferente nele, mais sério. Uma expressão incomum no azul-esverdeado de seus olhos. Uma languidez em suas bochechas e uma definição em seu maxilar. Ele parece mais brutal do que antes, e eu queria poder dizer que isso o torna menos desejável.

Engulo em seco, admitindo que é o oposto disso.

— Você está atrasado — acrescenta ele, girando o envelope vermelho. — Achei que teria que deixar um segundo recado para você. — Ele coloca o bilhete no bolso.

Paro sob a sombra do estábulo, a uns dois metros de Mikail. Como se a distância me deixasse mais seguro.

— Eu sabia que meu irmão mandaria um assassino — digo. — Fico feliz que ele tenha mandado o melhor deles.

Um homem que poderia arrancar meu coração só com o olhar. Tão impressionante quanto cruel — exatamente como Joon gosta de trabalhar.

Mikail estala a língua para mim.

— Fala sério, Euyun, você sabe que não combino com vestes pretas.

Ele sorri, e me lembro desse sorriso charmoso. O mesmo que vi pela primeira vez quando éramos adolescentes invencíveis passando pelo treinamento de armas.

O mesmo que me lançou depois de nossas mãos terem se encostado por acidente durante uma apresentação da orquestra no pomar real. O mesmo de quando ele se deitou no meu travesseiro, esgotado e satisfeito, assim como eu. O mesmo que ele lançou para mim pouco antes de o meu irmão me dar uma sentença de morte.

— Vamos acabar logo com isso — digo.

Olho em volta para checar se há soldados me cercando, mas Mikail está sozinho. Fico surpreso por um momento, mas então me lembro de que ele não precisa de reforços. Não existe assassino mais experiente em Yusan — aliás, nem em Khitan. Embora Mikail não seja um assassino — esse é um cargo muito abaixo do dele. Mikail é o mestre-espião do palácio.

Fico me perguntando como ele vai me matar, que arma irá usar, e se me fará o favor de ser rápido e certo. Porém, em vez disso, ele só me encara, achando graça.

— Eu sabia que você sobreviveria — diz Mikail. — Você tem mais garra de sobrevivente do que acreditava ter. E ficou bem de barba.

De novo aquele sorriso. Como se estivéssemos de papo e ele não tivesse viajado até Fallow, uma terra sem lei, e falando com um homem que tem um alvo nas costas. E apesar de tudo que aconteceu e de tudo que sei, ele ainda exerce poder sobre mim. Apesar de ter sido parte do motivo pelo qual fui enterrado vivo no deserto, quero me aproximar de Mikail. Mas ele sempre consegue me encontrar. Ou a qualquer pessoa. Em qualquer lugar. Ser um espião da coroa requer, a todo o tempo, uma quantidade indecente de assassinatos.

— Percorreu toda essa distância para elogiar minha aparência? — pergunto, exasperado. Passei seis badaladas apavorado com sua mensagem. Meu coração bate disparado no peito, e posso acabar passando a vergonha de desmaiar neste estábulo fétido. Por que Mikail está me atormentando dessa forma? Talvez Joon o tenha instruído a prolongar o martírio.

— É pedir demais querer um bom lugar que sirva chá nesta cidade? — pergunta Mikail, olhando ao redor.

— O que você acha?

Cruzo os braços, meu corpo transpirando suor e frustração.

— Acho que você continua sendo esquentadinho como antes de deixar o palácio — responde ele.

— Por “deixar o palácio” você quer dizer “receber uma sentença de morte”?

Ele dá de ombros.

— Dá na mesma.

Respiro pesadamente. Estamos à sombra, mas ainda está abafado demais para esta conversa, embora eu suspeite que ela seria inacreditável em qualquer lugar. Já imaginei reencontrar Mikail tantas vezes, mas nenhuma delas desta maneira. Achei que correríamos um para o outro, nos beijaríamos e nos abraçaríamos com fervor, as lágrimas escorrendo dos olhos dele por descobrir que ainda estou vivo. Não que estaríamos falando asneiras num estábulo quando tenho quase certeza de que ele está prestes a me esfaquear.

— Podíamos ir ao seu quarto na estalagem — sugere ele.

Arqueio as sobranças. Ou ele quer conversar em particular ou quer me matar de maneira discreta — não sei qual das duas coisas, mas, sinceramente, poderia ser ambas. Porém, pensando bem, é até melhor morrer numa estalagem do que num estábulo poeirento e caindo aos pedaços, então concordo com a cabeça.

Partimos e ele vem atrás de mim, e de repente o centro comercial de Outton parece totalmente diferente de momentos atrás. Os aromas estão mais fortes, as cores mais vibrantes. O ar é quente, porém limpo, e as conversas dos clientes chegam aos meus ouvidos feito música. Analisando a situação, um homem marcado para morrer se deleita com cada última visão, cada último suspiro. Apreendi isso quando fui banido do Palácio de Qali.

A cada passo, eu me preparo. Olho por cima do ombro. Estou convicto de que, a qualquer momento, vou sentir uma lâmina envenenada atravessando minhas costas, mesmo que eu saiba que esse não é o estilo de Mikail. Ele certamente atacaria alguém pelas costas sem pestanejar, mas só mataria uma pessoa em público se não tivesse alternativa.

Ele sempre tem.

Chegamos à estalagem, e eu hesito antes de entrar. Meu corpo se recusa a cooperar, e a mesma teimosia em continuar vivo me atinge com tudo. Tento pensar em como me safar da morte certa. Há um saguão lá embaixo — sofás velhos dispostos em frente a uma lareira puramente decorativa durante o dia e desesperadamente necessária nas noites frias do deserto. O cômodo é tranquilo o bastante para termos uma conversa, e talvez alguém intervenha se ele tentar cortar meu pescoço.

— Qual é o quarto? — pergunta Mikail.

É óbvio que ele já sabe, afinal de contas, deixou o bilhete no meu quarto pela manhã. O que ele quer dizer é que não vamos para o saguão.

O mais estranho, no entanto, foi eu não ter reconhecido a caligrafia no bilhete. E eu reconheceria a escrita dele em qualquer lugar. Antigamente eu esperava à janela por mensageiros que me levavam as cartas codificadas dele. Eu as abraçava forte no peito como não podia fazer com Mikail porque ele sempre estava em algum lugar no campo, em Khitan ou em Wei, espionando em nome do meu irmão. Ele é espião desde os dezesseis anos, o que é ilegal, mas quando se trata de espionagem, não é como se houvesse muita legalidade envolvida.

Ainda assim, o bilhete foi escrito numa letra menor e espremida. Outra pessoa escreveu por ele, mas quem? Por quê?

Mikail espera por mim e, com relutância, entro na estalagem e subo os degraus barulhentos de madeira até meu quarto. Minhas pernas estão pesadas como troncos de árvore, protestando contra minha caminhada até a força. Tento acalmar os nervos dizendo a mim mesmo que, se ele quisesse me matar, já o teria feito. Ele deve querer outra coisa além da recompensa pela minha cabeça. Não sei o que ainda, mas duvido que esta vá ser a conversa que eu tinha imaginado, típica de uma manhã preguiçosa entre dois amantes.

Subo os degraus sendo impulsionado pela curiosidade mórbida. Bem, isso e o

privilegio de morrer com certo grau de privacidade.

Chegamos ao meu quarto, e eu destranco a porta.

Mikail está próximo demais de mim, o que faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. Não consigo decidir se quero que ele chegue mais perto ou se afaste.

— Não se esqueça da armadilha sobre a porta — alerta ele.

Eu o olho de soslaio, embora não devesse. Mikail foi quem me ensinou todos os truques que sei. Todo o conhecimento prático que me manteve vivo nesses últimos anos veio dele. Como príncipe, eu não precisava me preocupar em instalar armadilhas para nada além das presas que caçava.

Estico o braço e alcanço a estaca. Caso contrário, uma maçã cairia direto na nossa cabeça assim que entrássemos no cômodo.

Mikail me segue para dentro do quarto pequeno, e me lembro da última vez em que estivemos a sós. Aquele último dia agridoce da minha vida no palácio, rindo com ele enquanto bebíamos um vinho suave em meu quarto, deixando a comida de lado depois de uma única mordida e suando nos lençóis de seda até estarmos ambos exauridos. Logo na manhã seguinte, fui acordado por um guarda real e levado diante do trono.

Depois disso, me lembro de andar de um lado para o outro na Prisão do Ócio, as masmorras que ficavam abaixo do Lago do Ócio, esperando que Mikail aparecesse para me salvar ou ao menos para se despedir. Ele nunca deu as caras. Em seguida, fui transportado feito um animal por diversos sunsaes até chegar a Fallow. Em três intervalos de duas semanas.

Os guardas já tinham cavado o buraco na areia quando me soltaram.

Mikail tranca a porta do quarto, e nossos corpos estão próximos um do outro. Sinto o calor que irradia de seu peito. O cheiro de sua colônia preenche minhas narinas. Sinto o peso do acúmulo de três anos ansiando por ele. Quero agarrá-lo e puxá-lo para perto de mim, ao menos para tê-lo em meus braços e atestar que ele é real. Quase enlouqueci de tanto que o desejei, imaginando-o aqui comigo. Nos meus sonhos, senti seu toque leve, mas firme, nas minhas coxas. No entanto, dou um passo para trás — porque ele não deveria estar aqui. E odeio meu corpo por ainda desejá-lo.

— Então você veio a Fallow só para este reencontro, é isso? — pergunto.

Ele sorri lentamente enquanto se senta na poltrona estampada. As duas cadeiras e a mesinha de jantar não combinam. Mikail cruza as longas pernas, como se estivesse à vontade em seu escritório no Salão dos Espiões.

— Eu estava esperando pelo momento adequado.

A maneira como ele fala faz minha ficha cair, e sinto um aperto no peito.

— Há quanto tempo sabe que sobrevivi?

— Cerca de três anos.

Ele fala num tom despreocupado, como se não estivesse destruindo minha ilusão de segurança, como se eu não estivesse vendo o quarto girar.

Ele sabia que eu estava vivo durante todo esse tempo. Que eu tinha escapado do meio do Deserto de Amrock pela providência dos deuses. Houve uma tempestade de areia apenas uma badalada depois de eu ter sido enterrado vivo até

o pescoço e largado no meio do nada para morrer. Os ventos acometeram a duna de tal forma que meu corpo foi liberto, e então eu lutei contra a tempestade até não aguentar mais. Por sorte, eu cheguei à beira de um oásis. E ali fui salvo por uma caravana nômade que me levou para o leste, para Outton. A bondade deles me poupou um bom sunsae.

Sinto uma angústia, e um milhão de perguntas invadem minha cabeça enquanto vários sentimentos percorrem meu corpo. Estou em choque, ultrajado e sem acreditar que Mikail não se deu ao trabalho de me procurar nos últimos três anos — mas também esperançoso, por ele estar aqui agora.

E então penso que talvez meu nome tenha sido limpo. Vai ver Mikail está aqui para me dizer que sou bem-vindo de volta ao palácio. A alegria e a esperança crescem dentro de mim, mas logo esmaecem porque, se fosse o caso, seria a primeira coisa que ele teria dito. Não, ele está aqui por algum outro motivo. Quero rir. Quero gritar. Quero beijá-lo mais uma vez. Resumindo: estou um caos.

— Você se parece mais com Euyn do que com Donal. Mesmo com a barba — acrescenta, espanando a poeira da calça.

Esquece. Eu odeio Mikail.

Perco o fio da meada quando ele usa meu nome verdadeiro e engulo em seco.

— Meu irmão sabe?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Acha que estaria vivo se ele soubesse?

Isso não é uma resposta. Mikail é especialista em se esquivar de perguntas fingindo sinceridade. Embora tenhamos passado três anos sem nos ver, convivemos por seis anos antes que ele aperfeiçoasse esses artifícios. Antes que ele transformasse a honestidade numa arma, como uma lâmina envenenada a ser usada o mínimo possível.

— Contou a ele? — pergunto.

Ele sorri.

— Não.

Analiso seu rosto, e ele ergue as sobrancelhas. Ele está falando a verdade.

Enfim eu me sento em uma das cadeiras, quase convencido de que ele não está aqui para me matar. Pelo menos não agora.

— Por que está aqui? E onde Joon acha que você está?

— Seguindo uma pista para encontrar o Amuleto do Lorde Dragão, há muito perdido — revela Mikail, com um aceno de mão. — Como disse, tenho uma proposta para você. Uma oferta.

Estreito os olhos para ele.

— Por que esse fingimento todo? Você poderia só ter aparecido e falado comigo.

Ele respira fundo.

— Antes eu precisava saber se você estava desesperado o bastante para considerar a minha oferta. Qualquer oferta.

Eu me remexo na cadeira, desconfortável.

— Considerar o que, exatamente?

Ele se inclina em minha direção.

— Preciso da sua ajuda.

— Para quê?

— Para matar o seu irmão.

O silêncio recai sobre o quarto como uma manta lançada no ar. Ele plana sobre nós. E nos cobre. Sufoca a conversa. Mikail me observa tranquilamente, esperando por uma resposta.

— Você não está falando sério — digo por fim.

— Estou, sim.

Solto uma risada.

— Dá para ser feito — prossegue ele, seus olhos azul-esverdeados brilhando com intensidade. — Ninguém conhece seu irmão tão bem quanto nós dois.

Estendo as mãos, equilibrando mentalmente os prós e contras desse plano.

— Consigo pensar em alguns probleminhas em relação a isso...

O primeiro, e o principal, é que há um motivo para Joon ser conhecido como um deus-rei. Ele não é um deus de verdade, mas é como se fosse, pois tem a coroa de Yusan — uma relíquia do Lorde Dragão que confere imortalidade a quem a usa.

O segundo problema é que nós dois, sentados aqui, meramente cogitando a ideia de uma tentativa de regicídio e fratricídio, ambas atividades malvistas pelo meu irmão, já acarretaria em uma punição por lingchi, uma morte pública que consiste em cem cortes.

Acrescente ainda uma recompensa pela minha cabeça, esteja ela atrelada ou não ao corpo; além do fato de estarmos aqui em Fallow, a mais de um mês de viagem da capital em Tamneki; e, por fim, o fato de Joon morar no Palácio de Qali, no meio do Lago do Ócio, o lugar mais seguro em todo o território de Yusan, talvez perdendo apenas para a Prisão do Ócio. É difícil dizer.

Não são exatamente os ingredientes para uma missão bem-sucedida, e é o que explico a Mikail.

Espero ele sorrir ou dizer que estava brincando comigo, mas ele me encara e se senta quase na ponta da poltrona. Meus deuses do céu. Ele veio mesmo aqui para isso — para planejar o assassinato do meu irmão.

— Se Joon morrer, você será o único herdeiro ao trono de Yusan — fala ele. — Você será rei. Me ajude, e a coroa é sua.

A coroa. O trono. É ao mesmo tempo tentador e impossível.

Como filho mais novo do antigo rei, nunca foi esperado que eu governasse Yusan. Não mesmo. Porém, nosso irmão do meio, o príncipe Omin, morreu há um tempo, e Joon não tem filhos, pois Naerium morreu anos atrás. Mikail tem razão: sou o último herdeiro do trono.

Conseguir a coroa, por outro lado, é uma questão bem diferente.

O rei de Yusan não tira a coroa nem mesmo para dormir. Um dos antigos governantes aprendeu essa lição na marra, golpeado pelo próprio filho enquanto dormia durante uma campanha de guerra em Khitan. A coroa de Joon só é

removida por um brevíssimo momento, quando ele lava a cabeça, embora não dê para saber quando será a ocasião — e ele sempre esteja sozinho quando isso acontece.

Além do mais, por que Mikail estaria propondo o assassinato do rei? Ele foi leal à minha família durante toda a vida. Mais até a meu irmão do que a mim. Afinal, o fato de ele estar de acordo com Joon foi o que selou meu destino no salão do trono.

— E o que você ganharia com isso? — pergunto.

Mikail desvia o olhar e pondera antes de responder:

— Algo que desejo.

Eu me reclino na cadeira. Ele não quer que eu saiba, e nenhuma súplica, bajulação ou tortura arrancaria de Mikail uma informação que ele já decidiu não compartilhar. É a principal característica que procuram em futuros mestres-espiões, e foi o que encontraram em abundância no menino que levava surras diárias do pai, por vezes com motivo, por vezes, não. Eu já perguntei a ele a respeito das cicatrizes, mas tudo o que ele respondeu foi: “minha família.” O resto eu precisei deduzir por conta própria.

— E com quem eu ficaria em débito pelo meu trono? — pergunto.

Mikail abre aquele mesmo sorriso lento, do jeito que sempre faz quando digo algo inteligente. Finjo que suas reações não me afetam. Que não amo fazê-lo sorrir.

— À rainha de Khitan.

Essa informação me pega desprevenido. Já faz um tempo desde a última vez que ouvi falar da minha irmã.

CAPÍTULO SETE

AERI

CIDADE DE UMBRIA, YUSAN

Faz muito frio em Umbria. Não fica tão distante do norte da cidade onde moro, Pyong, mas de alguma forma, faz muito mais frio aqui. E eu odeio o frio.

E é por isso que, no momento, estou andando de um lado para o outro em frente à lareira no meu quarto da estalagem Botina Preta. É uma chama forte, mas ainda assim não consigo fazer o calor esquentar o meu corpo por completo. Penso em chegar mais perto, mas o fogo queimará as mangas do meu vestido se me aproximar demais, e gosto deste vestido. Amo todos os meus vestidos chiques, mas eles não são quentes o bastante para Umbria — é uma questão de preferir estilo à praticidade. Ou talvez este vestido azul na verdade seja quente o bastante, e eu só esteja nervosa demais.

É, com certeza estou nervosa.

Cadê ele?

Talvez ele não tenha visto o bilhete. Talvez seja melhor eu ir atrás dele.

Não. Preciso ser paciente. Infelizmente, não é um dom que eu tenha. Portanto, volto a andar de um lado para o outro.

É quase meia-noite quando enfim ouço uma batida na minha porta. Apesar de eu o estar esperando há duas badaladas, tenho um sobressalto, o que é ridículo. Recomponha-se, Aeri. É óbvio que Royo acharia o bilhete no casaco dele — foi por acreditar nisso que você colocou a mensagem lá.

Ajeito o cabelo no espelho, me perguntando como deve ser a aparência dele. Paro em seguida, preocupada em ter que conversar com um capanga. Porém, quando o vi mais cedo, ele não parecia ser terrível. E é por isso que estou aqui — para conversar com um assassino.

Um pouco agitada e muito nervosa, abro a porta e franzo o cenho. Não é ele — é um garotinho de uns doze anos.

— Sim? — pergunto.

Ele inclina o pescoço para olhar para mim.

— Ah, hum, com licença. O dono da estalagem disse que tem um homem aqui procurando pela senhorita. Ele está no saguão.

— Obrigada.

O menino continua parado em frente ao meu quarto. Ah, sim. Ele está

esperando por uma gorjeta. Me sinto boba por ter esquecido, então pego minha bolsinha de veludo e entrego um mun de prata a ele. É uma gorjeta exagerada, mas não quero revirar o quarto atrás de moedas de bronze. Além disso, que diferença faz?

O menino cheio de sardas no rosto abre um grande sorriso, e então vai embora. Ele já estava longe quando me ocorre que eu devia ter lhe dito que já vou descer. Não, não que já vou descer. Que vou descer daqui a pouco. É, teria sido melhor.

Bom, fazer o quê.

Respiro fundo e percebo que estou com a postura curvada. Meu pai *odeia* quando faço isso. Endireito a coluna e os ombros. Melhor assim: alta, régia, solene. Agora, sim, pareço uma dama. Uma dama com uma oferta tentadora para um homem muito perigoso. E, se ele aceitar a proposta, pode mudar minha vida. Essa tarefa pode dar um jeito em tudo. Finalmente poderei ter a aprovação do meu pai. Chega de roubar para sobreviver com o mínimo. Chega de viver uma vida solitária. Nunca mais vou precisar passar frio na rua.

Certo. Eu consigo. Vai ser fácil.

Desço as escadas, mas paro de repente quando o vejo. Na Costela & Cevada, eu estava sentada em uma posição que não me proporcionava uma visão muito boa dele, mas agora posso ver perfeitamente o homem musculoso no saguão. Royo pode não ser considerado atraente pelos padrões de beleza tradicionais. Como se, caso eu fechasse os olhos e imaginasse um homem bonito, não seria ele. No entanto, ele é muito mais atraente do que eu tinha imaginado. Seu cabelo é um pouquinho mais longo do que se estivesse totalmente raspado, seu maxilar é firme, e há uma cicatriz em seu rosto. Ele é um guerreiro sem um campo de batalha.

Mas não é só isso...

O casaco de Royo está sobre seu braço, e ele tem um pequeno objeto nas mãos. Ele parece ser capaz de esmagar aquele passarinho de cerâmica, mas mesmo assim o segura com tanto cuidado e capricho, seus olhos cheios de admiração. Algo nesta cena comove meu coração.

É isso. É dele que eu preciso.

Estou quase no último degrau quando ele me encara. Seus olhos são um pouco espaçados e têm cor de mel. Royo rapidamente analisa meu vestido azul, e percebo que estou prendendo a respiração.

Ele não sorri.

Mas eu, sim. Há muita tensão no ambiente. E minha mãe dizia que um bom sorriso pode romper até o gelo do Oceano do Norte.

— Olá, Royo — digo, acenando.

Ele franze o cenho em resposta.

Pigarreio. Ok, pareço animada demais. Estou passando vergonha.

— Obrigada por vir até mim.

Talvez eu devesse ter dito “Obrigada por tirar um tempo para se encontrar comigo”. Sei lá. Nunca me ensinaram como me comportar numa situação como

esta... nem nada a respeito de tentar parecer nobre, ou pelo menos rica.

— Como conseguiu meu nome? — A voz dele é forte como um trovão retumbante, e eu imediatamente a sigo como um relâmpago.

O dono da estalagem espirra e eu me lembro de que agora não é o momento para sentir tesão.

Nós dois o encaramos. O dono da estalagem finge não nos observar de trás do balcão, mas ele está a pouco mais de dois metros de distância e não tem mais ninguém no saguão. É óbvio que está prestando atenção. Preciso ser mais cautelosa.

— Huang, vamos tomar o chá no salão, por favor — solicito.

Ele assente e vai para a cozinha. Gesticulo para que Royo me acompanhe até o cômodo do outro lado da lareira. Não havia ninguém por perto quando passei por lá mais cedo, e suspiro aliviada ao ver que continua assim. Do salão, só dá para ver a entrada do saguão, então é o lugar perfeito para uma conversa em particular.

Pegamos uma mesinha nos fundos. Ambos somos altos demais para ela. Royo deve ter uns cinco centímetros a mais que eu, mas seu peito é tão largo que dá a impressão de ele ser maior. Eu sou um graveto, e ele, um carvalho.

Nossos joelhos se esbarram, e ele coloca a mão debaixo da mesa e tateia minha perna. Imediatamente, ele retira a mão como se eu o tivesse queimado ou algo do tipo. É... fofo. Ele é gentil. Eu esperava algo diferente quando ouvi falar dele. Um homem mau. Um brutamontes. E ele não é nada disso. Quer dizer, sim, ele é um assassino violento, mas ninguém é perfeito.

Eu me viro para o outro lado da mesa e cruzo as pernas. Ele olha para as minhas coxas e depois finge não ter feito isso, pendurando o casaco nas costas da cadeira. Ele é tão intrigante.

— Pronto. Melhor assim. — Sorrio. — Nós dois sentados para tomar um chá como se já fôssemos amigos. Yuri repassou minha mensagem, então?

— Sim, mas também vi seu bilhete.

Minhas bochechas ficam ruborizadas. Ele não parece lá muito feliz por eu tê-lo pegado de surpresa, mas eu não sabia como convencê-lo a me encontrar. Me distraio com a barra do meu vestido.

— Achei que talvez você pudesse não vir.

— Quem é você?

Idiota. Bateu a cabeça? Comece se apresentando, Aeri.

— Ah, me desculpe. Meu nome é Aeri. Aeri Soo.

Estendo a mão. Ele franze o cenho de novo e, depois de um tempo, com relutância, me cumprimenta. Ele tem mãos enormes. Assim que ele me toca, uma sensação percorre meu corpo. Nossas mãos se encaixam feito uma chave e um cadeado, porém é mais do que isso. Uma sensação de conforto e pertencimento.

E então me lembro de que eu devia movimentar nossas mãos para completar o cumprimento, e o faço prontamente. Acabo sacudindo o braço dele para cima e para baixo.

— Ai. Exagerei. Desculpa. — Franzo o nariz e enfio a mão debaixo das coxas.

Que ótimo. Estou deixando todo mundo constrangido.

Ele arqueia uma de suas sobranceiras pretas. Eu não queria que ele me achasse estranha, mas suponho que não há muito a ser feito quando essa é a mais pura verdade.

Royo entrelaça os dedos e se inclina em minha direção como se quisesse assumir o controle da conversa. O que é bom. Alguém deveria fazer isso mesmo. Reparo que dois dedos dele devem ter sido quebrados em algum momento de sua vida e nunca mais foram endireitados. Ele tem uma cicatriz antiga na mão direita — uma ferida profunda e algo que parece marcas de furo. São as mãos de um lutador, um assassino. O homem de quem ouvi falar.

— O que foi isso? — pergunto, apontando para a cicatriz maior.

— A vida — responde ele.

Meu queixo cai.

— Que resposta foda.

Ele olha ao redor como se estivesse procurando por ajuda, depois ajeita o corpo na cadeira.

— É melhor eu te avisar de antemão que não aceito trabalhos que envolvam machucar uma mulher.

Fico sem reação.

— Uma mulher? Ah, não, o trabalho não é esse. Acho que você... — Perco o fio da meada porque sei perfeitamente bem que tem, sim, gente que tenta machucar mulheres. — As pessoas te pedem muito isso?

Ele dá de ombros.

— Às vezes.

— E você recusa?

Ele assente. Um gesto tão sutil, mas dá para ver que é verdadeiro. Gosto do fato de que ele impõe limites ao trabalho que realiza. Ele tem princípios e se atém a eles. Não é o que a maioria das pessoas faz — não quando sua bússola moral discorda de suas vontades.

O dono da estalagem aparece com o chá, e eu sorrio para ele. Ele retribui, mas seu sorriso some quando olha para Royo. Ele não gosta da minha companhia nesta noite, e Royo também não parece muito feliz com o encontro. Isso não é bom. Eu preciso dele. Preciso conquistá-lo.

Eu até sorriria de novo, mas isso parece apenas piorar as coisas.

Quando o dono da estalagem se retira, sirvo chá para nós dois. Os aromas de abacaxi e chá verde preenchem o ambiente. Coloco uma quantidade indecente de mel na minha xícara.

— Voltando: não. Não quero machucar nenhuma mulher — digo. — Não preciso que você machuque ninguém, na verdade.

Não necessariamente.

— Então acho que foi atrás do cara errado.

Ele se reclinava na cadeira, sem beber o chá. Caso encerrado. Terminamos a reunião.

Sinto um calafrio, e a palma da mão começando a suar. Sem ele, a situação

toda fica mais complicada. E já não é a coisa mais fácil do mundo. Inquieta, tamborilo no tampo da mesa de madeira.

— Preciso que me leve a Tamneki — digo, muito mais rápido do que eu precisava.

Tamneki é a capital de Yusan. Bem longe daqui, ao sul, no Oceano do Leste.

— Não sou guia de turismo — responde ele com o maxilar tenso.

— Sei que não, mas preciso de uma pessoa que me proteja. Tenho um... trabalho a fazer, preciso de um acompanhante para chegar lá. Pedi sugestões quando cheguei a Umbria, e me indicaram você.

— Você sabe o quão longe fica Tamneki, né? — retruca ele.

Não foi exatamente uma pergunta, mas acho melhor responder mesmo assim.

— Demoraria uma semana navegando pelo rio Sol com ventos estáveis. Mais tempo, se a brisa não for favorável. E depois um sunsae de carruagem na direção leste.

É ao mesmo tempo simples, demorado e perigoso.

Ele parece pronto para se levantar da cadeira e ir embora, mas o fato de continuar diante de mim me dá coragem. Por algum motivo ele ainda está sentado — só preciso descobrir qual é, do que é que ele precisa.

Pego a xícara. Minha mãe dizia que compartilhar uma refeição ou até mesmo uma bebida com alguém incita um senso de afinidade. Uma conexão. Dou um golinho no chá, e o líquido imediatamente queima a minha língua. Coloco a xícara de volta na mesa e balanço os braços, me abanando. Que ódio!

— Quente! Muito quente! Eu devia ter esperado esfriar. Por que eu sempre faço isso? — Bato a mão na mesa. — Agora a minha língua vai ficar estranha por uma semana.

Ele me encara.

— Quantos anos você tem?

— Tenho vinte e quatro anos — respondo.

Não sei por que ele está me perguntando isso. Provavelmente porque sempre aparento ser mais nova. Acho que o cabelo na altura do queixo não ajuda, mas gosto dele curtinho assim. E, de qualquer forma, a idade não passa de um número.

— Deixa eu ver se eu entendi — diz Royo, se ajeitando na cadeira de novo. — Quer que eu viaje por um sunsae e meio com você?

Faço que sim com a cabeça repetidamente.

— Sim. E que me mantenha em segurança enquanto eu estiver em Tamneki. Então, cerca de um mês no total.

— E só?

— Isso.

Agarro a barra do vestido azul. Diz que sim. Diz que sim, Royo, para eu ter uma coisa a menos com que me preocupar.

Ele me olha desconfiado.

— Por que vir a *mim* quando você só precisa de um guarda?

Droga, isso não é um sim.

Se bem que a pergunta dele faz sentido. Existem guarda-costas em toda a cidade de Yusan. São zés-ninguém que juram proteger sua integridade física, sua casa e seu negócio, o que quer dizer que vão dormir na fachada ou nos fundos de onde você estiver. Já furtei joalheiros “protegidos” por guarda-costas. Não é o suficiente no meu caso — eu preciso de proteção *de verdade*.

— Não sei quais perigos podemos encontrar pelo caminho, ainda mais em Tamneki. Não é seguro para uma garota viajar sozinha. E dizem que ninguém se mete com você. É disso que preciso.

Ele coça a cabeça.

— Escuta aqui, moça, talvez você não saiba como as coisas funcionam. Ofereço minha força bruta para aluguel. Eu sou um capanga. Você me passa o nome de alguém em quem deseja dar uma lição, e eu faço isso. Você me paga metade antes do trabalho e a outra metade após o fim do serviço. Simples assim. Não sou guarda-costas. Meu trabalho é machucar, não proteger.

Para ilustrar, ele finge partir um osso em dois. O perigo lampeja em seus olhos. Será que é errado eu me sentir atraída?

Deixa pra lá. Não é essa a questão.

Ficamos em silêncio por um instante. Cogito contar a ele a respeito de quem quero machucar, mas depois penso que essa é a última coisa que eu devia dizer a ele. Por fim, decido falar a verdade:

— O rei.

Ele franze o cenho.

— O quê?

Ah, óbvio. Ele não me ouviu direito porque falei resmungando. Meu pai odeia quando faço isso, até mais do que minha má postura. Encaro Royo e falo com clareza:

— Quero machucar o rei.

— Por quê?

— Por causa de algo que aconteceu há muito tempo. — Deixo de lado o rancor, a raiva, porque ele não precisa saber de tudo isso. — O resumo da ópera é que perdi tudo por causa do rei Joon, e preciso de um acerto de contas.

— Isso é traição à coroa — responde Royo, correndo os olhos pelo salão. — Esta conversa é motivo o suficiente para nos mandar direto para a Prisão do Ócio. Poderíamos acabar recebendo uma sentença de lingchi. Você sabe o que isso significa?

Balanço a cabeça em negativa.

— Lingchi é uma sentença de cem cortes no corpo em praça pública, em que a pessoa é mantida viva para sentir cada um deles. Assim, estando vivo, as aves infernais não podem acabar com o seu corpo, porque isso seria um ato misericordioso da coroa. As pessoas acham que conseguem encarar essa punição sem implorar pela morte, mas, no final, cada uma delas acaba fazendo exatamente isso. Então, não, não posso ajudá-la.

Ele se levanta. Bem, este encontro foi... um desastre. Vou ter que achar outra pessoa, e já é meia-noite. E tenho certeza de que *precisa* ser ele. Outros guardas ou

capangas, mesmo se derem conta do trabalho, podem acabar me traindo ou se aproveitando de mim. Ele não é assim. Ele fica tímido olhando para as minhas pernas!

Faço um biquinho, teimosa.

— Eu poderia pagar.

— Não tenho interesse.

É aí que vejo uma brecha: ele está mentindo. Um brilho surgiu em seus olhos assim que eu disse a palavra “pagar”. Dinheiro. Muito dinheiro. É isso que vai selar o acordo.

Enfio a mão na bolsinha de veludo e dela tiro um diamante do tamanho de uma ameixa. Imediatamente penso se é mesmo uma boa ideia renunciar a uma joia tão valiosa, que foi um saco para roubar, mas Royo para antes de tirar o casaco pendurado das costas da cadeira. Ele fica paralisado.

Foi uma boa ideia.

— Preciso mesmo que me mantenha segura. Não posso ficar tensa por causa de um guarda-costas preguiçoso ou um capanga que na primeira oportunidade de conseguir mais grana pode se virar contra mim. Se eu conseguir finalizar esse trabalho, minha recompensa vai ser de... — abaixo o tom de voz e me inclino em sua direção — meio milhão de muns de ouro. Então o que proponho é o seguinte: te dou essa joia e um bônus de cinquenta mil muns se eu conseguir. Mesmo se eu falhar, isso aqui vai ser seu no fim do mês.

Lentamente, ele se acomoda de volta na cadeira. Royo encara a joia sem tocá-la — mantém distância como se ela pudesse se transformar numa cobra e picá-lo.

Ele engole em seco, sem conseguir desviar o olhar.

— O que é isso?

Que raio de pergunta é essa?

— Um diamante.

— Sim, isso eu estou vendo, mas...

— Vale cinquenta mil muns de ouro — digo. — Vai ser seu quer eu cumpra meu objetivo ou não. Isso *se* você concordar em fazer o que for necessário para me manter segura por um mês, o que pode incluir homicídio.

É muito dinheiro. Muito mais do que eu devia oferecer, mas é um bem roubado, de qualquer maneira, então que mal tem?

— E eu *não* precisaria te ajudar a matar o rei, certo? — pergunta ele em voz baixa.

Pelos deuses, como é que eu respondo isso? *Será* que eu respondo? Acho que sim. Vai ser pior se eu me recusar a falar alguma coisa, e não é como se eu já não tivesse falado sobre traição.

— Faria tanta diferença assim? — digo, me esquivando da pergunta. Ele fica imóvel, esperando por mais informações. Acrescento: — Preciso tirar a coroa da cabeça do rei, só isso.

Os olhos dele se movimentam rápido quando está confuso, e eles me remetem a mel viscoso.

— Por quê? Para roubá-la?

— Não, porque sem a coroa, o rei Joon é mortal.

Royo franze o cenho.

— O rei Joon não é um deus?

A pergunta é inevitável. Faço uma careta.

— Não.

Ele franze a boca.

— Assim... eu nunca acreditei muito na história de o rei ser um deus, afinal por que os deuses se dariam ao trabalho de habitar Yusan? Mas vi o rei Joon sobreviver a um assassinato.

— Viu?

Ele assente.

— Quando ele visitou Umbria anos atrás, eu estava na multidão assistindo ao seu discurso. De repente, ouvi um grito, e o caos tomou conta. A flecha de uma besta o atingiu no pescoço, e foi sangue para todo lado. O rei devia ter morrido ali, mas sobreviveu. Saiu da sacada sem ajuda, e a pessoa que tentou assassiná-lo recebeu a sentença de lingchi. Depois disso, deduzi que o que dizem nos templos é verdade. Que ele não pode morrer.

— Não é bem assim. Quer dizer, ele não pode morrer mesmo, mas é só por causa da coroa.

Royo balança a cabeça.

— Como é que um negócio de metal faz isso?

Ele quer mesmo uma aula sobre a magia dos deuses agora? Entre todas as coisas que eu pensei que poderiam acontecer hoje, explicar magia divina para um capanga não foi uma delas.

Dou de ombros.

— Sei lá. Etherum.

Ele parece perplexo.

— Etherum? Mas não há magia em Yusan.

É o que as pessoas acham, e, fora as relíquias do Lorde Dragão, não tem mesmo. Todos sabem que o Lorde Dragão uniu o povo de Yusan e aqui governou por cem anos, mas só os mais próximos da coroa sabem que cinco relíquias foram deixadas para trás — a coroa sendo uma delas. A lenda diz que o Lorde Dragão deu sua coroa ao primeiro rei Baejkin, mas seu anel, seu cetro, sua espada e seu amuleto caíram nos outros reinos quando ele ascendeu aos Céus. Acho que a lenda só serve para explicar por que Yusan não está em posse desses outros itens.

Dou de ombros novamente, gesticulando com as mãos.

— Não sei, Royo. A coroa é etherum.

— Como você sabe disso?

— Porque foi o que o mestre-espião da corte me disse.

Ele esfrega o rosto.

Certo, talvez eu não devesse ter mencionado Mikail tão cedo, mas foi ele quem me procurou com a proposta do trabalho. Além do mais, seria difícil explicar de outra forma.

— Você só precisa me proteger — digo. — Deixa que eu me preocupo com o

resto.

— Como posso descobrir se é real? — pergunta Royo, indicando o diamante. Eu empurro a joia para ele.

— Pode levar e perguntar para alguém.

Isso deve bastar para convencê-lo. Ele vai aceitar o trabalho, e poderemos começar amanhã.

Ele mexe os olhos rapidamente, ansioso.

— Como pode garantir que não vou pegá-lo e dar no pé?

— Eu encontraria você e roubaria o diamante de volta, se fosse o caso.

Sorrio, mas ele faz uma cara de quem acabou de levar um tapa no rosto, chocado. Será que ainda não entendeu que sou uma ladra? Que... curioso. Mas não importa. Não preciso que ele seja inteligente.

— Como acha que enfiar o bilhete no bolso do seu casaco? — pergunto, apontando para o peito dele. — Ou como peguei este diamante? — Então, termino de beber o chá e me levanto. — Pode me dar uma resposta antes do meio-dia de amanhã? Falei para Huang que seria quando eu iria embora da estalagem. Se não topar, não vou guardar rancor, mas eu preferiria que aceitasse a proposta. Gosto de você.

Dou um sorriso grande, embora Royo ainda esteja sentado, balançando a cabeça em negação. Mas ele vai aceitar. Estou sentindo. Ele precisa do dinheiro. Por isso não foi embora. Não sei por que, e acho que não importa, mas quanto mais ele pensar a respeito da proposta, mais vai entender que seria um tolo por recusar uma quantia tão absurda de muns. Royo não é tolo. Só preciso ir embora logo, antes que ele tenha a oportunidade de recusar.

Sem dizer mais nada, deixo o diamante na mesa e saio. Mordendo o lábio, subo as escadas, torcendo para estar certa, porque daria um trabalhão ir atrás dele de novo.

CAPÍTULO OITO

EUYN

CIDADE DE OUTTON, FALLOW

Não existe um momento oportuno para chegar a Fallow — e pelo visto também não existe um bom momento para ir embora. Durante o dia, o sol e o calor excessivo desgastam qualquer um. À noite, é fácil cair num covil de serpentes. Sem falar que os samroc caçam no escuro.

São aves pretas enormes que adquiriram certo apreço pela carne humana. Além disso, são extremamente habilidosas: elas conseguem carregar o corpo de um homem adulto sem nenhuma dificuldade. As vítimas sortudas são mortas rapidamente com um golpe na cabeça, enquanto as azaradas são levadas com vida aos ninhos nas montanhas para acabarem dilaceradas por samroc mais jovens que ainda estão aprendendo a matar. Em noites calmas, é possível ouvir os gritos de dor e as súplicas.

Antes de ser exilado, achei que os samroc não passavam de um mito, um exagero das pessoas com base nas aves infernais carnívoras de Yusan, que também devoram humanos e que nos observam com uma voracidade perversa. A diferença é que os infernais machos medem, no máximo, oitenta centímetros, e as fêmeas são ainda menores. São bichos que podem matar um ser humano, mas só se ele já estiver à beira da morte. Da primeira vez que vi um samroc, quase desmaiei ao ver o tamanho de sua sombra. Chegava a bloquear o sol.

Mikail decide que devemos partir de Outton antes do entardecer. Com sorte, chegaremos a Tile, uma cidade que fica na direção leste, antes que anoiteça de vez. O tempo que antecede o entardecer também é conhecido como o momento mais quente do dia. Deve estar fazendo mais de quarenta graus, mas, de alguma maneira, Mikail não parece estar nada cansado enquanto cavalgamos. Ele parece pleno, com sua montaria levando metade do que ainda me pertence, e a minha, carregando a outra metade.

Precisei deixar a maior parte dos meus pertences para trás — os primeiros itens pelos quais eu paguei com furtos, habilidade e trabalho. Eu os dei de presente à dona da estalagem por sua gentileza, e ela agradeceu. Num lugar como Fallow, qualquer item usado pode ser vendido. Além do mais, a viúva bonitinha precisava de ajuda.

— Você parece perdido em pensamentos — diz Mikail. — O que está te

perturbando?

Ele fala como se estivesse surpreso por eu estar com a cabeça cheia.

— Ah, sei lá, talvez o plano de matar meu irmão? — retruco. — Voltar ao país que está oferecendo uma recompensa pela minha cabeça? Deixar o único lugar onde me senti seguro durante três anos pelo que parece ser uma missão suicida? Coisas assim.

Ele arqueia a sobancelha.

— Você tem alguma outra ideia? Ficar em Outton e abrir uma casa de chá um dia? Tentar transar com a dona da estalagem? Você é um príncipe de Yusan. *Essa* é a única vida que lhe cabe. A única digna de você.

Tento não deixar meu coração bater mais forte com a última frase e falho miseravelmente.

Mas não consigo me concentrar no que ele diz porque tem algo à nossa frente na estrada. Em Fallow, no segundo em que se avista um problema, significa que já é tarde demais para fugir dele.

Nos aproximamos. Há uma carreta tombada no meio da estrada. A julgar pela forma como está bloqueando completamente o caminho de terra, não foi um acidente. Fico em alerta. Um arrepio percorre meu corpo, fazendo o mundo ao meu redor parecer mais real, e o tempo, mais lento. Respiro sentindo os odores do ambiente, assim como fazia nas caçadas. Fico imóvel e tento ouvir até mesmo os sons mais discretos.

Olho para Mikail e percebo que ele está tão alerta quanto eu. Estou prestes a perguntar sobre a carreta quando seis homens armados aparecem à frente da barricada. São ladrões de estrada ou uma gangue — ambos os tipos existem em abundância em Fallow.

Meus ombros caem em desânimo. É óbvio que encontramos ladrões depois de só duas badaladas desde que saímos de Outton.

Mikail abaixa a cabeça, um sinal para eu ficar atrás dele enquanto segue até os homens. Desde quando éramos adolescentes, criamos o hábito de nos comunicarmos em silêncio. É curioso como conseguimos voltar a essa dinâmica como se nada tivesse mudado.

Ele continua até estar a três metros de distância dos homens, e segue como não tivesse se dado conta do perigo. O que está longe de ser o caso.

— Deixe-me adivinhar: é um roubo? — pergunta Mikail, observando a cena.

Dois homens se entreolham, confusos. Um outro dá um passo à frente — provavelmente o líder.

— Coloquem as mãos para o alto e entreguem seus cavalos e suas armas, e podem sair dessa vivos.

— Receio que não será possível — diz Mikail. — No entanto, tenho uma contraproposta.

— O que é isso? — pergunta o segundo homem.

— É quando uma pessoa rejeita sua proposta inicial e oferece uma solução alternativa — explica Mikail, paciente.

O homem fica sem reação.

— Peguem ele — manda o primeiro.

O líder não tem mais tempo nem para um último suspiro antes de morrer com uma adaga enfiada em seu pescoço, atirada por Mikail. Minhas mãos ainda tremem no alforje enquanto tento encontrar minha besta, e Mikail já matou o primeiro homem.

Meus deuses do céu, onde é que ela está?

O líder cai no chão, e Mikail observa com a mesma indiferença com que derrubaria uma árvore.

— Sugiro fortemente que nos permitam...

Uma flecha voa na direção dele. Mikail a desvia com a bainha da espada — seus reflexos, como sempre, rápidos de uma maneira quase sobrenatural.

— Mas que grosseria — diz ele. — Eu estava falando.

O arqueiro também está morto, cortesia de Mikail. Uma adaga foi fincada em seu peito. Duas mortes, e eu só encontrei minha besta agora. Levo-a ao ombro e giro o mecanismo para puxar a corda. Os quatro homens que restaram se apressam para empunhar suas armas — espadas e facas à mão e maças balançando no ar. Mikail suspira entediado e meneia a espada. A lâmina envenenada explode em chamas assim que entra em contato com o ar. Os homens ficam paralisados, encarando a espada como insetos atraídos pelo fogo.

— Rapazes — brada Mikail, sua voz retumbando pelo deserto —, fujam agora ou juro pelo Deus da Verdade que vou acabar com a raça de cada um de vocês.

Os homens fogem em quatro direções distintas. Direciono meu cavalo até Mikail, e nós dois os observamos por um momento.

— *Nil* — sussurra ele.

Arregalo os olhos, e meu estômago se revira. *Zero*. Zero testemunhas, zero sobreviventes. Com essa única palavra, sei que ele está prestes a matar todos esses homens. Qualquer sensação de alívio que eles possam ter tido ao fugir foi uma ilusão. Engulo em seco e me lembro de que Mikail não é perverso — ele é realista. Não podemos deixar ladrões de estrada à solta espalhando por aí que viram um homem com uma espada flamejante. São ferramentas especiais concedidas somente pelo rei de Yusan. O boato revelaria a traição de Mikail e possivelmente a minha presença também, considerando que há apenas umas doze espadas do tipo em uso.

Ainda assim, parece errado. Não estamos mais em perigo.

Mikail cavalga até o homem mais próximo, empunha a espada e o decapita. Um segundo atrás ele estava vivo, respirando, e agora não passa de um cadáver. Vejo a cabeça rolar para mais longe do que o esperado. Nós dois a observamos, os olhos sem vida ainda abertos na areia.

— Hum... Intrigante — comenta Mikail, antes de virar o cavalo para a próxima vítima.

O segundo homem corre na direção de Outton. Ele é rápido, mas estamos a duas badaladas da cidade a cavalo. Não sei aonde ele pensa que vai.

Não há quem possa ajudar, não há lugar seguro. Mikail o corta com um golpe.

Ele grita e cai no chão, provavelmente já morto. Caso não tenha morrido imediatamente, o veneno da espada vai terminar o serviço mais rápido que a perda de sangue.

O terceiro homem segue para o norte. É como se eles não entendessem que não há nada além de deserto por aqui e que um dos melhores assassinos do mundo está em seu encalço. O destino deles foi traçado assim que impediram nossa passagem. Deviam ao menos morrer com dignidade. Se bem que, quando a coisa fica feia, poucos homens optam por isso.

Mikail para seu cavalo ao lado do meu. Ele nem está ofegante. Seus olhos atentos focam o homem correndo pela areia. Ele limpa o sangue da lâmina e embainha a espada. Em seguida, estende a mão e eu entrego a ele a besta carregada.

É uma distância longa, e ele precisa calcular a velocidade do homem, mas atira e derruba o ladrão com uma única flecha.

A mira não foi certa — o homem não está morto, mas também não vai a lugar algum.

— Você sempre foi melhor com a besta — diz ele, franzindo o cenho.

Mikail me devolve a arma e pega a espada. Ela entra em combustão novamente, coberta de óleo.

Só falta um.

Mikail sorri. A sede de sangue o deixa mais atraente do que nunca. Meu coração dispara quando ele gira o cavalo e pula a carreta tombada. Anos atrás, achei que poderia assisti-lo trabalhar todos os dias pelo resto da vida sem nunca me cansar. Infelizmente, ainda me sinto assim. Ele parece um ser de outro mundo quando é violento. Paralisante. O Deus da Guerra entre nós. O ser mais atraente de todos os três reinos.

Altivo em seu cavalo, Mikail galopa até chegar ao último homem. Ele meneia a espada para trás e corta o sujeito ao meio. Literalmente. Um lamento escapa da boca do homem, e logo em seguida ele não consegue emitir mais nenhum som porque está em choque. A metade inferior de seu corpo foi completamente decepada.

Mikail sacode o sangue da espada, franzindo o cenho. Ele desce do cavalo e limpa a lâmina na camisa de sua última vítima. Vou até ele.

— Ridículo — diz, cuspidando no chão. Ele embainha a espada. Não sei se ele está se referindo a si mesmo ou aos bandidos. — Vamos?

Ele pergunta como se estivesse me convidando para dançar enquanto aponta para os corpos dilacerados. Dessa vez, sua sede de sangue falou mais alto — apenas as espadas do palácio são afiadas o bastante para cortar homens ao meio como ele acabou de fazer. Agora precisaremos destruir as evidências.

Mikail pega os braços e eu pego as pernas, e assim tiramos o corpo da estrada. Não é o primeiro cadáver que preciso esconder, mas é a primeira vez que movo somente um par de pernas.

Depois de colocarmos as partes numa cova rasa e de Mikail cortar o pescoço do homem em quem atirou com a besta, seguimos pela estrada até Tile.

A pele de Mikail reluz com suor pelo esforço físico, mas é mais do que isso. Ela reluz pelas vidas que ele tirou. Uma parte dele gosta da chacina. Da mesma forma que multidões lotam a Arena do Rei para assistir aos campeonatos de tuhko, sabendo que o time perdedor vai ser sacrificado num ritual horrendo. Em certa medida, as pessoas amam ver as outras sofrendo e morrendo. Mikail mais do que qualquer outra. Porém, eu o entendo — sentir a presença da morte nos faz dar mais valor à nossa própria mortalidade.

— Você pensa em todas as pessoas que já matou? — pergunto.

— Não, e você? — Ele me lança um olhar de soslaio.

Minha respiração falha, e eu desvio olhar. Ele falou de um jeito tão tranquilo que me pegou desprevenido, mas sei exatamente o que quer dizer. Ele está me chamando de homicida. De assassino em massa.

— Você... você acredita que aquilo tudo aconteceu mesmo? — Seguro mais firme as rédeas de couro.

Ele dá de ombros.

— Eu costumo acreditar em coisas que aconteceram de verdade.

Não há sombra de dúvida de que Mikail acha que mereci meu castigo, meu exílio e esses anos de sofrimento porque matei aqueles homens. Porque sou culpado. Porque as acusações do rei não eram inventadas.

Porque essa é a verdade.

É como se tivesse alguma coisa presa na minha garganta, me impedindo de dar todas as desculpas nas quais tinha pensado. Mikail não vai querer ouvi-las, de todo modo.

Levo um tempo antes de conseguir falar de novo.

— Você já sabia? — pergunto.

Ele faz que sim.

— Posso explicar — digo. — Eles... A questão é que... Nós...

Mikail balança a cabeça.

— Me poupe das suas justificativas nesse calor, por favor, Euyn. Eu sei quem você é, sempre soube. E se precisasse fazer tudo aquilo de novo, você faria. Só não deixaria o último escapar.

Paro de falar e cerro os dentes, porque sei que ele tem razão. Pensei muitas vezes em como eu deveria ter atirado na cabeça de Chul quando tive a chance. Em como minha vida teria sido diferente se eu não tivesse resolvido me sentir misericordioso no último instante. Minha família não é conhecida por sua misericórdia — meu irmão matou dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças e continuou deitando a cabeça no travesseiro à noite na mais plena paz. E ele é só um dos exemplos da perversidade dos Baejkin. Minha irmã é ainda pior.

— Seria mais proveitoso se você focasse a sua energia em avistar algum samroc — diz Mikail.

Após respirar fundo, uma vez que me faltam palavras, ergo a cabeça e começo a analisar o céu, que está escurecendo cada vez mais. De repente, me dou conta de que matar os ladrões da estrada e enterrar aquele último nos fez demorar

muito no trajeto. Não vamos chegar a Tile antes do cair da noite.
Logo nós dois é que seremos caçados.

CAPÍTULO NOVE

SORA

CIDADE DE GAIN, YUSAN

É mais uma tarde linda e ensolarada quando chego à mansão do conde, e hoje estou feliz por estar aqui. Reparo na imponência da imensa propriedade, na forma como ela absorve o sol de sua posição na encosta. A maioria das casas em Gain é pintada de branco, mas a mansão dele é feita de pedras brancas que reluzem à luz solar. É uma visão gloriosa.

Gosto de tudo que vejo hoje, porque estou aqui para visitar minha irmã.

Irad está mais pomposo do que o normal. Ele me acompanha ao jardim do terraço. Seu queixo está tão erguido que fico surpresa por ele não tropeçar. Há mais flores no jardim do conde do que em todo o distrito das flores. As águas nas hidrovias se agitam sutilmente, as copas das árvores estão perfeitamente aparadas e as pétalas das flores são delicadas e macias. Não há uma única folha pelos caminhos de pedra ou nos lagos de carpas cristalinos.

Eu me sento em um banco de teca esculpido, aguardando minha irmã, e me permito fechar os olhos. Respiro lentamente, inalando o leve aroma de laranjeiras e cerejeiras e exalo meus crimes. Finjo que estou em qualquer outro lugar que não seja cativa em Gain, e tenho sorte por estar num jardim como esse, onde é fácil fingir. Nunca conseguirei pagar por todos os meus pecados, mas estou quase em paz quando Daysum aparece.

— Sora! — Ela corre na minha direção, levantando a saia como faz há doze anos. Minha irmã não é muito rápida, mas só precisa correr poucos metros até chegar a mim.

Abro os braços e, quando ela me abraça, é como se uma sensação de conforto me preenchesse, como a primavera. É como se Daysum fosse a minha outra metade que foi arrancada de mim quando eu tinha nove anos.

Penso muito naquele dia. Em como eu não sabia o que estava acontecendo quando Seok e mais quatro homens armados surgiram em nossa casa. Contudo, tentei esconder a pequena Daysum atrás de mim, tão debilitada. Seok imediatamente entendeu o que ela significava para mim — a conexão que sempre tivemos. Eu já me perguntei muitas vezes se minha irmã seria uma mulher livre hoje se eu não tivesse sido tola e irresponsável ao tentar protegê-la.

Desde então, fiz o melhor que pude para compensar meu erro.

Daysum apoia a cabeça no meu ombro porque, apesar de eu ter quase um metro e setenta, sou dez centímetros mais alta que ela. Por conta de sua saúde frágil, Daysum parou de crescer muito nova, mas gosto do fato de ela ser pequena, da mesma forma como gosto das mechas castanhas em seu cabelo preto. Entretanto, ela parece mais velha desde que a vi pela última vez. Se bem que, em Yusan, todo mundo envelhece rápido.

Depois de nos abraçarmos por um tempo, eu a solto. Coloco as mãos em seu rosto e a examino. Ela parece muito mais saudável do que antigamente; suas bochechas estão coradas, mas sua respiração parece ofegante. Quero perguntar se ela está bem, mas Daysum odeia quando a importuno com perguntas sobre sua saúde.

— Você está tão linda — digo, escondendo o que realmente queria dizer a ela.

Daysum revira os olhos.

— Como se eu chegasse aos seus pés. — Em seguida, ela dá um sorriso tão brilhante quanto o sol. — Que bom que os deuses me permitiram ver você de novo.

Ela se senta do meu lado e segura minhas mãos. Minha irmã sabe que deve se sentar à minha direita porque escuto pouco com o ouvido esquerdo — resultado de ter ingerido uma dose do veneno de Erlingnow.

— Como vão as aulas? — pergunto.

Embora tenha dezoito anos, o que tecnicamente faz dela uma adulta em Yusan, Daysum perdeu meses na escola por conta de sua saúde. O conde ressaltou diversas vezes que, se minha irmã tivesse continuado morando com nossos pais, ela não teria sobrevivido. Nunca sentirei qualquer gratidão por esse homem, mas posso admitir que ele tem razão. Nossos pais, que nos venderam à escravidão por ouro, não teriam condições de custear os remédios que a salvariam. Ou, se tivessem, não os teriam comprado. Claro que preciso pagar o conde por cada ida ao boticário, mas é a parte da minha dívida com a qual não me importo.

O mais estranho é que eu sentia que meus pais cuidavam de nós quando crianças. Éramos pobres, como o restante do vilarejo, mas éramos felizes também. Nunca tive dúvida de que éramos amadas... até eu ser vendida e Daysum ser tirada de nós. Por outro lado, talvez essa seja apenas a versão da minha infância de que quero me lembrar, as mentiras nas quais quero acreditar.

— As aulas estão indo razoavelmente bem — responde minha irmã. — Apesar de não saber ao certo o que fazer quando minha instrução terminar.

Eu também não sei. Para ser sincera, nem achava que viveríamos até a idade que temos hoje. No entanto, ar fresco, boa alimentação e uma vida tranquila ajudaram Daysum a sobreviver. E a vontade obstinada de voltar a vê-la me fez aguentar a escola de venenos.

— Sei que, em algum momento, você vai descobrir o que fazer. Você pode fazer o que quiser. — Afasto com delicadeza o cabelo do rosto dela. Nós duas temos cabelo espesso, mas Daysum é ainda mais pálida do que eu, com olhos castanhos, e não violeta. O contraste entre sua pele branca e o cabelo ébano e

marrom faz dela uma das pessoas mais lindas. Se fosse mais saudável, não duvido de que o conde a teria escolhido para o treinamento de venenos também.

Quando mexo no cabelo dela, vejo sua longa cicatriz que vai até o ombro. Um risco vermelho em sua pele branca que agora já esmaeceu para um tom fraco de marrom. A cicatriz é por minha culpa, por três anos atrás ela ter sido chicoteada depois de eu tentar fugir.

Logo depois de ter matado meu primeiro alvo, não aguentei a culpa e o peso de ter que matar em nome do conde pelo restante da vida. Assassinar homens que não tinham feito nada para mim, que não significavam nada e que me imploravam para poupá-los. Da primeira vez, não usei veneno o suficiente, e a vítima sobreviveu tempo o bastante para cair de joelhos e me suplicar pela própria vida. Ele levou três badaladas para morrer.

Naquela manhã, fugi e cheguei até a floresta — o limite geográfico combinado, do qual não devo passar sem a permissão do conde. Avancei pela floresta de Xingchi, mas os cães do conde me alcançaram.

Fui trazida de volta à mansão esperando receber uma surra, mas não encostaram um dedo em mim. O que aconteceu foi muito pior: me forçaram a assistir a Daysum ser açoitada na frente de todos os moradores e empregados da mansão. Ela recebeu três chicotadas antes de eu cair de joelhos aos pés do conde, beijar suas botas e jurar nunca mais tentar fugir. Também assinei uma dívida de cinquenta mil muns de ouro extras — para recompensar Sua Graça pelo trabalho de ter mandado a matilha atrás de mim.

Em silêncio, jurei por cada estrela no céu que ele sentiria dez vezes o peso de cada chibatada no corpo da minha irmã. Passei muito tempo planejando a morte do conde. Como eu o machucarei até deixá-lo à beira da morte, apenas para trazê-lo de volta para que sofra ainda mais. Por dias. Semanas. Sunsaes. Como ele vai implorar por misericórdia, mas como eu o mantereí vivo com antídotos até chegar a dezenove vezes. Uma para cada menina que morreu na escola de veneno; uma por Hana, que foi morta como donzela venenosa; e uma por Daysum. E então vou açoitar Seok até que ele morra — e sua morte será por *mim* mesma.

— Talvez fosse melhor se eu tivesse morrido — fala Daysum, baixinho. Eu devia estar encarando demais a cicatriz.

Balanço a cabeça várias vezes.

— Não. Não diga isso.

Já pensei nisso em alguns momentos difíceis de desespero. Principalmente no dia em que ela chorou por causa do açoite. Mas eu nunca falaria isso para minha irmã.

Ela sorri.

— Porque é verdade, né? Se eu estivesse morta, não teriam nada com que te chantagear. Você estaria livre.

Cerro os punhos.

— Quem te disse isso?

— Minha cabeça.

Respiro fundo.

— É verdade que, se você estivesse morta, eles não teriam vantagem sobre mim.

Daysum assente e vira para o lado, encarando uma cachoeirinha. Os ombros dela relaxam um pouco, como peônias após uma chuva de verão. Gentilmente toco seu rosto e viro o queixo dela de volta para mim.

— Mas eu também não teria motivo nenhum para viver — continuo. — Você é tudo o que importa para mim nesta vida e na próxima.

Ela sorri, embora seus olhos ainda estejam tristes. Sempre tentei ao máximo manter longe dela as questões complicadas, mas já cheguei a visitá-la enquanto eu ainda estava passando mal por conta de venenos. Eu não conseguia esconder o que estavam fazendo comigo, e ela sabe que sua vida depende de eu conseguir pagar as nossas dívidas. Ela nunca perguntou *como* eu faço isso, mas tenho a sensação de que ela sabe. Sempre fui a mais forte e a mais saudável, mas Daysum é a mais esperta.

Nossos encontros nem sempre são assim. Geralmente, rimos e contamos piadas e tentamos esquecer o restante. Nossa vida já é difícil demais, nossas conversas não precisam ser também. Contudo, esta pode ser minha última visita — por bem ou por mal. Portanto, tem algumas coisas que eu preciso contar.

— Me ofereceram nossa liberdade.

Ela fica em silêncio e inclina a cabeça para o lado. Seus cílios longos balançam quando ela pisca.

— Quem ofereceu?

— O conde.

Ela arqueja e depois aperta minhas mãos.

— O conde? E tem certeza de que ele está sendo sincero?

— Ele não brinca quando se trata de negócios.

Daysum se ajeita no banco, perplexa. Ela ri e sorri, e eu queria poder retribuir sua alegria — mesmo que por um momento. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, no entanto, a expressão dela muda. Minha irmã vive enclausurada, longe da realidade do mundo, mas ela sabe que tudo que é bom vem com um preço para pessoas como nós.

— Sora... você precisa fazer algo impossível, não é? — Ela me analisa com seus olhos inocentes. De todo mundo que já conheci, ela é a melhor em ler as pessoas.

Faço que sim. Ainda que eu tente esconder determinadas coisas da minha irmã, eu não minto para ela. Não diretamente.

— O castigo recairá sobre mim se você falhar, não é?

É uma pergunta, mas ela fala como se fosse uma afirmação por já saber a resposta.

— Ele vai vender sua dívida para o lorde Sterling se eu falhar. — Não menciono a parte de que se a missão for malsucedida eu serei torturada na Prisão do Ócio ou, com sorte, morta. — Quer que eu tente conseguir a nossa liberdade?

Daysum estremece, embora tente não esboçar reação. Em seguida, ajeita a postura, engole em seco e assente.

Minha irmã é tão corajosa. Sinto tanto orgulho da mulher que ela se tornou.

— Quer me contar o que é? — pergunta ela. — O que você tem que fazer?

Nego com a cabeça.

— Está bem — responde ela.

Ela não vai me pressionar, simples assim. Meus segredos nunca a incomodaram — ou, se sim, ela não demonstra.

— Vou passar um tempo longe — conto. — Você não deve me ver de novo por um ou dois meses.

— Sora, eu geralmente passo meses sem te ver — diz ela, sorrindo com tristeza.

Minha irmã tem razão. Eu só a vejo quando concluo um assassinato. Desde que tentei fugir, Daysum tem sido mantida prisioneira em algum lugar longe de Gain — sua localização muda com frequência para que eu não descubra e tente fugir com ela. Ela suspeita que hoje esteja ficando em uma propriedade rural do conde, numa cidade do interior chamada Pastor, mas não temos certeza. Ele só a traz para a mansão para me ver. E esta será a última vez.

Respiro fundo.

— Pode demorar mais do que um ou dois meses.

O que estou tentando dizer a ela é que posso não voltar. Mesmo se eu conseguir encontrar o rei sozinho e envenená-lo, serei morta antes de deixar o palácio. Ele não é igual aos nobres que já matei — é o homem mais protegido de Yusan, sem falar que é um deus. Quanto mais penso a respeito da missão, mais percebo as chances ínfimas de completar a tarefa e sair viva. Só preciso torcer e rezar para o Reino dos Infernos, pedindo que o rei também morra. Que de algum jeito Daysum encontre a liberdade.

O queixo de minha irmã treme quando ela assente.

— Minha pequena, prometo que vamos passar todos os dias juntas logo, logo — digo. Faz anos que não a chamo assim, mas o apelido sai com naturalidade. Eu aperto as mãos dela.

Lágrimas surgem em meus olhos porque não sei se é a verdade. Não sei se é uma promessa que vou poder cumprir, mas posso tentar. Sempre vou tentar vê-la de novo.

— Eu acredito em você — diz Daysum. Ela se levanta, respira fundo e alisa o vestido amassado. — Venha. Vamos caminhar um pouco e parar de falar disso. Prefiro que me conte sobre os homens belos que conheceu recentemente.

Dou uma risada sincera.

— O Pingo é muito bonito.

— O Pingo! Ele é um gato, Sora. — Ela franze o cenho. — Fala sério. Deve ter alguém interessante. O homem mais lindo perto de mim é o Irad, e você sabe o quanto isso é triste.

Sorrio e balanço a cabeça.

— Muito triste. Infelizmente não tenho belos pretendentes sobre quem contar.

Ela arqueia uma das sobrancelhas, cética. Mas é a verdade. Não tenho o

menor interesse em romance — não depois de o conde ter matado quem eu amava. Amor não passa de mais uma coisa que Seok pode usar contra mim. No fim das contas, seria só mais uma vantagem que ele teria sobre mim.

Andamos em silêncio por um tempo, aproveitando a companhia uma da outra. Ainda acho que ela está mais ofegante do que o normal, mas afinal de contas ela está usando camadas pesadas de tecido na saia. A moda atual não se importa com o calor que faz em Gain.

— Tudo bem, então. O que você faria se fosse a rainha de Yusan? — pergunta ela.

Costumávamos brincar disso o tempo todo: imaginar o que faríamos se fôssemos da realeza. O sonho típico das crianças pobres do reino.

— Eu libertaria todas as pessoas que dependem de suas escrituras e iríamos para algum lugar seguro, só nós duas. Teríamos criados, e eles nos serviriam gelo de flor de cerejeira e nos abanariam com plumas de pavão nos meses quentes do verão. No inverno, estaríamos sempre enroladas em casacos de pele, bebendo chocolate quente.

— Depois de você matar o rei — diz ela.

Tropeço de leve, mas recupero o equilíbrio. Meu coração dispara, fazendo meu corpo pulsar no vestido apertado.

— Como?

— Você teria que matar o rei para libertar de uma só vez todos que estão presos a escrituras. Todos os contratos são atrelados e taxados pela família Baejkin.

Levo um instante para me recompor, mas é um a mais do que eu deveria levar, então Daysum me olha desconfiada, suspeitando de algo.

— Pois bem, acho que eu teria que esperar ele morrer de causas naturais. — Dou um sorriso. — Ou seja lá como os reis divinos morram.

— Como a rainha de Khitan? — pergunta ela.

Viro a cabeça e encaro minha irmã.

— Ouvi a condessa falando com o conde. O rei de Khitan morreu, e a rainha assumiu o trono como regente pelo filho mais novo deles. Dizem que o rei morreu de causas naturais, mas há rumores de que ela o matou e usa o anel.

Sorrio de novo. Minha irmãzinha deve ter ouvido conversas atrás de paredes, fuxicando. O conde nunca diria esse tipo de coisa na frente dela, mas talvez a condessa seja menos cuidadosa do que ele. Quase nunca a vejo, e duvido que eles sequer gostem um do outro, embora sejam casados. Ela fica longe de Gain e viaja com Daysum. Segundo minha irmã, a condessa é firme, mas bondosa — e fico grata por isso.

— Eu não sabia que você tinha fofocas sobre a realeza, Day — provoco.

— Deixo os ouvidos bem atentos. — Ela dá de ombros com sorrisinho.

Em seguida, ela para e me encara, e entendo a pergunta em seu olhar. Minha irmã já ouviu o suficiente para deduzir, em partes, o que eu faço, isso se ela já não sabe de tudo. E esta talvez seja a última chance que ela terá de me perguntar — como, por que e quem. Seja lá o que estiver passando em sua cabeça agora, eu me

mantenho resoluto e decido responder qualquer coisa que vier.

Daysum desvia o olhar, e, quando me olha de novo, a pergunta se esvai.

— Eu te amo, Sora. Independentemente de qualquer coisa. Nesta vida e na próxima.

Relaxo os ombros.

— Eu também te amo.

Irad aparece no pátio de pedra enorme da mansão, percorrendo os olhos pelo jardim tentando nos encontrar. Por mais que não pareça, já passou a badalada que me fora concedida para estar com minha irmã. Quero agarrar o braço dela e sair correndo. Meu instinto é sempre esse, mas, desta vez, meus músculos imploram para que eu realmente faça isso.

— A gente... — começo a falar, mas entro em pânico de repente.

Meu coração quer pular para fora do meu peito. Meus joelhos ficam bambos. Não sei como dizer adeus a ela. Hoje não. Como não consegui quando ela tinha seis anos e foi arrancada dos meus braços. Apenas gritei seu nome até perder a voz. Só que já se passaram doze anos. Sou uma adulta. Eu devia saber o que dizer, como me despedir, mas não sei.

— A gente se vê em breve — diz ela por mim.

É o que sempre digo a ela. Respiro fundo. Ela amadureceu tanto. Está tão forte e corajosa.

Tento afastar o medo que me invade quando nos abraçamos, mas ela beija minha bochecha e sussurra algo no meu ouvido esquerdo. Fico com a impressão de ter entendido o que ela disse. Acredito que é: “Sora, acho que eles virão correndo.” Entretanto, a frase não condiz com a expressão em seu rosto. Quero perguntar o que ela quis dizer, mas os guardas já apareceram para levá-la. Ela apenas sorri e acena em despedida.

Fico pensando no que ela pode querer ter dito com “eles virão correndo”. Talvez seja porque nossa badalada acabou, mas já sabíamos disso. Irad se aproxima, e eu paro de pensar nessa questão. Faço a cara mais arrogante que consigo ao passar por ele, mas sinto um aperto no peito com a sensação de estar deixando passar algo de grande importância.

CAPÍTULO DEZ

EUYN

ARREDORES DE TILE, FALLOW

Há maneiras demais de morrer.

Isso fica evidente quando a escuridão recai sobre a estrada para Tile. O sol já se pôs há muito tempo e agora a noite nos envolve. Seguimos o mais rápido possível, ou à velocidade que estes animais mestiços de cavalo e camelo conseguem aguentar, mas não é rápido o suficiente. Não são alazões criados no palácio. Não são nem os cavalos que usamos para sair de Outton. São cavelos — foi o que conseguimos em troca dos nossos cavalos com uma caravana que encontramos na estrada. Estou quase certo de que passaram a perna em nós. Nossos cavalos estavam cansados demais para seguir viagem por causa do calor, então não tivemos escolha. Imagino que os nômades só tinham estes bichos porque ninguém mais os queria.

Mikail e eu não conversamos durante o percurso. Não ousamos acender nem uma lanterna. Tile está iluminada ao longe, além da lua e das estrelas que ajudam a clarear o caminho, então pelo menos sabemos que estamos indo na direção certa. No entanto, é perigoso demais não estar em segurança a essa badalada da noite, tão longe do centro da cidade.

Cada músculo em meu corpo está tenso enquanto tento analisar o céu escuro. Avistar uma ave preta no céu azul-escuro não é uma tarefa fácil. Estremeço com cada barulho, meus batimentos cardíacos pulsando no meu pescoço. Ainda assim, apesar de sentir vontade de arrancar minha pele de tão nervoso, estamos progredindo em nossa viagem — um mísero passo por vez. As luzes vão se aproximando até só faltar cerca de um quilômetro e meio.

Acho que vamos conseguir.

Assim que penso isso, um crocito ecoa de algum lugar ao sul, revirando meu estômago.

É um samroc.

Estremeço, sentindo os ombros sacolejarem, e troco olhares com Mikail. Ele está em silêncio — o que significa que estamos na merda. Eu estava certo em entrar em pânico.

Não sei dizer ao certo se a criatura está perto de nós, mas com uma asa de quase dez metros, eles podem cruzar a distância de um quilômetro com

facilidade. Muito tempo atrás, um homem tentou domesticar os samroc, por conta do tamanho deles. Ele achou que, se pudesse voar na garupa de um bicho assim, seria invencível. Segundo a lenda, foi por causa desse homem que as aves desenvolveram preferência por carne humana. Elas o devoraram e depois foram atrás do restante de sua família. Deve ser um exagero, ou pelo menos a parte sobre a família. No restante, eu acredito.

— Desce — ordena Mikail num sussurro.

— Será mais rápido se eu estiver em cima do cavalo — digo.

— Mais rápido para um samroc te pegar pelos ombros e sair voando, você quer dizer?

— Não, quero dizer que podemos chegar a Tile...

Mikail suspira.

— Quer continuar sussurrando ou prefere me ajudar a nos salvar?

Dizem que os samroc têm uma audição excelente. Se eu não estivesse totalmente apavorado agora, seria um belo desafio caçá-los. Algo digno da minha habilidade.

Até onde sei, ninguém nunca conseguiu abater um. Suas penas são maiores que a altura de um homem adulto, e, pelo que dizem, impenetráveis. O som que fazem é parecido com o de pigars, que têm um couro tão grosso que flechas atiradas de uma distância segura simplesmente ricocheteiam de seus corpos. Até dá para enfiar uma lança neles, mas é preciso arriscar a vida para isso. Presumo que seja o mesmo para os samroc. Nada é impenetrável de verdade, mas nunca quis testar.

Minha besta está pronta. Uma arma pode passar a falsa sensação de segurança quando se trata de um animal grande assim, mas eu também já fui o melhor atirador de Yusan. Sei como matar homens e feras.

Um crocito ecoa novamente. Desta vez, parece mais um grito de guerra. Mikail e eu nos viramos na direção do barulho. Ainda está ao sudeste, mas muito mais próximo de onde estamos.

Porque estão vindo até nós.

Eu me apresso para descer do cavalo e começo a correr, segurando as rédeas do bicho frustrantemente lento. Mikail corre ao meu lado.

Meus braços e pernas balançam, e estou dando passadas tão largas que meus pulmões queimam pela falta de ar, mas nunca chegaremos à cidade se um samroc já estiver se aproximando de nós, e muito menos arrastando estes cabelos.

Pelos deuses, como conseguiremos ser mais rápidos que eles?

Pelo visto eu e Mikail chegamos à mesma conclusão, e largamos as rédeas ao mesmo tempo, disparando pela estrada por conta própria. Só nos afastamos das criaturas por alguns metros quando um grasnido estridente invade meus ouvidos. O som de desespero do meu cavalo corta a noite, fazendo meu corpo enrijecer. O zurro gritante e o cheiro de sangue enchem o ar. Muito sangue, quente na atmosfera fria do deserto. Arrisco olhar para trás enquanto corro.

É uma cena horrenda. O samroc pegou o animal em que eu estava montado, mas não consegue levantar voo segurando um cavalo daquele porte, então o bicho

está lutando pela própria vida, sua pele se rasgando enquanto ele tenta escapar. A bile sobe pela minha garganta. Eu me viro e me concentro nos portões de Tile.

Mikail me puxa pelo braço e começa a correr em direção ao norte, para longe da estrada, mas eu protesto. Não há nada ao norte. Eu quero ao menos tentar chegar a Tile, *tentar* escapar com vida. Os samroc não chegam perto dos centros comerciais, e além disso, talvez possamos encontrar ajuda mais à frente na estrada.

— Dá pra parar de me aporrinhar enquanto estou tentando salvar sua pele? — rebate ele. — Tem um túnel lá na frente.

Forço a vista, analisando os relevos dos rochedos na escuridão. Então vejo uma abertura, tão distante que mal a enxergo. Ainda está longe de nós, mas é muito mais próximo do que os portões de Tile.

Corremos freneticamente pela areia. Tudo o que me resta é torcer para que a ave esteja satisfeita com o cavelo. Ainda ouço o bicho zurrando — porém mais baixo, como se estivesse sendo comido vivo. Além disso, há também o ruído de prazer do samroc digerindo sua refeição.

É o pior som que já ouvi na vida. Se eu fosse menos corajoso, teria borrado as calças.

A areia é fina e profunda, voando por toda parte enquanto corremos. O que eu não daria para andar em um chão de terra batida ou até mesmo de grama. Entretanto, nós nos aproximamos do túnel. Agora já consigo ver a abertura por inteiro. Deve estar a pouco mais de dez metros de distância.

De repente, o ar fica tenso. Asas descem em nossa direção com uma lufada de fedor animal. Um segundo samroc. Porra, não é possível! Achei que fossem criaturas solitárias, e que eles caçavam sozinhos.

Mikail grita, e é como se o som dilacerasse minha alma. Ele cai para a frente, tentando sair do caminho enquanto o samroc tenta agarrá-lo.

Meus deuses do céu, o cheiro. Eles têm um odor horrível de ave misturado com sangue. Como se fossem a morte com asas. E agora um quase agarra Mikail. Ele rola para longe, mas o pássaro aterrisa.

Levanto a besta e me equilibro. Puxo o mecanismo, miro no coração da fera e atiro. Espero que ela caia no chão, que grunha de dor.

Nada.

O virote da minha besta ricocheteia no peito da ave, sem lhe causar qualquer dano.

Fico boquiaberto. As histórias de bêbados que ouvi nas tavernas de Outton eram reais: as penas fazem os samroc serem impenetráveis de verdade. Só que isso não é possível. Estou a quinze metros de distância. Meu virote deveria tê-lo atravessado.

Agora chamei a atenção do bicho enquanto Mikail está deitado no chão. Ele geme de dor, deve estar machucado, mas suspiro aliviado por ainda estar vivo — ao menos por ora. Quero que ele se arraste para longe daqui. Torço para que ele se mexa e vá para a entrada do túnel, mas não sei se consegue fazer isso sozinho. De qualquer forma, posso tentar distrair o samroc e ganhar tempo para Mikail.

Dou um passo para trás e recarrego a arma. Levo a besta ao ombro de novo, respiro e atiro. Desta vez, acerto o pescoço do animal. É um tiro tão certo que teria sido o bastante para abater qualquer outra criatura, mas não faz nada com o samroc.

A descrença e o choque me assolam. Estou tão próximo, mas, mesmo assim, o virote simplesmente cai no chão. O pássaro dá um passo na minha direção. Eu me inclino para trás, mas não posso correr. Eu *quero* a atenção dele, embora esteja me sentindo mais vulnerável do que nunca no momento.

Então Mikail geme e a ave gira a cabeça acompanhando o som. As penas iridescentes do seu pescoço brilham à luz do luar, marcando a plumagem de uma samroc fêmea. O macho se satisfaz com o cavalo que abandonei, mas ela quer levar Mikail para o ninho. Com vida.

Não.

O sangue corre de tal maneira que faz meu corpo ficar quente como fogo. Olho em volta, procurando desesperado por outra arma. Uma distração. Qualquer coisa.

Eu. Só resta eu.

— Ei! Aqui, sua filha da puta! — grito, balançando os braços no ar e pulando. Chego até a atirar no pássaro de novo. Miro na asa dobrada, torcendo para as penas serem mais finas nas juntas. De novo, nada.

Mikail começa a se arrastar. Ele avança uns dois metros, mas a ave cobre a distância com um único passo, e abre o bico.

Não.

Em pânico, recarrego a besta de novo, mesmo sabendo que meus virotes não farão nem cócegas no animal. O desespero toma conta de mim, meu estômago se revirando diante do meu fracasso iminente. Sou inútil. O bicho está coberto de penas até os dentes... quer dizer, até o bico. Não há nenhum ponto fraco no corpo da samroc fêmea no qual eu possa atirar. Já tentei todos. Mas, espera... Os olhos! Os olhos nunca estão protegidos. Só que preciso acertar olhos escuros em meio a penas escuras durante a noite escura. É um tiro impossível.

Limpo o suor da testa com as costas da mão e respiro fundo para me acalmar. Depois, solto o ar. Eu, meu arco e meu coração. O vento fraco. O céu iluminado. E um monstro. Não, um alvo. Procuro o reflexo da lua nos olhos da samroc. Assim que o localizo, miro e atiro.

O animal emite um som que faz o chão tremer. O grasnido reverbera pelo meu corpo, sacudindo tudo. O barulho é tão alto que caio de joelhos e cubro os ouvidos com as mãos. A dor do grito é inacreditável, intolerável. Por fim, acaba, mas ainda há um zumbido em meus ouvidos.

Levanto a cabeça. Consegui! Acertei a samroc bem no olho! Experimento novamente a sensação exultante de caçar. Vitória. Sucesso. Mas não demora até que a sensação boa seja substituída pelo medo — porque a samroc ainda está vivíssima. Mesmo no olho, o tiro não a matou. Só consegui irritá-la e ainda atraí a atenção dela e de seu parceiro.

Meus deuses do céu.

Largo a besta para trás e me levanto. Cambaleio pela areia, fazendo os grãos voarem. Mikail. Preciso chegar até ele. Cada passo sofrido parece um quilômetro. Parece levar um ano, mas finalmente, chego até Mikail e o carregamento nas costas. Ele é muito, muito pesado. Ele tem dez centímetros a mais do que eu e é muito mais musculoso.

Ainda assim, corro com ele nas costas até a abertura do túnel. Está tão longe, mas faço minhas pernas continuarem se mexendo, avançando. Cinco metros até a entrada. Três. Dois. O cheiro do animal misturado com o de sangue segue no meu encalço, mas estamos tão perto.

Um metro.

Sem delicadeza ou qualquer cuidado, jogo Mikail para dentro do túnel e tento entrar logo depois dele. A ave agarra a parte de trás da minha camisa com o bico. O hálito quente e o odor são insuportáveis. Ela me pegou. Porém, sinto os braços de Mikail ao redor do meu corpo. Ele me puxa para junto dele, o que faz minha camisa rasgar. Estou livre.

Rolamos numa mistura de corpos e areia pela descida do túnel e só paramos quando batemos numa parede. A samroc tenta enfiar o bico pela entrada do local, mas é grande demais e não consegue nos alcançar.

Frustrada, a fera grita, fazendo o túnel tremer. Cobrimos os ouvidos, mas parece ser em vão. O som é amplificado pela acústica do lugar. Minhas mãos não servem de nada para abafar a dor em meus tímpanos.

Por fim, o barulho cessa e a ave bloqueia nossa visão das estrelas com o olho bom que lhe resta, nos encarando. É uma visão terrível que me faz arrepiar por inteiro. Por mais estranho que pareça, sinto que o animal vai se lembrar de mim. Que a lenda que ouvi sobre esses pássaros terem ido atrás de toda a família daquele homem era verdadeira.

CAPÍTULO ONZE

MIKAIL

TÚNEIS, FALLOW

Sabe, levando em consideração tudo pelo que acabamos de passar, acho que não gosto muito dos samroc, não.

Estou deitado de lado no túnel cheio de areia, sangrando e todo quebrado. Euyn está deitado do meu lado, e sua respiração está ofegante.

Ele me salvou. Arriscou a própria vida para distrair a samroc fêmea para que eu tentasse fugir, depois me carregou quando eu não consegui andar.

Nunca subestime a capacidade de uma pessoa de te surpreender.

Digo com toda a certeza do mundo que o príncipe que eu conhecia nunca teria arriscado sua vida pela minha, mas Euyn ofereceu a vida dele aos deuses hoje. E aqui estamos nós.

Não sei quantas vezes vou escapar da morte — espero que ainda mais do que já consegui —, mas a esta altura já devo ter feito umas sete ou oito vezes. No fim, o Lorde Yama, o Rei dos Infernos, vai vencer, mas não vai ser hoje.

— Mikail! Mikail, você está bem? — pergunta Euyn.

Sua voz tem um tom desesperado e de urgência que nunca ouvi. Acho que ser banido para Fallow e quase morrer várias vezes realmente fez com que ele mudasse.

Quem diria que essas coisas dariam conta do recado para que ele mudasse?

— Tinindo — respondo.

Minha voz está rouca, ou por causa da areia do deserto ou pela experiência de quase morte. Bem, provavelmente as duas coisas.

Eu quase consigo sentir a carranca de Euyn. Ele não gosta quando faço pouco caso dos problemas, mas chegamos perto de virar comida de passarinho, e agora estou sangrando até a morte num túnel escuro que pode muito bem ser a toca de algum animal. Não é motivo para dar risada, e justamente por isso é que devemos rir.

— Sério, como você está? — insiste ele.

— Bastante preocupado que essas marcas de garras causem um impacto na minha beleza — respondo.

Tento ficar de pé, mas *pelo brilho das estrelas*, não foi uma boa ideia.

— Espera, não se levanta — diz ele.

Euyun tem razão de se preocupar. Estou tonto e com tanta dor que nem a sinto por completo. Minhas costas estão ensopadas a ponto de parecer que peguei chuva, mas não é isso. É meu próprio sangue. Não é a melhor das situações, mas já passei por coisa pior e sobrevivi. Vou sobreviver a isso também.

Empunho a espada. Ela está tão pesada quanto os Dez Infernos, mas a lâmina obedece, acendendo em chamas e iluminando o ambiente. O túnel é enorme. Alguém, ou alguma coisa, construiu isso aqui. Compreensível, considerando as feras da região que caçam no ar, mas espero que não haja mais nada aqui. Não estou no clima para brigar nem mesmo com uma coruja.

Estou trêmulo. Ser caçado por um animal que queria minha carne... não foi nada agradável.

Por sorte, Euyun está melhor do que eu. Trôpego, ele pega uma tocha na parede e usa minha espada para acendê-la antes que a chama se apague. O óleo envenenado da bainha garante uma chama de mais ou menos um minuto antes de se extinguir — o truque está na própria bainha, ao contrário da genuína Espada Flamejante do Lorde Dragão.

Que bom que não preciso segurar o peso da lâmina, pois meu braço começa a tremer. Ao mesmo tempo, é um ótimo sinal de que eu consigo mexer os membros.

Agora, com a caverna iluminada, consigo olhar ao redor. Por mais que Fallow seja uma terra sem lei, foram deixados tochas e jarros de água no túnel para que outros viajantes sobrevivam. É o melhor tipo de bondade — aquele que não espera por nada em troca.

Encaro os jarros de água e caio de joelhos. Perdi muito sangue. A caverna está girando.

— Mikail! — grita Euyun.

De onde estou no chão, eu o vejo revirar minha bolsa em busca do meu kit de primeiros socorros. Cada soldado tem um. Laoli para a dor, torniquetes, ataduras, um frasco com álcool para desinfetar feridas e o mais importante no momento: agulha e linha para suturar pele dilacerada. Estou brincando, é óbvio, a laoli é o mais importante.

Euyun me entrega a bolsinha com o medicamento. É um analgésico forte derivado da planta do charme que só pode ser cultivada em Gaya. Minhas mãos tremem de tanta ansiedade para que a droga faça efeito. Geralmente fico longe de remédios pesados, mas esse não é o momento para ter princípios. Na verdade, há poucas situações em que ter princípios serve de alguma coisa.

Depois de sugar o pólen da planta, tento relaxar. Aperto a bolsinha de veludo na mão.

— Melhor assim — digo.

Euyun espera alguns minutos para que a droga faça efeito, andando de um lado para o outro, preocupado. Ele teme por mim, mas também se assusta e estremece com cada barulhinho. Pelo visto a paranoia dele sobreviveu ao exílio. Agora que consigo ver melhor, o túnel está quase fechado. Qualquer coisa pequena o bastante para passar pelos buracos não será o suficiente para considerarmos uma

ameaça, e qualquer coisa que tente entrar estará à nossa mercê. Estamos seguros aqui.

Provavelmente.

— Está pronto? — pergunta ele.

— Na medida do possível — digo.

— Quero saber se o remédio já fez efeito. — Euyun me examina, embora não seja curandeiro.

— *Nil* — respondo.

Nesse caso, significa que não estou sentindo dor. O que não é verdade, evidentemente. Tenho uma tolerância absurda a laoli, mas Euyun acredita em mim. Ele tem o costume de acreditar nas minhas mentiras.

O príncipe arranca minha camisa e joga quase toda a água do jarro em minhas feridas para higienizá-las. Dizer que é uma situação desagradável é um baita de um eufemismo. Meus dedos agarram a terra com força, deixando marcas de unhas como um animal lutando pela própria vida. No entanto, a droga começa a *realmente* fazer efeito no meu organismo e as coisas começam a melhorar. Só que, no estado em que estou, eu precisaria de muito mais do que só uma bolsinha para conseguir o alívio necessário.

A planta encantada é uma bênção e uma maldição. O poder de atenuar a dor é, sem dúvida alguma, um presente dos deuses, mas ela acabou com a minha nação. Foi por causa da planta encantada que Gaya foi colonizada e, como ela não cresce fora de lá, Yusan nunca renunciará à ilha. E, por conta *disso*, há pobreza e violência dentro e fora de Gaya.

Contudo, o pólen da planta encantada causa apenas um estupor leve. Foi a destilação e a fermentação que criaram a laoli — a droga analgésica viciante. A produção de laoli enche os cofres da realeza, então eles não têm interesse algum em regulamentar a produção. Inclusive, o rei Joon incentiva o uso. Tem laoli nos kits de todos os soldados por um motivo.

Euyun não sabe que sou gaiano, óbvio. Ou que seu irmão assassinou minha família quando colocou um ponto-final à rebelião em nossa ilha, dezenove anos atrás. Ele acha que sou de Yusan, como ele. Ninguém sabe quem sou de verdade porque menti a vida toda — para Euyun mais do que para qualquer outra pessoa. Às vezes me pergunto se ele teria me amado da mesma forma se soubesse a verdade, mas algumas perguntas não merecem ser feitas.

Euyun começa a passar álcool em minhas feridas, queimando a agulha para esterilizá-la. Depois sutura e trata de todos os danos causados pela samroc.

— Ainda sou belo como o diabo? — pergunto para quebrar o silêncio.

— Mais — diz ele, antes de pigarrear e voltar a costurar minha pele.

Ah, então ele ainda não me perdoou.

O problema de Euyun não é não confiar em mim. Para ser sincero, está certo em não confiar. A questão é que ele guarda rancor de mim porque tem o coração de um romântico sonhador. Como o lindo filho caçula do antigo rei, Euyun foi paparicado e mimado a vida toda. Ele esperava que o amor fosse como nos livros, como nas peças apresentadas à realeza.

Embora eu tenha certeza de que ele nunca admitiria isso, Euyun esperava que eu invadisse a Prisão do Ócio — a masmorra política que fica embaixo de um lago cheio de monstros e literalmente o lugar mais protegido em Yusan — para salvá-lo. Como não fiz isso, ele deduziu que eu não o amava.

Não sei de que ele achava que ia adiantar nós dois acabarmos mortos. Às vezes a vingança é um jogo lento e, por mais que se queira saborear o gostinho da conquista de imediato, o sucesso da missão precisa de tempo para se manifestar.

Sou um homem de poucas virtudes, mas a paciência é uma delas.

Não demora para que Euyun termine e eu esteja novo em folha. O que é obviamente mentira. Estou enrolado em ataduras com dezenas de suturas, mas acredito que não sangrarei até a morte. Com a laoli amenizando a dor, vou considerar isso uma vitória.

Quando eu era criança, vivia correndo pelos campos de plantas encantadas, o que aumentou minha tolerância ao seu pólen, mas fazia tanto tempo que eu não a consumia, que a dose realmente começa a fazer efeito. O uso prolongado da laoli pode enlouquecer uma pessoa, mas isso não me preocupa. Duvido que eu vá viver o bastante para que essa seja uma preocupação plausível.

— Vale a pena sair e procurar nossas coisas? — pergunta Euyun, olhando para a abertura do túnel.

Olho para ele esperando por uma risada, mas parece que está falando sério. Inesperado. O príncipe mais jovem de Yusan nunca teria ligado para algumas armas, uma frigideira e roupas velhas, mas parece que agora Euyun se importa. E profundamente, pelo visto. Preciso admitir que gosto mais desta nova versão dele do que da antiga, mesmo que tenha perdido o juízo no momento.

— Quer se arriscar de novo com um samroc? — pergunto. Ele estremece, com os olhos arregalados. — Vamos esperar amanhecer.

— O que fazemos até lá, então? — questiona ele.

— Podemos jogar uma partida de tuhko — respondo. Ele inclina a cabeça para o lado, confuso. Parece que Euyun ainda não entende sarcasmo quando está sob estresse. — Dormimos, Euyun. A gente dorme.

— Durma você — sugere ele. — Eu... eu fico de vigília.

Em algum momento do seu tempo de exílio, Euyun aprendeu a se importar de verdade com outras pessoas. Ele continua a me surpreender. É uma das coisas que mais amo a respeito dele.

A última coisa que eu queria fazer na vida era amá-lo, óbvio. E por mais atraído que eu me sentisse por ele, Euyun era insuportável no palácio. Nunca imaginei que corria o risco de me apaixonar por ele, mas o amor tem um jeito estranho de te pegar quando você menos espera. Começou como uma atração puramente física, e então ele conquistou meu coração aos poucos. Eu amava analisá-lo e ainda assim não conseguir prever suas reações. Quando ele me surpreendia demonstrando carinho, bondade ou ternura, eu ia me apaixonando. Quando dei por mim, já o amava. E nem me importava com o fato de ele ser um homem cruel, porque, no fim das contas, não somos todos?

Ele se senta ao meu lado com as pernas estendidas.

— Apoia a cabeça no meu colo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Já ouvi isso antes.

Ele revira os olhos.

— Vai ficar mais confortável. Você não devia dormir com a cabeça no chão.

Com a ajuda dele, coloco a cabeça sobre suas pernas. Ele tem razão. É mesmo mais confortável.

Estou deitado de bruços, mas levanto o rosto para olhar para ele.

— Senti sua falta, sabia? — admito.

Ele me olha desconfiado, mas não consegue resistir à vontade de passar a mão pelo meu cabelo.

— Vai descansar, vai.

Euyn rapidamente tira a mão do meu cabelo, como se não se permitisse ter um momento mais íntimo comigo. Ele acha que sou o vilão da nossa história. Que vou traí-lo só porque já fiz isso antes. Porque minto com a mesma facilidade com que respiro. E todo esse julgamento do meu caráter me parece muito injusto.

Por mais certo que seja.

Com Euyn do meu lado e a laoli no meu organismo, pego no sono, cheio de ataduras e tentando sobreviver à noite. Por enquanto, salvamos um ao outro. Amanhã, podemos nos apunhalar pelas costas.

Vai saber.

CAPÍTULO DOZE

ROYO

CIDADE DE UMBRIA, YUSAN

O diamante que Aeri deixou na mesa era verdadeiro.

Não consegui pregar o olho ontem à noite, então levei a joia até um cara de confiança ao amanhecer. Ele trabalha no distrito das joias e me garantiu que valia cinquenta mil muns, e em seguida me ofereceu comprá-la por quarenta. Babaca. Com relutância, devolvi o diamante a Aeri quando a reencontrei na estalagem Botina Preta uma badalada atrás. Devolver tanto dinheiro assim não foi uma tarefa fácil, mas acreditei quando ela disse que o roubaria de volta caso eu não devolvesse. E é possível que eu estivesse um tanto curioso em relação à garota.

Quando aceitei levá-la a Tamneki e mantê-la segura, Aeri correu para os meus braços, seu corpo esbelto se prendendo ao meu feito vinhas numa parede de tijolos. Foi uma sensação... Deixa pra lá. Eu logo a afastei de mim. Que tipo de pessoa faz isso? Mesmo assim, ela ainda deu pulinhos de felicidade. Sorridente. Alegrinha. Só pode ter algo de errado com ela. Ninguém é feliz em Umbria.

— Que bom que você chegou mais cedo — disse ela. — Preciso da sua ajuda com algumas *coisas*.

Mantive minha lâmina perto de mim, preparado, mas então vi que ela tinha cinco baús à espera no saguão. Cinco. Cada um do tamanho de um homem adulto. E ela precisava da minha ajuda para carregá-los.

O dinheiro já não estava compensando.

No entanto, aqui estamos nós, numa carruagem a caminho do Ponto de Sucessão, o porto onde as embarcações chiques recebem carga. Ele não fica muito distante — é no extremo sul de Umbria, talvez uma caminhada de quinze a vinte minutos —, mas não tínhamos a opção de ir andando por causa das tralhas que Aeri está levando.

Não é sempre que pego uma carruagem, muito menos uma particular. Os assentos de veludo são bastante luxuosos, ainda que flexíveis demais para o meu gosto.

Às vezes, um mercador pede para me encontrar num coche para não ter que arriscar ser visto comigo, mas é raro. Nunca peguei um só por pegar. Se bem que essa situação toda com Aeri não tem nada de normal.

Minhas propostas de trabalho geralmente vêm de homens encapuzados, que

ficam checando seu entorno o tempo inteiro em busca de algum perigo, não de garotas usando vestidos justos e me convidando para tomar chá tarde da noite.

E acho que cabe dizer que ela é, *sim*, bonita. Além de superestranha e amigável até demais. Olho ao redor da carruagem quando faço contato visual com ela sem querer.

— Você tem algum bichinho de estimação? — pergunta ela.

Como é que é?

— Por quê?

Ela dá de ombros.

— Companhia, acho. Sei lá — explica ela.

Aeri tamborila um dedo nos lábios. Sua boca é pequena, com o lábio inferior carnudo. O canto de seus olhos é inclinado para cima. São olhos lindos. Não que importe. É só que Yuri tinha razão a respeito dela.

— Para dar um jeito nos camundongos, se for um gato — acrescenta ela. — Ou para ficar de guarda, se for um cachorro, talvez?

— Não, eu quis dizer por que a pergunta? — Cruzo os braços sobre o peito e me recosto no banco.

— Ah, só pra saber.

Ela cruza as mãos sobre o colo, mas ainda assim não consegue ficar parada, então alisa o vestido creme. Tento não observar suas mãos, mas é inevitável. Seu vestido, assim como o que usava ontem, fica justo em seu corpo. Ele é curto e valoriza suas pernas, mas dessa vez é de gola alta. Deve ser a moda de onde ela vem. Por mim está ótimo assim.

— Não tenho animal de estimação — digo, mas sai mais como um resmungo.

— Eu também não. — Ela olha pela janela com uma expressão sonhadora. — Mas teria, se pudesse. Provavelmente dois cachorros e um gato. Talvez dois gatos, além dos dois cachorros. Isso é, se eu tivesse uma moradia permanente, entende? Talvez quando este trabalho acabar, quem sabe.

Estamos viajando sozinhos nesta carruagem, então agora me parece um bom momento para perguntar.

Eu me inclino no banco, apoiando os cotovelos nos joelhos, e falo:

— Então, deixa eu ver se entendi. O plano é você cruzar o Lago do Ócio sem ter sido convidada, o que significaria navegar por conta própria e por algum milagre sobreviver aos iku na água, depois passar pelos milhares de guardas do Palácio de Qali, encontrar o rei, arrancar sua coroa e... virar as costas e *ir embora*?

Decidi não me importar mais com a situação enquanto contava o ouro pela segunda vez ontem à noite, já que não conseguia dormir. Mais de cinquenta mil. No entanto, enquanto contava, eu me forcei a não me importar com Aeri ou com qualquer que seja o trabalho que ela tem de realizar. Não vou fazer isso. Vou ganhar meus cinquenta mil de qualquer forma, e é exatamente a quantia de que preciso. Contudo, Aeri ofereceu me pagar o dobro se concluir o trabalho, e a possibilidade de ganhar cem pilas me obriga a pensar sobre minha sorte nesse esquema. Cem mil muns pagaria minhas dívidas e mudaria meu destino.

Aeri balança a cabeça.

— Ah, não, no palácio não daria certo.

— Então onde?

Depois da tentativa de assassinato em Umbria, o rei não sai mais do palácio. Acredito que mesmo se a coroa fizer dele um deus imortal, ele ainda pode sentir dor. Ser imortal é o que diferencia um deus de nós, meros humanos. Então, ele fica no Palácio de Qali, que é praticamente inacessível. Que bom que Aeri não está cogitando ir até lá. Só que, se não no palácio, então onde?

Aeri dá de ombros.

— Não sei ao certo.

Passo a mão no rosto.

— Mas *vou* descobrir — ela se apressa em completar. — Só não sei *ainda*. Quando encontrarmos o mestre-espião, ele vai nos dizer.

— Estamos indo encontrar o mestre-espião? — Arqueio as sobrancelhas com tanta rapidez que meus olhos doem. Essa informação é novidade.

Ela me olha.

— Sim. O plano é dele. Eu sou uma só, não consigo assassinar um rei.

Tento pensar em alguma resposta, mas essa foi a coisa mais inteligente que ela já disse até agora. Seja como for, acho perigoso ter outras pessoas sabendo do nosso plano, ainda mais um espião de confiança da coroa. E se for uma armadilha?

— Tem mais gente nesse esquema? — pergunto.

— Sei lá... — responde ela, dando de ombros.

Mais uma vez, ela volta a falar como uma criança de rua. Percebi na noite passada como ela oscila entre falar como uma dama recatada e soar como uma batedora de carteiras arrogante. Tem algo de errado com Aeri, mas por cem mil eu posso fazer vista grossa para muita coisa.

— Acho que vamos precisar de muito mais do que só duas pessoas para assassinar um rei — acrescenta ela. — Mas você vai ter que perguntar a ele.

— E se o mestre-espião te trair?

Ela inclina a cabeça.

— É por isso que você está aqui.

Resmungo e cerro as mãos em punhos. Assassinar um mestre-espião da coroa, o que seria quase impossível, significa passar o resto da vida sendo caçado, fugindo. Porém, acho que é por isso que ela está disposta a me pagar tanto dinheiro. Mesmo assim, não gosto de ser pego desprevenido.

Balanço a cabeça.

— Não achou que seria de bom-tom fazer uma pergunta ou outra depois de te oferecerem meio milhão de muns por um único trabalho? — pergunto.

Ela retribui meu olhar com uma cara feia.

— Quantas perguntas *você* me fez?

Fico em silêncio. Agora ela me pegou. Uma sensação estranha me preenche. Um certo respeito. Estou quase impressionado com a ousadia dela, com o fato de ela não ter medo de mim, e ter me colocado contra a parede por também não ter feito perguntas. Contudo, antes que eu possa dizer alguma coisa, a carruagem

para. Nossa curta corrida até o Ponto de Sucessão terminou.

— Sempre quis viajar de barco! Vai ser divertido! — anima-se ela.

Ela pisca para mim, e eu a encaro boquiaberto.

Eu... Mas o que...?

Aeri dá um pulinho para descer da carruagem, ignorando o cocheiro, que lhe oferece ajuda. Ele me olha, confuso. Fecho a boca e dou de ombros ao descer também. Estou para receber uma fortuna para proteger essa garota. Uma fortuna roubada, mas e daí? E eu... só quero segui-la. Entendê-la. Nada mais.

Sem esforço algum, Aeri se mistura à multidão, então é difícil permanecer em seu encalço. Ela desvia das pessoas com fluidez. Tento imitar seus passos, mas esbarro em alguém a cada metro que ando. Chego até a derrubar algumas pessoas, que ficam irritadas, mas, ao olharem para mim, logo se desculpam e seguem caminho.

Encontro um carregador e o instruo a levar os baús para o nosso quarto... porque, pelo visto, *nós* temos um quarto. Aeri me disse que preciso dormir no mesmo ambiente que ela porque é durante o sono que fica mais vulnerável. Ela tem razão, mas dormir no mesmo cômodo é algo que nunca fiz com uma mulher. Nunca.

E é o que terei de fazer por uma semana. Essa é a duração da viagem do rio Sol até Rahway. Ela até pode durar mais se o tempo não colaborar. O rio nos leva para oeste de onde precisamos ir, mas é mais rápido do que por terra.

— Olá! Sou Aeri. Qual é o seu nome? — pergunta ela quando cruzamos a prancha para entrar na embarcação.

O rapaz das passagens olha desconfiado para ela e a analisa de cima a baixo. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas percebe minha presença e se cala. Ótimo. Ele pega as passagens dela, depois acena para outra pessoa. Um homem mais velho com um uniforme de carregador faz uma reverência para nós e nos leva para um quarto acima do deque.

Ele destranca a porta, e sou incapaz de conter meu espanto. A suíte é maior do que a minha casa, e é luxuosa, com um sofá cor de damasco, uma cama, uma escrivaninha, uma mesa de jantar e um banheiro. Há quadros nas paredes, e o rapaz diz que será nosso criado durante a viagem. Aeri entrega a ele alguns muns de prata sem que ele tenha feito qualquer coisa, e ele se despede de nós com muitas reverências.

Aeri se joga de costas na cama.

— Ah, é assim que eu gosto!

Não olho para ela na cama... não muito. Analiso o cômodo e checo as portas. Que bom que tem um sofá no qual eu posso dormir. Aperto as almofadas. Vai dar pro gasto, e é muito melhor do que o chão.

Há uma pequena sacada privativa do lado de fora. Vou até lá e observo a embarcação e as pessoas entrando a bordo. Só tem oito cômodos como este no navio, além dos aposentos do capitão. O restante das pessoas vai dormir em redes e beliches abaixo do deque. Este quarto deve ter custado uns cem muns de ouro. Talvez até mais.

A garota não tem responsabilidade alguma quando se trata de dinheiro, mas se consegue roubar diamantes de cinquenta mil muns, acho que ela pode pagar por um quarto bacana. No entanto, não consigo entender: por que o mestre-espião precisa dela? Tudo bem, ela é uma ladra excepcional, mas algumas informações não estão batendo.

Eu não deveria ter concordado com isso tudo tão facilmente, mas foi pelo dinheiro — só pelo dinheiro. Não foi pelo sorriso dela, nem por ela dizer que gostava de mim, nem nada do tipo. Eu aceitaria um trabalho do próprio Rei dos Infernos por cem mil muns.

Agarro a grade da sacada e suspiro. Uma parte de mim insiste que eu deveria fugir e ficar em Umbria. Tamneki é um lugar perigoso demais sem saber o que nos aguarda, e eu não posso confiar em Aeri.

Só que, quando eu voltar para a cidade, terei cinquenta mil moedas de ouro em acréscimo às cinquenta mil que troquei por barras de ouro, que estão na mochila às minhas costas. Conseguir juntar cem mil em menos de dez anos é um milagre para um homem como eu, e exatamente o que preciso — se eu conseguir entregar tudo a Savio a tempo.

Antes que eu consiga me dar conta, soltam as cordas e puxam a prancha da embarcação. Nos afastamos da doca, e a tripulação corre para desenrolar as enormes velas brancas. O tecido infla com o vento, e, assim, somos levados para longe do porto. Em seguida, navegamos pelas águas lamacentas.

Conforme a cidade some à distância, tenho a sensação de que esta é a última vez que verei Umbria, mas tento deixar isso de lado e volto para dentro do quarto.

CAPÍTULO TREZE

SORA

CIDADE DE GAIN, YUSAN

Que tipo de roupa se veste para matar um rei imortal?

Estou diante do meu guarda-roupa batucando um dedo no queixo, pensativa. Depois, encho o meu baú com os melhores vestidos e véus, aproveitando a visão da coleção de seda, cetim e tule e, por fim, guardo cuidadosamente meus venenos de ação mais rápida. Veneno doce para sobremesas e vinhos, veneno inodoro e insípido para refeições, e também meus melhores batons envenenados. Escolho os mais tóxicos e exóticos, para os quais não existe um antídoto conhecido, apesar de saber que preciso presumir que há antídotos para todos os tipos de venenos em algum lugar no palácio. Vou ter que encontrar o rei sozinho, preferencialmente fora de Qali, para conseguir ter a mísera chance de escapar com vida.

O baú ainda está aberto, mas me sento na cama e apoio a cabeça nas mãos. Não há saída. Tenho que aceitar o fato de que não vou sobreviver. Nunca mais verei Daysum. Por outro lado, pelo menos ela será uma mulher livre. Eu só queria descobrir o que foi que ela sussurrou para mim antes de partir.

Pingo salta no meu colo. Ele encosta o focinho no meu rosto, e eu o beijo e o abraço. Pagarei Gli para cuidar dele durante minha ausência. Ela vai conseguir um dinheirinho e, assim, Pingo terá companhia. Espero que ela continue a cuidar dele depois que eu morrer, mas não existem garantias neste mundo.

Guardo os venenos que não levarei na viagem numa canastra e a coloco em cima do guarda-roupa, só para o caso de Gli ser uma menina curiosa. Por um instante me preocupo em deixar tanto veneno aqui, mas tenho certeza de que o conde vai fazer uma limpa no chalé quando eu partir. Afinal de contas, tudo pertence a ele.

Ouçõ alguém batendo na porta exatamente ao meio-dia. Tiyung. Olho com tristeza para Pingo e o afago pela última vez, me despedindo. Sei que ele vai ficar bem — ele é um sobrevivente. Tenho minhas dúvidas se eu também sou.

Abro a porta e me deparo com o dito-cujo: o único filho do conde. Ele tem um metro e oitenta de altura, cabelos pretos e o mesmo nariz e ar arrogante do pai. Porém, seus olhos são azuis como os de sua mãe, sua pele é de um marrom mais claro que o do pai, e tem um rosto mais juvenil. Aos vinte e dois, ele é um ano mais velho do que eu, e sua beleza mascara sua crueldade.

— Mande seus criados levarem meu baú — digo.

— Olá para você também, Sora — retruca Tiyung.

Respiro fundo para me acalmar. Eu realmente poderia matá-lo sem violar meu acordo com o conde, mas aposto que Seok inventaria uma punição à altura por eu ter destruído seu império.

Em Yusan, somente filhos homens podem herdar terras e títulos. Se um nobre morre sem descendentes, tudo volta para o cofre do rei. A madame Iseul nos ensinou que tivemos sorte de sermos compradas de nossas famílias porque teríamos sido inúteis como plebeias.

Ela nos contou inúmeras belas mentiras.

— Partimos hoje ou vai ficar aí me encarando? — Arqueio uma sobrancelha e levo a mão à cintura.

Ele balança a cabeça para sair de seu estupor.

— Certo. Por aqui.

O empregado dele abre a porta da carruagem e depois vai buscar meu baú. Dou uma última olhada no chalé que foi meu abrigo pelos últimos três anos — o mais perto de um lar que tive na vida adulta. Em seguida, aceno para madame Balam, minha vizinha, que observa da janela. Meus vizinhos enxeridos acham que sou a meretriz do conde. Não estão totalmente errados.

Tiyung oferece a mão para me ajudar a entrar na carruagem azul-escuro. Eu o ignoro. Não quero tocá-lo. Jamais. Entro e me sento olhando para a frente, o que vai forçar Tiyung a viajar de costas. Contudo, ao me sentar, percebo que não estamos sozinhos e levo um susto. Há um homem desmaiado na minha frente, e o veículo fede a álcool e perfume.

Tiyung entra olhando para mim e logo desvia para o bêbado.

— Uma noite daquelas no distrito do prazer — fala ele, gesticulando para o rapaz.

Franzo o lábio. Tenho nojo dos filhos dos nobres que usam as dívidas dos outros em nome de seu próprio prazer. Eles têm tudo, mas precisam tomar um pouco aqui e ali de pessoas desprotegidas que não podem negar nada aos ricos — meninos e meninas como Daysum que poderiam ser vendidos a casas de prazer.

Então me lembro de que Daysum nunca terá essa vida — não se depender de mim.

— Estava fazendo uma visita ao meu tio hoje de manhã e encontrei Duri num sofá, desmaiado de tão bêbado — explica Tiyung. — Só estou levando-o para casa em segurança.

— Ah, sim, que desgraça seria se alguém se aproveitasse da vulnerabilidade de outro ser humano.

— Pois é, como envenenar um homem que nem sabe que está prestes a morrer, não é? Eu concordo — responde ele.

Olho irritada para ele e depois viro o rosto para a janela. É mesmo uma pena que eu não possa matá-lo.

Sáimos de Gain e seguimos para uma mansão. Não é tão grande quanto a propriedade do conde, mas é nitidamente o lar de um nobre. A carruagem para

embaixo do pórtico da casa. Tiyung chuta seu amigo para acordá-lo. Ele usa tanta força que estremeço, certa de que vai machucar o rapaz

— Levanta. Você está em casa — diz ele.

Duri lentamente recupera a consciência, piscando, depois me encara como se eu fosse o melhor presente que ele já recebeu.

— Oi, bonequinha — balbucia ele, se sentando. Seu cabelo castanho está desgrenhado, e seus olhos vermelhos me analisam de cima a baixo.

— Ela pertence ao meu pai — intercede Tiyung. — E precisamos seguir caminho.

Duri esfrega as mãos nos olhos. Sua camisa está amassada, só metade enfiada para dentro da calça, contrastando com a pele negra. Deduzo que ele tinha um casaco, mas o perdeu.

— Quê? — pergunta ele.

— Sai — responde Tiyung. Ele encara o amigo com frieza, e eu faço uma careta. Ele é igualzinho ao conde.

Duri ergue as mãos.

— Valeu pela carona.

— Tenha mais decência — rebate Tiyung. — Você não quer que suas saídas cheguem aos ouvidos do lorde Kang.

Presumo que seja o pai dele, pois a ameaça é bastante óbvia. Duri endireita o corpo e faz uma reverência com a cabeça.

— Tiyung-si.

O “si” é um acréscimo direcionado aos nomes dos nobres como sinal de respeito. Quase nunca é merecido.

Duri cambaleia para descer da carruagem, e nós partimos.

— Um lorde — resmunga Tiyung.

— Legal o seu amiguinho — ironizo.

— Ele não é meu amigo. É só outro rico.

Tiyung tira o casaco e o coloca no banco, que agora está vazio. Fico surpresa pelo tanto que o corpo dele mudou. Todos os homens de Yusan precisam servir no exército por dois anos. Tiyung voltou de lá recentemente, e agora sua aparência está longe da do menino que conheci, tendo se tornado um homem. Assim como o conde, aposto que muitas pessoas acham Tiyung atraente, mas eu sei bem o verme que ele é de verdade.

— Se ele não é seu amigo, por que se importa tanto com ele bêbado na casa de prazer do seu tio? — pergunto.

— Porque agora ele vai ficar em dívida comigo por tê-lo deixado em casa com discrição. Não tenho amigos de verdade, Sora. Amizades requerem confiança.

— Eu já tive amizades verdadeiras — falo. No meu vilarejo ao norte, e depois na escola de venenos. — Seu pai se certificou de que eu perdesse cada uma delas.

Tiyung se inclina em minha direção e apoia os cotovelos nas pernas.

— Não sei por que você acha que comigo é diferente. Estar em casa é um constante lembrete.

Os olhos azuis dele ficam intensos por um momento, e então ele retorna à

expressão indolente de sempre. Porém, o jeito como ele falou me fez compreendê-lo. Percebo, então, que o estou analisando demais. Eu deveria parar de esperar profundidade de uma poça.

— Devíamos evitar a cidade de Use a caminho de Tamneki — sugiro, olhando pela janela.

— Por quê?

Gesticulo com as mãos. É óbvio que Tiyung sabe que sou uma donzela venenosa. Ele sabe que pertenço a seu pai, assim como Daysum, e que mato em nome do conde. Só que ele não sabe dos detalhes, e não faz questão de saber.

— Um trabalhinho em Use? — indaga ele.

Eu o encaro.

— Não importa — responde, abanando a mão. — Não vamos para o leste. Estamos indo para o norte.

Gain e Tamneki são cidades situadas na costa curva de Yusan. Gain fica no Oceano do Oeste, Tamneki fica um pouco para o nordeste, e Leep é bem no meio.

— Vamos por Leep, então? — pergunto.

— Rahway.

Inclino a cabeça, me perguntando se ouvi direito. Ele não pode estar falando sério.

— Rahway? — repito.

Ele faz que sim.

Tanto Rahway quanto Leep ficam ao norte de Gain, mas Rahway fica a um sunsae a oeste de Tamneki. Não faço ideia do porquê estamos indo para lá. Não faz sentido algum.

— Meu pai instruiu que seguíssemos para lá e aguardássemos por mais instruções.

Ah, que ótimo. Eu me remexo no banco. Não gosto nada disso — não gosto de mudanças súbitas de planos. Já tenho que descobrir como matar um deus-rei, não preciso de mais enigmas.

— Por quê? — pergunto.

— Sora, você sabe melhor do que ninguém que meu pai não revela suas motivações. Ele espera que obedecemos e pronto.

— Você fala como se não tivesse escolha.

— Tenho menos do que imagina. — Ele sorri para mim, e algo em seu rosto me faz acreditar nele. Deve ser a dor em seus olhos.

A conversa termina quando lembro que não deveria gastar minha empatia com Tiyung. Odeio que ele finja ser charmoso ou amigável ou tente estabelecer qualquer conexão entre nós. Odeio o fato de quase cair no papinho dele só porque tem ombros largos e maxilar definido. Ou talvez porque eu queira muito um amigo.

No entanto, ele nunca poderá ser meu amigo. Perdi tudo porque o conde queria aumentar a riqueza de Tiyung e o que ele irá herdar. E foi Tiyung quem agarrou meu braço e me arrastou pela floresta de Xingchi depois de me capturar,

enquanto eu implorava para ele me soltar. Enquanto eu lhe contava que seu pai tinha comprado vinte garotas — vinte! —, as envenenado e vendido seus irmãos e suas irmãs para casas de prazer quando as garotas morriam uma a uma. Enquanto eu contava que fui uma das poucas sobreviventes. Odeio o fato de ele não ter esboçado reação alguma naquele dia. O fato de ele não dizer nada e apenas continuar me levando adiante até voltarmos a Gain.

Contudo, sei que cada um de nós têm ordens a seguir. Eu poderia até perdoá-lo, porque afinal de contas ele só fez o trabalho sujo mandado pelo pai, mas assim que chegamos na mansão do conde, Tiyung fez algo que me fará odiá-lo para todo o sempre.

Foi ele quem açoitou Daysum. Ele que disse “É só isso?” quando o conde ordenou que parasse.

E então, decido: quando Daysum estiver em liberdade, vou matar Tiyung e enviar sua cabeça em uma cesta para o conde.

CAPÍTULO CATORZE

EUYN

CIDADE DE TILE, FALLOW

Acordo na estalagem Canoa, na cidade de Tile, na tarde do dia seguinte. Não me lembro se sonhei. Estava tão exausto que caí na cama e apaguei imediatamente. Entretanto, suspeito que passarei anos tendo pesadelos com os samroc — isso se eu viver tanto assim. Não parece que terei que me preocupar com uma vida longa, pelo jeito como as coisas estão indo.

O quarto tem uma temática náutica. Suponho que o dono da pousada não dê a mínima para o fato de estarmos longe de qualquer rio ou oceano. Levanto a cabeça, esperando encontrar Mikail desmaiado na outra cama, mas ela está vazia e arrumada. Levo um susto e me sento, olhando ao redor.

Cadê o Mikail? Será que aconteceu alguma coisa com ele? Será que foi capturado? Ou pior: será que me deixou de novo?

Meu coração está martelando, mas suspiro aliviado quando o vejo sentado no sofá próximo à mesa. Ele sorri quando nosso olhar se cruza e, de repente, me lembro de quando aquela samroc o capturou. Não tive tempo de processar enquanto a situação se desenrolava, mas eu podia ter perdido Mikail para sempre. E, embora eu não soubesse como voltaria a vê-lo, parte de mim sempre soube que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria. Que a nossa história não tinha acabado. Só que uma criatura noturna quase colocou um ponto-final em tudo. Se Mikail não tivesse o kit de primeiros socorros de soldado, se seus reflexos não fossem incríveis, se eu não fosse tão bom de mira, se eu tivesse demorado alguns segundos a mais ou me sentido mais fraco, ele poderia ter sangrado até morrer ou ter sido levado pelo animal. Qual seria o sentido da vida, então?

Nenhum. Minha vida não teria sentido algum sem ele.

Pelos deuses, eu ainda o amo. Tanto quanto antes. Talvez até um pouco mais. Solto um resmungo. Só eu, o maior caçador de Yusan, me apaixonaria perdidamente pelo homem que nunca pode ser capturado, que nunca pode pertencer a alguém.

Mas que destino, hein?

— Bom dia, raio de sol — diz ele. — Consegui nossa refeição, ataduras novas e o melhor de tudo: mais laoli.

Ele balança no ar duas bolsinhas de veludo contendo a droga.

A laoli é extremamente viciante. Quando eu tinha quinze anos, perguntei a Joon por que havia doses da droga nos kits de primeiros socorros dos nossos soldados, e a resposta dele foi: “Concentre-se na sua caça, Euyn, e deixe o país comigo.” Em seguida o ouvi dizer para a nossa irmã que seria um perigo se um dia eu pensasse em qualquer coisa além da próxima pessoa que levaria para a cama. Ela riu como se tivesse sido uma piada incrível. Hipócritas.

Na verdade, meu meio-irmão e minha meia-irmã. Minha mãe foi a segunda esposa do rei — a dama com quem ele se casou depois da morte da primeira rainha. É por isso que sou vinte anos mais novo que Joon e por isso ele e Quilimar nunca me respeitaram.

Quando nasci, Joon já era o herdeiro do meu pai, e Omin, seu substituto. Não fui nada mais que um peso extra, e meus irmãos faziam questão de mostrar isso para mim.

Depois... Não sei. Se eu só ia ser visto como um príncipezinho marrento e preguiçoso, por que ter a ambição de ser qualquer outra coisa? Por que me importar com outras questões?

E então Mikail apareceu.

— Cuidado com isso aí — digo, observando a bolsinha com laoli.

— Com o almoço? Saiba que sou um especialista em almoços — brinca Mikail. Ele sorri, mas não é sincero. Ele deve estar sentindo uma dor horrível. Fiz as suturas o melhor que pude, mas não sou um curandeiro profissional, e eu estava sob a luz de uma tocha.

— Mas, tecnicamente, está mais para *jantar* — acrescenta ele.

Olho para o relógio. Meus deuses do céu, são cinco badaladas.

Fiquei de vigília a noite toda, quase acordando Mikail algumas vezes depois de ouvir ruídos ecoando nos túneis ligados à caverna. Só que, embora eu estivesse preparado para um confronto com a espada embainhada, ninguém se aproximou, então o deixei dormir.

Ao amanhecer, consegui encontrar o cavalo dele, que tinha sobrevivido ileso do ataque dos samroc. Tive vontade de beijar o animal quando peguei suas rédeas. Todos os nossos pertences estavam a salvo, e ainda encontrei minha besta enterrada na areia. No entanto, só o que sobrou do outro cavalo foi sua carcaça. Ele estava sendo dilacerado pelos abutres do deserto quando saí do túnel. Eu os afugentei, parecendo um lunático gritando para as aves, mas todo o conteúdo das bolsas tinha sido perdido por estar ensopado de sangue, então precisei deixar para trás.

Mikail acordou quando voltei para o túnel, mas estava sentindo tanta dor que mal conseguia se mexer.

— A ressaca é pior — reclamou ele entre dentes.

Senti um aperto no peito e me abaixei para ajudá-lo.

Com grande esforço, consegui tirá-lo do túnel, mas fazer com que aquele homem montasse no cavalo foi outra história. Por fim, consegui deixá-lo estirado sobre a sela e caminhei ao lado do animal até Tile. A primeira parada foi num boticário para buscar mais laoli para Mikail. Eu não aguentava vê-lo com dor,

mas a droga estava funcionando. Aparentemente, ele foi atrás de mais enquanto eu dormia. Mais duas bolsinhas. Eu até me preocuparia com a quantidade, mas Mikail nunca deixaria uma substância lhe roubar a autonomia.

Sento e percebo que estou morrendo de fome. Não comemos nada desde antes de sairmos de Outton. Mikail se alimenta com a mesma voracidade de que me lembro, mas agora parece que estamos apostando para ver quem acaba primeiro.

— Você acabou mesmo com o pão doce, as batatas e o filé de avestruz? — pergunta ele.

Abro um sorriso envergonhado.

— Eu estava com fome.

Comida era uma entre as muitas coisas a que eu não dava valor enquanto vivia no palácio. Qualquer que tenha sido o lugar que Mikail encontrara para comprar nossa refeição é bem melhor do que a estalagem para viajantes que eu chamei de lar pelos últimos três anos.

Ele me observa e então assente.

— Gostei.

Estamos sentados tão perto um do outro que nossas pernas se encostam. Estou vestindo uma camiseta e calça de malha grossa. Ele está com uma camiseta larga e calça. Essa é quase a vida que sonhei para nós dois quando morava em Outton — tirando o ataque dos samroc que tentaram nos comer. Eu vivia fantasiando sobre ter uma vida normal com Mikail. Achei que seria a nossa chance de ser felizes. Pelo andar da carruagem... não tenho tanta certeza.

Penso nele sob o efeito da laoli e coberto de sangue dizendo que tinha sentido minha falta. Um tremor se espalha pelo meu peito e para na boca do estômago. E então, eu o desejo de novo. Mesmo depois de todos esses anos. Mesmo que ele tenha concordado que eu devia morrer.

Nossa, eu realmente preciso me apaixonar por homens melhores.

Mikail bate as mãos para higienizá-las depois de limpar a boca.

— Quer tirar as migalhas do prato antes e depois ouvir as más notícias, ou já está pronto?

Abaixo a cabeça. Meu prato já está completamente limpo.

— Vou me segurar para não lamber os restos — digo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Eu é que nunca vou te impedir de usar a língua.

Eu me engasgo com a água e meu rosto fica ruborizado.

Desta vez, ele arqueia as duas sobrancelhas.

— Sabe, você é ridiculamente puritano para um homem que transou com metade das pessoas do palácio.

Ele está exagerando. Mais ou menos.

— Você não tem más notícias para me contar? — pergunto.

Queria não ter pensado nas tantas vezes em que usei a língua nele.

Ele sorri, coloca os pratos de lado e abre um mapa. É uma versão em menor escala daquele que fica na biblioteca do palácio. Ele deve ter feito uma cópia em

segredo. Mikail é um artista talentoso. Eu admiro sua mão enquanto o escuto.

— Estamos a pelo menos mais dois dias da fronteira, mas precisamos escolher um local para atravessar sorrateiramente. Isso vai determinar qual será o caminho que iremos percorrer, considerando que, como você viu, temos um tempo limitado de viagem até que os pássaros apareçam. A única parte da fronteira que não tem patrulha regular é nas Montanhas de Tangun.

— Tá, então vamos por lá. Deve ter uma passagem.

— E tem, mas não temos como saber ao certo se há ninhos de samroc nas montanhas ou não.

Aperto a ponte do nariz e tento não estremecer. Nunca quero sentir o cheiro daquelas bestas ou ouvir aqueles gritos de novo.

— Então atravessamos durante o dia.

Mikail faz uma careta.

— O caminho mais rápido atravessando a montanha vai levar quinze badaladas com um burro. Mais tempo se formos a pé.

— E se viajarmos com um alazão?

Ele balança a cabeça.

— O chão é rochoso demais para alazões.

Entendo aonde ele quer chegar, mas não quero admitir a verdade. Encaro a mesa, desejando por mais pães doces quentinhos.

— E são quantas as badaladas sob a luz do dia?

— Doze. Só doze, Euyun.

Fecho os olhos lentamente, lembrando da samroc que acertei com a besta. A forma como ela nos encarou no túnel. Eles vão nos caçar. Eu tenho certeza.

Coço a barba.

— Alguma notícia boa, pra variar?

— Sim. Tem uma cidade em Fallow chamada Lark, no sopé das Montanhas de Tangun, então podemos ir para a passagem bem cedinho no dia que escolhermos para atravessar. Ficariamos vulneráveis por menos de três badaladas. Quando chegarmos em Yusan, vamos para Rahway encontrar uma garota que pode nos ajudar com nossa singela empreitada.

Franzo o nariz.

— Uma garota?

— Sim, os deuses criam mulheres também.

— Mas um homem não seria...

Mikail ergue as sobrancelhas.

— Dá para ver que você herdou o desdém do seu irmão pelo gênero feminino. O que me surpreende, dado quantas mulheres já passaram pela sua cama.

Franzo os lábios. É, ele tem razão. Joon menospreza as mulheres. Há cinco anos, ele até vendeu Quilimar como um acordo de paz com o rei de Khitan. Ela não ficou muito feliz, mas não teve escolha. As mulheres não podem ser herdeiras em Yusan. Com a morte do nosso pai, ela ficou à mercê de Joon. E ele não é lá muito conhecido pela misericórdia.

— Ela tem habilidades que nunca vi — explica Mikail.

Reflico por um instante. Mikail já viu de tudo. Mas, ainda assim, isso não significa que vamos precisar de uma garota para matarmos meu irmão. O que ela pode ter para nos oferecer?

— Não sei, não... — murmuro.

— Não precisa confiar em mim em relação a questões sentimentais, mas, por favor, respeite minha habilidade de armar esquemas.

Ele se levanta com cuidado e faz uma careta de dor.

Eu me mexo para ajudá-lo e coloco a mão em seu pulso. Odeio vê-lo sofrendo desse jeito. Eu travaria uma batalha com o Deus da Saúde para pôr um fim à dor dele. Mikail olha para os meus dedos. Foi tão natural tocá-lo que nem pensei duas vezes. Solto-o.

— Agora, se puder me fazer o favor de trocar minhas bandagens e passar a pomada nas minhas feridas, vou me dopar para acordar só amanhã de manhã — pede ele.

Assinto com a cabeça.

Ele tira a camiseta e eu tento não olhar, mas seus músculos e as linhas que marcam o seu abdômen chamam a minha atenção. Mesmo cheio de ataduras, ele ainda é extremamente atraente. Eu me lembro de sentir o gosto levemente salgado de sua pele, de cada segundo que passamos explorando o corpo um do outro até aprendermos os toques precisos que faziam o outro estremecer de prazer. Lembro como éramos vorazes, inocentes. E de como viramos especialistas no assunto. De como nunca houve alguém que eu quisesse na minha cama mais do que Mikail.

Ele abaixa a mão e lentamente passa o polegar pelo meu lábio inferior, fazendo um tremor percorrer meu corpo e explodir na base da minha coluna.

— Você parece estar com fome, Euyn — provoca ele. — Quer que eu vá atrás de mais comida primeiro? Ou prefere outra coisa?

Suspiro e me levanto para pegar a pomada.

De todos os homens que eu podia amar, os deuses me castigaram com este.

CAPÍTULO QUINZE

ROYO

RIO SOL, YUSAN

Estou com uma baita dor de cabeça; e ela está sentada bem à minha frente.

Aeri pediu serviço de quarto para um almoço tardio. Filés de cortes nobres, bok choy crocante, metade de um frango e batatas das Montanhas de Tangun chegaram em bandejas de prata. Estou em um quarto luxuoso, e há uma garota bonita sentada diante de mim, mas ela não para de falar. Eu nunca a empurraria do barco — embora estivesse pensando no esguicho que o seu corpo faria na água —, mas também não posso dizer que mergulharia para salvá-la caso ela caísse.

Está bem, eu a salvaria, mas pelo dinheiro. Só pelo dinheiro.

Estamos a bordo desde a tarde de ontem, mas depois de apenas nove badaladas, Aeri já estava entediada. Desde então, não sei o que é ter paz. Ela é a pessoa mais insistente e irritante que já conheci. Já perdi a conta de quantos passeios demos pelo deque — e ela leu um livro e insistiu que eu lesse alguns trechos —, mas, na maior parte do tempo, ela se entretém falando sozinha.

— Então, não sei. Quase acho que o chocolate de Gaya é melhor do que água congelada — balbucia ela. — Apesar de nada se comparar a água congelada no verão, mesmo sendo um pouco caro. Então talvez dependa da estação.

Não perguntei nada. Juro. Eu não abri a boca para fazer uma pergunta sequer.

Solto um grunhido e mastigo o filé. Comemos em silêncio por um minuto abençoado. Aeri está usando outro vestido de gola alta. Este é amarelo e tem mangas bufantes, mas exhibe totalmente suas pernas esguias. Não que eu esteja olhando.

— Mas, enfim, quem é Lora? — indaga ela.

O nome acaba com o silêncio. Derrubo a faca, e ela bate no meu prato com estrépito. Pego a cerveja porque minha garganta fica seca de repente. Aeri me observa com interesse, como se tivesse cavado fundo o bastante até finalmente encontrar um baú de tesouro.

— O quê? — digo depois de conseguir beber a cerveja. Sinto muito calor e muito frio ao mesmo tempo, como quando fico febril. Mas devo ter entendido errado. Não é possível que eu a tenha ouvido direito. — O que foi que você disse?

— Lora. Quem é?

— Onde foi que ouviu esse nome?

Estremeço cada vez que ela o pronuncia. Odeio ouvi-lo saindo de sua boca — da de qualquer um, na verdade.

Ela franze a testa.

— Você não devia responder uma pergunta com outra. Passa a impressão de que tem algo a esconder.

Sem pensar, curvo a mão no cabo liso da faca.

— Vou ser gentil e perguntar mais uma vez: onde foi que você ouviu esse nome?

Ela arqueia as sobrancelhas, o medo visível em seu rosto. Percebo que sou o responsável por isso e largo a faca.

— Você que falou — responde ela, enfim.

Nunca.

Balanço a cabeça, sentindo meu coração martelar.

— Não falei.

— Falou, sim. Ontem, várias vezes, enquanto dormia. Você disse: “Lora, me perdoa.” Me pareceu importante, por isso perguntei.

Ela dá de ombros, mas ainda observa a faca, atenta.

Saio da mesa, me afastando de Aeri. Ela me observa com seus olhos castanhos inquisitivos.

— Vou dar uma volta — anuncio.

Ela olha para a comida.

— Mas nós acabamos de... Está bem, podemos dar uma volta.

— Vou sozinho.

Cerro os punhos. Não consigo me recompor, e, se eu perder a cabeça, tudo vai por água abaixo. Aeri vai me dispensar e, então, não terei dinheiro para libertar Hwan. E ele vai morrer.

Ela franze a testa novamente.

— Você prometeu não me deixar sozinha.

Que merda.

— Vou ficar na sacada, então.

Abro a porta de vidro às pressas, depois a fecho ao passar. Minhas mãos tremem, e eu ando de um lado para o outro feito um animal enjaulado. Sinto que vou explodir a qualquer momento.

A sacada só tem uns três metros de extensão, então vou e volto dezenas de vezes, ofegante. Pelo menos está frio, e o ar fresco é revigorante. Estamos longe o bastante da cidade para que o rio Sol pareça, de fato, limpo. Nada em Umbria é imaculado.

Exceto Lora. Lora era.

Não acredito que falei o nome dela, mas essa é a única forma de Aeri saber sobre ela. Talvez haja pessoas em Umbria que pudessem ter mencionado uma garota chamada Allora, mas só eu a chamava de Lora.

E eu a matei.

Eu me viro ao ouvir o barulho da porta de correr da sacada. Aeri está parada.

— Royo, foi mal. Eu não quis te chatear. Juro, não quis mesmo.

Quero continuar irritado, mas algo se agita no meu peito com o tom da voz dela. É culpa, talvez. Sei lá. Ela não sabia que estava cutucando uma ferida ainda não cicatrizada. Como ela poderia ter adivinhado?

— Só preciso de tempo — justifico.

— Tudo bem.

Aeri passa para a sacada me dando o máximo de espaço possível. Ela também se apoia na grade. Eu espero, com os ombros tensos, porque se ela repetir o nome, vou me jogar no rio.

Porém, ela fica em silêncio — pela primeira vez, totalmente quieta por mais de um minuto, e o silêncio se estende o bastante para que eu consiga pensar de novo.

Como eu poderia ter dito o nome de Lora? Já faz oito anos que não o pronuncio, mas não passou um dia sem que eu pensasse nela. Meu primeiro amor. Meu único amor.

Depois de um tempo, o silêncio me faz virar na direção em que Aeri estava. Talvez ela tenha voltado para dentro do quarto e eu não percebi. Mas não, ela ainda está ali, só observando a água.

— É sua mãe? — sussurra ela, me olhando de soslaio. — Eu não... Eu não falo muito da minha.

Aeri mantém o queixo erguido, mas há dor em seus olhos, e algo que conheço muito bem: culpa. Seu tom de voz e a expressão em seu rosto me levam a acreditar que Aeri entende a sensação de perder alguém e carregar o fardo da culpa.

— Não, minha mãe morreu dez anos atrás — digo.

Eu não menciono que ela morreu em Tamneki e que meu pai tinha nos abandonado quando eu ainda era bebê, então precisei me virar sozinho a partir dos quinze anos. Usei meu dom para violência para conseguir colocar um teto sobre a minha cabeça e comida no meu prato. Só que Aeri não precisa saber disso tudo, e não estou a fim de contar histórias tristes no momento.

Silêncio mais uma vez. Só é possível escutar o burburinho dos passageiros e da tripulação longe de nós e o barulho da brisa. Aeri deve estar com frio usando esse vestido, mas ela continua comigo na sacada, porque... ela se importa. Aeri sabe que tem algo errado comigo, e se preocupa o suficiente para querer que eu fique bem. Uma sensação calorosa invade meu peito por um instante, mas a ignoro. Aeri não deveria se preocupar. Olha só o que aconteceu com a última garota que fez isso: foi morta enquanto eu lhe dava as costas. Não fui eu quem enfiou a lâmina nela, mas estavam atrás de mim. É como se eu mesmo tivesse manejado a lâmina, pois não fiz porra nenhuma para impedir que o pior acontecesse.

— Ela era... minha amiga — explico.

Aeri me encara.

— Entendo.

Ela não acredita na minha afirmação de que Lora era só uma amiga, mas é educada o bastante para não dizer que sou um mentiroso. Não quero contar a ela

o que Lora significava para mim. Não quero compartilhar nossa história com mais ninguém.

— Ela fez parte da minha vida um tempo atrás.

O que não conto é que, um dia, quando eu tinha dezesseis anos, vi uma garota sendo atazanada por algum riquinho de merda. O tipo de pessoa que acha que pode conseguir o que quer só porque é maior, mais forte e mais poderoso. Odeio cada um desses merdas. Vai mexer com alguém do seu tamanho, sabe? Alguém que, de fato, possa te dar uma coça.

Só que esse desgraçado encurralou Lora e estava apalpando seu corpo, por mais que ela tentasse impedi-lo. O medo e a dor em seus olhos me atraíram como o canto de uma sereia. Peguei o cara e quebrei a mão dele. Lora olhou para mim como se eu fosse um herói. Acho que, naquele momento, eu fui mesmo.

A história devia ter acabado aí, mas continuamos a nos encontrar em segredo, e eu ficava cada vez mais convencido de que ela cairia na real em algum momento e não ia querer mais nada comigo. Afinal de contas, Lora era uma comerciante rica, e eu era um delinquente das ruas. Não combinávamos de jeito nenhum, mas aproveitei cada segundo. Cada beijo, cada rapidinha quando ela estava sozinha em casa. Eu sabia que não ia durar, mas me apaixonei mesmo assim.

Fui ingênuo.

— Mas por que você se lamenta tanto? — pergunta Aeri, me trazendo de volta ao presente.

Meu coração salta em minha garganta. Ela quer saber o motivo?

Eu lamento que Lora tenha me conhecido. Lamento que ela tenha se apaixonado por mim também. Lamento ter conhecido o pai dela. Lamento que Hwan tenha me tratado como se eu tivesse algum valor. Lamento que ele tenha virado um pai para mim, um modelo de alguém que conseguiu superar as dificuldades na vida. Ele tinha uma casa de chá e uma de doces, mas foram as duas casas de apostas que o fizeram enriquecer.

Lamento ter rejeitado a oferta de Hwan de me tornar guarda-costas. Lamento ter aceitado o trabalho errado como capanga e matado o membro de uma gangue. Lamento que não tenham acabado com a minha raça.

— Ela morreu... por minha causa.

De alguma forma, consigo fazer as palavras saírem. Elas são duras e ásperas, mas é bom conseguir desabafar.

Aeri arregala os olhos.

— Quer dizer que você... Você a matou?

Balanço a cabeça.

— Não. Dois membros de uma gangue me seguiram até a casa dela. Estavam atrás de mim, mas eu fui embora... no momento em que ela estava sendo morta.

Aeri empalidece levemente enquanto tenta não me julgar.

Mas deveria. Eu me julgo.

Estávamos transando naquela noite quando ouvi alguém entrar na casa. Pensamos que fosse o pai dela, que ele tinha voltado mais cedo, então desci pela janela do quarto dela.

Foi a última vez que a vi.

— Como assim você foi embora no momento em que ela estava sendo morta? — sussurra Aeri. Ela se aproxima de mim.

— Eu estava... na casa dela. E fui embora. Eu devia estar a um quarteirão de distância, talvez dois, quando ouvi um grito. — Paro e engulo em seco. O grito ainda ecoa nos meus pesadelos; alto e estridente, cheio de dor. Estava tudo errado. Naquela noite, fiquei paralisado e tentei escutar, mas não surgiu mais nenhum som. Chegou ao ponto de eu me perguntar se realmente tinha ouvido alguma coisa. — Não achei que pudesse ser ela porque eu tinha acabado de vê-la, então continuei andando.

Era Umbria, afinal. Merdas acontecem. Garotas gritam. E eu achei que Lora estava segura em casa com o pai. Ainda assim, após alguns passos, alguma coisa me fez querer dar meia-volta. Algo na minha cabeça me disse para voltar para a casa dela, só que eu continuei andando. Por que raios continuei andando? A pior parte é que eu não tinha compromisso algum.

Se eu pudesse mudar uma única coisa em toda a minha vida, seria ter voltado aquele dia. Corrido de volta à casa dela. Tentado salvá-la.

Foi só no dia seguinte que descobri que ela tinha sido assassinada na cama com trinta facadas. E que Hwan tinha sido preso pelo crime. Encontraram ele coberto com o sangue dela e com uma lâmina em mãos. Hwan alegou que alguém tinha invadido a casa e que ele encontrara Lora e a faca, mas ninguém acreditou.

Assim que fiquei sabendo, tive a certeza de que Hwan não era o culpado. Não era só o fato de que ele nunca tocara em um fio de cabelo de Lora: ele também não tinha chegado em casa até as nove badaladas, e nós ouvimos a porta às oito.

— Mas... Royo, não tinha como você saber — diz Aeri com delicadeza, embora seus olhos estejam marejados. Não sei se de empatia ou de medo.

Sinto um nó em minha garganta. Solto um pigarro.

— Eu devia ter suspeitado.

Eu sabia que era culpa minha, mas só mais tarde descobri quanto. Hwan já estava encarcerado na Prisão de Sal quando dois homens me abordaram num beco. Eu estava tão desolado por causa do que tinha acontecido que dei bobeira em vagar pelas ruas. Na verdade, eu queria morrer porque queria ver Lora de novo. Eles cortaram meu rosto no meio e enfiaram uma lâmina na minha mão, e eu estava preparado para ir para os Dez Infernos. Só que, então, um deles disse o nome de Lora. Ironizaram a forma como ela gritou por mim enquanto era esfaqueada diversas vezes. Riram enquanto contavam que tinham me seguido até a casa dela naquela noite, que queriam me matar, e que se contentaram com a diversão de matar *ela* quando não conseguiram me encontrar.

Alguma chave virou dentro de mim. Agarrei o pescoço deles e bati as cabeças uma na outra. Enquanto estavam desmaiados, eu os amordacei — como fizeram com Lora. Então os matei lentamente, cortando partes do corpo deles enquanto ainda estavam vivos, mostrando os pedaços deles mesmos que eu estava arrancando. Eu deixei seus membros dilacerados como oferenda para as aves

infernais. De manhã, enviei o coração podre dos dois para os líderes da gangue. Depois disso, não me importunaram mais — ou porque eu estava disposto demais a morrer ou disposto demais a matar. Ou porque ficaram com medo da cena horrenda que deixei para trás. Nunca dei a mínima.

Queria poder dizer que o que fiz aliviou a culpa. Não foi o caso.

— Eu... só estou tentando consertar as coisas — digo.

Paro de falar e o arrependimento vem com tudo. Por que contei tudo isso? Eu não devia ter dito nada. Mas... Aeri perguntou. Ela parecia entender. Por outro lado, que tipo de pessoa gostaria de alguém como eu a protegendo agora? Me preparo para ouvi-la dizer que não me quer mais. Que eu devia seguir meu próprio rumo. Me preparo para ver todos os meus esforços indo por água abaixo porque não consegui manter a boca fechada.

Aeri assente, ainda olhando fixamente para a água.

— Eu entendo. Não dá para voltar atrás depois de cometer certos erros, mas sempre se pode tentar corrigir as coisas.

Fico tão chocado que nem encontro as palavras. Ela... não só não me demitiu, como também me entendeu.

Realmente *estou* tentando corrigir as coisas. Passei um tempo tentando me afogar em cerveja, mas depois encontrei Savio — um guarda disposto a ajudar Hwan a escapar da prisão em troca de muito dinheiro. Só que tentar conseguir os cem mil muns de ouro me deu um novo propósito de vida, porque tenho outra chance — uma oportunidade de acertar as coisas. Tanto quanto eu puder.

Contudo, não tenho muito tempo. O rei Joon decretou que todos os criminosos velhos de todas as prisões devem ser enforcados. Savio disse que colocaria Hwan no final da fila, mas isso lhe garantiria no máximo dois meses a mais.

Dois meses. É o tempo que tenho antes que Hwan seja executado. Antes que os meus esforços sejam todos em vão. Porém, dois meses são o suficiente caso tudo saia de acordo com os planos.

A questão é que Aeri é uma fuga completa dos planos.

Eu a encaro. Ela se aproximou ainda mais de mim e agora está inclinada com o braço quase encostando no meu. Eu não devia ter contado nada, mas... A verdade é que me sinto mais leve pela primeira vez em oito anos. Como se só o ato de desabafar com alguém tivesse diminuído a minha culpa. E, sim, o fato de que, de alguma forma, ela entendeu. Ela é... diferente.

— Quer me contar sobre a sua mãe? — pergunto.

— Eu... — começa ela, mas depois apenas semicerra os olhos e observa o horizonte.

Eu me viro e analiso o rio, e percebo o que chamou a atenção dela: um brilho à distância. Um brulote.

O navio em chamas ao longe só pode significar uma coisa: estamos prestes a ser atacados por piratas.

Pelo visto, a história de seguir os planos foi pra casa do caralho.

CAPÍTULO DEZESSEIS

SORA

AVENIDA DO NORTE, YUSAN

Tento dormir na carruagem, mas é praticamente impossível. Estou sem sono por ter dormido a noite toda e já faz tempo desde a última vez que comemos. Além do mais, minha mente não para de planejar como assassinar um rei imortal. Para resumir: estou acordada, com fome e ferrada.

— Seu pai te contou por que estamos indo a Tamneki? — pergunto.

Tiyung tem um sobressalto. Ele estava acordado, mas acho que não esperava que eu lhe dirigisse a palavra. Estou em silêncio há sete badaladas. Seus cílios longos se mexem quando ele pisca para focar em mim.

— Não — responde ele, com a voz baixa e grave. — Acredito que ele queira que eu possa negar ter tido qualquer ciência de seus planos.

— Mas você descobriu — digo.

Ele respira fundo. Isso é um sim.

— Sei que devo queimar sua escritura mediante à morte do rei. Creio que ele não esteja especulando quando isso vai acontecer.

— Sim, terei a minha liberdade e a da minha irmã mediante à morte do rei Joon. Tudo que preciso fazer é matar um deus — falo, me remexendo no banco, pouco à vontade.

Tiyung não diz nada por um instante.

— Duvido que ele seja um deus.

Arqueio uma sobrançelha. A nobreza pode até achar que ele é só um homem, mas a plebe sabe que ele é um deus-rei.

— Já faz um tempo desde que estive no Templo Divino dos Reis, mas tenho quase certeza de que isso configura blasfêmia — comento.

Tiyung encolhe os ombros largos.

— Deuses não se escondem. Se ele fosse mesmo um deus, deixaria o Palácio de Qali livremente. Ele não faz isso. Não desde que o conde de Umbria tentou assassiná-lo.

Arqueio as sobrançelhas, surpresa.

— O conde do norte tentou matar o rei?

Há quatro condes — o do norte, o do sul, o do oeste e o do leste — que governam as quatro regiões de Umbria, Gain, Rahway e Tamneki,

respectivamente. As quatro maiores cidades de Yusan. As capitais das quatro nações antigas, antes de nos tornarmos um único reino de Yusan mil e quinhentos anos atrás, quando o Lorde Dragão unificou o país.

Esses quatro *homens* são os mais poderosos do país. Acima deles está o rei, um deus. Então não é pouca coisa um conde desejar ver o rei morto. E agora o conde do sul, Seok, está tentando a mesma coisa.

Tiyung assente, tamborilando no joelho, distraído.

— Uns onze anos atrás. É óbvio que o conde Bay Chin não atirou a besta com as próprias mãos. Ele mandou que outra pessoa fizesse o trabalho sujo, mas nada acontece em Umbria sem o aval do conde.

— Como em Gain.

— Exatamente.

— Mas a tentativa foi falha — murmuro.

— Não eram como você — diz Tiyung. — Você é especial. É a favorita do meu pai por um motivo.

Solto uma risada.

— Belo favoritismo.

Tiyung desvia o olhar. Nunca achei que ele fosse inteligente, mas não imaginei que fosse tão obtuso assim. Sou escravizada pelo conde. Isso não é favoritismo.

Está escurecendo. Quando me espreguiço no banco da carruagem, Tiyung observa meu corpo, embora tente evitar. Eu o pego me olhando e arqueio uma sobrancelha.

— Vamos parar em breve e passar a noite na mansão do lorde Shan — anuncia Tiyung olhando pela janela. — Ele está viajando, então teremos o lugar só para nós.

Assinto, aliviada. Não estou com paciência para lidar com nenhum ricaço hoje. Porém, se eu não tiver que lidar com um lorde, mansões sempre são melhores do que pousadas.

Sáímos da Estrada do Norte e pegamos uma trilha de terra batida até a propriedade do lorde Shan. A mansão dele não é tão grande quanto a de Seok, mas ocupa um bom espaço do campo aberto. Paramos à porta, e o funcionário principal do lorde se apressa para nos receber.

— Tiyung-si — cumprimenta o homem, com uma reverência profunda. — É uma honra para nós recebê-lo esta noite. Sou Hada, o chefe dos criados.

— Obrigado, Hada — agradece Tiyung.

Mais uma vez, ele estende a mão para me ajudar a descer da carruagem, e mais uma vez a recuso.

— Milady — cumprimenta Hada, com uma segunda reverência. Ele tem cerca de cinquenta e cinco anos e usa uma peruca alta, que de alguma forma não cai quando ele se inclina. Sorrio. Irad podia aprender muito com os modos dele.

Somos levados para dentro, onde vejo um lustre de cristal gigante na entrada, um piso brilhante com detalhes de madeira entalhados ao redor e, ainda assim, nada se compara à propriedade do conde.

— Peça, por favor, para a cozinha preparar nossa ceia assim que possível —

solicita Tiyung.

— Certamente. Agora mesmo.

Hada gesticula para uma jovem criada com uma trança preta grossa, que vai apressada até a cozinha.

— Vai arriscar fazer uma refeição comigo? — sussurro para Tiyung.

— Vou ficar bem. Você não gastaria um bom veneno comigo — rebate ele.

Tiyung é tão certo em sua resposta que não consigo evitar o riso. Ele sorri, animado, e eu me arrependo imediatamente do meu senso de humor.

Hada olha para nós dois, confuso.

— Por aqui, milady — indica o funcionário. Ele me leva a um quarto suntuoso ornamentado com seda vermelha.

Estou quase dentro do cômodo quando olho por sobre o ombro. Tiyung está me encarando. Já vi aquele olhar antes, quando ele era criança e eu tinha sido comprada pelo conde. Não é um sorriso, mas também não é um olhar vago. Na época não consegui decifrá-lo, e ainda não consigo. No fim das contas, não importa.

Fecho a porta do quarto e relaxo no colchão de penas. Eu me espreguiço e encaro o dossel da cama, o cetim macio, as sedas leves e a madeira cara. Antes de eu ser comprada pelo conde, Daysum e eu dormíamos em tapeçarias, como a maioria das crianças pobres. Nós duas nos abraçávamos à noite, aninhadas para nos mantermos aquecidas.

Não há necessidade de nada disso aqui.

Contudo, devo admitir que estas mansões são muito mais agradáveis quando não estou tentando assassinar seus inquilinos. Eu me lavo no toalete, e meu baú já está à minha espera quando saio. Passei o dia inteiro com este vestido de viagem, então decido me trocar para o jantar. Passo perfume no cabelo e pó no corpo com movimentos precisos e deliberados. Sempre que me arrumo, é como se eu estivesse vestindo uma armadura, por mais invisível que seja.

Pouco depois já estou com um vestido de malha dourado, e a jovem criada de mais cedo surge à minha porta com a cabeça baixa.

— Milady — chama ela, erguendo o queixo e me encarando boquiaberta, como a maioria das pessoas faz.

Eu a sigo até a sala de jantar, sua trança reta e imóvel entre as escápulas. Oito tipos de iguarias já estão dispostos na mesa polida de madeira, e ainda há espaço para mais comida. Finco as unhas na palma da mão. Oito. Enquanto crianças como Gli sobrevivem com o pouco que a campina oferece.

Tiyung aparece, vestido com uma camisa branca e calça azul. O botão de cima da camisa está aberto, e seus olhos cor de safira brilham. Pena que tamanha beleza seja desperdiçada nele.

Ele me devora com os olhos, mas se dirige à criada.

— Pode dizer à cozinha que já temos o bastante.

A jovem assente e sai.

Que estranho. Para os nobres, nada nunca é o suficiente. Eles sempre exploram seus criados para impressionar uns aos outros. Porém, Tiyung gesticula

para que eu me sente e depois apoia as mãos nas costas de uma cadeira.

Estou prestes a me sentar quando Hada entra no salão fazendo uma leve reverência.

— Algum problema com a refeição?

— De forma alguma — responde Tiyung. — Mas só precisaremos do que já está disposto à mesa. Agradecemos a generosidade do lorde Shan. Relatarei a meu pai que tivemos uma recepção fantástica.

Hada fica sem palavras por um momento.

— Mas, milorde... A cozinha está preparando seis pratos principais. Iguarias. Estará tudo delicioso, eu garanto.

— Não tenho a menor dúvida, e agradeço, mas por favor divida a comida entre os criados. Viajamos o dia todo e não comeremos tanto. Foi erro meu não ter informado isso quando chegamos.

Continuo a encará-lo, e Hada também. Por fim, Hada faz outra reverência e sai da sala.

— Presumo que vá se contentar com este cardápio irrisório — diz Tiyung. Ele ainda está segurando a cadeira para mim.

— Sim, farei um esforço — ironizo, e me sento nela.

— Você está linda.

Sua voz ecoa no meu ouvido bom antes de ele empurrar minha cadeira. Um arrepio percorre meu corpo, mas o ignoro.

— Isto não é um encontro — afirmo.

Tiyung se senta à minha direita, na ponta da mesa, mantendo o contato visual.

— Levando em conta a forma como seus encontros acabam, vou me considerar um homem de sorte.

Reprimo um sorriso.

A criada aparece de novo e serve cálices generosos de vinho para nós dois. Aposto que é da melhor garrafa na adega do lorde Shan.

— Obrigado. Não precisaremos de mais nada — diz Tiyung para ela.

A garota, assim como Hada, nos olha confusa e acaricia a trança antes de se dar conta de sua falta de educação. Ela se corrige unindo as mãos, e vai embora.

— À sua saúde, Sora — brinda Tiyung, levantando o cálice.

— A um fim justo para a nossa missão. — Ergo meu cálice, mas não bebo. Não consumo álcool. Não vejo motivos para me envenenar sem necessidade.

Quando baixo o cálice de vinho tinto na mesa, ele respinga, descendo feito sangue pela haste. Mais uma vez imagino a cabeça decepada de Tiyung dentro de uma cesta no escritório de seu pai. Os gritos de Seok reverberando pela mansão. A tortura, os assassinatos e as traições — tudo em vão. Quando um nobre morre sem herdeiro, todas as suas posses vão para o rei. Apesar de que, com o rei Joon fora do jogo e seus irmãos já mortos, não sei para quem iria. Talvez seja essa a questão. Vai ver o conde quer assumir o trono ele mesmo. Não me importo com quem governe Yusan, contanto que Daysum e eu sejamos libertos, mas eu realmente preferiria que não fosse Seok.

Só que não tenho como controlar nada disso, então decido comer.

A panqueca de kimchi explode em sabores na minha boca. Tem siri na manteiga, sopa de ovo e missô, carne de porco apimentada, bolos de arroz, japchae caprichado no macarrão, filé selado e tofu frito. Além disso, há ainda um monte de arroz branco macio e uma cesta de folhas amargas e crocantes.

Pego pequenas porções de tudo, e então percebo que Tiyung está me observando, seu prato ainda vazio.

— Eu não vou te servir — repreendo.

Essa seria minha função se a mansão não tivesse funcionários. Mesmo se fôssemos da mesma classe social, as mulheres devem servir os homens e comer somente o que sobrar.

— Eu não estava esperando que fizesse isso — responde ele. — Quero que pegue tudo o que desejar primeiro.

Eu o encaro.

— Por quê?

— Porque acho que o costume em Yusan está inverso. As damas deveriam ser servidas primeiro.

— Muito progressista da sua parte — debocho, revirando os olhos.

E... pior que é mesmo. Nunca vi um homem falar assim. Se bem que os nobres que conheci sempre estiveram ocupados demais tentando tirar meu vestido para termos uma conversa propriamente dita.

Nós dois nos servimos. A situação é estranha, mas me acostumo.

— Para onde vai quando conseguir fazer o que meu pai mandou? — pergunta ele.

— Para algum lugar longe de você — respondo, dando meu sorriso mais estonteante enquanto coloco um pouco do siri na manteiga em cima das folhas amargas.

— Não sou seu inimigo, Sora.

Descanso a colher com siri no prato.

— Ah, sim. Esqueci que somos velhos amigos.

— Eu te conheço há doze anos e... gostaria que fôssemos amigos. Se não isso, então aliados...

Seus olhos azuis são penetrantes. Não entendo por que ele está criando essa cena toda, mas gostaria que não o fizesse.

Não somos amigos. Não somos aliados. Nunca seremos.

Limpo a boca no guardanapo.

— Me deixe comer em paz.

— Está bem, Sora.

Ele bebe um pouco do vinho e corta o filé.

Continuamos em silêncio. Os únicos sons são dos talheres batendo no prato ocasionalmente até estarmos satisfeitos. Ainda sobrou metade da comida. É puro desperdício — é sempre assim com os nobres.

Tiyung me encarou por cima de seu cálice de vinho várias vezes, mas não quero ver a expressão conflituosa em seus olhos. Não me importo com o que

mais ele tem a dizer. Nunca vou perdoá-lo por açoiar Daysum. Nunca vou me esquecer disso. Quando o momento chegar, vou matá-lo.

Levanto-me da mesa sem dizer mais nada.

CAPÍTULO DEZESETE

ROYO

RIO SOL, YUSAN

Piratas. Malditos piratas.

Eu me inclino sobre a grade da embarcação para ver melhor, mas não há dúvida alguma de que o brulote está vindo até nós.

O conde de Umbria e o conde de Rahway não conseguem decidir de quem é a responsabilidade de proteger o rio Sol. Com os dois condes imprestáveis sem fazer porra nenhuma, uma gangue assumiu o local. Eles se chamam de piratas, mas não são os mesmos que navegam pelo Oceano do Leste. Os piratas de lá são homens sem nação — a gangue, por outro lado, é yusaniana, e os demais moradores de Yusan são suas vítimas.

Já tinha ouvido falar de navios de fogo, os brulotes, antes — embarcações com algum tipo de cobertura que os permite entrar em chamas, sem queimar. Não entendo como funciona, mas não importa: aquelas labaredas significam morte. E a embarcação em que estamos é um alvo grande e robusto. Não conseguiremos ser mais rápidos do que eles, não tem nenhuma guarda real por perto e há muns demais a bordo.

A princípio, os piratas só roubavam dinheiro e carga, mas, sem ninguém para rastreá-los, começaram a procurar garotos e garotas para vender. Justamente o que estou sendo pago para não deixar acontecer.

Pelos Dez Infernos. Preciso tirar Aeri deste barco. Agora.

Deixando-a na sacada, corro de volta para o quarto, procurando por algo que possamos usar para descer até a água. Não tem muita coisa. Vamos ter que pular.

— Precisamos abandonar este navio — declaro.

Aeri me segue até cabine e me olha boquiaberta.

— O quê?!

— Tem piratas se aproximando. Precisamos sair daqui. Agora.

Ela pisca várias vezes, perplexa. A frustração cresce dentro do meu peito. Não temos tempo para falta de noção.

— Hum, está bem. Deixa só eu pegar minhas coisas, então...

Suas coisas? Mas que coisas?

Ela vai até aos baús e tenta puxá-los pela alça, mas eles não saem do lugar.

Pelos Dez Infernos, ela quer levar *tudo*.

— E qual é o seu plano? Levar cinco baús boiando pelo rio? — Balanço a cabeça. — Deixa essa merda aí. Cadê o diamante?

— Está comigo, mas... — Ela mordisca o lábio e não se move.

Pelo Lorde Yama, não temos tempo para isto. Não consigo fazer com que ela me entenda, e não posso perdê-la. Não posso voltar para Umbria sem meu dinheiro. Preciso levar Aeri a um lugar seguro. Agora.

— Está bem, então, vamos — digo. Gesticulo com o braço para a porta de vidro da sacada.

— Mas meus baús...

Não tenho ideia do que tem dentro deles. Com base no que vi até agora, são livros, chás e uma quantidade absurda de roupas. Nada importante. Definitivamente nada pelo que valha a pena morrer.

Sinto meu rosto ficando vermelho e a veia na minha têmpora pulsando — aquela que faz as pessoas se afastarem. Quem sabe a verdade nua e crua não possa convencê-la:

— Quando os piratas chegarem aqui, eles vão tomar todas as coisas e *pessoas* que forem de valor. Quer mesmo ser vendida com seus baús?

Ela arregala os olhos e fica mais pálida que eu.

— Não.

— Que bom. Então pegue apenas o que for absolutamente necessário e *vamos embora*, caralho.

Jogo a minha bolsa sobre o ombro e a prendo em mim. Nela tenho adagas, facas, soqueiras de latão, um kit médico, algumas roupas e, obviamente, as barras de ouro. Aeri tira uma bolsa de veludo de um dos baús e, em seguida, eu praticamente a arrasto para a sacada. Ela já estava considerando levar vestidos. Vestidos!

Vamos até as portas de vidro que dão para a sacada. A conversa que acabamos de ter sobre o passado parece ter sido uma vida inteira atrás, porque tudo o que importa agora é sobreviver aos próximos minutos.

— Você sabe nadar? — pergunto.

Ela olha para o lado, insegura. Que ótimo, isso me tranquiliza muito. Provavelmente terei de nadar nessa água fria por nós dois.

Uma brisa gelada assopra, e Aeri treme. O tempo está mais quente aqui do que em Umbria, mas não é grande coisa. Água fria assim pode matar, ainda mais considerando que as pernas dela estão nuas e que ela é muito magra.

— Juro pelos deuses: é bom eu ganhar um bônus quando você terminar seu trabalho, Aeri.

Subo na grade, que chega à altura do quadril. Aeri assente, mas não se move.

— Precisamos mesmo mergulhar? — pergunta. Depois, ela tenta escalar a grade, mas tem dificuldade com o sapato na madeira lisa. Agarro o pulso dela e faço força o bastante para puxá-la, mas sem machucar. Ela só está com medo. Sei disso. Mas ainda assim seria melhor se ela pudesse facilitar as coisas.

Estendo a mão e a balanço no ar.

— Você consegue pensar em um jeito melhor de sairmos do barco? —

pergunto.

Ela olha ao redor.

— Tem botes salva-vidas logo abaixo da gente. Aposto que um deles...

— Vai mesmo discutir comigo enquanto estou tentando te salvar? Seremos vistos facilmente em um bote, e aí vão nos derrubar ou tacar fogo nele. Vamos. Agora. Eu pulo e depois você...

Porém, sou interrompido por uma flecha que atinge o deque do barco. O metal perfura a madeira com um baque. Em seguida, vem uma chuva de mais vinte, trinta flechas, assobiando pelo ar.

Olho na direção de que estão vindo. O brulote está a mais ou menos cem metros de distância — menos, talvez uns cinquenta — e se aproxima depressa. Os piratas continuam a atirar do deque da embarcação deles. As chamas do navio brilham no fim de tarde cinza. Deve ter em torno de cinquenta piratas a bordo, gritando com as armas em riste.

Puta merda.

As pessoas no nosso barco correm feito baratas tontas. Algumas estão sangrando, várias estão gritando. Aeri só cobre a cabeça, tremendo.

De repente, as flechas cessam. Temos um segundo de alívio antes de ganchos serem lançados para se atracarem à proa. Estamos à beira de uma invasão.

— Puta merda, não temos mais tempo — digo, passando a mão pela cabeça. — Porque *você* tinha que discutir comigo.

Não sei o que fazer além de gritar com Aeri, pelo visto. Ela é exatamente o tipo de garota que eles raptariam para vender para um bordel em outra cidade. E aí eu saio de mãos abanando — e sem diamante, sem bônus, sem dinheiro para pagar Savio, e Hwan vai morrer.

Não. Vou ter que dar um jeito de tirar a gente daqui. Não posso falhar. E não vou. Não quando tenho a chance de consertar as coisas de fato. Não depois de tudo que eu fiz por oito anos para chegar a este momento.

Só que nada me vem à mente exceto usar a força, já que minhas mãos estão cerradas em punhos, prontas para o sangue. Acho que vou ter que lutar para que a gente saia daqui, ou morrer tentando. No fim das contas, talvez eu acabe mesmo reencontrando Lora.

— Vamos pular — sugere Aeri.

Passo as mãos pelo rosto. Agora? *Agora* a senhorita Decisão Tardia finalmente concorda?

— Não podemos mais. Seremos vistos — falo. — Vão nos perseguir.

Algumas pessoas já tentaram pular e acabaram levando flechadas na água.

— Precisamos tentar — insiste ela.

No exato momento em que olho para baixo, ponderando nossas opções, a porta do nosso quarto se parte em duas com o chute de um dos piratas. Eles devem ter entrado pelo outro lado do navio, mas é óbvio que dariam uma olhada nas cabines de luxo primeiro.

Desço da grade de volta para a sacada, deixando Aeri empoleirada nela.

— Fique atrás de mim. E, se algo acontecer, não me ajude. Está me ouvindo?

Pule do navio e tente se virar como puder. Não olhe para trás. Estamos entendidos?

— O que você vai fazer? — pergunta ela, com a voz trêmula.

— Matar um monte de piratas.

Fico na frente de Aeri, impedindo que os piratas a vejam, e pego duas lâminas — a que está presa ao meu peito e a que escondi na barra da calça. O restante está fora de alcance na bolsa fechada às minhas costas. Três piratas começam a saquear o quarto. A embarcação está um caos, mas eles estão tão ocupados com os baús que ainda não nos viram. Eu espero. Quando me virem, vão ter que passar pela porta de correr da sacada um de cada vez. E então, não vai adiantar nada eles estarem em maior número.

No momento em que penso isso, eles me veem pelo vidro. Um deles é um cara mais alto do que eu — provavelmente bato em seu queixo; o segundo tem uma estatura mediana; e o último é baixinho.

Eles vão juntos até a porta, mas param ao se dar conta de que alguém vai ter que passar primeiro. Vão encarar? O menorzinho corre o vidro. Antes de ele pisar na sacada, eu o atinjo no pescoço com a adaga — sem hesitação, sempre certo.

Ele cai de joelhos, agarrando a lâmina. Se arrancá-la, estará morto. Se deixá-la onde está, vai morrer mais lentamente. Como não faz diferença para ele, eu prefiro pegar minha lâmina de volta, porque o próximo pirata já está passando pela porta. Aeri arqueja, mas estou concentrado. Viro e golpeio o pirata número dois na barriga. Em seguida, eu o chuto, fazendo ele cair em cima do mais alto. Eles tentam recuperar o equilíbrio, mas eu os empurro depressa. A grade é baixa, e eles caem do barco antes mesmo que eu possa matá-los.

Infelizmente, os dois gritam ao caírem no rio Sol.

Filhos da puta.

Os gritos chamam atenção, e essa é a última coisa que queremos no momento, mas Aeri ainda está segura sobre a grade quando outros dois piratas entram correndo no quarto.

Preciso de outra arma. Olho ao redor e arranco a adaga do pescoço do primeiro pirata. O sangue escorre da ferida.

— Royo! — grita Aeri. — Vai para a esquerda.

Eu me movimento a tempo de desviar de um tiro de besta. Imbecil. O pirata deveria ter atirado de trás do vidro, à distância. Viro e chuto a perna do arqueiro, e ele cai. Pego seu braço e o torço, e o pirata solta a besta quando o quebro.

Com o arco já recarregado, atiro no outro pirata, que estava chegando perto de Aeri. Porém, minha mira é uma bosta. Acerto ele bem no pau e quase me sinto mal por isso. Ele grita agarrando a virilha. Pelos Dez Infernos! Corro até ele e corto seu pescoço, mas agora é o atirador quem está gritando.

Vagabundos barulhentos do cacete. Com esse escândalo todo, cada um dos piratas da gangue vai acabar entrando neste quarto. Abaixo e quebro o pescoço do arqueiro para dar um fim nele. Com um rápido movimento, seu corpo cai sem vida no deque.

Três mortos, um praticamente morto, um se debatendo no rio Sol.

Minha respiração está ofegante quando vou ver como Aeri está. Ela me encara boquiaberta, mas depois vê algo ao longe.

— A gente tem que ir — alerta ela.

Eu ouço os passos de vários homens se aproximando. Aeri deve conseguir vê-los por estar numa posição mais alta na grade.

— Não adianta — digo.

— Precisamos tentar.

Nego com a cabeça.

— Eles vão ver a gente.

— Pelo amor dos deuses, Royo! Quem é que está sendo do contra agora?

Ela pega minha mão e segura firme. Quando me concentro na sensação do contato com sua pele, ela pula. Quer dizer, Aeri basicamente dá um mortal para trás enquanto segura meu braço. Nós dois caímos do navio.

Me preparo para cair no rio — para sentir o baque doloroso da água fria. No entanto, quando percebo, estou em outra embarcação.

Mas que porra é essa?

Pisco, confuso, tentando me localizar. O que foi que acabou de acontecer? Estou deitado no barco, encarando o céu do início da noite. Então não deve ter passado muito tempo — continua sendo por volta das seis badaladas. Estou sonhando, só pode ser. Devo estar boiando de barriga para baixo no rio com uma flechada no pescoço ou algo do tipo. Mas não. Meu pescoço está intacto, e não vejo sangue. Quer dizer, tem sangue na minha mão, mas é de antes. Definitivamente não estou na água gélida do rio Sol. Eu deveria estar, mas não estou.

Faço força para me sentar, com minha cabeça e minhas costas explodindo de dor. Desisto e continuo deitado. É como se minha cabeça estivesse prestes a se partir, como se eu tivesse batido em algo tão duro que me fez desmaiar. Vai ver é isso. Talvez os piratas tenham me pego e nocauteado. Isso faria sentido. Só que a última coisa de que me lembro é de Aeri fazendo uma acrobacia para trás e me puxando do navio.

Não! Aeri! Cadê ela?! Será que a perdi?! Mas que infernos! Será que ela se afogou? Os piratas a raptaram?

Frenético, eu me sento, apesar de sentir como se minha cabeça estivesse em frangalhos. Meu coração bate forte no meu peito como um punho martelando uma porta. Vou atrás dessa garota nem que eu precise derrotar sozinho todos os piratas. Espere, ali está ela, de frente para mim. Estamos em um bote salva-vidas, e Aeri está remando calmamente, como se fôssemos um casal dando uma voltinha no rio Sol à tarde.

O quê? Não pode ser. Estou imaginando coisas. Ou nós morremos. É, faz mais sentido. Nós dois morremos e eu estou preso em um dos infernos com Aeri.

Era de se imaginar.

Mas por que o Reino dos Infernos fede como o rio Sol?

— Que porra é essa? — pergunto.

Aeri para de remar. O suor brilha em sua testa, e ela parece exausta, mas sorri.

— Ai, que bom. Você finalmente acordou. Toma, agora você rema.

Ela joga um remo para mim. Eu o pego, mas ainda estou confuso.

Está bem, então eu desmaiei quando caímos do navio, bati em alguma coisa na queda e de alguma forma ela nos colocou num bote salva-vidas. Faz sentido.

Não, na verdade não faz.

Encaro o remo na minha mão. Essa garota com braços finos feito macarrão não consegue fazer eu me mexer nem por um milímetro que seja, e muito menos conseguiria me puxar para um bote se eu estivesse desmaiado. Não sei nem como foi que ela nos jogou do barco, além do fato de que eu perdi o equilíbrio e a grade da sacada era baixa. Só que não aconteceu dessa forma. Eu estou completamente seco. Bato na camisa e na calça para ter certeza. Mais seco impossível. Até minha cueca. O vestido amarelo de Aeri também não parece estar molhado. Não que eu esteja olhando para ele. Bem, estou, mas só para procurar por vestígios de água.

Mesmo assim, ela nota minha atenção.

— Rema o bote, Royo. Ainda não estamos seguros.

Aeri está observando algo atrás de mim, e de repente arregala os olhos castanhos, assustados.

Eu me viro. Duas embarcações estão em chamas — o brulote e nosso navio. Não sei quem ou o que foi levado. Não sei como escapamos. E não tenho tempo para assistir às chamas. Tudo o que importa é ganharmos o máximo de distância possível.

Pego o segundo remo e me sento no lugar onde ela estava. Ignorando a dor de cabeça, remo com vontade. Meus músculos pulsam, meu peito se tensiona e meus ombros giram enquanto concentro toda a minha força em nos fazer atravessar o rio. Estou tão focado em nos levar para algum lugar seguro que já percorremos um quilômetro e meio quando enfim consigo formular uma pergunta:

— Como é que estamos vivos?

— Eu salvei a gente. De nada — diz ela. — Não para de remar.

Eu continuo, porque a qualquer momento os piratas podem perceber que fugimos.

CAPÍTULO DEZOITO

MIKAIL

CIDADE DE LARK, FALLOW

Preciso admitir que não estou exatamente animado para a nossa jornada de hoje. No fim das contas, ter sido quase devorado por um pássaro gigante durante a viagem fere nosso espírito de viajante.

Minhas costas doem — sinto como se estivessem sendo dilaceradas novamente toda vez que me mexo, com pontadas agudas de dor. Quero mais laoli e a garantia de que não sairei de um lugar seguro na cidade para ficar exposto a céu aberto à noite. Não é uma lista pequena de pedidos. Laoli, infelizmente, está no topo dela.

Eu preferiria ficar em Lark, entorpecido pela droga, mais do que qualquer outra coisa. A ideia me parece tão agradável — passar o dia num belo torpor causado pela substância, sem dor ou violência. Talvez atrair Euyn de volta para a cama comigo (embora ele pareça estar se esforçando ao máximo para ser um estraga-prazeres e não chegar nem perto dos meus lençóis). Além de reduzir a dor, a laoli também aumenta o prazer. Um dia todo na cama com Euyn seria como chegar no paraíso. No entanto, ele está mantendo distância de mim desde que o encontrei em Outton. De qualquer forma, a droga é tentação o bastante para que eu queira ficar na cidade. É quase tão importante quanto a minha vingança.

Pelo brilho das estrelas, no que é que estou pensando? Nada é mais importante que isso.

Coço o rosto úmido. Estou suando frio, mesmo não tendo amanhecido ainda. É a abstinência. Não achei que seria tão ruim assim depois de poucas doses, mas é como se meus pulmões estivessem tentando sair pelo meu peito para ir atrás da laoli por conta própria. Ao ansiar pela droga, meu corpo compensa castigando minha mente.

Decido que não vou mais consumir a droga e tento me forçar a parar de desejar a substância, mas não é tão fácil assim. E Euyn está testando minha paciência já bastante limitada.

— Escolhe logo — falo.

Ele para de avaliar os burros e me olha. Geralmente não sou grosseiro com ele, mas estou em péssimas condições. Minhas mãos estão tremendo, e eu gostaria de ir embora logo. No entanto, disfarço meu desconforto o máximo que consigo.

— Por favor, continue a pechinchar e nos atrasar mais ainda. Aposto que os samroc vão adorar. — Sorrio, embora precise de muito esforço.

Euyn fica pálido e enfim escolhe o burro. Em seguida, começamos nossa longa jornada pela passagem nas montanhas. Não é confortável atravessar montado em um burro um caminho estreito com paredes rochosas de ambos os lados — sem lugar para fugir, sem lugar para se esconder. Tudo, exceto o ponto onde estamos, é mais alto do que nós, podendo nos enxergar. Ainda assim, tenho minha lâmina, e Euyn pegou um arsenal de virotes de besta em Lark. Nós dois juntos temos armas o suficiente e uma lista de homicídios impressionante. Matei dezenas de pessoas pela coroa, e Euyn era conhecido como o Carniceiro da Floresta do Oeste.

É engraçado pensar que ele realmente havia acreditado que eu, o mestrespíão real, não sabia o que ele andava aprontando. Tudo tinha começado como uma piada, um nobre disse algo como: “Você consegue caçar feras, mas e algo perspicaz como um homem?” E, então, o desafio surgiu. É óbvio que Euyn não matou o lorde — ele o perseguiu pelas florestas durante uma badalada e ganhou a aposta atirando no chapéu do sujeito. Só que algo na brincadeira despertou um senso de novidade para Euyn — ele gostou demais do que fez.

Quando Euyn ainda vivia no palácio, tinha tudo e todos aos seus pés, e não precisava se preocupar em governar ou estar subordinado a alguém. Isso causa um impacto significativo no caráter de qualquer pessoa. Digo a mim mesmo que, se ele tivesse nascido sob circunstâncias diferentes, Euyn teria sido uma boa pessoa. Às vezes me questiono, mas, na maior parte do tempo, acredito que o palácio possa corromper qualquer um e qualquer coisa.

Euyn analisa os barrancos da montanha, em alerta total.

— Está procurando ameaças humanas ou samroc? — pergunto.

— As duas coisas.

— Por que deixou o último escapar? — questiono.

Ele inclina a cabeça para mim.

— A samroc?

— Chul — respondo.

Euyn empalidece e segura com força as rédeas do burro. Eu devia ter tocado no assunto de maneira menos abrupta, mas não estou em condições de fazer cerimônia no momento. Ocupo as mãos com as rédeas para impedi-las de abrirem às pressas a bolsinha de laoli no bolso da minha camisa. Já passei por coisas piores. Vou superar isso.

Tento manter a calma enquanto aguardo a resposta de Euyn.

Observo enquanto ele engole em seco. Fico calado. O silêncio é uma ferramenta fantástica para fazer com que as pessoas falem a verdade, sobretudo quando se tem paciência.

— Eu... Eles eram prisioneiros, Mikail. Condenados ao encarceramento perpétuo na escuridão da Prisão do Ócio, ou cumprindo sentença de morte, ou esperando morrerem por lingchi. Todos eram culpados.

— Você também era — digo.

Euyn respira fundo.

— A maior parte das pessoas na Prisão do Ócio consiste em inimigos políticos de Joon — continuo. — Você sabe disso. Estão presos por traição ou conspiração contra a coroa, não por conta do assassinato de treze homens.

Esse é o número de vítimas que foram caçadas por Euyn, de acordo com os guardas da prisão que foram torturados e jurados de morte por suas confissões. Para ser sincero, acho que foi mais do que isso. Creio que os homens estavam preocupados demais com o que Euyn poderia fazer com suas famílias se contassem toda a verdade. Provavelmente foram mais de vinte. Eu chequei os documentos.

— Dei a eles uma chance justa de terem liberdade — defende-se. — Não foi nada ilegal.

Eu reviro os olhos. Esse pessoal de Yusan e seus acordos. As pessoas acham mesmo que podem estabelecer contratos legítimos para qualquer coisa desde que seja feito de forma correta. A escravidão só é ilegal porque não há remuneração e nem prazo estipulado para o término do trabalho; do contrário, aceitariam a prática tranquilamente como em Wei. É tão estranho como pedaços de papel são o que impedem nosso país de ter um colapso moral.

— Seu irmão não assinou aqueles contratos — rebato. — Apenas ele podia ter libertado os prisioneiros.

Euyn fica imóvel, mas logo suspira.

— Eu não achei que alguém conseguiria sobreviver ao fim da badalada.

— Ah, que bom. Então voltamos à minha pergunta: por que deixou Chul vivo?

— Eu errei. — Ele desvia o olhar.

— Você já devia ter aprendido a mentir a esta altura, Euyn. Chega a dar vergonha — reprovo-o.

Ele solta um longo suspiro.

— Você nunca erra — digo. — Não errou ontem à noite quando aqueles pássaros monstruosos estavam prestes a fazer a gente de jantar. Você não ia perder um tiro certo na Floresta do Oeste.

Essa é a região entre o palácio e Tamneki. É uma área de caça exclusiva da realeza, um local que Euyn conhece como a palma da mão.

Depois de passar um minuto inteiro em silêncio, ele tenta falar, mas não consegue.

— Ele... Eu não sei — responde enfim.

— Ah, sim, um motivo muito justo, senhor.

Ele me encara, sem achar graça.

— Ele só acabou na Prisão do Ócio porque matou um magistrado que, anos atrás, armou para as filhas dele serem sequestradas e vendidas a casas de prazer.

Franzo o nariz. Não costumo frequentar casas de prazer. Não entra na minha cabeça como podem existir pessoas que conseguem sentir prazer com um ato não consensual com meninos e meninas que na maioria das vezes estão dopados. Mas é tão fora do comum que Euyn se importe com alguém, que me pergunto o que

ele poderia estar escondendo de mim.

— Desde quando se preocupa com o destino de plebeias? — pergunto.

Os membros da nobreza não podem ser vendidos por escrituras, então só podem ter sido pessoas de níveis mais baixos.

— Na verdade, eu não estava preocupado — admite. — É que... Chul não estava arrependido do que tinha feito, só de ter sido pego. Ele só se lamentava por não poder continuar procurando pelas filhas. Acho que por um lado eu admiro a dedicação dele, como nada o deteria. Além do mais, ele tinha aguentado quase a badalada inteira, muito mais do que qualquer outro. Quando finalmente o alcancei e perguntei se ele tinha últimas palavras a dizer, ele respondeu: “Sim, diga às minhas filhas que morri tentando encontrá-las.” E aí ele me encarou, preparado. Eu... eu não consegui atirar.

Agora quem fica calado sou eu. Nada do que Euyun me contou parece com algo que ele faria, pelo menos não o Euyun que eu conhecia: o homem lindo, mas sem coração. Só que ele é o pior mentiroso dos três reinos. Sempre gostei disso nele — já nasceu um péssimo mentiroso e, ao longo da vida, nunca desenvolveu essa habilidade. Ele está dizendo a verdade, o que ele contou agora é o que, de fato, aconteceu. Ele não matou Chul porque o respeita como um pai.

Por mais que isso me surpreenda, eu acho que não deveria.

Euyun nunca conheceu o próprio pai, o antigo rei morreu quando ele tinha quatro anos. Esta é única coisa que ele mais quis na vida e nunca conseguiu ter — um pai.

Faz tempo que comecei a suspeitar de que Joon teve algo a ver com a morte do rei Theum, mas não tenho provas. Minha suspeita vem do fato de que, com a coroa, os reis Baejkin vivem facilmente até mais de cem anos, mas o pai deles morreu aos sessenta. Com isso, Joon assumiu a coroa aos vinte e cinco anos, o rei mais jovem em séculos.

Dizem que o rei Theum sofreu um ataque cardíaco e morreu durante o banho. Acho o momento de uma conveniência que beira o inacreditável. Porém, meu problema agora é assassinar o rei atual, não solucionar o regicídio do anterior. A colonização de Gaya foi tão intensa no reinado de Theum quanto está sendo com Joon, no entanto a mudança no poder e os novos impostos que Joon instaurou fizeram a ilha se revoltar. Além disso, quem deu a ordem de não manter prisioneiros foi Joon. No período em ele não media esforços para pôr um fim à rebelião, não houve sequer um sobrevivente. Todos foram massacrados. Eu mesmo não deveria ter sobrevivido, mas um soldado traiu as ordens do rei e não teve coragem de me matar. Ele me manteve escondido para atravessarmos o Estreito Dentado de Gaya até Yusan e então me criou como filho.

Ele é meu pai.

Minha vida poderia ter sido tão diferente. Eu poderia ter morrido em Gaya ou ter sido comprado como criado por meio de uma escritura. Um homem abusivo poderia ter se aproveitado de mim e me matado, porque, afinal, eu não devia estar aqui. No entanto, meu pai me adotou e fez de mim filho dele. Ele era bondoso e me amou mesmo que não tivesse a obrigação. Sou eternamente grato

por isso.

Ainda assim, quando me perguntam sobre as cicatrizes que carrego no corpo, dou a entender que foi ele. Digo *minha família*, porque assim as pessoas param de perguntar. Não me orgulho disso, de manchar a honra dele, mas meu pai não se importa. Ele diz que merece pelo que fez em Gaya. Ele nunca me contou o que quer dizer com isso, e eu nunca perguntei. Vivemos confortavelmente no espaço de arrependimentos não verbalizados.

Pelo menos agora posso dizer que minhas cicatrizes foram causadas por uma samroc.

Quanto mais avançamos pela passagem, mais difícil fica dar meia-volta, mas acho que essa nunca foi mesmo uma opção.

Não houve volta desde o dia em que fui abordado com o plano de matar Joon. A razão pela qual sobrevivi à Revolta das Flores Encantadas é só uma: acabar com a vida de Joon e com a autoridade de Yusan sobre Gaya. Preciso seguir até o fim com o plano e espero que Euyn e eu sobrevivamos.

Mas se apenas um de nós dois puder sair com vida, tem de ser Euyn. Sem ele, não há ninguém para assumir o trono. O país ficaria um caos tremendo e os nobres entrariam em guerra pela coroa. Ou Wei poderia apenas intervir e matar todo mundo de novo. Conheço o custo de uma guerra, e é um preço alto demais a ser pago pelas pessoas que menos se beneficiam dela.

Então farei o que for preciso para proteger Euyn, ainda que isso custe a minha vida.

Porém talvez essa decisão seja colocada à prova antes do que eu pensava. Ainda não anoiteceu, mas um crocito ecoa ao longe pelas paredes do cânion. Pego minha espada.

CAPÍTULO DEZENOVE

AERI

RIO SOL, YUSAN

Perdi todos os meus vestidos, minha maquiagem e meus livros. Estou num bote, morrendo de frio, e está escurecendo bem depressa. Preciso admitir que isso está longe do que seria o ideal.

Por outro lado, tenho minha liberdade, um guarda-costas extremamente corajoso e diamantes na bolsa. Considerando o cenário atual, acho que poderia ser pior — mesmo sabendo que perdi meu par de sapatos favorito. Droga. Nunca mais vou encontrar saltos como aqueles. Mas eu devia estar mais agradecida, outras pessoas a bordo não tiveram tanta sorte quanto eu.

Foi pura sorte mesmo eu ter conseguido nos colocar neste bote. Mais alguns metros e teríamos caído no rio. Talvez tivéssemos sobrevivido, talvez não, mas a vida é assim. Se a dimensão não tivesse sido precisa, se eu tivesse sido lenta ou rápida demais, se eu tivesse agido um pouco antes ou depois, tudo seria diferente. Tudo na vida depende do momento certo, e o momento certo é pura sorte.

Royo já está remando há muitos quilômetros. É incrível ver os ombros largos dele trabalhando. Ele não fica nem cansado, mesmo que esteja manobrando o bote sem parar, umas cinco vezes mais rápido do que eu consegui fazer usando toda a minha força. Ele é tão forte. O jeito como atacou os piratas, como matou para me proteger, tudo isso foi... impressionante.

Cruzo as pernas. Não é momento de ficar babando por ninguém. E eu provavelmente não deveria me excitar com assassinatos. Infelizmente “não deveria” é bem diferente de “não vou”.

— Tem uma ilha mais adiante — comenta Royo. — Podemos passar a noite lá.

Viro e olho para o horizonte, ansiosa por um porto seguro. No entanto, não vejo ilha nenhuma. Do que ele está falando? Procuro de novo, mas não vejo nada. A não ser que ele esteja chamando uma pilha de rochas que mal se estende acima do nível da água de ilha. Não pode ser aquilo.

Acontece que é justamente àquilo que ele está se referindo.

— Vamos para terra firme — proponho em contrapartida, apontando para a margem do rio. Deve haver uma estalagem ou alguma coisa assim por perto.

Ele balança a cabeça.

— A ilha é mais segura.

— É um monte de pedras empilhadas.

— É um banco de areia.

— Você está sendo generoso demais. Não é muito maior do que este bote. —
Gesticulo com os braços.

Ele franze a testa. Se bem que essa já é a expressão habitual dele, então ele franze *ainda mais* a testa.

— Fique à vontade, pode continuar discutindo comigo. Funcionou superbem da última vez.

Estamos sempre discutindo sobre alguma coisa, mas parece que desta vez ele não está muito interessado. Ele deve estar com a cabeça latejando de dor, embora eu tenha perguntado umas dez vezes se ele estava bem e ele tenha respondido que sim. Quando caímos no barco, ele bateu a cabeça com tudo no banco. Royo só precisa descansar.

— Mas não é melhor a gente ir para terra firme? — sugiro com mais gentileza, deixando a voz mais aguda no final para ressaltar que é uma proposta. Minha mãe dizia que homens preferem quando fazemos uma sugestão em vez de uma exigência. É um joguinho de ego no qual, às vezes, preciso entrar.

— Não tem nenhum porto grande entre Umbria e Rahway. Nem pontos de parada para botes, e alugar uma embarcação menor levaria muito tempo.

Bem, ele tem razão, mas esse não é o único jeito de chegar a Rahway.

— A gente não pode encontrar uns cavalos e pegar a Estrada do Norte?

Ele balança a cabeça e estremece, travando o maxilar. Estendo a mão para encostar na têmpora dele e Royo me encara como um animal selvagem, os olhos me desafiando e me mandando um aviso. Abaixo o braço. Ele solta o ar, parecendo aliviado. Achei que tínhamos nos aproximado na sacada, mas parece que isso aconteceu há meses.

— É mais rápido se a gente for pelo rio. A Estrada do Norte fica muito a oeste, não seria fácil chegar em terra firme. Olha só os aterros.

O rio está com o volume mais baixo do ano e a temporada de monções deve começar em um mês. Quando a chuva cair, o nível da água vai subir cerca de três metros, então os aterros estão íngremes. É quase uma ravina. Mas ainda assim...

— Não é possível que seja mais fácil ir remando.

— Não é, mas se permanecermos na água, outro barco vai sair de Umbria amanhã e eles podem acabar reconhecendo um dos botes deles, e quem sabe tentam nos salvar. Pegar a Estrada do Norte vai deixar a viagem mais longa em quase um sunsae.

Em outras palavras: nossas opções são uma merda. Não posso me dar ao luxo de demorar um sunsae a mais para chegar a Rahway. O mestre-espião não vai esperar tanto assim. Ele vai achar que fui morta ou capturada no caminho e seguirá sem mim. E então ficarei sem nada. Vou ter que voltar para o meu pai de mãos abanando... se é que ele vai aceitar me receber. Desde que fui deserddada, não fui exatamente recolocada na posição anterior. E ele é tudo o que me resta.

— Está bem — concedo.

— Quê? — Royo me encara.

— Falei que tudo bem. Vamos tentar ir até a ilha. Se ninguém aparecer para resgatar a gente amanhã, procuramos terra firme. Combinado?

Ele torce a boca, mas cede.

— Combinado.

Pouco tempo depois, remamos até a “ilha”. Quero ressaltar quão generoso é usar esse termo para me referir ao que estou olhando agora: rochas pretas lisas ao redor de uma porção de areia e cascalho. Deve ter uns seis metros de comprimento e talvez uns três de largura. Daqui a um mês, quando chover, este espaço será coberto pela água. Porém, ainda estamos na temporada de seca, então... é o que temos para hoje.

Não tem lenha. Imaginei que pudesse haver madeira boiando ao redor ou pelo menos gravetos o suficiente para acender uma fogueirinha, mas não tem nada. Nada para nos aquecer durante a noite. Vou congelar até a morte aqui, e já não sinto mais as pernas. E então me lembro: tenho um manto na bolsa.

— Podemos usar isso para nos aquecermos. — Pego o manto e abro um sorriso.

Royo franze a testa para mim. Eu não esperava que ele morresse de gratidão, mas seria legal pelo menos uma reação.

— *Nós* aquecermos?

Tem quantas pessoas nesta ilha, Royo?

Ele coloca as mãos nos bolsos.

— Pode se cobrir. Tô de boa.

É claro que ele vai querer dar uma de machão e aguentar o frio. Só que sem uma fogueira ou qualquer fonte de calor, eu não vou suportar a noite. Já cheguei perto de congelar antes, sem saber o que fazer, encolhida para tentar me aquecer e mal sobrevivendo. Não vou passar por isso de novo.

— Preciso do calor do seu corpo — digo. — Ou vamos precisar sair desta rocha.

— Não vou passar a noite de conchinha com você. — Ele cruza os braços sobre o peito. Para quem não para de olhar para as minhas coxas, ele pareceu bem ofendido com a sugestão.

— Ah, tudo bem, então eu congelo. Ótimo plano.

— Não está tão frio a ponto de você congelar.

— Não, vou ter uma hipotermia e ficar com febre. Sou muito divertida quando estou com febre. Falo que nem uma matraca.

Ele cerra as mãos na lateral do corpo e solta algo entre o suspiro mais pesaroso nos três reinos e um grunhido. Em seguida, ele se afasta de mim e se senta em uma das rochas.

Talvez minha abordagem não tenha sido das melhores.

O vento uiva sobre nós e não há abrigo. Não tem nada que possamos fazer a não ser gelar até os ossos. Visto o manto e o frio diminui um pouco, mas não é o bastante. Preciso convencê-lo se deitar ao meu lado, mas parece que ele preferiria estar em Khitan agora.

Estou sem ideias, mas quando estávamos na sacada, ficar em silêncio fez com que ele falasse, então talvez isso também funcione agora.

— Royo? — digo. Está bem. Não sou boa em ficar calada.

— Preciso de um segundo.

Nunca salvei a vida de ninguém, mas achei que receberia um pouco de gratidão. Um tiquinho só. Parece que eu me enganei. Se bem que ele também salvou a minha vida — várias vezes, se contarmos cada um dos piratas. Além do mais, ele já passou por muita coisa. Aposto que Lora não era uma “amiga” dele, mas alguém que amava. Deu para notar pela expressão de dor em seu rosto. Ninguém reagiria de maneira tão visceral ao meu nome, mas quem sabe um dia, se eu me sair bem neste trabalho. Aliás, se eu conseguir *chegar* aonde preciso para fazer este trabalho.

Eu me sento na areia e deixo minha cabeça tombar para trás para fitar o céu escurecendo. O crepúsculo é tão lindo, ainda que seja a morte do dia. Está tão frio que por um momento penso que a areia pode estar molhada, mas quando a sinto na palma das mãos percebo que está seca. Se estivesse úmida, absorveria todo calor do meu corpo, mesmo com o manto sobre mim. Bato as mãos para tirar os grãosinhos. Ainda não é o ideal, mas que escolha eu tenho?

Estou franzindo a testa para o céu quando o sinto perto de mim.

— Tá bem — diz Royo.

Olho para ele.

— Está falando sério? Vai dormir perto de mim?

Ele me responde com outro longo suspiro de sofrimento, mas percebo algo a mais em seu semblante. Ele está fingindo. Quer dizer, ele me acha estranha e cansativa, mas não está tão incomodado quanto parece.

Que homem mais interessante.

— Vou — resmunga ele. — Vamos dormir de costas um para o outro.

— Nossa, que sem graça.

Ele me encara e começa a me dar as costas.

— Vou dormir naquela rocha ali.

Agora é minha vez de suspirar profundamente.

— Está bem, Royo. Vamos dormir de costas um para o outro, então. Só estou dizendo que temos opções melhores.

Nos deitamos na areia. Não é tão ruim, mas está muito, muito frio. Royo estende o manto sobre a gente, mas não é o suficiente. Não para nós dois, definitivamente, ainda mais considerando minhas pernas nuas. Nossas costas estão se tocando, mas meu peito está gelado. Eu devia ter usado um vestido longo, ou talvez calças, mas não tinha como prever que eu acabaria congelando até a morte hoje.

O sol se põe, e nós começamos a tremer.

Pouco tempo depois, meus tremores ficam mais fortes. Não consigo parar, meu corpo não retém nem um pouquinho de calor. Sério, eu tenho o porte de um gato pelado desnutrido. Meus membros estremecem, tentando permanecer vivos. O estado de Royo é um pouco melhor, ele está só tremendo em silêncio.

— Odeio este frio — digo.

— Eu também — balbucia ele.

— Um dia, vou morar em Tamneki, onde é sempre quente — declaro.

— É melhor não desperdiçar seu fôlego — aponta Royo.

Fecho a boca e percebo que falar não muda em nada o frio que estou sentindo, ele só quer que eu fique calada.

Babaca.

Alguns minutos depois estou tremendo para valer. Meus dentes batem e eu não consigo controlar as contrações musculares. Deve ser irritante para ele, mas não estou fazendo de propósito. Chega a doer.

Ele suspira e então se vira, encostando o peito às minhas costas.

Fico tão chocada que meu corpo fica imóvel.

— Vem cá — sussurra a voz grossa dele no meu ouvido.

Eu me viro e fico de frente para ele. Royo coloca os braços ao meu redor e eu o abraço como um travesseiro, tremendo contra ele. Consumo todo o calor que sinto irradiar do peito dele. Ele aperta as pontas do manto sobre nós, e quase me sinto à vontade.

Só que ele obviamente não me quer tão perto assim. Ele se afasta quando esfrega minhas coxas nas dele, mas minhas pernas estão geladas pra cacete, Royo.

Ele inclina a cabeça para cima, longe de mim, e eu me pergunto por quanto tempo ele vai conseguir se manter nessa posição. Aninho meu rosto no pescoço dele, já que ele não quer me olhar nos olhos. Na pele quente dele, meu nariz deve estar um gelo, mas ele suspira e coloca a cabeça contra a minha. Royo me aperta de leve, me segurando bem perto.

Que homem estranho.

Porém, estamos quentes o bastante para sobreviver assim. Juntos.

Nunca tive essa experiência, ter um homem que eu desejo enrolado no meu corpo ou alguém para me salvar. E, está bem, é o trabalho dele e nós só estamos tentando sobreviver e faturar uma grana, mas ele ainda está aqui comigo. Isso é novidade para mim, já que eu sempre precisei salvar a mim mesma.

Eu me aproveito dessa proximidade e do calor que vem de seu peito. Ele cheira a couro e pinha, mas misturado com alguma coisa doce. É um contraste tão bom. Eu respiro esse perfume até estar quase adormecida em seus braços. Mas enquanto pego no sono, me pergunto se amanhã ele vai voltar a ser grosseiro e intocável.

CAPÍTULO VINTE

EUYN

PASSAGEM DAS MONTANHAS DE TANGUN, YUSAN

Onze badaladas depois do início da nossa jornada, deixamos o ponto que divide Fallow de Yusan. Estamos em casa. Talvez. Se conseguirmos chegar até lá. Bom, acho que eu estou em casa mesmo assim.

Fora um crocito ou outro que ecoa ao longe, felizmente não encontramos um único samroc. Porém, chegar sobre um burro e cruzar a fronteira praticamente ao anoitecer não é bem o retorno glorioso que eu tinha em mente. Obviamente, não era nem para eu ter voltado, afinal é isso que morte por exílio significa. Acho que tenho sorte de sequer estar vivo. Mas agora que o dia está acabando, tenho quase certeza de que o Deus da Sorte está prestes a me dar as costas.

Olho de relance para Mikail, que passou o dia todo mal-humorado. Ele não quer admitir, mas acho que é por causa da laoli. Ele é forte, mais forte do que qualquer um que já conheci, mas a laoli não está nem aí para isso.

Seria mais fácil não prestar atenção em Mikail se a beleza dele não fosse dilacerante como uma faca. Ou se eu não me lembrasse dele gemendo no meu pescoço, na minha pele ainda úmida com o suor dele em vez do meu.

— Você está me encarando, EuyN — diz ele.

Franzo os lábios. Maldita visão periférica.

Pigarreio.

— Qual é o plano?

— Quando sairmos da passagem, faremos uma pausa e viraremos a noite em Gorya. Amanhã pegamos um coche rápido para Rahway.

Gorya é uma cidade pequena que fica no lado yusaniano das Montanhas de Tangun. Viajando com burros, deve ficar a umas três badaladas ao leste da passagem.

— Swift não é mais perto? — pergunto. É uma cidade maior, localizada na parte mais baixa da colina.

— Soldados demais. Lá tem uma guarnição. Agora que estamos em Yusan, você precisa ficar o mais escondido possível. Seu cabelo e sua barba ajudam a te disfarçar, mas qualquer um que esteja procurando por você vai te reconhecer.

Assinto com a cabeça. Sei que tem gente procurando por mim. Pelo menos tinha. Precisei matar dois homens no meu primeiro ano em Fallow. Depois disso,

vasculhei os pertences deles e roubei o que podia. Descobri também a recompensa pela minha cabeça, quando encontrei um pôster de PROCURADO todo amassado. A coroa tinha divulgado ilustrações minhas com as palavras COM OU SEM VIDA. Entretanto, mudei o bastante para não ser reconhecido com tanta facilidade. Pelo menos era o que eu achava.

Ainda assim, Mikail deve ter razão. Ele não teve problema algum em me localizar, e os soldados me conhecem. Eu tinha acabado de completar dois anos na guarda real antes de ser banido. Ocupava uma posição mais cerimonial, que consistia em viajar pelo país para participar de encontros militares em nome da coroa, mas eu gostava. Bebi com soldados de Gain a Umbria, e eles me amavam.

No entanto, para que nosso plano funcione, temos que sobreviver às próximas quatro badaladas. Nunca ouvi falar de samroc sendo avistados em Yusan, mas duvido que essas criaturas respeitem fronteiras estabelecidas por humanos. E aposto que o casal que nos atacou deve estar vasculhando o deserto atrás de nós desde então. Sinto isso no meu âmagô.

Não comentei nada com Mikail, porque ele diria que estou sendo paranoico. Mas estar paranoico não significa estar errado.

Olho para o céu, embora ainda esteja cedo demais para eles caçarem. Fiquei tenso toda vez que percebi uma sombra pairando sobre nossa cabeça hoje. Então, sim, eu me preocupei com cada nuvem no céu.

Só quero sair desta passagem. Eu preferia lidar com a recompensa pela minha cabeça do que ser comido. A sensação de estar sendo caçado é horrível.

Talvez eu não devesse ter perseguido aqueles homens na floresta.

A ideia me abala. Eu nunca tinha parado para pensar sobre isso antes. Em Yusan, nós matamos por diversão o tempo todo. Eu não me dei conta de como o que eu estava fazendo era totalmente diferente de uma partida de tuhko.

A cada quatro anos acontece o Torneio Real de Tuhko, evento em que duzentos e cinquenta mil espectadores assistem ao time vencedor ser banhado em riquezas, e a todos os dez jogadores do time perdedor, mais o técnico, serem dizimados num ritual de sacrifício aos deuses. Os jogadores sabem dos riscos e mesmo assim aceitam competir — as vezes até os filhos de alguns nobres de escalões mais baixos participam — pela chance de conquistarem a glória. E o prêmio de quatro milhões de muns de ouro. O perigo é parte do que leva meio milhão de olhos a permanecerem vidrados no jogo. Cada chute, cada passe é crucial. Cada ponto pode literalmente significar vida ou morte. É por isso que o público lota a maior arena dos três reinos e por que, de vez em quando, os juízes acabam tendo os membros despedaçados pela multidão ou pelos jogadores. A intensidade só aumenta a diversão.

Para mim, caçar criminosos condenados surtia o mesmo efeito.

Só que agora, em vez de achar que eu não devia ter poupado a vida de Chul, acho que talvez eu não devesse ter caçado ninguém. Mas ainda assim, acredito que meu exílio foi injusto. O que fiz não foi pior do que o que Joon já fez. A diferença é que meu irmão se ajoelhou para os lordes.

E Mikail concordou.

— Está pensando demais, Euyun. Quase consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro girando — fala Mikail.

— Por que você concordou?

Ele olha para mim, e vejo que o rosto dele está iluminado pelos últimos raios de sol.

Não era assim que eu queria ter abordado esse assunto. Não é o momento nem o lugar para isso, mas agora já falei. Não faz sentido fingir que não.

— Fico surpreso por não ter perguntado antes de irmos embora de Outton — responde ele com um sorriso. — Você ainda acredita que eu te traí no salão do trono ao concordar com Joon. Acha que, se eu tivesse tomado seu partido, teriam permitido que ficasse em Yusan.

Bem... sim.

Ele respira fundo e olha para o céu colorido, depois morde o interior da bochecha.

— Euyun, estou implorando para que, no auge dos seus vinte e três anos, a sua compreensão de política e das motivações do seu irmão seja um pouco mais ampla do que a de uma criança.

Está bem, dentre todas as respostas possíveis, não imaginei que ele decidiria me insultar.

— Não sou uma criança — rebato.

— Então pare de pensar como se fosse.

— Mas não estou.

Outro suspiro.

— Então você acha que seu irmão, o deus-rei, teria mudado de ideia por conta da opinião do seu amante plebeu?

Desvio o olhar. Devo admitir que colocando as coisas desse jeito, não me parece mesmo tão provável.

— Ou acha que seu destino foi traçado quando Chul correu para o rei e, na frente de todo o Conselho de Lordes, contou que você estava caçando condenados da Prisão do Ócio e os matando na floresta para o seu próprio lazer; uma violação de, digamos, cerca de meia dúzia de leis de Yusan? Além do fato de que a coisa toda não estava nada boa para o seu lado?

Eu me calo. Não fazia ideia de que o Conselho dos Lordes havia se reunido. Duas vezes ao ano, os quatro condes, junto aos nobres de escalões mais altos das maiores cidades em Yusan, se encontram com o rei para discutir questões do reino. Eles passam uma semana no Palácio de Qali. É sempre um período de bastante tensão, porque muitos deles já tentaram e falharam em matar uns aos outros. Acho que eu dei azar de o Conselho dos Lordes estar reunido naquele momento.

Mikail balança a cabeça.

— Até seu irmão estava de mãos atadas.

Imagino a cena, Chul invadindo o salão do trono, ainda coberto de folhas e terra, com a história de ser caçado na ponta da língua. Imagino como os lordes teriam fingido estar horrorizados e clamado pela minha cabeça, como se eles

próprios não cometessem assassinatos e fizessem conspirações o tempo todo.

Ainda assim, mesmo se Joon não tivesse outra opção, senão agir contra mim, foi o fato de Mikail sorrir e concordar que selou meu destino.

— Você poderia ter... — começo.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Ter defendido você para sermos banidos juntos? Ah, uma imagem linda: nós dois de mãos dadas e queixo erguido, encarando seu irmão como um só. Isso só acontece nas peças de teatro encenadas para a realeza. Se Joon pudesse provar que eu sabia das suas atividades e não tinha repassado a informação a ele, eu seria considerado um traidor. Teriam me executado ali mesmo, ou me jogado na Prisão do Ócio, ou ainda, me condenado ao lingchi. É difícil dizer. Mas eu *não* teria sido banido com você. A morte por exílio foi inventada pelo seu irmão justamente para que ele não precisasse ordenar a sua execução.

Eu... eu não tinha pensado nisso. Limpo o suor da testa. Por mais incrível que pareça, eu nunca considerei o que teria acontecido a Mikail. Sempre fomos tão próximos que eu pensava em nós dois como sendo um único ser. Mas ele tem razão, ele é um plebeu, e eu, um príncipe. Pelo menos eu era. Não faço ideia do que sou agora. E, nos últimos três anos, vi de perto como a plebe tem pouco poder. O quanto suas escolhas são pífias.

Os argumentos que me restavam morrem na minha língua.

— Ao concordar com Joon, provei minha lealdade a ele — prossegue Mikail.

— Assim eu poderia te salvar. Por mais que não tenha sido uma fantasia romântica, era a única chance que eu tinha de te proteger.

— Chama isso de proteção? — rebato, gesticulando ao meu redor.

Mikail joga um braço para cima.

— Você acha mesmo que acabou *por acaso* na beira de um oásis? E que a caravana *por coincidência* teve piedade e levou você a um sunsae para o leste, até Outton, *de graça*? Pela luz das estrelas, Euyn! — A voz irritada de Mikail ecoa pela passagem, então ele diminui o volume. — Você é mais burro do que o animal em que está montado.

Fico incrédulo. O oásis. A tempestade de areia. Mas eu cheguei ao oásis com meus próprios pés, não? Não... eu já acordei lá. Não tem como ele saber exatamente onde acordei ou que havia uma caravana de passagem, a não ser que... ele estivesse lá. Foi Mikail quem se arriscou numa tempestade de areia para me carregar até a beira do oásis, e foi *ele* que encontrou um jeito de que eu fosse levado a Outton, a maior cidade mais próxima da fronteira, onde eu poderia refazer a vida em meio à população. Ele pagou para que eu fosse salvo. Este tempo todo achei que tivesse sobrevivido por bênção divina e generosidade aleatória, mas tinha sido Mikail. O amor dele por mim. A lealdade dele a mim.

Seguimos caminho sem dizer mais nada, ouvindo apenas o som dos burros se movimentando pelo chão rochoso.

Sou um idiota.

Por mais que eu achasse que Mikail tinha me abandonado, que tinha me procurado só para me matar, ele é o único responsável por eu ainda estar vivo.

— Mikail... — De alguma forma, exprimo todo o meu arrependimento nessas singelas sílabas.

Ele balança a cabeça.

— Tudo bem, Euyun. Não era para você saber. Era mais seguro assim.

Ele não parece chateado, mas eu estou. Saber que duvidei dele me deixa de coração partido. Eu devia ter sido esperto o suficiente para me dar conta disso tudo sozinho. Mikail sempre me apoiou, desde que éramos crianças. Ele não teria me traído. Mas eu estava tão desesperado, tão desolado na Prisão do Ócio, que me permiti considerar o pior.

— Mesmo assim, me desculpe — digo.

Mikail olha para mim e assente.

— Me desculpe também. Eu queria ter tido a oportunidade de te contar isso antes.

Prosseguimos em silêncio. Olho de novo para as montanhas, mas elas já estão cobertas pela escuridão.

— Joon também não teve muita escolha. — É uma pergunta e uma afirmação.

— Pois é.

— Então por que matá-lo?

Ele olha fixamente para a frente.

— Seu irmão não é um rei justo. Espero que você seja.

— Mas ele...

— Euyun, se estiver procurando por um culpado, agora que eu e seu irmão fomos inocentados, que tal o Carniceiro da Floresta do Oeste?

Sinto um aperto no peito e o estômago revirar ao ouvir meu antigo apelido. Eu não era um carnicheiro, mas os primeiros prisioneiros ficaram tão desorientados pela luz do dia que nem houve nenhuma caça, foi apenas uma matança. Eles morreram em dois minutos. Mikail sabia disso. Embora eu tentasse esconder minhas práticas, ele sabia do que os guardas da prisão tinham me apelidado, e me amava mesmo assim. E apesar de tudo o que fiz, ele ainda acha que eu serei um rei melhor do que Joon.

Existem tantas outras perguntas e coisas que gostaria de dizer, mas o sol se põe no horizonte. Mikail e eu trocamos um olhar. Sem mais conversa até sairmos da passagem.

Deixo minha besta carregada sobre o colo, com o virote apontado para longe de Mikail. Ele repousa a mão perto da empunhadura da espada.

Continuamos o caminho pela passagem. Os burros conhecem a rota, mesmo no escuro. Trocamos nosso único cavalo sobrevivente por estes bichos, mas me tranquiliza o fato de que eles devem ter feito este mesmo trajeto muitas vezes e sobrevivido.

Então talvez não haja ninhos de samroc por perto. Talvez a gente consiga sair de Fallow inteiros.

Torço por essa possibilidade enquanto seguimos por mais uma badalada noite adentro.

É aí que um ruído estridente ecoa na escuridão, e desta vez está próximo.

CAPÍTULO VINTE E UM

TIYUNG

ESTRADA DO NORTE, YUSAN

Estou viajando com Sora há três dias. A linda, letal, amável e odiosa Sora. Às vezes, quando ela me olha, meu coração derrete, mas logo me dou conta de que, por trás daqueles olhos violeta, ela está planejando minha morte, e então essa visão passa a não ser nada desejável.

— O que está querendo com isso? — pergunta ela.

A voz de Sora me arranca dos meus devaneios. É como o som de uma chuva muito aguardada num dia escaldante. Ou o tinido limpo e arrebatador dos sinos de um templo. A música divina dos deuses. E em geral ela preferiria beijar um sapo a falar comigo.

— Desculpe, o que disse?

— O que está querendo ao dar comida a criados e dinheiro a crianças pedintes? — questiona.

Para ser sincero, eu tinha me esquecido dessa segunda parte. Tivemos um almoço desconfortavelmente silencioso, mas ainda assim delicioso na taverna e, enquanto voltávamos para a carruagem, surgiram algumas crianças pedintes do lado de fora. Há pobreza alarmante em todo o território de Yusan, e as crianças são as mais atingidas. Meu pai diz que muitas dela têm pais preguiçosos e perfeitamente capazes de serem o ganha-pão da família. Que os mais novos fingem ser órfãos para conseguir muns sem muito esforço. Ainda que isso seja verdade, eu preferiria dar dinheiro a cem atores a passar direto por uma criança com necessidades reais.

Essa é uma das muitas situações nas quais discordo do meu pai. Em momentos como esse, ele diz que tenho a fraqueza da minha mãe. A esta altura da vida, já não me importo mais. É melhor ser assim do que a alternativa.

Dou de ombros.

— Por que precisa haver uma finalidade?

Ela semicerra os olhos para mim.

— Ah, entendi — falo, cruzando os braços e me recostando. — Acha que é tudo encenação. E está se perguntando por que estou fingindo.

— Bem... é isso. Você deu muns de prata às crianças. Aquele dinheiro vai garantir *dias* de comida para elas. Seu pai as teria atropelado.

Errada ela não está.

— Eu não sou o meu pai.

Ela debocha.

— Mas tentava ser.

Para variar, Sora tem razão. Nem sempre fui uma boa pessoa, muito menos com ela. Passei muito tempo querendo ser como meu pai, para impressionar ou, pelo menos, ganhar a aprovação dele. Eu não queria que ele me achasse fraco. Me sinto mal ao me lembrar de como eu ia à escola de veneno dele usando cartola e joias, e exigia que me servissem chá e biscoitos. Principalmente Sora.

Por outro lado, se eu tivesse demonstrado algum tipo de interesse — ou pior, gentileza —, eu poderia ter dificultado a vida dela. Só existe uma coisa que meu pai ama mais do que poder: ensinar o filho dele a ser implacável. Então, eu sempre fui o tirano que eles esperavam, mas pelo menos eu conseguia vê-la, por mais que fosse apenas por breves momentos.

Ainda assim, me deixava enojado ver como as garotas todas ficavam pálidas, frágeis, trêmulas quando eu tentava agir como o meu pai. Sora se saía muito melhor do que as outras, e eu sempre senti certo orgulho disso. Quando fiquei mais velho, eu concordava em ir com meu pai à escola secreta porque queria ver com meus próprios olhos que ela ainda estava viva. Lá morriam garotas demais.

Uma vez, chegamos bem no momento em que o corpo esquelético de uma garota estava sendo queimado em uma pira crematória. Ela tinha morrido de forma tão horrenda que não conseguiram fechar o maxilar dela. A garota tinha cabelo preto, e eu fiquei apavorado com a ideia de que podia ser o corpo de Sora, mas então a avistei entre as sobreviventes. Quis chorar, gritar e vomitar de alívio, mas eu era um adolescente. Forcei um bocejo falso porque meu pai estava me observando. Seok está sempre observando.

Quando a alma da garota foi liberta, enterraram as cinzas com as das outras. Não eram nem mesmo jogadas ao vento, como dita o costume — isso nunca se aplicava a elas. Não passavam de vítimas a serem esquecidas. Eu, no entanto, me lembrava.

— Você está certa — digo —, mas acho que não em relação a tudo.

Não me dou ao trabalho de aprofundar, explicar ou pedir perdão. Sora deseja muitas coisas — principalmente a morte do meu pai —, mas uma coisa que ela nunca vai desejar é a mim. Ela não terá o menor interesse na confissão do meu amor.

Quando está refletindo sobre algo, o olhar dela se intensifica. Ela é inteligente e mais capaz do que acredita.

— O que quer dizer com “acho que não em relação a tudo”? — Frustrada, ela dá um tapa no acolchoado da carruagem. — Você não pode só falar de uma vez?

Eu me inclino para a frente. Ela não recua. Nunca se sente amedrontada. Amo isso nela. Amo tudo nela. Penso em contar como eu a amei desde a primeira vez que a vi, quando ela tinha nove anos e eu dez, sinto as palavras na ponta da língua. Contudo, agora não é o momento. Talvez eu conte antes que tudo isso acabe, mas não vai ser hoje.

— Quer dizer que estou de saco cheio desta conversa, Sora — respondo, bocejando.

Reclino o corpo e apoio a cabeça no banco.

Sora olha pela janela e observa a vista, mas não diz nada. Mais silêncio. Só o som dos cavalos trotando pela estrada e das rodas girando. Pode ser que ela não fale comigo até chegarmos a Rahway, mas digo a mim mesmo que é melhor assim — ou, pelo menos, que é o que mereço.

— Seu pai quer a coroa? — pergunta ela, segundos depois.

Não sei se fico mais surpreso pelo fato de ela ter falado ou pela pergunta.

— Acredito que sim. Ou ao menos mais poder.

— Por quê? Por que não basta ter o controle sobre Gain e ser o conde do sul? Ele tem um quarto do país na palma da mão, e somente o rei está acima dele. Ainda assim, ele está arriscando traição para conseguir mais.

Respiro fundo. Já me perguntei a mesma coisa tantas vezes, embora no fundo do meu coração eu já saiba a resposta.

— Alguns homens só conhecem a sede — falo. — Se eles bebessem o Oceano do Leste e o do Oeste, iam querer o gelo do Norte. Você sabe disso. Já viu acontecer.

Ela franze a testa.

— Mas não entendo.

— Porque você não é vazia por dentro — respondo. Ela me encara ao ouvir meu comentário. Acho que soou como um elogio, mas na verdade é só um fato. — E você também não é um homem poderoso.

— Às vezes parece que fui esvaziada, como se não restasse nada da menina que fui. — Ela fala baixo, mais para si mesma do que para mim. Mas qualquer confissão que ela articule faz com que meu coração se aqueça. Ainda assim, mantenho meu ar distante.

Balanço a cabeça.

— Você tem Daysum. E ainda é você mesma.

Algo como decepção surge em seu rosto. O que foi isso? Antes que eu possa decifrar, a expressão dela se transforma

— Um dia, você vai ser tão poderoso quanto seu pai — fala ela. — Talvez até mais.

Assinto.

— Vou tentar não mudar quem sou por causa disso, mas estou certo de que acabarei mudando. Preciso imaginar que meu pai começou a vida como uma boa pessoa.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Nunca tive evidência alguma disso.

— Nem eu, mas foi o que minha mãe me contou: que muito tempo atrás, ele era um homem bom.

Sora tamborila um dedo no queixo. Aposto que ela não consegue imaginar meu pai como alguém bondoso, e não a culpa. No entanto, minha mãe defende que Seok costumava ser um jovem lorde carinhoso. Que ele se importava com os

outros e a amava com todo o coração. E minha mãe não mente.

— O que aconteceu com ele? — pergunta Sora.

— O poder corrompe a todos — digo. — Quanto mais se tem, maior a queda. Quero te ajudar, Sora. Permita que eu faça isso, enquanto ainda posso ser o homem que eu quero ser. Não precisamos ser amigos — insisto—, mas podemos ser aliados.

Ela tenta falar algumas vezes, mas então suspira e assente uma única vez. É o máximo de concordância que vou conseguir. Sora deve estar desesperada, mas acredito que vá aceitar minha ajuda, o que é bom. Ela vai precisar.

Meu pai ordenou que eu a matasse quando o rei estiver morto.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

EUYN

PASSAGEM DAS MONTANHAS DE TANGUN, YUSAN

Sinto um calafrio da nuca até a base da coluna quando ouço o som, e seguro firme a besta. Não parecia ser um samroc adulto — os ruídos desses são bem mais altos —, mas podemos estar perto de um ninho. Os filhotes devem ter a altura de um homem adulto e, sei lá, vai que eles soam como humanos. A ideia faz meu sangue gelar.

— O que *foi* isso? — sussurro. Carrego a besta e a aponto na direção do som, mas Mikail já está andando até lá.

— É uma criança chorando, Euyun.

Suspiro de alívio com o alarme falso e direciono meu burro até Mikail. Encolhido no chão com os joelhos pressionados contra o peito está um menininho. Ele deve ter uns sete ou oito anos e está vestindo uma túnica que não serve direito nele. Relaxo, mas meus pelos ficam arrepiados mesmo assim. Alguma coisa está errada. Não tem por que um menino estar sozinho nesta passagem à noite, não quando estamos a três badaladas da cidade mais próxima; não com tantos perigos por perto.

Olho ao redor procurando por lanternas, por qualquer sinal de um ataque iminente, mas não encontro nada. A atmosfera da noite está calma, mas o cenário todo me parece errado.

— Deixa o menino, Mikail — alerta.

Ele me lança um olhar tão severo à luz do luar que chego a recuar.

— Não vou deixar uma criança sozinha aqui.

— Só pode ser uma armadilha. O que ele estaria fazendo aqui?

— Não temos como saber se não perguntarmos a ele, né, porra — rosna Mikail num sussurro. Ele olha para o garoto. — Qual é o seu nome? — pergunta, desta vez com delicadeza.

— Kito, senhor — responde ele.

— Kito, onde estão seus pais?

Apesar de não responder, os olhos brilhantes do menino vagam para a esquerda. Eu ando para a frente com o burro, mantendo a besta nos ombros, mas então a abaixo.

Sinto cheiro de morte e logo percebo o motivo. Mataram até a mula, o

pescoço do animal está ensanguentado. O sangue já secou um pouco e atraiu um enxame de moscas do deserto. A carroça está tombada de lado. Eles não foram atacados por um samroc, e sim por pessoas. Não arrisco acender uma lanterna, mas olho mais de perto.

O homem, que presumo ser o pai de Kito, está morto com a garganta cortada. Dou uma olhada no entorno, mas só encontro o corpo da mula e o do homem. Os pertences estão espalhados pelo chão. Eu me aproximo e encontro um vestido, uma bola e um boneco. E então vejo mais um corpo, o da mãe. O rosto dela está paralisado em agonia, as saias estão levantadas e as pernas separadas. Sem dignidade alguma, mesmo na morte.

Faço o burro dar meia-volta.

Mikail se vira e analisa meu rosto. Balanço a cabeça. Nenhum sobrevivente.

— Foram homens armados que atacaram sua família? — pergunta Mikail.

O menininho faz que sim.

— De Yusan ou de Fallow? — pergunto.

Ele começa a chorar.

— Não sei. Eu me escondi. Eu não devia ter corrido pra me esconder, mas corri. E agora...

— Você fez bem — afirma Mikail. É o tom mais suave que já o ouvi adotar. Mikail sempre foi coração mole quando se tratava de crianças, mas eu não sei por que ele se afeiçoou tanto a este menino.

Kito balança a cabeça.

— Levaram minha irmã e meu irmão. Eles... atacaram... ela. Eu devia ter ajudado. Eu não devia ter tampado os ouvidos...

— Não tinha nada que você pudesse fazer contra homens armados. Ia acabar sendo levado também — fala Mikail. — Sabe para que lado eles seguiram?

O menino balança a cabeça de novo.

— Não.

— De que cidade você é? — pergunto. Está escuro demais para que eu consiga ver o rosto dele, mas alguma coisa nesta situação faz um calafrio percorrer meus braços.

— De Gale, senhor.

Gale fica a dez badaladas ao sudeste de Swift.

— Por que estavam indo a Fallow? — pergunto.

A carroça estava virada para a passagem, não de costas para ela. E mesmo tendo visto os corpos e o sangue, a situação me parece estranha, como se fosse uma encenação. Este menino não deveria estar aqui. Homens capazes de matar dois adultos e levar duas crianças para serem vendidas não teriam sido descuidados a ponto de deixar esta aqui para trás. Afinal, crianças são justamente o motivo desse tipo de coisa acontecer, já que elas rendem mais dinheiro.

— Meu pai disse que era para termos uma vida melhor — responde Kito.

Troco um olhar com Mikail. Como Fallow poderia ser melhor? A família dele deveria estar envolvida em algo ilegal, pelo menos isso explicaria estarem viajando pela passagem durante a noite.

— Estamos indo para Yusan — comenta Mikail. — Podemos te levar junto.

O menino assente lentamente.

— Mikail... — digo. — Não.

— Ou ele vem com a gente ou você segue viagem sozinho — rebate ele, com tanta firmeza que recebo a resposta como um tapa na cara.

Ele preferiria ajudar esta criança que nem conhece a me levar a um lugar seguro? O homem que ele ama? Sem falar que sinto algo estranho subindo pelas minhas costas. Algo ruim está se aproximando. Precisamos sair daqui, agora.

— Acho que podemos levar ele até Swift, mas... — começo.

Mikail me fulmina com o olhar e depois se vira para a criança.

— Vamos levar você até Gale. O restante da sua família mora lá, certo?

Kito faz que sim de novo.

— Venha com a gente, filho. Vamos levar você para casa.

De repente, o menino hesita. Ele olha ao redor freneticamente. Começo a fazer o mesmo, me perguntando o que é que ele está procurando. Tem algo de estranho no olhar dele. Por que Mikail não percebe isso?

Ele é o único olhando para a frente.

— Mas eu... — diz o menino.

— Sua família não vai voltar — fala Mikail, com suavidade, mas firmemente.

— Mas talvez os homens que fizeram isso voltem. Eles podem se dar conta de que te deixaram escapar, então precisamos sair daqui. Não existem palavras, e podem nunca existir, para o que aconteceu aqui hoje, mas você foi poupado. A sua função é levá-los em seu coração e fazer o que for preciso para merecer ter sobrevivido. Não tem nada que possa fazer por eles, nem nada que você podia ter feito para impedir que isso acontecesse. Gostaria de ter chegado aqui antes, mas que bom que estamos aqui agora para ajudar.

Paro de querer fugir e compreendo o que Mikail está dizendo. É estranho. Fico com a sensação de que ele já disse tudo isso antes, mas quando e por quê? Não faz sentido, mas não sei o que ele já fez enquanto espionava para o meu irmão. Sei que ele já tirou vidas, mentiu e seduziu, mas nunca fiquei fazendo perguntas.

Talvez eu devesse ter feito.

O menino dá uma fungada, mas se levanta.

— Agora se despeça em seu coração e venha com a gente — diz Mikail. — Não olhe quando passarmos, não tem nada ali para você ver.

Mikail coloca o menino no burro e sai andando segurando as rédeas. Eu o acompanho, montado ao lado dele.

Quando estamos quase terminando de passar pela carnificina, o menino sussurra:

— Corram.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ROYO

RIO SOL, YUSAN

Não faz sentido nenhum. Nada disto aqui.

Tentei deixar para lá, mas desde que acordei fiquei remoendo o que aconteceu com o brulote. Quer dizer, mais ou menos. Acordei ao amanhecer, com Aeri enrolada em mim. De alguma forma, esta garota pequena ajudou a me aquecer durante a noite. Ela tem cheiro de flores, como a primavera, mesmo num banco de areia no meio de um rio. Ninguém em Umbria tem cheiro de flores. Fiquei deitado sentindo o perfume, não porque gosto dela, nem nada do tipo. É só porque não é muito comum.

Além do mais, ela estava tão linda adormecida. Ela parece ter menos de vinte e quatro anos, principalmente dormindo. Percebo que estou encarando e desvio o olhar. O bote chamou minha atenção.

Eu estava tão preocupado em nos afastar do navio de fogo, chegar a um lugar seguro e depois sobreviver à noite, que não pensei muito no fato de que caímos da sacada direto no bote.

Porém, enquanto o encarava, eu sabia que não tinha como explicar o que aconteceu. Ele estava longe demais de onde caímos para aterrissarmos nele. Só que, de algum modo, foi exatamente o que aconteceu. Ainda mais surpreendente é o fato de termos conseguido escapar.

Então Aeri acordou, animada e com um sorriso no rosto. Isso me deixou chocado, porque quem é que acorda feliz? Ela não é normal.

— Bom dia, Royo — disse ela.

Levantei e me ocupei com os preparativos para sairmos da ilha — o que não era nada de mais, mas foi motivo suficiente para me afastar dela.

Por dez minutos.

Pelas cinco badaladas seguintes, ela me seguiu para lá e para cá, listando todas as coisas que queria comer. Meu estômago vazio roncou, e mais uma vez imaginei o barulho que ela faria se *por acaso* caísse no rio. Dessa vez, no entanto, a ideia foi menos satisfatória do que da primeira vez, provavelmente porque salvamos um ao outro dos piratas e depois do frio.

Eu estava prestes a reagir com grosseria quando um pontinho apareceu no horizonte. Só um ponto. Mas Aeri se calou e nós dois o observamos. A esperança

começou a crescer dentro de mim, a princípio bem devagar. Tentei me convencer a acalmá-la, a não ser um tolo, porque a esperança te coloca lá no alto e depois te derruba com tudo, e disse a mim mesmo que provavelmente não era um navio. Só que então o pontinho se aproximou. E era, sim.

— Acha que vão nos resgatar? — perguntou ela.

— Não vão conseguir chegar até aqui. É raso demais. Precisamos remar até eles.

Eu não sabia se nos ajudariam, mas precisávamos tentar. Entramos no bote, e eu remei para perto dele, enquanto ela gritava pedindo que parassem.

A tripulação nos avistou — quer dizer, avistaram ela —, e nos puxaram.

Quando subimos a bordo, as roupas elegantes, mas destruídas de Aeri, juntamente com seus modos, nos garantiram outra cabine luxuosa na embarcação. Então estamos de volta a um lugar confortável, apesar de um dia atrasados no cronograma. Contudo, parado na sacada da nossa nova cabine, ainda não consigo encontrar uma explicação para o que aconteceu. Não consigo entender como nos afastamos dos piratas. Sim, a situação estava caótica. Sim, eles estavam saqueando o barco. Mas como deixaram um bote escapar? Era para estarmos mortos ou termos sido capturados.

Vai ver os deuses estão do nosso lado.

Faço uma careta. Isso não me parece nada provável. Eles nunca deram a mínima para mim ou para os meus planos. Mas foi o que Aeri disse quando contou ao capitão e à tripulação sobre nossos percalços. Disse que eu vi o brulote no horizonte e de repente houve uma chuva de flechas, mas eu lutei com eles feito um herói, e que escapamos por pouco e caímos no bote. Eu desmaiei — o que explica minha dor de cabeça e os machucados nas costas — e ela começou a remar.

Por um lado, até que faz sentido, mas por outro, não. Por que não atearam fogo no nosso bote ou atiraram flechas em nós? Acontece que Aeri é uma ótima contadora de histórias — o que significa que ela é uma mentirosa. Mas não consigo entender por que ela mentiria. Ela não tem por que mentir sobre remar para nos levar a um lugar seguro, e para contar uma mentira é preciso haver um motivo. Poucas pessoas mentem sem motivo. E então eu volto à estaca zero.

Desisto. O que conta é que sobrevivemos. Não importa como — a sobrevivência não tem nada a ver com glória. Volto para dentro.

— Royo. — Aeri sorri quando fecho a porta de correr. Desde que subimos a bordo ela falou bem menos, então talvez os deuses gostem mesmo de mim.

Tranco a porta, o que não faz a menor diferença, porque somente piratas iriam querer invadir o quarto e, nesse caso, a fechadura não ajudaria em nada. Mas tranco mesmo assim.

Em seguida, percebo que Aeri está de roupão. Ela lavou o vestido o melhor que pôde e o colocou para secar do lado de fora.

— Mal posso esperar para chegarmos a Rahway. Nossa. — Ela se joga de costas na cama e depois se senta, apoiando o peso sobre os cotovelos. O roupão abre um pouco, revelando a curva superior do seio dela e um colar. Não penso no

que está mais abaixo.

Olho ao redor procurando outra coisa para encerrar.

E ela continua falando com o teto.

— Vou mandar fazer tantos vestidos novos que vai dar para encher um novo baú. Quem sabe até dois. E aposto que vai ter uma loja de cosméticos. É tão difícil substituir uma coleção de maquiagem, mas preciso manter a pose, sabe como é.

Não sei, não. Às vezes parece que ela não está falando nada com nada, ou weiano. Ela para e me olha bem quando eu estava novamente observando o decote de seu robe. Desvio o rosto.

— Posso pedir para te fazerem alguns ternos, também — oferece ela.

Olho para a minha camisa e minha calça.

— Por que eu precisaria de um terno?

— Para quando formos conhecer o mestre-espião, talvez? Porque as pessoas costumam tratar melhor quem está bem-vestido? Porque estou pagando? Sei lá, Royo. — Ela dá de ombros. — Mas acho que ternos deixam homens mais bonitos.

— Eles fazem homens parecerem alvos.

Aeri inclina a cabeça.

— Você não quer ter coisas boas?

— Nem todos nós somos filhas de comerciantes ricos, ou garotas nobres, ou o que quer que você seja — respondo. — Alguns de nós vivem do jeito que dá.

— Não sou nobre, Royo. Nem comerciante. Minha mãe era cortesã.

Ergo as sobrancelhas. Cortesãs são como namoradas profissionais, mulheres atraentes e espertas que grudam em nobres na esperança de receberem um favor ou outro e de gerarem filhos herdeiros. O conceito de herança é meio estranho para mim, mas não julgo. Pelo menos não as garotas. Elas vendem o uso do próprio corpo como eu vendo meus serviços, a diferença é que não tenho que aguentar nobres babando em cima de mim. E não entra na minha cabeça o porquê de os homens se sujeitarem a esse tipo de coisa.

Mas era isso que ela estava começando a me contar antes de vermos o brulote. Eu me sento no sofá de frente para ela.

— Ah — digo.

— É, “ah”. — Aeri imita minha voz grave. — Por ter nascido mulher, não tive direito a nada, e minha mãe morreu ano passado sem nem um mun furado.

O tom de voz dela fica ácido de repente, como o de qualquer bêbado de Umbria que sentisse que a chance de ter uma vida boa lhe tenha sido roubada.

— Sinto muito — digo.

Aeri assente.

— Sei disso, Royo. Você ainda é próximo do seu pai?

— Ele nunca fez parte da minha vida. — Não quero contar a ela essas coisas pessoais, mas também não consigo parar. É como se ela tivesse me enfeitado.

— Entendo.

Ela me olha e percebo algo na expressão dela, uma coisa na qual acredito,

como o que senti quando ela falou sobre ser impossível desfazer nossos erros. O pai dela provavelmente não fez parte de sua vida também. Ela entende. Quero chegar mais perto, mas então me lembro de que não interessa. Ela é um trabalho. Só mais um trabalho.

— Quando eu retirar a coroa do rei, tudo vai se acertar. — Ela cruza as mãos sobre o colo, inocente que só. — Quero dizer, para nós dois.

Os olhos dela estão brilhando quando ela olha para mim. Aeri é linda, de verdade. Não é o que se imagina ao pensar em uma *mulher linda*, mas quanto mais olho para ela, mais bonita ela fica. Não sei o que ela quer dizer com “tudo vai se acertar”, e volto a me lembrar de que ela não é confiável. Preciso fechar a matraca toda vez que ela faz uma pergunta, porque não posso me dar ao luxo de confiar em ninguém. Muito menos nela. Preciso impor limites. As coisas ficaram meio turvas para mim ao longo deste último dia.

— Aeri.

— O quê?

Eu a encaro, sério.

— Se você me trair, juro que vai ser a última coisa que vai fazer na vida.

Ela sorri, achando a minha ameaça engraçada.

— Não precisa se preocupar com isso, Royo.

— Por que não?

— Porque você não tem nada que eu queira. — Ela sustenta o olhar e depois se levanta da cama. — Vamos dar uma volta. O ar fresco vai nos fazer bem. Aqui é tão mais gostoso do que em Umbria!

Ao dizer isso, ela sai do quarto. De roupão. Olho em volta em busca de respostas, e a bolsa de veludo dela prende minha atenção. Foi a única coisa que ela pegou do outro barco, grande o bastante para conter um manto de pele. Fico me perguntando o que mais ela guarda ali dentro e se alguma dessas coisas pode me contar um pouco mais sobre ela. No entanto, acabei de dizer que ela é só um trabalho, e não tenho tempo de bisbilhotar enquanto Aeri está me esperando do lado de fora. Pelo menos não agora.

Mas vou descobrir quem ela é. Eu juro que vou.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

EUYN

PASSAGEM DAS MONTANHAS DE TANGUN, YUSAN

Meus deuses do céu, como odeio ter razão.

Homens escondidos atrás da carroça e mais adiante na passagem saltam sobre nós. Quatro, ou talvez mais. Estamos cercados. Era mesmo uma emboscada, e o menino era a isca. Eu sabia, desde o começo! O pirralho nos atrasou e nos distraiu para que esses malandros tivessem tempo de se aproximar. Talvez tenham feito o mesmo com o casal na carroça — uma criancinha chorando no momento certo, então eles param e a compaixão que tiveram acaba custando a vida deles. Assim como a de Mikail quase nos custou a nossa.

Só que o pirralho nos avisou e foi tempo o suficiente para descer do burro e tirar a besta do ombro. Sinto a energia correr pelas minhas veias, mas ao mesmo tempo tudo se acalma. É a mesma sensação de quando estou caçando, seja um homem ou uma fera.

Atiro, recarrego a besta, atiro, recarrego e atiro de novo. Três virotes em menos de um minuto — um tempo de recarga recorde para qualquer arqueiro. Porém, os homens desviam de dois dos meus tiros e só um acerta o alvo, o que deixa claro que eles são lutadores experientes. Olho para o lado, esperando ver uma espada flamejante, mas Mikail está imóvel colado no burro. Nunca vi ele paralisar de medo. Não que seja o caso, mas ele está parado feito uma estátua enquanto os quatro homens se aproximam.

— Dá pra me ajudar, Mikail? — grito.

Desvio do ataque de uma espada, rolando para fora do caminho. Eu me reequilibro, mas não vou conseguir me esquivar deles por muito tempo, não de todos os quatro.

Mikail sai do estupor e levanta a espada. As chamas dela brilham na noite, e dois dos homens param. Todos sabem o que a espada é e que ela significa morte. Mikail tira o burro e a criança do caminho e meneia a espada na direção do homem mais próximo, que cai dando um grito estridente.

E então a batalha começa. São três contra dois num combate mortal. Dois homens atacam Mikail de uma vez, e um vem até mim. Reconheço os movimentos. Esses homens foram treinados no exército yusaniano, o que significa que não são nada parecidos com os ladrões de estrada inexperientes que

encontramos a caminho de Tile. Esses sabem como atacar e se esquivar, e provavelmente sabem quem somos.

Atiro de novo com a besta e atinjo o homem no ombro, mas ele continua vindo até mim. Não dá tempo de recarregar outro virote. Em pânico, pego a espada na sela do meu burro. Viro assim que a lâmina cai sobre mim, mirando minhas costas. Aço se choca com aço com tanta força que saem faíscas na escuridão. A dor do golpe se espalha pelo meu corpo. Detive a espada, mas foi por pouco. Ainda assim, a força que ele usou me faz cair no chão rochoso. Minha mão esquerda dói como se eu tivesse me cortado. Apesar de ter passado por inúmeros tutores, nunca fui muito bom com espadas. Sou muito esguio e lento demais.

Tento me levantar, mas o homem chuta a lâmina da minha mão. Desarmado e com os pulsos doendo, levanto o braço para proteger o rosto, embora saiba que isso não vai me salvar.

Meus deuses do céu, vou morrer no chão desta passagem.

O homem gira a espada no ar. Um golpe calculado para matar, sem chance de redenção. De chegar ao trono. De ter uma vida com Mikail. A vida que eu deveria ter tido passa diante dos meus olhos, e eu aceito que não vou viver nenhuma parte dela. Que tudo o que me resta é a chance de morrer com honra, não me acovardar nem suplicar. Encontro minha paz nesse pensamento.

Só que então o homem paralisa. Uma lâmina de repente sai de seu peito e rasga seu abdômen. Mikail enfiou a espada nele pelas costas.

Estou tão chocado que fico no chão, encarando Mikail.

— É melhor você continuar só com a besta mesmo — diz ele e gira a espada no ar, pronto para o próximo ataque, me protegendo enquanto faço um esforço para me levantar.

Dois contra dois. Mikail segura a espada e deixa o outro homem atacar primeiro. Meu tutor de armas dizia que lutas de espadas são como uma dança, e é exatamente o que isso parece. Conforme eles vão para a frente e para trás, é possível ouvir o tilintar do aço. Um assume o comando, o outro reage. O homem acerta a lâmina de Mikail diversas vezes. Em seguida, Mikail pula para o lado e levanta a espada. Com um golpe certeiro ela corta o pescoço do homem de fora a fora. Ele não está dando tudo de si na luta. Alguma outra coisa está incomodando Mikail.

E então resta apenas o último homem, o que conseguiu desviar dos meus tiros. Só que ele está tão ocupado se defendendo dos meus ataques que não vê Mikail se aproximando com a espada em riste.

— Pai! — grita o menino.

Kito pula na frente do pai e é atingido pela espada de Mikail bem no peito.

Meus deuses do céu.

É como se o tempo tivesse desacelerado. As nuvens que bloqueavam a lua brilhante se separaram, e a cena ficou nítida. Kito está com a espada de Mikail fincada no peito, logo abaixo da clavícula. Mikail imediatamente solta o cabo adornado com jade e ouro — algo que ele nunca fez. Foi preciso muito esforço

para merecê-la, era preciosa demais para que ele soltasse, mas o rosto de Mikail está congelado em um semblante de terror. A expressão do menino também é de puro choque.

Com Mikail paralisado, o homem avança, mas em vez de atacar, apenas tira a espada do peito da criança, e com ela em mãos, ele simplesmente foge. Arranca a lâmina do corpo do menino sem nem olhar para ele de novo. Sem nem dizer uma prece, uma única palavra que seja. Absolutamente nada pelo menininho que acabou de salvar a vida dele.

A criança cai de cara no chão com um baque que me embrulha o estômago. O pai dela corre noite adentro, como um covarde, ansioso para ficar com seu novo prêmio. Para ele, a espada era mais valiosa do que o próprio filho.

Atiro com a besta, mas estou tão perplexo com a barbaridade da situação que erro a mira. Além do mais, minhas mãos doem, e uma delas está escorregadia por causa do sangue. Mesmo assim consigo acertá-lo na parte de trás da coxa. É o bastante, pois Mikail sai correndo atrás do homem enquanto ele cambaleia.

Com um só golpe, Mikail o joga no chão e se senta sobre seu peito.

— Se quer tanto minha espada, pode ficar — vocifera Mikail. Ele a arranca da mão do homem e a usa para perfurar o braço dele.

A noite calma é tomada pelos gritos e os sons de morte. Estremeço. O que eu faço é diferente do que Mikail faz. Eu mato com uma besta. Há um certo distanciamento, uma precisão direta, uma rapidez em puxar um gatilho e atirar num homem de longe. Mas Mikail está ficando ensopado de sangue até os ombros, e não se importa. Ele está furioso, e não oferece ao homem uma morte rápida ou silenciosa. Tenho quase certeza de que acabou de castrá-lo enquanto rosnava algo sobre a mulher na carroça. É difícil dizer com todo o balido.

Mikail já foi chamado de muitas coisas — filho da puta, demônio, Rei dos Infernos. Nunca dei ouvidos a nada disso, é claro. Mas, vendo ele deste jeito, eu entendo. Por trás de todo o carisma dele, existe uma raiva furiosa, que não deve ter nascido só dos castigos do pai. Tinha algo de diferente em como ele confiou na criança, em como ele não sentiu que toda essa cena era uma ameaça, e isso não faz sentido. Mikail é muitas coisas, mas nunca ingênuo. Tem algo de errado nisso tudo. No entanto, a menos que ele queira, Mikail nunca vai me contar. É o aspecto da personalidade dele que eu mais admiro e mais odeio.

— Você usou seu próprio filho — fala Mikail entre dentes. — Sua alma nunca verá redenção.

Pelo menos é o que acho que ele está dizendo. Olho para o céu. Acho que não há ninhos de samroc aqui por perto. Se houvesse, os gritos deste homem já teriam atraído uns vinte. Por outro lado, eu apostaria sem pestanejar em um Mikail endemoniado se houvesse um embate entre ele e vinte samroc agora.

Tendo certeza de que os pássaros estão longe daqui, acendo uma lanterna e averiguo os arredores para me certificar de que não há mais nenhum homem se escondendo ou à espreita. É uma cena horrenda de assassinato e morte. O chão rochoso foi pintado de vermelho.

Olho para Kito. Espero que ele não esteja ouvindo o pai gemendo como um

vagabundo numa casa de prazer, mas como eu imaginava, ele está morto. Deve ter morrido segundos depois de a lâmina ter sido tirada de seu peito.

Esfrego o rosto. Quantas vidas vamos tirar? Quanto sangue será derramado à custa da minha coroa? Será que eu posso ser um líder bom o suficiente para fazer valer o preço que está sendo pago?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

SORA

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Adentramos os arredores de Rahway, e nunca vi uma cidade como esta.

Já saí de Gain em viagens para matar homens pelo conde, mas só pela região do sul. Nunca tinha chegado tão longe a noroeste antes. O vilarejo onde fui comprada ficava no nordeste.

Aqui é diferente.

Rahway surge do nada. Não se via nada no horizonte, e de repente apareceu uma metrópole de arenito, como uma miragem. O clima é moderado, mas muito mais seco que em Gain. Acredito que o que permitiu que os moradores daqui construíssem colunas e torres altas foram as rochas endurecidas pelo sol. Como Gain, a cidade de Rahway é protegida por uma muralha, mas é necessário cruzar uma ponte para entrar, de fato, na cidade.

Enquanto Gain é cheia de cores, Rahway é toda trabalhada em tons de sépia, bege e marrom. Aqui e ali surgem tons de verde das palmeiras e tamareiras. Conforme nos aproximamos, vemos campos de plantas laranja cheias de espinho. Acho que elas produzem álcool, mas não tenho certeza.

Observo pelas janelas da carruagem ao cruzarmos a ponte alta e curvada. Abaixo dela fica um porto enorme. Vejo que Tiyung está me olhando, e ajeito a postura no banco.

— Não pare por minha causa — diz ele.

— Você está me encarando.

— Desculpe. Eu... é que gosto de ver o deslumbramento no seu rosto. — Ele olha pela janela. O que ele disse foi gentil, ainda que eu preferisse que não fosse.

Ao longo da viagem pensei sobre o que ele me falou, a oferta de ajuda, as demonstrações de generosidade. Cheguei à conclusão de que ele está sendo sincero. Vai ver ele só quer ser visto como uma boa pessoa, ou tem pena de mim. Seja como for, ele parece realmente querer ajudar. Ainda não sei se posso confiar nele. Não consigo pensar em nada que o pai dele não seja capaz de fazer, e já vi como ele tem controle sobre Tiyung. Por enquanto, acho que podemos estabelecer algum tipo de trégua. Um aliado me cairia bem, ainda mais se isso salvar a vida de Daysum.

Tenho tentado decifrar o que ela disse para mim e por que decidiu sussurrar

do meu lado esquerdo, sendo que ela sabe que eu teria dificuldade de escutá-la, mas ainda não cheguei à conclusão nenhuma. *Sora, acho que eles virão correndo.* Eles quem?

Se pelo menos eu soubesse onde o conde a mantém prisioneira, eu poderia escrever à minha irmã e perguntar.

— Vamos encontrar o conde de Rahway hoje à noite — anuncia Tiyung.

— Não pode estar falando sério — respondo, afofando contra as minhas coxas o vestido de brocado adornado.

Tiyung balança a cabeça, observando o movimento do tecido.

— É ele que tem as instruções sobre quem precisamos encontrar, e onde.

— Os dois condes estão metidos nisso? — pergunto.

— Acredito que todos os condes estejam.

Franzo a testa com tanta força que meus olhos doem. Como os quatro condes conseguiram entrar em acordo por alguma coisa? Ainda mais sobre trair a coroa. E tem mais: como todos eles podem achar que eu sou a solução quando nem eu sei como seria capaz de concretizar o plano? Não faz o menor sentido. Só podem estar me escondendo informações importantes. Esses homens não arriscariam as próprias vidas numa aposta incerta. Por outro lado, talvez hoje à noite eu tenha respostas. Tenho de torcer por isso.

Entramos, enfim, na cidade. O Templo do Deus do Sol fica no centro, imponente sobre a paisagem, assim como o Templo do Deus do Oceano do Oeste em Gain. As construções são mais coloridas do que pareciam à distância, mas não muito. No entanto, a pedra e o estuque fazem com que a cidade tenha uma uniformidade agradável.

Na metade do caminho, paramos em um edifício alto, onde funciona uma estalagem elegante. Ela se chama Trovador, e será nosso lar enquanto estivermos em Rahway.

Descemos da carruagem e nos alongamos, o que, evidentemente, faz com que as pessoas encarem. Achem que estão vendo um jovem casal atraente, ou um jovem nobre e sua cortesã. A moda é diferente aqui, os homens usam túnicas longas e mais leves, enquanto as mulheres usam vestidos transpassados.

Acabo de me dar conta de que é estranho ficarmos numa estalagem. Nobres de escalões mais altos se hospedam nas mansões uns dos outros, como quando paramos na residência do lorde Shan.

— Por que não vamos ficar na propriedade do conde? — pergunto.

— Porque dessa forma ele pode negar o envolvimento nos planos do meu pai, no caso de falharmos — informa Tiyung.

Ele responde de forma tão direta que levo um tempo para processar o que ele disse. Tiyung gesticula para que eu vá na frente.

— Não vamos falhar — defende —, mas eles sempre são cautelosos naquilo em que colocam as suas fichas.

Ao entrarmos na pousada, vejo que o saguão é feito de mármore rosa e pedra esculpida. É até meio cafona. O dono do estabelecimento aparece e vem apressado até nós dois, nos cumprimentando com uma reverência profunda.

— Tiyung-si. Milady. Sou Sanu, proprietário do estabelecimento. Se me derem a honra, vou levá-los até seus aposentos.

Tiyung inclina a cabeça em concordância.

— Por favor.

O homenzinho toma a frente, e subimos diversos lances de escadas de pedra. Acho que ele é até mais baixo do que Daysum.

— Mas ainda vamos jantar com o conde esta noite, né? — sussurro.

Tiyung faz que sim.

— É esperado que ele jante com o filho do conde do sul. Estranho seria se ele não fizesse isso.

Coço a testa. Como eles não se cansam dessas maquinações todas? Como nunca se contentam com as riquezas que já têm, e com todas as pessoas que comem na palma da mão deles, desde assassinos como eu a donos de estalagens como Sanu?

— Chegamos — anuncia o estalajadeiro, um tanto esbaforido, e abre a porta. Foi uma longa subida, apesar de ele não parecer ser muito mais velho que nós dois. — Nossa melhor suíte. Ouso dizer a melhor em toda a cidade de Rahway. Como podem ver, ela ocupa o andar inteiro, e conta com duas salas de banho privativas, e dois criados particulares. Eles estarão por aqui o dia inteiro, caso precisem de alguma coisa.

A suíte é absolutamente enorme, com uma sala de estar rebaixada de frente para uma lareira e com sacadas longas do lado de fora. O espaço todo é quatro vezes maior que meu chalé, talvez mais.

— Obrigado — agradece Tiyung.

Ele tenta entregar alguns muns a Sanu, mas o homem dá um passo para trás e balança as mãos no ar.

— Não, não é preciso, basta me avisar se precisarem ou desejarem algo, Tiyung-si. O conde me pediu pessoalmente para garantir que todas as suas vontades sejam atendidas.

— Obrigado — repete Tiyung.

Sanu faz uma reverência cheia de floreios. Aposto que ele treina na frente do espelho.

Olho para Tiyung. Ele está tão acostumado a ser tratado assim que nem se dá conta do esforço que Sanu está fazendo.

— Preparem nossos banhos — diz Tiyung aos criados. — A senhorita vai ficar com o quarto ao lado do meu. Peçam para trazerem o baú dela para cá, mas não o abram a menos que ela solicite.

Estremeço com o tom frio da voz dele. Tiyung fala igualzinho ao pai, e me pergunto se ele também percebe isso. Os criados se apressam para cumprir as ordens. Então ele mudou, mas só com quem ele quer.

Se eu não tivesse nascido bonita, teria um cargo como criada de quarto, bem abaixo da atenção dos nobres. Ambas as situações são humilhantes, mas eu preferiria a servidão.

Tiyung tira o casaco de viagem e o joga na poltrona mais próxima. Sobre ela,

há um papel esperando por ele.

Ele sorri para o envelope, depois olha para mim.

— Sinta-se em casa, Sora. Saímos às sete badaladas.

Temos um pouco menos de duas badaladas até lá.

— O que vai fazer enquanto isso? — pergunto.

— Vou ler a correspondência, enviar uma mensagem para o meu pai e depois tomar um banho quente na banheira. — Ele aponta para o sinete ao redor do próprio pescoço. A nobreza tem o hábito de cobrir os envelopes de papel com uma fina camada de argila de rápida secagem e pressionar seus sinetes para impedir que, em segredo, alguém leia suas mensagens.

O envelope que ele tem em mãos está selado.

Quero perguntar de quem é, porque não é a marca de Seok, mas imagino que deva ser apenas uma mensagem do conde de Rahway para tratar do jantar. Contudo, uma parte de mim ainda fica em dúvida sobre isso. Tiyung está visivelmente animado para abrir a carta. Quero saber, mas não é da minha conta, então vou para o meu banho.

Duas badaladas são suficientes para eu me arrumar para o jantar com o conde do oeste. Embora saiba que se ele for parecido com Seok, nem uma vida inteira seria o bastante para estar preparada.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

EUYN

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Mikail está escondendo algo de mim. Quer dizer, sempre acho que ele está escondendo coisas, mas desta vez estou preocupado. Quem disse que não existe amor sem confiança estava fora de si. É óbvio que pode existir amor sem confiança. No entanto, *harmonia* sem confiança já é outra história.

Enquanto seguimos para Rahway, ele não está mais coberto de sangue, o que já considero um avanço. Tivemos que jogar fora as roupas dele quando chegamos a Gorya, porque estavam tão sujas de tripas e encharcadas de sangue — em parte dele próprio — que não tinha salvação. Uma das feridas dele tinha aberto de novo por causa do confronto na passagem das montanhas. Como Mikail não se queixou de dor, só percebi quando ele tirou a camisa. Suturei o corte o mais rápido que pude, torcendo para ter feito um trabalho melhor dessa vez.

Enquanto cuidava dele, tentei perguntar sobre o menino, Kito, e ele só disse:

— Não, Euyun.

E foi isso. Não.

Às vezes me pergunto quem de nós dois é um membro da realeza e quem é o espião.

Por outro lado, acho que escondo mais segredos dele do que um dia ele será capaz de esconder de mim. No maior deles eu nem ousou pensar, como se a mera lembrança fosse anunciar minha vergonha aos berros para os quatro ventos.

Pegamos uma carruagem rápida. Um conjunto de oito cavalos criados especialmente para velocidade e resistência vai nos fazer chegar a Rahway na metade do tempo que levaríamos por outros meios. O custo da viagem é alto e não existem muito dessas carruagens disponíveis, mas Mikail trouxe bastante dinheiro.

O que significa que Quilimar está sendo generosa, mesmo que essa não seja uma característica pela qual ela é conhecida. Não sei nem como ela está se virando em um país que permite que as mulheres tenham direitos.

A missão continua a suscitar mais perguntas do que me apresentar respostas. Começando com por que minha irmã, que mal olhava na minha cara no palácio, quer que eu tenha a coroa? Por que não tomar a coroa para si? Isso certamente causaria uma guerra, mas não seria nada novo sob o sol de Yusan e Khitan. Tentei

chegar a alguma conclusão, mas sou péssimo com enigmas.

— Euyun, meu querido, seus olhos vão cair do rosto de tanto você apertar eles — fala Mikail.

— Por que Quilimar quer que eu seja rei? — pergunto.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É isso que estou tentando descobrir — explico, me ajeitando no divã. Caberia tranquilamente uma dúzia de pessoas nesta carruagem, então tem espaço mais do que suficiente para só nós dois.

— Entendo. Bem, ela não é lá muito fã de Joon, e você é a única outra opção, fora uma guerra cara.

Tudo isso é verdade, principalmente o ódio dela por Joon. Eu me lembro da cena que ela fez quando nosso irmão a vendeu ao rei de Khitan.

Cinco anos atrás, fomos invadidos por Khitan e Quilimar foi vendida como uma oferta de paz. Chamaram a coisa toda de casamento. Em troca da mão dela, o rei retirou sua tropa liderada por mulheres e cancelou os ataques em nossas cidades ao nordeste. É provável que o matrimônio com Quilimar fosse o que ele buscava desde o começo, embora não faça ideia do motivo pelo qual ele desejaria viver com ela.

A união aconteceria para fomentar a paz eterna entre a nação e nossos vizinhos. Acredito que esta seja a sétima paz “duradoura” declarada entre Yusan e Khitan. Somos diferentes demais para estarmos de fato em paz. A menos que a ilha de Wei esteja envolvida. Nesse caso, somos grandes amigos de infância.

— Mas o rei de Khitan... — começo.

— Está morto.

Eu o encaro.

— Como é que é?

O rei de Khitan não é imortal como meu irmão, mas matá-lo é quase tão difícil quanto. O Anel de Khitan também é uma relíquia do Lorde Dragão, e o poder dele é a alquimia. Ele é o motivo pelo qual a terra árida de Khitan é considerada um país, do contrário, seria como Fallow. O rei de Khitan pode encher os cofres do país de ouro, apenas com o toque da mão — o que vem muito a calhar, pois as tropas mercenárias por acaso amam ouro.

Além disso, o anel também confere proteção. Uma vez um assassino chegou até o trono, e o rei o transformou em ouro maciço com apenas um toque. Um ser humano vivo num segundo; uma estátua de ouro no outro. Ele foi enviado para Wei como pagamento, mas também como alerta, para que não voltassem a entrar em Khitan.

— Ele está morto — repete Mikail. — Quilimar está agindo.

Minha irmã sempre foi ambiciosa. Dizem que se ela tivesse nascido menino, nosso pai teria pulado Joon e Omin e dado a coroa diretamente a ela. Sem dúvida alguma, Quilimar era a favorita dele. No entanto, de acordo com as nossas leis, mulheres não podem ser herdeiras do trono. O mesmo acontece em Wei. Só Khitan permite um disparate desses.

Não faço ideia de como minha irmã matou o marido, mas acredito que ela

seja, sim, capaz de homicídio.

— Ela está governando como regente pelo filho, e os relatos dizem que ela está usando o anel, o que nenhum outro regente fez antes — conta Mikail.

Ele me olha, e eu sei o que significa: ele duvida que a criança sobreviva ou que um dia vá chegar ao trono. Em se tratando de Quilimar, eu não descartaria nenhuma das possibilidades.

— Ainda não entendo. Por que Yusan?

— Ela quer Joon morto. Acredito que a corte toda a ouviu gritando isso antes do casamento.

— Eu sei, mas...

— Quilimar provavelmente acha que pode controlar você — interrompe Mikail, dando um suspiro. — Que vai ser um rei mais fraco, que pode ser manipulado com propina de ouro de Khitan.

Aceito o insulto. O homem que fui antes do exílio teria sido um rei fraco, não tem por que negar isso. Eu teria mesmo sido tentado por intermediários com ofertas de riquezas, e provavelmente gastaria tudo expandindo o palácio e esbanjando com presentes para Mikail e para mim mesmo. Mas eu mudei. E talvez tenha um lado bom em ser subestimado.

No entanto, é difícil me sentir bem com isso. Por crescer sem um pai, tudo que eu desejava era o amor dos meus irmãos, ou, pelo menos o respeito. Parece que não consegui nem um, nem outro. E, se sua família não te ama, como é que você vai conquistar seu espaço no mundo?

O azul-esverdeado dos olhos de Mikail analisa meu rosto.

— Ela não te conhece. Nenhum dos seus irmãos chegou a te conhecer de verdade.

Ele tem razão. Ninguém — parte da realeza ou não — se deu ao trabalho de me conhecer, exceto Mikail. Ninguém nunca me aceitou, não como eu sou, até ele aparecer. Ninguém me deu um lar.

Mikail — lindo, letal, sigiloso. Às vezes, quero rasgá-lo ao meio para descobrir tudo o que se passa dentro dele. Quero conhecê-lo para então possuí-lo. Contudo, não adiantaria de nada. Ele levaria os próprios segredos para o túmulo, e eu jamais o machucaria, porque o amo. Como já o amei antes. Sempre o amarei.

Ele me olha com seus cílios longos e maçãs do rosto definidas. Estendo a mão lentamente, para que ele tenha tempo de se afastar, se quiser, antes de eu tocar o rosto dele. Mikail não se move. Ele tem a pele tão macia. E os lábios. Os lábios que nunca consegui esquecer, nem por um segundo que seja nos últimos três anos.

Estou encarando sua boca, e então seus lábios, carnudos e firmes, encontram os meus. Agarro seu cabelo, seguro seu rosto. As mãos dele fazem o mesmo enquanto sua língua se enrosca na minha. Vira uma corrida. Conosco as coisas são sempre frenéticas. Mas isto é diferente. Mordo os lábios dele para me certificar de que ele é real, pressionando os dedos na pele dele. Inalo sua colônia como se fosse minha droga. Preciso garantir que tudo isso não é mais um dos

meus sonhos febris. E ele está me tocando da mesma forma.

Ele é real, e está mesmo aqui comigo.

É como se o tempo não tivesse passado. Como se aquilo no salão do trono nunca tivesse acontecido, porque estou com ele aqui. A diferença é que eu o desejo mais do que nunca. Mais até do que eu achava possível. Sinto que vou definir e morrer se não o tomar para mim aqui e agora.

O beijo. Eu enfrentaria todos os infernos por este beijo. Eu passaria fome por dias para no fim receber tamanha abundância. Ele coloca as mãos por baixo da minha camisa. Percebo que ele ainda faz o mesmo som quando me beija. O gosto dele ainda é o mesmo. Cada parte de mim reage a ele como nunca aconteceu com mais ninguém. Tive inúmeros parceiros, mas com Mikail eu sempre quis mais. Sempre quero mais.

Logo meus beijos descem por seu peito e eu desabotoo sua calça. Já faz muito tempo. Tempo demais. Preciso sentir o gosto. Preciso possuí-lo o máximo que eu puder.

— Eu te amo, Mikail.

Sussurro sobre sua pele e me ajoelho diante dele. Não me darei por satisfeito até tê-lo por completo. Portanto, sei que nunca vou me contentar.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ROYO

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Eu não curto nem um pouco a sensação de ter a mão de um homem perto da minha virilha.

No entanto, preciso ficar parado. Estou tirando medidas para ternos novos porque Aeri insistiu. O alfaiate está de joelhos e tem que tirar algo chamado medida interna. Estou tenso enquanto espero, prendendo a respiração. Isto é realmente constrangedor.

Mal desembarcamos em Rahway, e ela já me arrastou para a melhor alfaiataria da cidade. Já matei e mutilei, e apesar disso ela está se revelando o pior trabalho que já tive.

Quanto mais dias passo com Aeri, mais confuso fico sobre como realmente me sinto.

Na noite em que fomos resgatados, foi difícil pegar no sono estando no sofá. Eu devia ter apagado logo de cara, porque meu corpo estava exausto, minha cabeça doía e ter caído em cima do meu ouro me deixou com uma série de hematomas. Em vez de dormir, só fiquei deitado me perguntando o que tinha de errado comigo. Por fim, admiti que eu queria sentir a respiração leve de Aeri no meu pescoço e o subir e descer delicado do seu peito embaixo do meu braço. Eu me esforcei para deixar isso de lado, ficar no sofá e cair no sono de uma vez. Algumas pessoas chamam querer o que não se pode ter de “almejar”. Eu chamo de fazer papel de trouxa.

Na noite seguinte foi um pouco mais fácil. E agora nem penso nisso — não muito.

No momento, ela está sentada em uma poltrona, bebendo chá e escolhendo tecidos. Ela está com as pernas esguias cruzadas. Aeri quer mandar fazer três ternos para mim. O que caralhos vou fazer com três ternos, eu não tenho a menor ideia. Ela também pediu nada mais nada menos do que doze vestidos para si mesma, então no fim das contas acho que três ternos não são grande coisa.

— Até amanhã cedo o senhor já vai ter um deles pronto, certo? — pergunta ela.

— Isso, milady — responde o alfaiate. É um senhor até que bonzinho. Ele fica de pé e coloca a fita métrica sobre o ombro estreito. Acho que terminei por aqui.

Desço da plataforma.

— Excelente! — Aeri bate uma palminha e fica de pé.

Ela faz questão de pegar a bolsa de veludo da cadeira. Eu observo esse movimento, ainda cogitando o que pode haver lá dentro, enquanto jogo minha bolsa pesada sobre o ombro. É, ainda estamos com as nossas coisas. Nem entrada na estalagem nós demos ainda, mas Aeri está feliz. Ela tem um vestido novo que comprou do manequim da loja. Ficou com um caimento meio folgado, embora seja transpassado, mas ela não ia aguentar ficar com o antigo por nem mais um segundo.

Tenho que carregar a roupa suja dela e o saco cheio de roupas íntimas que ela comprou. Ela insistiu em me comprar peças novas também. Não sei quem é que vai ver minha cueca, mas era mais fácil aceitar do que discutir com ela de novo. Tivemos umas vinte micro discussões no barco, e estou cansado. Ela tem a habilidade de exaurir até um cavalo de corrida.

Saímos da loja de roupas chiques, e o sol está muito forte. Em Umbria, as construções são todas de pedra cinza com telhados em triângulo, mas aqui todas são cor de creme e sépia. A luz do sol faz as paredes brilharem e acabo tendo que levar a mão à testa para me proteger da claridade. Eu não sabia que construções podiam brilhar.

— Onde vamos ficar? — pergunto.

— Na Estalagem Trovador — diz ela.

— Onde fica?

— Sei lá. — Ela olha ao redor e de repente segura a manga de um homem aleatório que passa por nós. — Com licença, onde podemos encontrar a Trovador?

O homem fica tão surpreso quanto eu, mas aponta à direita, com gentileza.

— Uns quatro quarteirões naquela direção. Bom dia, senhorita.

— Que sorte! — Ela sorri, encantada.

Tivemos que pegar uma carruagem até aqui porque Aeri insistiu que era uma longa caminhada do porto até onde estamos, mas acho que quatro quarteirões é perto o bastante para ela. Ela vai saltitando pela calçada com o vestido novo e a bolsa de veludo misteriosa enquanto a sigo. Normalmente eu estaria irritado, mas este lugar é gostoso. Uns quinze graus mais quente do que em Umbria, então uma temperatura amena. E, sim, de alguma forma a felicidade dela também não me incomoda. Ou pelo menos me acostumei com ela.

A torre soa onze badaladas. Ficaremos aqui hoje, e o início do dia de amanhã. Como já chegamos a Rahway, agora é só uma questão de alugar uma carruagem para pegarmos a Estrada do Leste até Tamneki.

— Todos os ternos e vestidos vão ficar prontos até amanhã? — indago.

Aeri inclina a cabeça.

— Não, só dois. Paguei a mais para que eles e o seu terno ficassem prontos antes.

Só dois?

— E o restante? Vamos embora amanhã, não vamos?

Ela sacode a cabeça.

— Acho que vamos passar alguns dias aqui.

— O quê? — Paro no meio da estrada.

Ela para na calçada.

— Quando encontrarmos com o mestre-espião, vamos planejar o cronograma de Tamneki, mas acho que ainda vamos passar uns dois dias aqui. Se as roupas não estiverem prontas até lá, peço para enviarem elas à capital. Sem problemas.

Tem vários problemas. Continuo no meio da estrada, gesticulando com os braços estendidos, até que o cocheiro de uma carruagem grita para eu sair da frente.

Aeri semicerra os olhos para mim.

— Por que está tão irritado? Você nem queria os ternos para começo de conversa.

Jogo as mãos para o alto.

— Porque é mais um atraso.

— E daí?

— E daí que vai levar mais tempo ainda!

— E daí? Você me prometeu um mês.

— Pois é. Os trinta dias começaram a ser contados quando partimos de Umbria. — Aponto na direção da cidade de onde viemos, frustrado a ponto de esticar o braço. No fim das contas, parece que tenho, sim, energia para brigar com ela de novo.

Ela me encara.

— E?

— E tivemos um dia de atraso no rio Sol, e agora você está falando de mais dois ou três dias aqui.

— Tá, e isso configura menos de um mês, ainda que leve mais de um sunsae para chegar a Tamneki. Então repito: qual é o seu problema?

Ela me encara de perto. Estamos da mesma altura agora que ela está usando os sapatos novos que comprou. Ela me olha bem no fundo dos olhos, não como a dama avoadinha ou a ladra cheia de arrogância, mas de outro jeito. Tenho a sensação de que ela é feita de pedra e presas. Um tigre encarando um leão, esperando que ele dê meia-volta ou ataque. Só que ela não é um tigre. Eu poderia facilmente parti-la ao meio sem nem fazer esforço, mas ainda assim ela não recua ou abaixa a bola. Ela é corajosa. Ou insana num nível altíssimo. Talvez ambas as coisas. No entanto, uma sensação calorosa se espalha por mim — admiração. Ela merece respeito, e poucas pessoas fizeram com que eu me sentisse assim.

— Está p-perdendo tempo — gaguejo.

Ela dá de ombros.

— Isso é problema meu.

Então ela me dá as costas e entra na Estalagem Trovador.

Depois de um segundo, vou atrás dela levando suas roupas íntimas, porque definitivamente não sou favorecido pelos deuses.

CAPÍTULO VINTE E OITO

SORA

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

A mansão do conde de Rahway fica no topo de uma colina ao lado do rio Sol. Considerando os lugares que já vi, esse é o único que se equipara à mansão do conde de Gain. As propriedades são igualmente grandiosas, o que faz sentido, mas têm estilos totalmente diferentes. Esta consiste em três andares de arenito, com uma torre alta que serve de vigia para a cidade. E mais uma vez me pergunto se um dia vou conseguir entender os homens. Por que alguém arriscaria um pássaro desses na mão só para tentar agarrar dois voando?

Estamos na torre agora, e o conde segue oferecendo o extenso tour da propriedade. Já vimos o arsenal, os estábulos impecáveis, a enorme biblioteca e o salão de bailes suntuoso. Rune é um homem alto com cabelo castanho-escuro curto e pele negra. Ele está vestindo um casaco mais longo, que parece ser a preferência por aqui. A peça também tem cor de creme e é adornada com fios dourados. Além disso, ele está usando um colar grosso típico da nobreza feito com ouço maciço e diamantes, e uma camisa branca também adornada com fios dourados. Ele parece ser um homem de aparência quase que atemporal, não importa a idade que tenha, como acontece com o conde, mas deve ter entre quarenta e cinquenta anos. Minhas estimativas dependem do ângulo e da expressão dele.

A sala da torre é deslumbrante, decorada com lápis-lazúli incrustado e madeira rara esculpida. Os arcos abertos permitem a entrada de uma brisa. Passo a mão no azulejo, que faz um mosaico e vai até o alto das paredes.

O conde me ofereceu seu braço quando o tour começou, e eu ando segurando-o enquanto ele indica suas obras e paisagens favoritas. Tiyung parece estar levemente incomodado, mas não diz nada.

Ele está usando um casaco azul. Apenas condes podem usar este tom, feito a partir da ebulição de milhares de besouros vivos. Pendendo de seu pescoço está um colar de safira, cada pedra do tamanho de um kiwi, e em sua cabeça pousa uma cartola preta. De maneira geral, ele está ridículo, mas de certa forma é cativante como ele não se porta com ego o suficiente para combinar com o visual.

— Daqui conseguimos ver até as Montanhas de Tangun em dias de céu limpo — comenta Rune, apontando para o oeste.

O crepúsculo diante de nós é um pôr do sol espetacular pintado de rosa e roxo, com o cheiro de flores de cacto trazido pela brisa. Eu quase me esqueço de que sou prisioneira num território inimigo.

— É lindo — digo.

— A vista não é nada comparada a você — murmura o conde. — Ouvi rumores acerca do seu esplendor, e gosto de quando as histórias não são exageradas.

Estou com o vestido verde-esmeralda, que fica colado no meu corpo, e brincos dourados pendurados nas orelhas. Estou usando a quantidade de sempre de joias e pulseiras, mas o verde ressalta o tom violeta dos meus olhos.

— É muita bondade, Sua Graça — digo.

— Não, apenas honestidade — fala ele.

Por algum motivo, duvido. Esses homens podem parecer charmosos... a princípio. Mas quando as máscaras caem, eles se mostram mais horrendos que qualquer criatura nos três reinos.

Terminamos o tour no salão de jantar. O teto é abobadado, e a mesa é longa o bastante para acomodar quarenta pessoas, mas só há cinco lugares preparados.

Dois outros convidados se juntarão a nós. Olho para Tiyung. Ele também observa a quantidade de pratos.

— Estou à espera de outros dois convidados — anuncia o conde, olhando para nós. — Peço que se sentem enquanto os esperamos. Sora, fique à minha direita, querida.

Não gosto da ideia, porque significa que meu ouvido com o nervo comprometido ficará voltado ao conde, mas me sento na cadeira de encosto alto. Tenho a sensação atordoante de que caímos numa armadilha banhada a ouro, então minha audição será a menor de nossas preocupações. Tiyung se senta à minha direita. O conde, é óbvio, fica na ponta da mesa.

— Eu não tinha sido informado de que mais pessoas se juntariam a nós, Rune — comenta Tiyung. O tom dele é contido, mas percebo que ele está dizendo a verdade. A nobreza odeia surpresas.

— Eu também não sabia, até recentemente — fala o conde. O rosto dele não esboça emoção alguma, mas sinto que ele não gosta de Tiyung. — Tiveram uma jornada difícil e estão descansando antes do jantar. — Então ele dirige a atenção para mim. — Minha querida, posso lhe oferecer uma bebida? Vinho, talvez? Também temos uma seleção completa de coju.

— Água está ótimo, obrigada.

O conde gesticula para uma criada que já está pegando o jarro de água.

— Vou querer um coju de vinte anos. Tiyung, está de acordo? — pergunta o conde.

Tiyung assente.

Rune se aproxima de mim de novo.

— Coju é feito daquelas plantas espinhosas que ficam na entrada de Rahway. Aquelas terras são todas minhas, e a destilação de coju é meu projeto de estimação. O licor é suave, ainda mais quando envelhecido por vinte anos.

Concordo com a cabeça, acostumada a fingir admiração pelos interesses dos homens.

— Como se transforma plantas em licor?

— Tostando e fermentando a polpa. Posso levá-la para fazer uma visita à minha destilaria, se tiver interesse.

Não tenho.

— Parece fascinante.

Ele sorri para mim como se soubesse que estou mentindo.

— Ah! Aqui estão nossos convidados de honra — anuncia ele.

Dois homens estão parados sob a enorme porta.

O conde e Tiyung se levantam e fazem uma reverência. Um conde e o filho de um conde cumprimentarem alguém com tamanha cordialidade só pode significar uma coisa: realeza.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

EUYN

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Agora que tomei um banho, aparei a barba e vesti roupas finas de alfaiataria, me sinto um novo homem. Além do mais, estou sentado de frente para uma mulher deslumbrante. Rune e o filho do conde do sul me reverenciaram quando entrei no salão. É minha antiga vida, renovada. Mikail se senta à minha esquerda, lindo como sempre. Mas quem é a mulher à minha frente? Ela é mais bela do que as cortesãs em Qali, e isso não é pouca coisa.

— Sora, estou correto? — pergunto.

Ela assente.

— É um nome incomum.

Ela sorri.

— Era Athora, Sua Alteza, mas minha irmã não conseguia falar meu nome direito quando era pequena, e depois de eu ter me mudado para a residência do conde do sul, adotei Sora.

Quase me engasgo com o vinho.

— Tudo bem, Sua Alteza? — pergunta o conde. Os olhos dele não são bem castanhos; são tão claros que quase chegam a ser amarelos, o que me lembra uma cobra.

Levanto a mão por um momento para me recompor. Rune olha para o meu cálice de vinho e lança um olhar suspeito para a criada.

— Estou bem — digo, pigarreando. Só que não estou. Não é possível que ela seja a garota que estou pensando. É totalmente impossível. Volto minha atenção a Sora. — Athora também é um nome singular. E sua irmã, também tinha um nome incomum, talvez difícil de pronunciar?

Ela sorri novamente.

— Não. O nome dela é Daysum.

Eu me obrigo a respirar normalmente. Mentiram para mim anos atrás. Mas no momento não posso remoer isso. São contas a acertar depois, e estamos aqui para discutir o futuro. Mikail me olha de soslaio. Ele me conhece o suficiente para saber quando tem algo me incomodando, mas depois conversamos em particular.

— Presumo, Sua Alteza, que o senhor esteja intrigado pela criatura

deslumbrante à sua frente e o que ela tem a ver com nossos planos — retoma o conde.

Faço que sim.

— Vamos a uma demonstração, então — diz ele com um sorriso. — Com licença, minha querida.

Ele pega o copo de água dela. A jovem o observa, confusa. Rune assovia, e um grande cachorro entra no salão. Deve pesar quase cinquenta quilos. Ele cheira tudo que vê pela frente e respira de um jeito estranho.

A mesa toda observa com curiosidade. Com calma, o conde coloca o copo de Sora no chão. O cão prontamente bebe a água.

Segundos depois, o animal se engasga e começa a ter uma convulsão. Os olhos de Sora se arregalam e ela fica de pé, agarrando a mesa. Tiyung se levanta ao lado dela, boquiaberto. Em menos de vinte segundos, o cachorro está morto no chão com a língua preta caída para fora da boca.

A pele clara de Sora ficou ainda mais pálida. Ela abre os lábios pintados.

— O que o senhor fez?

— Veneno de tabernáculo — declara Rune. Ele aponta para o corpo do animal caído e os criados o retiram do salão.

Sora mal consegue respirar. O horror está estampado no rosto dela. Eu, por outro lado, estou confuso demais para me sentir aterrorizado. Ela estava bebendo aquela água logo antes de o conde a tirar dela. Se tivesse veneno de tabernáculo no copo, ela teria morrido.

O conde gesticula para Sora.

— Estão diante da mais poderosa donzela venenosa de Yusan.

Mikail enrijece ao analisá-la. O rosto dele é tomado por um semblante que eu logo decifro: o reconhecimento de uma oponente formidável. Mikail a respeita, mas também sente pena dela. Uma pessoa só se torna uma lâmina afiada quando lhe arrancam suas partes suaves. Ele mais do que ninguém sabe disso.

— Por favor, sentem-se, Sora, Tiyung — indica o conde. — A demonstração já foi concluída.

— Isso não era necessário, Sua Graça.

Sentada, ela fala com doçura, mas a voz está trêmula. Não de nervosismo — ela está furiosa. A posição dos ombros e das mãos dela entrega o que está sentindo. As unhas estão fincadas na palma para que ela não agarre o pescoço de Rune.

— Peço desculpas, minha querida. Tragam mais água para ela, por favor. Fresca, desta vez. — Ele gesticula para um criado, mas tenho certeza de que esta jovem não vai mais beber nem comer nada aqui.

— Havia veneno de tabernáculo no copo dela? — pergunto. — Como é que ela... bem... não morreu?

O tabernáculo é um dos venenos mais fatais em Yusan. Ele é incolor e quase insípido. Uma única gota pode matar um homem adulto. Porém, eu a vi beber do copo diversas vezes. Poderia até achar que é um truque, mas o pouco que restava no cálice foi o suficiente para matar um cachorro grande.

Rune sorri, exibindo os dentes brancos.

— Incrível, não? Sora ingeriu, por estimativa minha, cerca de centenas de venenos diferentes na escola de venenos do conde Seok. Ela é uma das poucas que sobreviveram ao treinamento. Por isso, é imune a todos eles.

— Uma escola de... venenos? — pergunto, e olho para Mikail.

O conde assente.

— Assassinas altamente treinadas e amplamente habilidosas, numa escola escondida nos limites de Gain. Ilegal, evidentemente.

Fico me perguntando se esta é a garota sobre a qual Mikail falou, que tem habilidades que ele nunca vira antes. Contudo, eles não parecem se conhecer, e ele está tão surpreso com ela quanto eu. Há um lampejo em seus olhos quando ele adquire novas informações. Mikail se delicia com segredos como alguém comendo um confeito em uma casa de doces.

— Tiyung, quantas meninas o seu pai matou mesmo para conseguir uma Sora? Vinte? — Rune dá um gole no coju e espera uma resposta, parecendo estar se divertindo.

— Dezesete — diz Tiyung, engolindo em seco. Ele, por outro lado, parece não estar achando graça nenhuma.

O conde parece encantado em deixá-lo constrangido.

— Ah, sim, dezesete. Algumas das garotas mais fortes, saudáveis e belas em todo o país, submetidas a quase dez anos de doses de veneno. Todo esse sofrimento e morte para criar uma garota que pode matar com um único beijo. E mesmo sabendo que, a essa altura, corpo dela é como um frasco de veneno, é difícil conter a atração.

— Não se detenha. — Sora sorri como se fosse uma piada, mas seus olhos gritam desafio. Ela mataria aqueles dois sem pestanejar. Talvez até Mikail e eu, se pudesse. E com certeza ela pode. Então o que será que a impede?

— Acredite quando digo que você precisa de mim, minha querida — fala Rune. Ele se vira para mim e Mikail. — Damos a você uma garota que pode matar sem armas. Que pode passar por qualquer triagem conduzida por guardas do palácio. Levou dez anos, vinte garotas e um milhão de muns de ouro para cultivá-la, e ela está à sua disposição para nossa grande empreitada. Espero que isto demonstre o nível de comprometimento que tanto eu quanto o conde do sul temos para com seu glorioso reinado, Sua Alteza. Basta que ela fique a sós com Joon para que ele se torne um homem morto.

— É realmente impressionante — digo. — Agradecemos.

Ele assente.

— E quanto ao conde do norte? — pergunta Mikail.

O conde não consegue esconder o desdém, embora não me pareça que ele esteja tentando.

— Bay Chin continua de fora dos nossos planos, ainda com medo de estar sendo observado de perto por Joon. Cá entre nós, não acho que precisamos de um tolo que achava que um tiro poderia matar um deus-rei.

Joon sabia que o conde de Umbria tinha tentado matá-lo, é óbvio, mas nem

sob tortura conseguiu fazer o assassino confessar que Bay Chin era o mandante do crime. Então, Joon colocou sanções na cidade e deixou Bay Chin em paz.

— E Dal? — pergunto.

— Como bem sabe, os condes do sul e do leste não se falam, mas ele também não é fã de Joon e apoia nosso plano. Vocês vão se conhecer em Tamneki.

Os condes do norte e do leste são parceiros há séculos. A aliança entre o oeste e o sul é relativamente nova, e muito provavelmente nasceu a partir de uma vontade mútua de combater o poderoso nordeste e não de uma afinidade entre seus representantes. Todos esses homens se odeiam. É justamente isso que os impede de tirar Joon do trono.

— Evidente que ainda existe a questão de remover a coroa — diz o conde.

Olho para Mikail, e ele assente.

— Já encontramos alguém com a habilidade necessária para lidar com esse fator — diz ele.

É uma resposta vaga, mas parece ser o bastante para o conde e ele sorri.

— Muito bem.

— A coroa? — pergunta Sora. Ela olha de um rosto para o outro na mesa. — Perdoem minha intromissão, milordess, mas não estou entendendo.

— É preciso que a coroa seja removida da cabeça do rei antes que você possa envenená-lo — explica Mikail.

Ela continua confusa. Então Sora não sabe. Ela não sabe que o que faz com que Joon seja imortal é a coroa.

Ninguém contou para ela.

O conde olha para Sora, os olhos de serpente vagando de um lado para o outro.

— Seok a mandou para cá fazendo você acreditar que teria que matar um deus?

Ela não esboça reação alguma além de afirmar com a cabeça. O jantar é servido por doze criados. O aroma de carne grelhada e especiarias aromáticas preenche o salão.

A risada de Rune ecoa ao nosso redor, a felicidade estampada no rosto enquanto ele dá um gole no coju.

— Ah, Tiyung, a crueldade do seu pai transcende os três reinos.

Tiyung ruboriza.

O que está acontecendo à mesa é uma típica conversa de trâmites políticos, mas a garota parece perdida, e Tiyung não parece estar muito melhor.

Todos ficam quietos, e o silêncio só é interrompido quando Sora afasta a cadeira para se retirar da mesa.

— Com licença, milordess. Preciso tomar um ar.

Tiyung se levanta.

— A sós — diz ela com determinação ao sair às pressas pela porta.

CAPÍTULO TRINTA

SORA

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Atravesso a mansão com o barulho dos meus saltos ecoando pelo piso fino, e só paro quando chego ao lado de fora. Não sei o que fazer com toda a raiva que estou sentindo. O melhor que posso fazer no momento é sair para tomar um ar fresco.

Saio por uma porta e me deparo com um pátio de pedra enorme com vista para o rio. Vou até a beira e seguro a balaustrada. Minhas mãos tremem de raiva, de humilhação, de desespero. Não tem nada que eu possa fazer a respeito desta sensação a não ser me segurar e fincar os dedos na pedra. O rio parece estar a uns bons cinco metros lá embaixo, talvez até mais. Ele corre no sentido em que desemboca, que dá para o lago Garda, no sul da cidade. E o Garda alimenta o restante do país.

Observo a água. Ao longo dos últimos anos, pensei diversas vezes em tirar minha vida. Considerei minuciosamente, incluindo os detalhes de como eu faria e de quão fácil seria. Só que nunca tentei. Não por temer o Reino dos Infernos, mas por causa do que aconteceria com Daysum. Entretanto, finalmente entendi o que ela quis dizer com o que sussurrou para mim no jardim do conde.

— Não pule — diz uma voz.

Viro e encontro Rune às portas do pátio. Ele está sozinho. Ainda bem que Tiyung não está com ele. Com ou sem trégua, eu seria capaz de causar um belo estrago agora.

Porém, dar de cara com o conde do oeste não é nem um pouco melhor. Afinal de contas, ele acabou de matar um cachorro sem motivo. O animal não tinha feito nada de errado e morreu em nome do entretenimento dele. É assim que esses homens são.

— Você me acha repugnante — afirma o conde. — Por causa de um cachorro. — Ele balança a cabeça e chega mais perto. — Ajudaria se eu lhe contasse que aquele cachorro tinha sido mordido por uma raposa com raiva hoje de manhã e que teria sofrido uma morte muito pior?

— Está mentindo.

Ele franze os lábios.

— Não tenho motivo para trair sua confiança por causa de um cachorro, Sora.

Nem por que matar um bom cão de guarda. Não minto só por mentir.

Não sei se ele está dizendo a verdade ou não. O conde anda até a balaustrada. Ele mantém distância, enquanto nós dois observamos a correnteza do rio Sol, seguindo até o final dele. O rio é tão veloz aqui que a água chega a ser branca.

Eu devia ter percebido que a água tinha um gosto estranho, e de fato percebi, mas achei que a água do deserto pudesse ser diferente. O veneno de tabernáculo quase não tem gosto. Quase. Se consumir o bastante, no entanto, dá para perceber a diferença.

— O senhor envenenou minha água — digo.

Ele assente.

— Envenenei. Peço desculpas por não tê-la avisado de antemão, mas eu precisava ver com meus próprios olhos, assim como meus convidados, se a senhorita era mesmo tudo o que Seok alegou. Não me decepcionei. E nada de ruim aconteceu.

— Que sorte a minha — ironizo.

Rune ri e se apoia na balaustrada, virado para mim.

— Seok não conseguiu acabar com a sua força. Que interessante.

— Não foi por falta de tentativa.

Ele me encara.

— Eu teria conseguido. Você seria dócil como um carneirinho ao meu lado.

Ergo uma sobranceira.

— Acho que o senhor se surpreenderia, mais do que imagina.

— Eu teria adorado isso.

Da forma como Rune sorri, fica claro: ele ama dor — infligi-la. Ele teria adorado cada segundo do meu envenenamento. Seok nunca me obrigou a ir para a cama com ele, mas este conde teria me forçado. Ele teria descoberto como quebrar cada parte de mim.

Rune volta a olhar para o rio.

— Deve ser por isso que ele quer você morta.

— Quem me quer morta?

Ele sorri.

— O conde de Gain. Por que acha que ele mandou Tiyung acompanhá-la?

— Para queimar minha escritura — respondo, mas percebo que só estou repetindo o que me foi dito.

O conde do oeste balança a cabeça.

— Tenho certeza de que você conseguiria destruir a escritura por conta própria. E não tem a ver com fugir, porque considerando o que o irmão de Seok faria com sua irmã, duvido que você se arriscaria a fazer isso. Então me diga por qual outro motivo Tiyung estaria aqui.

Eu... não sei. Um calafrio percorre meu corpo e minhas mãos tremem de novo. Rune está certo. Eu poderia ter queimado minha própria escritura, e Seok sabe muito bem que eu não fugiria. Mas Tiyung...

Enfio as unhas na palma da mão. Como fui idiota. Essa historinha de ele me mostrar que mudou foi só para eu não suspeitar de nada. Dizer para mim que

queria ajudar. Tudo isso para eu não pensar nos verdadeiros motivos para ele me acompanhar a Tamneki.

Rune me observa. Com certeza ele sabe para onde minha lógica está seguindo, e está adorando. Ele se delicia com a minha angústia, e ama que meu desespero seja grande o suficiente para me levar a confiar no meu inimigo.

— Por que está me contando isso? O senhor é aliado de Seok.

— Mas não concordo em destruir você. Você é uma mulher lindíssima, com uma habilidade incrivelmente útil. Seria um pecado desperdiçar um investimento de um milhão de muns. Eu abomino desperdício. — Ele tira uma poeira invisível do casaco.

Solto uma risada.

— O senhor prefere me escravizar.

Ele dá de ombros.

— Prefiro manter você viva. Os termos estariam abertos a negociação. Principalmente enquanto formamos um novo reino. Você, no entanto, é uma assassina ilegal, minha querida. Está mentindo para si mesma se acha que isso vai levar até a sua libertação.

— Então por que eu não deveria pôr um fim nisso agora? — Aponto para o rio.

— Porque sua irmã, sim, pode conhecer a liberdade.

Fecho os olhos lentamente. Será que Daysum pode mesmo conhecer a liberdade? Realmente é um peso — amar tanto assim. Era justamente o que eu estava pensando antes que ele me interrompesse — enfim descobri o que ela me disse no jardim. Não foi “Sora, acho que eles virão correndo”. Foi “Sora, acho que estou morrendo”.

Solto uma respiração trêmula. Não pode ser. Não pode. Ou eu a entendi mal ou ela não sabe. Ela não tem como ter certeza. No entanto, a expressão no rosto dela fazia sentido com o que dizia. E foi por isso que ela sussurrou no meu ouvido esquerdo: ela queria me contar sem que eu percebesse. E agora? Como é que eu fico? De onde uma pessoa tira forças para continuar sabendo que seu coração está morrendo?

— Sora — fala Rune. Abro os olhos. — No final disto tudo, só haverá um homem de pé. Tenho total intenção de que seja eu.

Mais política, é claro. Porque não tem nada, nem ninguém, que eles amem mais do que o poder.

— Acho que o senhor vai entender minha falta de motivação para me juntar ao jantar esta noite — digo. Coloco um braço atrás das costas para esconder o quanto estou tremendo descontroladamente. Preciso sair daqui, e logo.

— Nada mais está envenenado, Sora. Não haveria motivo para tal. Ao contrário de Seok, não sou cruel sem motivos. A senhorita está liberada, mas acredito que vá querer ficar e conhecer nossos convidados reais.

— Por quê?

— Porque Euyn será o rei, e você pode se tornar uma assassina ou mestrespiã legalizada, como é o amante dele, e responder somente ao trono. É um belo

futuro para você. O melhor pelo qual pode torcer.

A fúria toma o meu coração rapidamente e não tenho tempo para acalmá-la.

— O senhor está presumindo que posso sair com vida do assassinato de um deus-rei! — grito. Minhas pulseiras têm na pedra quando bato a mão na balaustrada com força. Toda essa ideia é ridícula.

Rune não parece em nada abalado.

— O rei não é um deus, Sora. É a isso que nos referíamos há pouco, o que Seok não contou a você. A coroa de Yusan é uma das cinco relíquias do Lorde Dragão. Ela protege quem a usa pelo etherum. Joon ainda pode envelhecer e sentir dor, naturalmente, mas não pode morrer enquanto a coroa estiver sobre a cabeça dele. É por isso que armas fabricadas por mãos humanas são ineficazes contra os governantes da família Baejkin. E a razão pela qual tentativas de assassinato passadas falharam. Os reis governam até se cansarem da vida ou até que alguém seja inteligente o bastante para retirar a coroa deles. É por isso que precisamos tomá-la. O mestre-espião encontrou alguém que pode fazer o trabalho. Assim que a coroa for removida da cabeça de Joon, ele será mortal. É nesse momento que você ataca.

Rune me oferece o braço. Hesito antes de pegá-lo. Acalmo meu tremor e expulso à força os pensamentos que ficam rondando minha mente. Não posso mostrar o que está de fato se passando na minha cabeça. Não posso transparecer estar pensando em nada. É perigoso demais. Não estou mais trêmula de raiva, e sim de animação, mas ele vai achar que é nervosismo.

— Por que está me ajudando? — pergunto.

— Não é óbvio? — Ele me encara, e vejo sinceridade em seu olhar.

Olho para o lado rapidamente e balanço a cabeça.

— Não.

Ele engole em seco, e sua expressão muda.

— Odeio Seok e quero que você fique em dívida comigo.

Não era de fato o que ele ia dizer. Minha mente gira tentando decifrar o que ele ia falar, mas não interessa.

Damos alguns passos até as portas.

— Entre no jogo, Sora — propõe Rune. — E sele os lábios com os de Tiyung, se precisar.

Meu estômago embrulha e fico atônita. Há pouco dias, eu estava contemplando a ideia de mandar a cabeça decapitada de Tiyung em uma cesta para Seok. Mas não me parece certo o conde sugerir a morte dele. Ainda assim, permito que Rune me leve de volta para a mansão, porque ele disse algo que pode mudar a minha sorte.

Entro e finjo estar me sentindo bem. Sento-me à mesa, sorrio e como o jantar como se estivesse faminta. Como se não houvesse nada de diferente.

Como se eu não tivesse acabado de ouvir que a coroa de Yusan, o adorno dourado do rei, torna quem a usa imortal. Como se Daysum não tivesse sussurrado no meu ouvido comprometido que acredita estar morrendo. Como se não tivessem acabado de me entregar de mão beijada a informação do que

poderia salvar a vida da minha irmã. Se ao menos eu conseguir descobrir uma forma de roubá-la.

CAPÍTULO TRINTA E UM

MIKAIL

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Bem, posso dizer que foi um jantar interessante.

Eu já tinha ouvido falar de donzelas venenosas em terras longínquas, mas nunca aqui em Yusan. O conde do sul não deve ter poupado esforços (ou quantias exorbitantes e homicídios) para administrar uma escola de venenos sem que a coroa soubesse. E dá para ver por quê.

Uma mulher como Sora é o mais letal que alguém pode ser, porque jamais suspeitariam dela.

Começando pelo fato de que o país não espera grandes coisas de mulheres — ninguém acharia que uma jovem bonita como ela seria capaz de assassinato. E mesmo depois de concluir o trabalho, ela pode se manter anônima, considerando que muitos venenos não deixam rastros. Ela pode seduzir, como eu, mas com o benefício de que todas as suas vítimas parecem morrer de causas naturais. Não sei quantos homens ela já matou por Seok. Provavelmente dezenas. Eu até arriscaria um número mais alto, mas ela é tão jovem. Se for para adivinhar, eu diria que ela não tem nem vinte e um anos.

Não que eu, aos vinte e quatro, seja um ancião. Apenas me sinto muito velho.

E então todas as peças começam a se encaixar. Temos uma jovem que pode passar uma arma letal pelos guardas e outra que pode roubar a coroa, mas a questão ainda é como chegar ao rei. Sora e Aeri podem se passar por cortesãs, mas arrumar um jeito de colocar Euyn dentro do palácio é quase impossível. Qualquer guarda o conhece, e poucos são mais leais a ele do que a Joon. Os rumores do exílio de Euyn se espalharam e ficaram piores a cada pessoa que os repassava.

Quase tão ruins quanto a verdade.

Eu o puxei comigo para o guarda-roupas do meu quarto. Tenho quase certeza de que há ouvidos por toda a parte procurando se beneficiar de informações particulares. Mansões como esta geralmente têm paredes ocas apenas para espionar visitas. Porém, chequei o guarda-roupa e ele parece sólido. Além do mais, os tecidos abafam o som naturalmente.

— Pensei a respeito disso tudo, e por mais que eu quisesse fazer tudo de maneira privada, vamos ter que atacar na celebração milenar — digo.

— Na celebração milenar? — pergunta Euyn. — Que vai acontecer daqui a quinze dias em Tamneki?

— A própria.

Está quase uma completa escuridão dentro do armário, mas ainda assim consigo ver Euyn coçando a barba.

— Por quê?

— Ele vai estar fora do palácio, Euyn. Você sabe muito bem como é o palácio de Qali. Seremos quatro tentando entrar e sair, e você é o mais difícil de todos. Mesmo se eu conseguisse te botar para dentro, as garotas não vão conhecer o mapa. E as chances de alguém te entregar pela recompensa ou para conseguir um favor são grandes. Além disso, não tem plano de fuga para sairmos com vida caso as coisas deem errado. Teremos que atacar fora de Qali. E Joon só vai sair para a celebração.

Euyn fica em silêncio. Ele está remoendo alguma coisa, mas não sei o quê.

— É só que... eu vi o que ela consegue fazer, mas ainda assim eu... — começa ele. — Não sei se precisamos depender de mulheres.

Não consigo controlar meu suspiro profundo. É claro que a questão de gênero seria um empecilho. Faltam muitas coisas aos Baejkin: empatia, um pinga de consciência que seja entre todos os membros da família, decência humana, misericórdia. Por outro lado, machismo eles têm para dar e vender.

— Euyn, qual a outra opção? Você tenta arrancar a coroa da cabeça de Joon enquanto eu enfio a espada nele no salão do trono? Tenho a leve impressão de que isso não passaria despercebido pelos guardas do palácio.

Ele fica em silêncio por alguns segundos. Pela luz das estrelas! Acho que era justamente isso que ele estava pensando. Pressiono a ponte do nariz.

— Qual é o plano? — pergunta ele.

— Atacamos na celebração milenar. Os detalhes vão depender do que Aeri vai precisar.

— Quem é Aeri? — pergunta ele.

A última parte do plano, e a mais importante. A coisa toda vai desmoronar se ela não conseguir arrancar a coroa de Joon. No entanto, não há motivo para contar isso a Euyn. Só faria com que ele entrasse em pânico.

— Ela é a ladra — explico simplesmente.

— Ela é filha de um lorde? De um conde?

— Não, é uma plebeia com habilidades que nunca vi antes.

Euyn faz uma pausa.

— Nosso plano para tomar o trono em um sunsae depende de uma menina de rua?

Ah, verdade. Pior do que depender de uma mulher é depender de alguém da plebe. Como aconteceu com Sora, Euyn vai precisar de uma demonstração completa das habilidades de Aeri para sequer começar a acreditar nela. Se ela fosse nobre, esse protocolo todo não seria necessário, mas é assim que os Baejkin pensam. Têm a mente fechada e são cansativos em igual medida.

— Quando você a conhecer, me diga se acha que ela dá conta — proponho.

— Se não ficar impressionado, eu crio um novo plano.

Ele suspira.

— Quando vai ser isso?

— Amanhã cedo. Precisamos partir até amanhã à noite para chegar a Tamneki antes da celebração.

Não é o itinerário com o qual eu contava, mas quase morrer de trocentas maneiras diferentes tentando tirá-lo de Fallow acabou com a nossa chance de passar mais tempo em Rahway e encontrar Aeri com tranquilidade.

— Mikail...

— Confie em mim o bastante para manter a mente aberta — peço, e estico o braço para acariciar seu rosto. A barba e o cabelo dele agora estão aparados, então em vez de parecer desganhado, ele tem um ar solene. Gosto das duas versões. — Acredite que farei o que for melhor para você.

— Está bem.

Encontro a boca de Euyun na escuridão. Estive pensando nela desde que ele me surpreendeu na estrada para Rahway. Nos reconectarmos fez uma longa viagem de carruagem virar uma orgia de prazer. Depois dos primeiros orgasmos frenéticos, fomos devagar. De muitas formas, ele é como laoli — o êxtase, o alívio de dores, a loucura. A diferença é que a droga é mais fácil de largar.

Não tem por que me privar de Euyun, não quando estou correndo o risco de não sobreviver à celebração milenar.

Não contei tudo a Euyun, senão ele iria ficar hesitante, mas tenho meus próprios motivos para matar Joon e meus próprios planos para a coroa. Por enquanto, não há mais nada a fazer, a não ser explorar cada resquício de prazer que eu puder. Vou me lembrar de cada momento no Reino dos Infernos. Pelo menos, é o que eu espero.

Os lábios dele descem pelo meu pescoço, e eu fico duro quase instantaneamente quando ele toca por dentro da minha calça. É sempre assim com Euyun. Ele coloca a boca em mim há quase uma década, mas eu nunca me canso de ver um príncipe de Yusan de joelhos, e ele por sua vez nunca se cansa da transgressão de ser o amante de um plebeu. De me deixar fazer o que eu quiser com o corpo dele. Eu mandava cartas codificadas contando como eu pretendia usá-lo quando nos encontrássemos de novo, e ele estava sempre pronto. Contudo, não consigo enxergá-lo neste maldito guarda-roupa.

Eu o agarro, abro a porta e jogo Euyun na cama. Ele precisa de uma distração, e eu também. O corpo dele pula quando bate na cama, e ele tira as roupas, sedento por mim como um cortesão. Eu também tiro a minha roupa. Assim como eu, talvez ele esteja sentindo que provavelmente não sobreviveremos, ou talvez seja só o desejo falando mais alto. No fim das contas, não importa.

— Aposto que os criados do conde estão assistindo — sussurro no ouvido dele. — Vamos fazer o espetáculo valer a pena.

Ele abre um sorriso cheio de malícia, e eu me afundo na cama em cima dele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

AERI

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Podemos até estar no distrito de lazer de Rahway, só que Royo não está se divertindo nem um pouco. Tem malabaristas, acrobatas, engolidores de fogo, jogos, várias barracas de comida e muito mais. Acabei de fazer carinho num tigre! Mas é como se ele nem percebesse todas as lanternas de cores diferentes flutuando ao nosso redor.

Estou bebendo vinho com especiarias, o que está me deixando bêbada um tanto rápido, então também estou comendo um bolo de arroz doce. Royo não quis nenhum dos dois.

— Já está pronta para irmos? — pergunta ele ao passarmos por um contorcionista. O cara está com as solas dos pés sobre a própria cabeça, e Royo está bocejando.

Ele parece desesperado para se enfurnar no nosso quarto e ficar sem fazer nada. Só vamos encontrar Mikail amanhã, então temos tempo para aproveitar. Tem jeito melhor de fazer isso do que num festival? Pelo menos era o que eu achava.

Tá, para ser justa, eu sabia que Royo não ia querer vir, mas da janela da nossa suíte eu vi as lanternas subindo, então pedi para a gente dar uma volta. Achei que quando chegássemos ele acabaria curtindo.

Ledo engano.

— Você não é muito animado, sabia? — repreendo.

— Você não está me pagando para ser animado — retruca ele.

— Quanto custaria esse adicional?

Ele me olha feio e volta a analisar o entorno, como se um dos malabaristas fosse puxar uma faca a qualquer momento.

— Esses festivais noturnos são sempre cheios de batedores de carteiras e de brigas. Pelo menos em Umbria é assim. Os turistas não passam de alvos fáceis.

— Mas *eu* sou a batedora de carteiras.

Pressiono meu ombro nele, e ele parece ofendido. Ah, é. Ele não gosta do fato de eu ter colocado o bilhete no bolso dele sem que ele visse. Supera, cara.

— Você não consegue ficar séria? — resmunga ele.

Reviro os olhos.

— Ah, tá. Porque você é todo felizão sendo sério o tempo todo, né? É um *festival*, Royo, não um navio pirata no rio Sol.

Ele se fecha e de alguma forma fica parecendo ainda mais infeliz. Eu nem achava que isso fosse possível. Acho que vamos fingir que aquilo tudo nunca aconteceu — nossa troca de segredos na sacada e a forma como salvamos a vida um do outro no rio Sol. Dois passos à frente, dez passos para trás.

— Tá bom — digo, desistindo. Jogo fora o restante do vinho, bufando. Está uma noite linda e estrelada, e ele aí com essa cara emburrada. — Podemos ir.

Franzo a testa, já aceitando a derrota. Se ele está decidido a não se divertir, não quero ele aqui comigo. Não quero deixá-lo infeliz, só esperava que Royo mudasse de ideia.

Ele olha para mim e suspira. Os ombros dele relaxam levemente.

— Podemos ficar mais um pouco.

Fico na ponta dos pés, sentindo a alegria correndo em minhas veias.

— É sério?

Sorrio e percebo um traço de suavidade no olhar dele. Royo faz que sim e volta à vigilância constante. Para mim, no entanto, isso é uma vitória.

Passamos por uma fileira de barraquinhas que vendem mercadorias variadas — bijuterias e coisas do tipo —, e depois por uma fileira de barraquinhas de jogos. Por um instante, Royo para e observa uma barraquinha que tem um jogo armado com argolas de tuhko — quem acertar em cheio, ganha um prêmio. Até jogadores de tuhko profissionais geralmente têm de atingir o alvo certo para marcar pontos, mas neste jogo é preciso lançar à distância. Uma argola vertical.

— Venham tentar a sorte como os profissionais! — grita o homem de dentro da barraca. Ele joga uma bola para cima e a pega, tentando levantar a moral do negócio depois de o último cara ter saído de mãos abanando. — Quem é o próximo? Quem pode ser uma estrela no Campeonato Milenar?

— Quer jogar? — pergunto a Royo.

— Não — responde ele, ainda olhando.

Pelo amor dos deuses, deve ser cansativo nunca dizer o que sente.

— De fato, você não parece nada interessado.

Ele franze a testa.

— Esses jogos são todos manipulados.

Disso todo mundo sabe.

— É claro que são — respondo. Ele olha para mim. — A questão é entender *como* são manipulados e jogar de acordo.

Ele balança a cabeça.

— Impossível.

Que saco, Royo. Sempre tão preocupado com o que é ou não possível que não percebe o que está bem debaixo do nariz dele.

O vendedor se dá conta de que tem novas vítimas em potencial e se dirige a nós:

— Venham tentar a sorte. Ganhe um prêmio para a senhorita, grandão.

— Ele acha que não consegue ganhar — grito de volta.

Royo fica quase roxo.

— Aeri, eu juro que...

— Se não consegue, não consegue. — Dou de ombros. — Mas não coloque a culpa no jogo.

Ele me olha feio de novo, marcha até a barraquinha, pega o porta-níquel e bate cinco muns de bronze na bancada. Ele pega três bolas do tamanho de melões com o vendedor e as joga lentamente, reavaliando o ângulo a cada tentativa. Royo tem uma mira muito boa — excelente, na verdade —, mas conforme as bolas batem nas argolas o problema se torna evidente. O alvo que deveria ficar estável tomba um pouco assim que é atingido. Não muito, só o bastante para fazer a bola ricochetear em vez de passar direto.

— Viu só? — fala Royo entre dentes. — Eu disse que ninguém consegue ganhar.

— Ah, que pena. Boa sorte na próxima vez — diz o vendedor ardiloso. Ele deve ter minha altura, e a cara parece a de um rato.

— Tenta de novo — sugiro. Jogo um mun de prata, que some num piscar de olhos. O vendedor é quase tão rápido quanto eu. Quase. Ele me devolve o troco.

Eu chego perto de Royo e sussurro:

— Atire as bolas rápido, uma depois da outra, e mire a segunda e a terceira um pouquinho abaixo da argola.

— Quê? Por quê?

— Porque vai dar certo.

Ele balança a cabeça.

— Não vai, não.

É claro que ele não acredita em mim.

— Ou você pode tentar só pra ver se dá certo, Royo.

Ele bufa, mas pega as bolas de tuhko e as joga numa sequência rápida. A primeira acerta a argola. A segunda vai para fora, mas a última entra.

A felicidade da vitória cresce em mim enquanto Royo joga os braços para cima e dá um soco no ar. Então eu me lembro de que ele é Royo — o homem que odeia tudo e que, por ter cometido erros no passado, jamais será feliz. Só que eu vi — eu vi o orgulho dele. Por um instante ele pareceu se tornar mais jovem.

Ele é tão imprevisível.

Relutante, o dono da barraca me entrega um bichinho de pelúcia da estante de prêmios. É um dragão colorido — quase todo vermelho, com asas azuis, barriga amarela e detalhes em verde. Eu o abraço animada enquanto continuamos andando.

Royo não menciona o fato de que eu estava certa, o que me deixa incomodada. Realmente espero que ele não seja um daqueles homens que acham que se viram na vida unicamente por sua própria genialidade.

— Ele vai se chamar Royo — digo. — Ele é meu dragãozinho emburrado. — Levanto a pelúcia na altura do rosto dele e solto um rugido.

Ele me olha incrédulo, e suspira.

— Tá bom, você tinha razão. Podemos ir agora?

— Podemos. Formamos um bom time, sabia? — instigo.

Estou provocando-o, mas enquanto vamos embora do distrito do lazer, percebo que é verdade. Somos extremos opostos, mas de alguma maneira a dinâmica funciona. Ela nos fortalece, assim como ferro e fogo juntos criam aço.

Ninguém nunca fez com que eu me sentisse mais forte. Meu pai me ama e quer que eu seja cada vez melhor, mas não sei se é a mesma coisa. Quando eu provar meu valor com este trabalho e nós estivermos com a vida feita, terei uma casa e uma família de novo, mas... meu pai nunca se preocupou em me manter em segurança como Royo. Fomos a uma casa de correspondências mais cedo, e na carta que escrevi ao meu pai, eu nem contei sobre os piratas. Eu me convenci de que era porque eu não queria que ele ficasse preocupado, mas no fundo acho que é porque não sei se ele se importaria.

Quem sabe um dia eu não consiga ter as duas coisas — alguém que me torna uma pessoa melhor e mais forte. Por enquanto, Royo e eu voltamos para o Trovador. Não demora muito até que a gente se perca, embora Royo não admita isso. Ele segue andando como se soubesse onde fica tudo, mas não é difícil se perder em uma cidade onde todas as construções são parecidas.

— Acho que não passamos por aqui quando viemos — falo, olhando para uma estátua do antigo rei Baejkin, o rei Theum. Não existem muitas estátuas do rei Joon, porque ele não é lá muito popular entre os nobres e o povo.

Olho para trás, e as lanternas do festival ainda estão acesas na direção nordeste. Chegamos a uma encruzilhada e paramos. Para voltarmos temos que virar à esquerda.

— Deve ser mais alguns quarteirões à direita — diz Royo, olhando para as construções ao nosso redor.

— Não, é à esquerda.

Ele suspira.

— Devíamos ter ficado na estalagem.

— Talvez, mas agora não dá para voltar atrás, né?

Olho para a rua pavimentada. Tem dois homens à nossa frente.

— Tem dois caras ali. Eu podia perguntar para eles.

Ele semicerra os olhos para as silhuetas ao longe. Em seguida, me encara com os olhos arregalados.

— Você perdeu o juízo?

— Royo, nem todo mundo é mau.

— Nem todo mundo é bom.

Nós nos encaramos. É óbvio que, como não conseguimos chegar a um consenso, não vamos a lugar nenhum.

— Tenho certeza de que não é para a direita — falo. — E você não acha que seja para a esquerda, então vou perguntar e...

— Ser assassinada? Não, obrigado.

Eu juro, este homem é uma mula personificada.

Passo por ele e dou três passos antes de ele segurar meu braço. Grito de surpresa, agarrando o dragãozinho. Royo fica furioso, mas olha adiante na

estrada. Sigo sua linha de visão. Os homens à frente repararam em nós no pior momento possível — quando um homenzarrão bruto está agarrando meu braço logo depois de eu gritar.

— Parem, em nome do rei! — dizem eles.

— Você só pode estar de sacanagem — grunhe Royo, resmungando baixinho.

— É a guarda real.

— Corre — sussurro.

Ele me encara.

— O quê?

— Corre.

— Aeri, você tem as piores ideias.

Mas precisamos ir. Não quero ser presa com todas as joias roubadas que estou usando, e aposto que nada de bom vai acontecer com Royo também. Ser capanga não é exatamente uma prática dentro da lei.

— É que... eu tenho algumas coisas que não gostaria que eles encontrassem, e acredito que você também — digo. Ele olha para o lado, confirmando as minhas palavras. — Corre.

Assentimos um para o outro, viramos e corremos na direção oposta. Royo segura minha mão para que a gente não se separe enquanto a guarda real nos persegue.

Nossos pés batem com força no asfalto e meu coração martela no peito à medida que avançamos quarteirão após quarteirão, dobrando as esquinas sempre que possível para tentar despistá-los. Porém, eles estão se aproximando. Royo para de repente e me puxa pela cintura para um beco estreito e escuro. Um segundo depois, a guarda passa voando pela rua. Estou prendendo a respiração, torcendo para que não nos encontrem, cambaleando com a força das batidas do meu coração. Porque se formos pegos, nunca encontraremos o mestre-espião a tempo.

Eles passam direto pelo beco, mas ainda não estamos seguros.

— Você é impossível — sussurra Royo.

— É, eu sei — digo.

Tentamos ouvir o barulho das botas dos soldados, mas no silêncio me dou conta de como estamos próximos. Nosso tronco está colado um no outro, e estou encostada nele no escuro. O calor irradia do corpo dele, como na ilha no rio Sol, e ele ainda não soltou a minha cintura. Royo consegue quebrar o pescoço de um homem sem esforço algum, mas me segura com a mesma delicadeza com que segurou aquela estatueta de cerâmica em formato pássaro, quando nos conhecemos em Umbria.

Não estou me mexendo nem falando, mas por outro motivo agora.

Nós dois estamos ofegantes, cara a cara. Ele encara os meus lábios e então seu olhar desce para o meu corpo. Eu me aproximo, só um pouquinho. Ele olha para a minha boca de novo e morde o lábio. Minha respiração falha. Em seguida, Royo desvia o olhar e pigarreja.

— Eu, hum, acho que despistamos eles.

Ele tira as mãos da minha cintura e se afasta o máximo possível. Tento não

deixar a decepção tomar conta. No fundo, sei que é melhor assim. Ele está ocupado demais fugindo do passado para conseguir amar o presente. Conheço essa sensação melhor do que ninguém.

Seguro o dragãozinho Royo contra o ombro.

Esperamos mais um minuto, e então Royo assente e dá uma olhada para fora do beco. Nenhum sinal da guarda real — escapamos. Olho ao redor e vejo que, a um quarteirão de distância, está a Estalagem Trovador. Royo sai do beco, secando o suor da testa. Ele também ajusta a calça. Trocamos olhares e eu ergo uma sobrancelha.

Ele me ignora e finge estar muito ocupado andando até a entrada.

Olho para a pousada. Amanhã, vamos nos encontrar com o mestre-espião e com quem mais estiver envolvido neste esquema. Só mais um nascer do sol e o plano todo vai ter início.

Ao entrar, acho bom Royo querer manter distância. Eu deveria fazer o mesmo. Porque até conseguir finalizar este trabalho, não posso me dar ao luxo de confiar nele... ou em qualquer outra pessoa.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

ROYO

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Pelo visto, existe mais uma Aeri. A Aeri tensa e estressada faz a Aeri de sempre parecer tolerável. É como descobrir que existe um Décimo Primeiro Inferno.

O alfaiate passou mal durante a noite ou algo do tipo, então meu terno não estava pronto quando fomos até a loja ontem de manhã. Nada de mais... ou pelo menos é o que eu achava.

Não. Eu estava errado.

Aeri ficou tão vermelha que estava quase roxa ao bater o pé e exigir que terminassem a peça naquele exato momento. Eu me senti mal por todo mundo na loja — principalmente por mim mesmo. Ela não é exatamente uma pirralha mimada. Porém, dar um chique me mostrou um novo lado dela. Aeri parece ter muitos.

Um consegue fugir de piratas, outro corre da guarda real, um gosta de chás e livros, outro gosta de roubar joias. Um consegue decifrar um jogo manipulado, enquanto outro perde o controle numa alfaiataria. E eu nem a conheço há tanto tempo assim.

No fim das contas, tínhamos tempo de sobra. Quem quer que seja esse tal mestre-espião não chegou aqui ontem como o planejado. E não deu as caras hoje de manhã também. Aeri está com o vestido novo, andando de um lado para o outro no quarto. Ele envolve o corpo esguio dela do jeito certo, mas é difícil reparar por conta do cansaço. Não são nem dez badaladas e já estamos de pé há quatro. Ela já deu tantas voltas que fico surpreso que o percurso não esteja marcado no piso de madeira. Tentei ignorá-la, mas ela está tagarelando sem parar.

— Onde é que ele pode estar? Será que foi à pousada errada? Não, não existe mais de uma Estalagem Trovador. Ele não vem, então? Será que encontrou outra pessoa? Não, ninguém mais poderia fazer isso. Será que ele está achando que é uma armadilha? Não pode ser, ele confia em mim. Vai ver ele arrumou problemas pelo caminho. Talvez precise de ajuda. E se ele foi capturado? Mas por quem? E o que acontece depois?

A propósito, nenhuma dessas perguntas foi direcionada a mim.

Ela está prestes a dar outra volta quando uma carta vermelha passa por baixo da porta. Nós dois encaramos o papel no chão.

Aeri corre até ele e o pega com tanta ansiedade que ele voa da mão dela. Enfim, ela agarra o papel e o lê, depois o vira e lê de novo. Ela não diz uma única palavra.

Ótimo, *agora* ela fica em silêncio.

— O que tá escrito? — pergunto.

Ela respira fundo.

— Precisamos subir.

Olho ao redor. Era para eles virem aqui. Não sei nem quem “eles” são, considerando que ela só me falou do mestre-espião. Quando perguntei quem mais se juntaria a nós, ela disse para eu não me preocupar — o que não me tranquiliza em nada.

— E se for uma armadilha? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Vai ver pensaram a mesma coisa do nosso quarto.

Esfrego o rosto com as mãos.

— Não gosto disso, Aeri.

— Não estou te pagando para gostar — rebate ela.

O que deu nela hoje? Ontem à noite, eu realmente comecei a... Enfim, não importa. Não vou aceitar que ela fale assim comigo. Nem por cinquenta mil. Nem por cem. Endireito a postura e a encaro.

— Como é que é?

— Eu te pago para me manter em segurança — responde, mudando o tom de voz.

— Exatamente. Não acho que isso seja seguro.

— Nós vamos mesmo assim.

— É claro que vamos.

Pego uma adaga e a enfio no cinto. As soqueiras de latão já estão no bolso. Uma coisa preciso admitir em relação ao terno: ele esconde armas muito bem. Já guardei duas facas de arremesso dentro do bolso interno do paletó. Estou com outra lâmina escondida na barra da calça. E quer saber? Que se dane, pego mais uma só porque posso e a enfio na manga.

Chegamos ao último andar e paramos em frente às portas duplas. Dou uma olhada ao redor. Só tem um quarto no piso inteiro.

Aeri bate na porta. Um homem de idade próxima à nossa atende. Ele é alto e com certeza é um nobre. Dá para perceber pelas feições e o ar de inutilidade.

— Oi. Meu nome é Aeri — diz ela no tom de voz habitual, animado demais.

O cara pisca para ela, confuso.

— Quem é esse? — pergunta ele, apontando para mim.

— Royo. Ele é meu guarda-costas.

Vida maldita do caralho.

O cara olha para trás esperando aprovação e então abre a porta.

— Sou Tiyung.

Não sei se isso devia significar alguma coisa para mim. Eu o cumprimento com um aceno de cabeça e passo por ele. Por algum motivo, ninguém me revista

procurando por armas.

Me sinto presunçosamente satisfeito. Manés.

Entramos numa suíte do tamanho da Costela & Cevada. Maior. Tem quatro pessoas do lado de dentro. O cara da porta, uma mulher linda sentada no sofá próximo à lareira, que sorri quando entramos, e outros dois homens sentados de frente para ela que me olham quando entro. Os dois são jovens e de boa aparência, e nenhum deles se levanta.

Aeri faz uma reverência desajeitada.

— Sua Alteza.

Alteza? Eu a encaro, e depois olho para o homem barbado. Não é o rei Joon — eu já o vi antes, e ele é muito mais velho do que esses dois. No entanto, o de pele mais clara me parece familiar, e então percebo o porquê: vi o rosto dele em pôsteres de procurados.

Ele é o príncipe de Yusan — o que assassinou um monte de gente. Que deveria estar morto. O homem ao lado dele só pode ser o mestre-espião real. O que pelos Dez Infernos um príncipe morto está fazendo aqui nesta estalagem?

Meu rosto fica pálido, e eu quero agarrar Aeri e dar o fora. Isso aqui está muito acima da nossa alçada. No entanto, faço uma rápida reverência.

— Príncipe Euyn, esta é Aeri Soo — diz o cara ao lado dele. — E, com todo o respeito, quem é você mesmo?

Ele olha direto para mim, o par de olhos azul-esverdeados questionando minha existência.

— Meu nome é Royo.

— Ele é meu guarda-costas, Mikail — explica Aeri, animada, como se não estivéssemos conversando com dois assassinos prolíficos. Homens que poderiam matar pessoas como nós e sair daqui com um sorriso no rosto.

Mikail assente.

— Esta é Sora, e o guarda-costas dela, Tiyung.

A jovem sorri lentamente. É óbvio que tem alguma piada interna aqui, e eu estou por fora.

— Está mais para meu carcereiro — corrige ela. — Mas meu nome realmente é Sora.

Aeri acena.

— Aeri.

Sora fica momentaneamente sem reação, mas retribui com um leve aceno.

— Bem, eu adoraria que todos socializássemos para nos conhecermos melhor, mas infelizmente nosso tempo é curto — fala Mikail. — No caminho até aqui, Euyn e eu quase fomos devorados, atiraram em nós e tentaram nos pegar em emboscadas. — Ele para quando vê as expressões chocadas de todos no quarto. — Podemos presentear-los com nossos causos heroicos depois, mas como nos atrasamos um pouco, temos que agir rápido. Aeri, se puder nos dar a honra, preciso que você demonstre suas habilidades para o príncipe.

Eu a encaro, assim como todos os presentes.

Ela dá de ombros.

— Está bem.

— Precisa de algo nosso para a demonstração? — pergunta o rapaz.

Ela olha em volta, pensativa.

— Hum... um chapéu?

— Tiyung tem um bem estiloso — sugere Mikail.

O homem que tinha atendido a porta olha feio para ele, mas sai do quarto e volta com uma cartola preta em mãos. Já vi uma dessas, mas apenas em um único homem.

— Você é conde? — pergunto.

— Sou o filho do conde do sul — responde Tiyung.

Putá que pariu. Então não se trata só de um príncipe morto e de um mestre-espião da realza — tem um conde envolvido nisso também. Um calafrio se espalha pelo meu peito. Isso está se mostrando grande demais. Aeri é muito ingênua, muito pura para tudo isso. E com todo esse poder envolvido, não sei mais se consigo mantê-la segura.

Eu a encaro, esperando por um sinal que indique que ela quer ir embora, pronto para lutar para sairmos daqui e protegê-la. Mas ela só olha para a cartola, sorrindo. Então eu baixo a guarda... um pouco.

— É perfeito! — exclama ela.

As outras pessoas no quarto trocam olhares confusos.

— O que quero dizer é que a medida é parecida com a da coroa — explica ela, mais tímida desta vez. — Poderia colocar isto, por favor, Sua Alteza?

Ele assente, e Tiyung entrega a cartola a ele. Ela não fica ridícula na cabeça do príncipe Euyn, apesar de ser um adorno ridículo de maneira geral.

— Certo, agora precisamos de alguma distração — diz ela. — Royo, você sabe fazer malabarismos?

Todos os olhos se voltam para mim. E eu repito: como foi que minha vida chegou a isto?

— Não.

— Cantar? Dançar? Qualquer coisa. Preciso de uma distração.

— Você está brincando, né?

— É para a demonstração. Por favor, Royo — implora Aeri. Ela me olha com aqueles olhos castanhos enormes.

Eu suspiro. Cem mil muns de ouro. Isto tudo é pelos cem mil muns de ouro.

— Tá, eu sei, sim, fazer malabarismos — balbucio.

— Não precisava ter mentido da primeira vez — reclama ela, inclinando a cabeça para mim.

Hwan. A vida de Hwan, sua libertação, o acerto de contas por eu ter ido embora naquela noite. É por isso que estou metido nisto aqui. É por isso que não dou meia-volta e saio correndo pela porta carregando Aeri sobre o ombro como se ela fosse um saco de farinha.

Suspiro e pego romãs na bancada.

— Sora, fique do lado de Euyn, por favor — pede Mikail. — Tiyung, acredito que você possa fingir ser o príncipe bem ali.

Todos se movimentam pelo quarto, e eu não faço a menor ideia do que está acontecendo, além do fato de que agora vou precisar fazer malabarismos como um bobo da corte para todas estas pessoas incrivelmente poderosas.

— Certo, quando estiver pronto, Royo — fala Aeri.

Que vida de merda a minha.

Começo os malabarismos, jogando uma romã para cima, depois mais uma, até estar alternando as três nas mãos. Há muito tempo, um mágico viajante me ensinou como fazer. Sempre gostei, mas, como capanga, não tive muitos motivos para fazer malabarismos. Por outro lado, parece que, como um guarda-costas idiota, eu tenho.

Aeri vai para a ponta do sofá. Um borrão de romãs depois, a cartola sai da cabeça de Euyn e vai parar na de Tiyung. E Aeri está ao lado dele na cozinha.

— Simples assim — declara ela.

Eu não tirei os olhos dela e mesmo assim não vi nada acontecendo. Como? Como foi que ela pegou a cartola? Como se moveu com tanta rapidez?

Pelos Dez Infernos. Mas que porra é essa?

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

EUYN

CIDADE DE RAHWAY, YUSAN

Meus deuses do céu, o plano de Mikail pode acabar funcionando.

Um segundo atrás eu estava com a cartola na cabeça. Tenho certeza disso. E agora ela está com Tiyung. Não é só o fato de tudo ter acontecido rápido — é que eu não senti ela sendo tirada.

Nem vi Aeri se aproximando.

Devo admitir que minha atenção estava voltada ao homem enorme com uma cicatriz gigante no rosto, que tentava fazer malabarismos odiando cada segundo, mas mesmo sabendo que ela estava prestes a tirar minha cartola, eu só fui me dar conta de que estava sem o objeto tarde demais. Com Sora tão perto, ela poderia facilmente ter me beijado antes que eu percebesse que a coroa não estava mais comigo.

Isso pode dar certo.

Pode realmente dar certo.

Eu me reclino na cadeira, perplexo. Todos nós estamos chocados, até mesmo Mikail. Ele estava certo: esta garota tem habilidades que nunca vi. Um milhão de cenários futuros me ocorrem de uma só vez à medida que governar Yusan se torna uma possibilidade palpável.

O plano dele tem apenas um grande problema. Embora algumas pessoas conheçam o poder das relíquias do Lorde Dragão, somente a realeza sabe das maldições que vêm com elas. As quatro outras relíquias cobram preços terríveis para serem utilizadas. Essa é a razão pela qual Khitan, por exemplo, não pode simplesmente se tornar um país de ouro maciço. O uso do anel causa uma dor imensa, e a alquimia funciona extraindo ferro do corpo do usuário. Quanto mais ele é utilizado, mais dor a pessoa sente, e mais próxima da morte fica. No caso da coroa é um pouco diferente, porque, ao contrário das demais relíquias, ela não custa nada a quem a utiliza — simplesmente confere proteção.

Quando o Lorde Dragão partiu para os céus e deu sua coroa ao primeiro rei Baejkin, o trato entre eles foi selado com a mistura do sangue dos dois, criando o rubi no centro da coroa. Por isso, dizem que a coroa só pode ser utilizada pela linhagem. Esse é o motivo pelo qual durante mil anos só tivemos líderes da família Baejkin.

É evidente que este é um mito fundamental para solidificar o reinado dos meus antepassados e controlar tentativas de rebelião, mas eu também acredito que seja verdade. Cerca de cem anos atrás, houve uma tentativa de golpe. O general da guarda do palácio decidiu usurpar o trono e, colocando uma lâmina na garganta do príncipe, ele forçou o rei a entregar-lhe a coroa. No entanto, quando coroou a si mesmo, o corpo do general se desintegrou em cinzas — tudo, exceto sua cabeça. O rei se abaixou e simplesmente tirou a coroa da cabeça do traidor. Assim, o golpe terminou com a mesma rapidez com que começou. Todos os guardas do palácio que haviam se rebelado se ajoelharam aos pés do rei e posteriormente foram submetidos a lingchi. A ordem foi restaurada, e Yusan viveu feliz para sempre.

Eu até acharia que isso tudo não passa de uma lenda, uma história convenientemente ambientada longe dos tempos atuais, fabricada apenas para reforçar o direito divino dos Baejkin. Contudo, o golpe trouxe consequências. O rei ficou tão indignado por ter sido traído pela própria guarda que a cabeça dos dez traidores foi colocada em lanças, incluindo a do general — o maior grau de desonra. Os corpos não foram incinerados, para que a alma dos traidores nunca encontrasse paz, mesmo na próxima vida. O crânio deles me encarava com olhos vazios dentro da Prisão do Ócio.

Aeri pode nem conseguir manejar a coroa. Não sei ao certo, pois durante a minha vida ninguém fora da linhagem dos Baejkin arriscou tocá-la. Podemos fazê-la usar luvas, já que o mais provável é que a maldição seja baseada no contato. No entanto, como ela não está tentando pegar a coroa para si, deve ficar tudo bem. Esse é só um detalhe.

Respiro fundo, observando os demais conversando animadamente ao meu redor.

Não, o maior problema no momento é o fato de que eu não sou um Baejkin.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

SORA

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Após a demonstração da habilidade de Aeri, nos sentamos ao redor da lareira para formular um plano e matar o rei.

Mikail disse que o rei Joon comparecerá à celebração milenar em Tamneki em apenas um sunsae. Um dia inteiro de eventos foi marcado na capital para celebrar os mil anos do reinado dos Baejkin, culminando em uma partida especial de tuhko na Arena do Rei — o Campeonato Milenar. É lá que vamos atacar, na frente de duzentas e cinquenta mil pessoas.

É... ousado. Isso eu tenho de admitir.

Se bem que faz sentido. Aeri disse que ela precisa de uma distração, e que distração seria melhor do que um esporte mortal? E Mikail ressaltou que a arena é o lugar mais fácil para ganharmos acesso ao rei. Com tantas pessoas no local, qualquer ataque vai causar um alvoroço, e podemos desaparecer na multidão se tudo der errado.

O tanto de vezes em que ele mencionou a possibilidade do plano ir por água abaixo foi alarmante.

Porém, acho que com tanta coisa em risco assim, precisamos estar preparados.

Nas diversas vezes em que envenenei homens para o conde, planejei diferentes rotas de fuga e vasculhei os locais com antecedência. Principalmente depois da noite em que o guarda de um desses homens percebeu que meu alvo estava morto. Por algum motivo, o guarda checou o quarto do nobre e correu na minha direção antes que eu pudesse sair da casa. Precisei matar ele e mais outro guarda com a lâmina que eu deixara escondida no manto. Quase morri, porque não sou uma espadachim profissional. No embate, uma das lâminas deles chegou perto de me atingir no pescoço, e a outra cortou a lateral do meu corpo.

Tivemos um pouco de treinamento para combates na escola de venenos, mas não tanto quanto soldados que se preparam a vida toda para isso. Os guardacostas também não eram muito bem treinados, e um deles estivera quase dormindo. Eu odiei matar os dois — os pobres rapazes só buscavam ganhar um dinheiro, e deram o azar de estar ali naquela noite. Levou várias badaladas para que eu conseguisse lavar o sangue do meu corpo e fazer as suturas. O conde ficou tão furioso por ter parecido um assassinato planejado que me proibiu de ver

Daysum por três meses.

Nunca mais fui tão descuidada. Até agora, talvez. Não conheço essas pessoas, mas dependendo delas para ter a chance de seguir com o plano.

Olho para o príncipe Euyun, ainda sentado ao meu lado. Ele está aos sussurros com Mikail, e tão absorto em cada movimento do mestre-espião que um assassino não teria dificuldade alguma para atacá-lo agora. Me pergunto quão breve será o tempo dele no trono se ele não tiver Mikail ao lado.

Tiyung e Royo estão debatendo os méritos de soqueiras de latão comparados a uma luta “honesta”. Não acredito que um dos dois escolheria um combate justo se tivesse a oportunidade, mas não conheço Royo ainda. O que sei é que ele não me parece um guarda-costas.

Aeri, por sua vez... me confunde. O cabelo preto brilhoso dela é mais curto do que a moda atual, mas o vestido é caro e o modelo está em alta. Ela fala constantemente, como se fôssemos todos amigos de longa data, mas olha com nervosismo para os demais quando acha que ninguém a está observando. Não consigo decidir se ela está escondendo algo ou se apenas tem a triste consciência de que não pode confiar em ninguém aqui.

Respiro fundo e tento acalmar o pavor que cresce em mim. Seja como for, para bem ou para mal, *este* é o grupo que vai decidir o destino de Daysum. E o meu.

Preciso decifrar cada uma dessas pessoas se quiser salvá-la. E não temos muito tempo.

Com todos de acordo, arrumamos nossas coisas e pegamos uma carruagem rápida. A viagem para Tamneki costuma durar um sunsae, mas com a carruagem conseguiremos chegar em menos de dez dias.

Apenas dez dias para compreender cada membro da equipe e um sunsae antes de tentarmos destronar um rei.

A carruagem tem três divãs e Euyun e Mikail se sentam juntos, assim como Aeri e Royo, o que me obriga a ficar ao lado de Tiyung.

Eu preferiria me sentar com Mikail. Ele é carismático, e sinto certa afinidade com ele, algo que não sei bem como explicar, mas gostaria muito de entender.

Também gosto do guarda-costas de Aeri, embora Royo não fale muito.

Talvez eu só não queira ficar ao lado do homem que foi enviado para me matar depois de eu assassinar o deus-rei.

— Como vou chegar perto o bastante para matar o rei na arena? — pergunto.

— Dal, o conde do leste, vai levar você à partida como acompanhante e você será apresentada como a nova cortesã dele — detalha Mikail. — O rei e o conde de Tamneki têm uma rivalidade intensa e de longa data. Joon vai querer roubá-la pelo simples fato de você pertencer ao conde, mas tenho certeza de que também ficará balançado pela sua beleza.

Ele fala como se fosse tão simples. Tão fácil. E menciona com tanta despreocupação que três dos quatro condes estão comprometidos com a estratégia de traição à coroa.

— Certo — digo. — Então quando eu vir que a coroa foi removida, devo

beijá-lo?

Mikail assente.

É... duvidosamente simples. Como pode ser só isso? No entanto, o que quero mesmo saber é: como vou conseguir pegar a coroa antes que Aeri a coloque sobre a cabeça de Euyn?

Depois de ter visto como ela se move com rapidez, vou precisar convencê-la a entregar a coroa para mim. Já pensei sobre isso, e não vou conseguir roubá-la. Para fazer a cabeça de Aeri, preciso descobrir o que ela quer. O motivo pelo qual concordou em fazer parte desta missão. Talvez assim eu consiga suborná-la ou tentar chegar a algum tipo de acordo. Minhas únicas habilidades são seduzir e matar, mas é justamente dessas duas que as pessoas mais costumam precisar.

Aeri retribui meu olhar e sorri como se estivesse entusiasmada por estar aqui. Sorrio de volta. Em seguida, ela se vira para Tiyung.

— Me desculpe, mas quem é você mesmo? — pergunta ela para o filho do conde.

— Tiyung. Mas pode me chamar de Ty.

— Não, seu nome eu entendi, mas por que você está envolvido nisso?

Todos na carruagem ficam em silêncio. Eu olho para ele. Tiyung ajeita o casaco, apesar de estar quente aqui. Ele deve estar inquieto por não ser importante.

— Eu... meio que não estou, para ser sincero — confessa ele.

— Por que está aqui, então? — diz ela. A pergunta soa inocente, mas também afiada. Ela não confia nele. Aeri é esperta, e dá muito menos confiança do que transparece.

— Meu pai colocou Sora nesta missão. Estou aqui para queimar a escritura dela quando o rei estiver morto.

— Escrit... ela *pertence* a você? — Aeri franze a testa, parecendo aterrorizada.

Tiyung se mexe no assento.

— De maneira alguma.

— De maneira alguma? — repito, olhando de relance para ele, que fica vermelho.

Foram as primeiras palavras que dirigi a ele desde o jantar com o conde do oeste. Tiyung tentou dezenas de vezes entabular uma conversa e já me perguntou qual é o problema, mas não preciso explicar meus motivos. Não tenho o menor interesse em ouvir as mentiras ou desculpas dele. Disse que queria me ajudar, e eu me senti imensamente idiota por não ter entendido que, para ele, me ajudar a morrer ainda é me ajudar.

— Meu pai é o detentor da escritura dela — diz ele. — E o da irmã dela.

Ele se recompôs, e agora ajeita a postura.

— Seu pai é o detentor das escrituras? — pergunta Euyn. Não achei que ele estivesse escutando. — Seok comprou Sora e Daysum?

Tiyung assente com um semblante indiferente no rosto.

— Sim, quando eram crianças.

A carruagem fica silenciosa. Tiyung mantém o queixo erguido, mas não está

acostumado a ver pessoas questionando a posse do conde sobre mim. Escrituras desse tipo são legais — na cabeça da nobreza, são só negócios.

— Então ela não tem como escolher estar aqui? — pergunta Aeri.

— Não, ela tem... — começa Tiyung ao mesmo tempo em que respondo:

— Não tive escolha. Não exatamente. Ou eu fazia isso e conseguia minha libertação e a da minha irmã, ou continuaria sendo escravizada pelo conde. Se eu não aceitasse o trabalho, nunca ganharia nossa liberdade, já que os juros das escrituras são altos demais para serem pagos. Se eu falhar ou fugir, as dívidas da minha irmã serão vendidas ao tio de Tiyung, que é dono de uma das maiores casas de prazer de Gain. Ele está aqui para garantir que eu cumpra o meu papel.

Tiyung desvia o olhar quando todos começam a encará-lo.

— Então você está fazendo isso pela sua família? — pergunta Aeri a mim. — Eu entendo.

— É por isso que você está aqui? — indago, me sentando um pouco mais para a frente.

Ela titubeia, mexendo a cabeça de leve.

— É, dinheiro e família. Acho que dá quase na mesma. Mas também para acertar contas antigas que tenho com o rei.

Uma faísca de esperança se acende em mim. Ela se identificou comigo, com o que eu contei. Se eu conseguir fortalecer esta conexão, construir uma amizade, talvez ela entenda por que preciso da coroa. Quem sabe ela me ajude. Talvez nós duas juntas possamos trair todos os demais.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

ROYO

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Não sei no que foi que eu me meti. A família de Ty é dona de Sora. Aeri tem contas a acertar com o rei Joon e, sim, ela me disse isso quando me contratou, mas desta vez pareceu mais pessoal. E ainda não consegui entender Mikail e Euyn. Os dois são assassinos notórios, mas até agora não vi sinal algum de que Euyn será melhor do que Joon como líder. Tem traição demais envolvida aqui para acabarmos trocando seis por meia dúzia.

— Por que tenho a sensação de que você não é um guarda-costas? — diz Mikail para mim. Sora também me olha.

— Porque ele não é um, propriamente dito — responde Aeri.

O olhar firme de Mikail vai de mim para ela.

— Então qual é o envolvimento entre vocês dois? Romântico?

Luto contra o sangue que ameaça subir para as minhas bochechas.

— Ela está me pagando para protegê-la. — Olho para as pernas... quero dizer, o rosto. Para o rosto de Aeri. — Só não é o tipo de coisa que geralmente faço.

— Entendi. E qual é o tipo de coisa que você geralmente faz?

Maldita seja a minha escolha de palavras. Aeri aproveita justamente esse momento para ficar em silêncio. Era de se imaginar.

— Sou capanga.

Para usar termos gentis.

Mikail não esboça muita reação, a não ser um leve erguer de sobrancelhas.

— Músculos de aluguel e trabalho sujo.

— Ele já me salvou de piratas — acrescenta Aeri, decidindo se intrometer de novo. — Vocês tinham que ver. Ele acabou com uns doze.

Foram seis, mas não me importo com o exagero dela.

— Piratas? — ecoa o príncipe Euyn. Ele parece imerso em pensamentos enquanto coça a barba. — De onde vocês vieram?

— De Umbria — respondo. — Não eram piratas de verdade, era uma gangue que trabalha no rio Sol agora. Seu irmão não faz nada para resolver a situação. — Só então me lembro de que ele é da realeza, por isso abaixo a cabeça. — Sua Alteza.

— Não precisa usar títulos comigo — fala Euyun. — É constrangedor, e de qualquer forma, nesse momento nem príncipe eu sou.

Nossa, eu não imaginava que ele teria os pés no chão assim. Os Baejkin são idolatrados como deuses, e eu acreditava nisso quando era criança, mas aqui está o príncipe Euyun dizendo que não preciso usar títulos para me dirigir a ele. Passo a respeitá-lo, e decido abusar da sorte. Quero saber se o que ouvi sobre ele é verdade, porque preciso saber se ele de fato é uma ameaça para Aeri.

— Diz isso porque você foi... banido? — pergunto.

Ele espana um pelinho da calça, descontraindo.

— Isso é uma maneira bem simpática de falar da situação. Meu irmão me condenou à morte no exílio. Acredito que estar morto faz com que eu perca meus títulos.

— Ele parece gostar de matar pessoas — falo. — Seu irmão acabou de ordenar a execução de milhares de prisioneiros.

Aeri fica boquiaberta, e divide o olhar entre mim e o príncipe.

Euyun franze a testa e olha para Mikail.

— Isso é verdade?

Ele assente.

— Joon assinou um decreto no mês passado para limpar as prisões.

— Por quê? — indaga Euyun. Ele tirou as palavras da minha boca.

Mikail dá de ombros.

— Corte de gastos.

— Justamente quando ele está oferecendo uma bolsa de quatro milhões de muns de ouro no Campeonato Milenar? — pergunto.

— Exatamente. E a partir disso você percebe quais são as prioridades de Yusan — responde Mikail.

Tem algo estranho no modo como ele fala, como se não fosse yusaniano também, mas ele é. Esse é um requisito para os mestres-espiões.

— “Limpar as prisões” — ecoa Euyun com repulsa, como se não gostasse do sabor das palavras.

De repente, uma pontinha de esperança se acende em mim. Um solitário vaga-lume numa noite sem luar. Vai ver Euyun pode ser melhor do que o irmão. Talvez. Ninguém aqui está negando que ele é um assassino, mas não é como se os Baejkin fossem conhecidos por serem pacíficos.

— As execuções de todos os prisioneiros de Yusan condenados com penas de mais de dez anos devem começar imediatamente após a celebração — explica Mikail.

O que ele diz bate com que Savio tinha me contado. Não estão com pressa, devem matar uns dois por dia apenas, mas a Prisão de Sal só tem algumas centenas de homens com sentenças longas assim. Vão acabar com todas as pendências em dois meses.

Os olhos castanhos de Euyun vagam de um lado para o outro.

— Mas eles não tinham recebido penas de morte desde o começo?

Mikail balança a cabeça, negando.

Euyn parece preocupado e coça a barba de novo.

— Você... você anularia este decreto caso se tornasse rei? — pergunto.

Eu me inclino para a frente, primeiro porque Aeri fica tampando os outros, mas também porque sinto que estou à beira de um precipício fazendo essa pergunta. Afinal, quem sou eu para questioná-lo? Prometi a mim mesmo que não me meteria nisso, mas quero me certificar de que nossos esforços vão colocar uma pessoa melhor no trono. E preciso de um homem que possa salvar Hwan caso eu não consiga voltar a Umbria a tempo.

— Anularia — responde Euyn. — Se eles não tiverem recebido pena de morte pelos crimes que cometeram, não faz sentido que sejam executados.

Mikail olha para ele com firmeza. Não sei por quê — não consigo ver a expressão em seu rosto. Eles parecem muito à vontade um com o outro, mas acho que a resposta de Euyn o pegou de surpresa. Ou, sei lá, vai ver ele só surpreendeu a mim.

Ainda não sei qual é a de Mikail. Como é que alguém pode se sentir bem confiando num espião? Além do mais, o plano todo é dele. Não sei o que Sora tem a ver com isso tudo — por que beijar o rei importa tanto. Porém, não acho que possamos depender de Mikail para matar Joon. E se Euyn não assumir a coroa, Hwan pode morrer. Um milhão de coisas — piratas, bandidos, uma monção precoce — podem me atrasar no caminho de volta a Umbria. Sem falar que Savio pode muito bem ficar bêbado e acabar se esquecendo. Dois meses não é muito tempo quando se trata de uma questão de vida ou morte. No entanto, se Euyn se tornar rei, ele vai reverter a lei e Hwan vai sobreviver — assim como muitos outros que não deveriam ser mortos

— Se... se me der sua palavra de que vai anular a lei quando tiver a coroa, te oferecerei a minha espada — digo.

Euyn arregala os olhos, mas logo se recompõe e assente.

— Eu dou a minha palavra.

— Então você tem a minha espada.

Tiro a adaga do cinto e a coloco no chão. A carruagem cai num silêncio mortal enquanto me ajoelho e abaixo a cabeça.

Estou jurando lealdade e fidelidade a Euyn com minha própria vida. Aeri observa como se estivesse me vendo pela primeira vez. Eu entendo. Demorei para aceitar o trabalho dela, não queria estar envolvido neste plano, mas agora dei a Euyn a minha espada. Se eu tiver de enfiar minha própria lâmina em Joon para conseguir a coroa para Euyn, é o que farei.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

EUYN

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Há um grupo de pessoas muito peculiar nesta carruagem.

Quando voltamos para dentro dela, depois de uma refeição rápida, Mikail se sentou ao lado de Sora. Ele está bastante encantado com ela, o que é difícil não ficar. Senti o mesmo na primeira vez que a vi no jantar com Rune. No entanto, Mikail parece mais do que fisicamente atraído por ela. Eu até me preocuparia com a conexão entre os dois, mas no fim das contas ela é só uma garota.

Aeri se sentou ao lado de Royo, o que é uma pena, porque eu gostaria de conversar mais com ele. Não sei por que ele se importa tanto com execução dos prisioneiros, mas isso ficou bem evidente. O fato de ele ser capanga é interessante. Eles cumprem seus serviços sem questionar nada, seguem ordens e não têm medo de sujar as mãos. Portanto, ele obviamente é um homem que quero ao nosso lado. Talvez um dia ele possa se tornar um bom assassino ou guarda do palácio.

Só que o apego da ladra bobinha nele me obrigou a ficar ao lado de Ty. Não sei quem de nós dois está mais infeliz com esta situação.

Foi Seok que comprou as filhas de Chul. Tenho certeza, pois Athora e Daysum não são nomes muito comuns. A família vinha de um vilarejo no nordeste, quase na fronteira com Khitan, e Sora é pálida como os nortistas tendem a ser. Antes do Lorde Dragão, Yusan consistia em quatro nações distintas, e algumas diferenças regionais persistem.

Quando descobri o nome inteiro de Sora, achei que Chul tivesse me enganado. Ele disse que as filhas tinham sido vendidas para casas de prazer, e eu achei que fosse mentira, mas percebi depois que era o que ele acreditava que acontecera. Vendo a beleza de Sora, eu também teria presumido que ela estava sendo vendida com esse propósito. É bem possível que Chul nunca tenha descoberto a verdade.

Ele contou que o nobre que levou suas filhas ameaçou matar toda a família caso ele não abrisse mão das meninas, e ele tinha uma esposa e dois filhos pequenos para proteger. No entanto, ele jurou nunca ter assinado as escrituras. Alguém forjou a assinatura dele, e o magistrado, que deveria testemunhar o ato, apenas arquivou o documento. Foi difícil acreditar nessa parte da história, porque os magistrados são agentes reais, mas em se tratando de Seok, é bem possível. Os

quatro condes por vezes possuem mais influência até do que meu irmão.

Não contei nada disso a Sora. Principalmente porque não sei como dizer: “Ah, a propósito, um dia eu estava caçando seu pai por diversão, e ele me disse que nunca parou de te procurar.” Não sei em que isso a ajudaria, mas sei que se eu contasse a ela, não seria o tipo de coisa que estreitaria laços nesta carruagem. Além do mais, provavelmente acabaria indispondo o filho do conde do sul.

Contudo, agora ele parece mais incomodado com Mikail do que com qualquer outra coisa.

Eu reparo nele observando os demais. Conheço essa expressão — essa incapacidade de desviar o rosto, o maxilar travado. Já a vi no espelho quando se trata de Mikail. É ciúme. Ty também tinha me parecido infeliz no jantar com o conde do oeste. Eu não havia entendido naquele momento, mas agora faz sentido.

— Você está apaixonado por ela — falo baixinho.

Ty se vira para mim. Ele hesita, como se fosse negar, mas então solta o ar.

— Estou.

Observo o outro divã. Mikail olhou para cá algumas vezes. Ela, nenhuma.

— E ela te odeia — concluo.

— Exato.

Ergo as sobrancelhas.

— É, eu não recomendo esse tipo de coisa — diz ele. O tom de voz entrega derrota e desolação.

É estranho pensar que o belo filho de um conde se apaixonaria por uma garota que, se tivesse escolha, não o veria nem pintado de ouro. Por outro lado, acho que entendo melhor do que ninguém como um homem em uma posição de privilégio pode se apaixonar pela pessoa mais difícil que existe.

Mikail diz algo, e Sora ri. Os olhos de Ty sorvem sua felicidade como um homem morrendo de sede faria numa poça de oásis.

— Rune estava certo? O corpo dela é basicamente veneno agora? — pergunto.

Ty dá de ombros.

— Não sei.

Acho que ele não quer correr o risco de morrer apenas para estar com ela. Não sei se eu sentiria o mesmo em relação a Mikail. Não, na verdade tenho certeza de que eu arriscaria. Ele já é tão tóxico quanto alguém pode ser, e eu nunca consegui me conter.

— O fato de os homens acreditarem nisso faz com que ela fique segura, então sou grato por isso — confessa ele, depois pigarreia e volta a parecer indiferente.

Olho para Sora. Talvez ela ter se tornado uma donzela venenosa tenha sido um mal que veio para o bem.

— A escola de venenos do seu pai ainda está ativa?

Ty balança a cabeça.

— Era muito cara para administrar. Vinte crianças renderam apenas três assassinas. Além do mais, ele não recuperava o bastante com a venda dos irmãos das donzelas para que o investimento fosse lucrativo. Não sei o que ele esperava,

mas não conseguiu o que queria.

— Existem outras duas como ela?

— Três sobreviveram ao treinamento, mas uma morreu durante um trabalho. Meu pai o presenteou com uma das únicas duas donzelas venenosas no país, senhor.

Eu me reclino no banco, aliviado por não ter contado a Sora sobre o pai dela. Seria tolice da minha parte indispor um conde que me deu um presente tão valioso. Sora será libertada quando formos bem-sucedidos. E, quando eu for rei, vou arrumar uma maneira de fazer com que ela e o pai se reencontrem. Digo a mim mesmo que isso é algo bom, apesar de me sentir desconfortável. Por algum motivo, não me parece certo. Sinto que deveria contar a verdade a ela.

Deixo de lado o sentimento inquietante e endireito os ombros. Não. Sora é só uma plebeia adorável. Apenas uma mulher. Não posso deixar a empatia afetar meu objetivo.

As promessas, no entanto, já estão se acumulando, e ainda nem chegamos à capital. Não posso dizer a ninguém, nem mesmo a Mikail, que não sei ao certo se posso ser rei. Que posso acabar virando pó e sendo revelado como impostor na frente de duzentas e cinquenta mil pessoas — uma morte sem dignidade alguma.

Talvez tivesse sido melhor morrer naquele estábulo de cavalos em Outton.

Silenciosamente, xingo a vadia da minha mãe de novo. Não duvido que haja boas mães no mundo, mas a minha não foi uma delas. Há quatro anos, em seu leito de morte, ela me chamou para o lado dela e disse que meu verdadeiro pai não era o rei. Foi típico da rainha secundária se recusar a partir para os infernos antes de colocar um peso imenso sobre minhas costas. Mas eu apressei a morte dela. Agarrei-a pelos ombros e a sacudi até que o pescoço dela se quebrasse. Não tinha sido a minha intenção, mas por causa daquele momento, daquela onda de raiva, não tenho ideia de quem é o meu pai. Quando consegui me recompor, ela já estava morta.

Comecei a caçar prisioneiros uma semana depois.

A culpa e a vergonha que sinto me fazem querer contar para todos na carruagem. Gritar para quem quiser ouvir: não sou o filho do antigo rei! Entretanto, eu preferiria virar cinzas ao ser coroado a admitir isso a Mikail. Ele me ama, tenho certeza disso, mas até o amor tem limites — ser um filho bastardo e matar minha mãe deve ultrapassá-los.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

MIKAIL

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Metade dos passageiros da carruagem está dormindo, mas continuo conversando com Sora. Devem ser duas ou três badaladas da madrugada, mas ainda consigo enxergá-la à luz do luar. Estou sentado mais na beira do banco do que normalmente me sentaria — minhas feridas ainda doem demais para que eu me recline ou durma sentado. Porém, ao menos a pior parte dos anseios pela droga já passou.

Estamos sussurrando um para o outro de modo a não incomodar os demais. Euyun é a única pessoa ainda desperta. Ele está fingindo dormir com uma respiração estável, mas sei que está acordado tentando ouvir a conversa. É por isso que estou sussurrando.

— Desculpa, não consegui entender. — Sora inclina a cabeça e dá duas batidinhas na orelha. — Minha audição não é boa desse lado. Por causa do veneno de Erlingnow.

Ela fala casualmente, como se o Erlingnow não fosse o veneno mais poderoso em Yusan. Destilado de sapos venenosos que vivem próximos ao Estreito Dentado, ele é tão potente que dois miligramas podem matar um homem. Não conheço ninguém que tenha sobrevivido ao colapso nervoso causado por esta toxina.

Exceto ela.

— Há tanta dor em seu rosto quando falo sobre os venenos — diz ela.

Os olhos dela são da mesma cor das violetas de Gaya. Nunca vi olhos como esses em toda a minha vida. Mesmo à noite, quando não consigo distinguir a cor perfeitamente, eles ainda me desarmam.

— Entendo como é ser transformado numa arma letal — digo.

Ela olha para Euyun.

— Eu sei que entende. Mas você também conhece o amor. O amor é um bálsamo... e, ao mesmo tempo, uma faca no seu pescoço.

Engulo em seco. É exatamente essa a sensação de amar Euyun. No entanto, ela falou mais para si do que para mim.

Ainda assim, dou risada, tentando mudar de assunto.

— Duvido que esteja falando de Ty.

Ela ri baixinho.

— Nem de longe... Se bem que, de certa forma, acho que ele *é* uma faca, e está aqui para me matar.

— Como?

Mais uma vez, ela falou de um jeito tão inesperado. Ninguémalaria com tanta indiferença sobre uma pessoa querendo matá-la. Muito menos alguém com tanto poder.

Ninguém além de mim.

— Rune me contou que essa é a verdadeira missão de Tiyung. E, para ser sincera, faz mesmo bem o estilo de Seok, controlar nós dois no fim das contas. Rune também disse que eu jamais teria liberdade plena. Desde que ele falou, não consegui tirar as palavras da minha cabeça. Acha que pode existir liberdade para pessoas como nós?

Ela faz uma pausa, a esperança estampada no rosto. Não sei se devo dizer algo positivo, ou a coisa na qual de fato acredito.

— A verdade, por favor — pede ela.

Pelo brilho das estrelas, ela leu meus pensamentos. Jogo a nova informação sobre Seok para o fundo da mente e suspiro.

— Não. Acho que somos letais demais para que homens poderosos nos deixem em paz. O melhor que podemos fazer é buscar a vingança que incutiram em nós quando éramos jovens.

Ela permanece em silêncio por um instante.

— Quer dizer sua família?

É um palpite bem fundamentado. A família dela é o meio pelo qual o conde a mantém sob controle, então ela presume que o mesmo acontece comigo. No entanto, meus pais, minha irmã de nove anos e meu irmão de sete já estão todos mortos. Era para eu ter me juntado a eles nos Dez Infernos há muito tempo.

Desvio o olhar.

— Não costumo falar sobre isso.

Euyun sempre me pressiona, pois odeia quando não compartilho tudo com ele — diz que isso nos distancia. No entanto, alguns segredos não existem para ser compartilhados. Além do mais, ele também não é o que eu chamaria de um livro aberto.

Sora suspira.

— Entendo. Também tenho alguém sobre quem nunca falo. É só que... — A respiração dela falha, e ela engole em seco. — Às vezes, até mesmo se lembrar já é demais. Mas então você sente que está desonrando a memória da pessoa por não gritar seu nome aos quatro ventos.

— E aí algo acontece, e tudo vem à tona de novo — digo. — Como se não tivesse passado tempo algum.

Estou pensando em Kito. Em como o matei — um garoto exatamente como eu, sozinho e assustado, que tinha tampado os ouvidos diante de uma atrocidade. Um menino que eu queria ajudar da mesma forma como eu tinha sido salvo. E mesmo assim ele acabou morto, por minha causa.

Se eu fosse uma pessoa diferente, contaria a ela o que aconteceu na passagem das montanhas e em Gaya. Porque acho que ela entenderia, porque quero me livrar deste peso no peito. Sei que este é justamente o papel dela — criar conexões para seduzir homens. Eu vejo quão natural isso é para ela. Seus alvos devem ser atraídos como moscas são atraídas por sangue. No entanto, não é isso que ela está fazendo. Ou, se for, ela é diferente de qualquer outra pessoa que já conheci. Nesse caso, a habilidade dela mereceria tanto respeito quanto se ela estivesse sendo sincera.

Sora coloca a mão sobre a minha.

— Deixe isso pra lá.

Suspiro, tentando tirar de mim todo o peso. Não consegui salvá-lo. Não consegui salvar ninguém. Mas posso buscar vingança.

Meus dedos encontram o cabo da minha espada. Quero me mostrar a serviço dela.

— Quer que eu mate Ty?

— Tiyung? — Sora olha para ele, adormecido. Enquanto cogita minha proposta, emoções conflitantes ficam estampadas em seu rosto, mas então ela balança a cabeça. — Não, ele... ele não é o verdadeiro problema.

— Seok, então?

— Deixa que eu lido com ele. — De repente, a voz suave e melódica se torna feroz como a de qualquer soldado que eu já tenha conhecido. O tipo de guerreira que enfrentaria um exército sozinha sem pestanejar.

Os Baejkin prestam um desserviço a si próprios desconsiderando o gênero feminino. Nem todas as mulheres podem ser grandes lutadoras, mas o mesmo pode ser dito a respeito dos homens. Poucas pessoas têm o aço a ser forjado em verdadeiras lâminas.

— Certo, Sora — digo.

— E quem é que você quer ver morto? — pergunta ela.

— Você vai cuidar disso pessoalmente.

É bom ter cúmplices de conspiração. Pela primeira vez, posso ser sincero a respeito do que desejo. Bem... a respeito *de quem* quero ver morto, pelo menos. Não posso dizer a ninguém, nem mesmo a Sora, que quero destruir a coroa. Ninguém vai entender que parte do poder que Yusan exerce sobre Gaya reside na imortalidade de seus reis. Foi essa crença que levou à morte da minha família, tanto quanto o próprio Joon. Se os gaianos não achessem que ele é um deus, mais pessoas teriam se juntado à rebelião, e Gaya teria tido uma oportunidade de ser liberta. Mesmo fora da ilha, ninguém, nem mesmo Euyn, deveria ser imortal. A mortalidade faz com que as pessoas sejam cautelosas, faz com que elas se importem, as torna razoáveis. Deuses, por outro lado, não têm sensatez alguma.

Sora respira fundo.

— Acha que existe paz depois da vingança?

— Provavelmente não — respondo. — Mas espero descobrir.

Os lábios dela se curvam para cima.

— Eu também. Ou espero que a gente se encontre de novo no Reino dos

Infernos.

— Eu gostaria disso, Sora, mas se depender de mim você ainda vai ter uma vida muito longa — falo.

Os olhos dela brilham, mas o sorriso esmaece.

— E você não?

Balanço a cabeça. O Lorde Yama logo acertará sua dívida, tenho certeza disso.

— Geralmente esses planos só são bem-sucedidos se você estiver disposto a fazer o sacrifício derradeiro. Eu estou.

Ela olha para Euyn.

— Entendo.

Sei que entende. Mas o que falei não tem nada a ver com Euyn.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

ROYO

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Merda, peguei no sono. Esta carruagem se move de maneira tão suave. Eu só queria descansar os olhos, mas acabei sendo embalado feito um bebê. Queria observar a todos, mas vai ter que ficar para outra noite, porque o sol já está nascendo.

— Bom dia, Royo — cumprimenta Aeri.

Animada como sempre, com um sorriso no rosto. Um sorriso que por um lado eu odeio, mas por outro é a única coisa que quero ver ao acordar. Sei lá. Não sei qual é a de Aeri. Toda vez que acho que a decifrei, descubro que eu estava enganado. E então me esforço mais e me aproximo cada vez mais, sabendo que não deveria.

Sora e Ty estão dormindo, mas Euyn e Mikail, não. Pela cara deles, não sei se dormiram. Euyn deve ser mais novo que eu, mas tem olheiras profundas. E Mikail simplesmente não parece humano.

— Vamos fazer uma parada daqui a pouco? — pergunta Aeri.

Mikail assente.

— Devemos chegar a Caprícia em alguns minutos — replica Euyn, olhando pela janela. — Vamos ter um tempinho para fazer uma refeição rápida e nos lavarmos.

Não sou muito familiarizado com as cidades entre Rahway e Tamneki, mas Euyn obviamente é. Afinal de contas, é o país dele. A única vez que fui a Tamneki não foi numa carruagem rápida assim, mas em uma normal, abarrotada, com a minha mãe. Ela economizou durante anos para me levar para assistir ao Campeonato Real de Tuhko — a partida mortal que só acontece uma vez a cada quatro anos. O evento aconteceria um mês antes de eu completar quinze anos, então foi como um presente adiantado. Eu era obcecado com tuhko, como qualquer outro garoto no país. Conhecia todos os jogadores, os técnicos e sabia a probabilidade de cada time vencer. Sabia de cor e salteado quantos pontos os jogadores tinham feito, quantos bloqueios, quantas interceptações, quantas assistências. Eu conhecia todas as estatísticas, porque as apostas de tuhko eram o negócio mais lucrativo em Yusan depois do comércio de laoli. Mas eu nunca achei que veria uma partida pessoalmente. Na época, vendíamos o almoço para

comprar o jantar, e ir até a capital custava o que ganhávamos em um mês. Ainda assim, minha mãe queria que eu assistisse ao jogo pelo menos uma vez na vida.

Às vezes me pergunto se eu ainda teria uma mãe se não gostasse tanto do jogo, mas então me lembro do que amar Hwan como um pai fez comigo, e chego à conclusão de que estou melhor sem ninguém. Amar uma pessoa é precisar de dois corações para viver em vez de um só. Prefiro viver sozinho.

A carruagem para numa cidade muito menor que Rahway ou Umbria. Devemos estar em Caprícia.

Aeri, Euyn, Mikail e eu descemos. Os homens fazem careta enquanto se esticam, depois fingem não terem feito isso, mas Aeri se inclina até o chão, flexível que só ela, como se não tivéssemos passado dias espremidos. Desvio o olhar antes que ela perceba que estou encarando e me concentro em tentar estalar as costas e o pescoço. Essas partes do meu corpo ainda estão doloridas pela queda do barco, mas não deixo transparecer. Eu preferiria sangrar na frente de uma matilha de cães selvagens.

Sigo para o centro da cidade. Todas as construções têm o mesmo brilho das de Rahway, mas aqui há um campo verde no meio delas. Quando passamos por ele, vejo que está cheio de homens jogando tuhko. Ao contrário da arena real, as argolas verticais estão em mastros em vez de presas às paredes do estádio. Os homens estão praticando, passando a bola dura, mas são amadores. Jogadores profissionais começam os treinos ainda na infância em academias especiais, mas alguns são recrutados somente na vida adulta.

— Gosta de tuhko? — pergunta Mikail.

Nem me dei conta de que tinha parado de andar ou que ele tinha se aproximado de mim.

— É, eu gostava.

Os olhos dele não são azuis nem verdes, mas um tom de azul-esverdeado, e me analisam. Ele está formando uma opinião sobre mim, e aposto que não é nada boa.

— Vamos para a estalagem — anuncia ele após alguns segundos.

Faço que sim com a cabeça. Acho que vem bem a calhar. Aposto que estou fedendo.

Aeri está tagarelando no ouvido de Euyn um quarteirão na nossa frente.

— Onde estão Sora e Ty? — pergunto, olhando para trás.

— Ainda estão dormindo.

— Vou voltar e acordar eles. É nossa última parada até o jantar, não?

— Já estava bem tarde quando ela dormiu, mas talvez seja uma boa ideia.

Mikail me dá um tapinha no ombro antes de seguir Euyn e Aeri para o outro lado da rua.

Ainda não sei o que pensar dele. Ele passou um bom tempo conversando com Sora ontem à noite, e pareceu sincero com ela. Por outro lado, pode ter sido fingimento, afinal, ele é um mestre-espião. Não dá para confiar em nada que venha dele.

Ontem à noite, durante o jantar, observei todo mundo. Euyn é meio

desinteressado, a não ser quando se trata de Mikail, que, por sua vez, é um pavão — exuberante e cativante. Sora parece honesta, mas é uma sedutora profissional, então não tem como confiar nela. E Aeri é estranha como sempre, mas já me acostumei. Vejo certa sinceridade em sua esquisitice.

Volto à carruagem e abro a porta. Ty acorda.

— Onde estamos? — pergunta ele, olhando ao redor.

— Numa cidade qualquer. Que diferença faz? — respondo.

Ele parece ofendido por um instante, depois dá de ombros.

— É, acho que é tudo a mesma coisa até chegarmos a Tamneki.

Isso me pega de surpresa. Esperava que ele fosse pomposo e exibido, mas não é.

Os dois descem da carruagem, e andamos até a estalagem. Os homens que estão a cavalo e na rua param para encarar Sora. Alguns baixam o chapéu em cumprimento, outros apenas a admiram. Deve ser estranho passar por isso com frequência. Acho que faz sentido ela usar algo assim a próprio favor.

Chegamos à estalagem e encontramos Euyn e Mikail sentados a uma mesa nos fundos, mas só os dois, com dois cafés.

— Cadê a Aeri? — pergunto, olhando em volta.

— Ah, a garota? — diz Euyn. — Subiu para se lavar.

— É uma ótima ideia — fala Sora. — Peço que me deem licença.

Mikail aponta para a esquerda, e tanto Ty quanto Sora seguem para o fim do corredor. A forma como Ty a encara me faz achar que tem algo a mais ali, porém não é da minha conta. Eu me sento à mesa de frente para Euyn e Mikail.

Uma garçonete aparece e pega os muns da mesa.

— Café da manhã e banho para seis, certo?

— E bom atendimento, por favor — diz Mikail, entregando a ela outro mun de prata.

Ela assente e deixa seis pratos. Logo em seguida, volta com mais quatro cafés. Tomamos os nossos tão depressa que ela vai precisar trazer outros, mas com a gorjeta de um mun de prata, aposto que ela vai passar muitas vezes pela nossa mesa.

Ty é o primeiro a voltar do lavabo. Não sei como ele pode parecer tão descansado e de barba feita. A minha barba começa a crescer assim que largo a navalha, mas ele tem o rosto lisinho. Resmungo sobre a boa aparência da nobreza enquanto bebo meu café.

Cinco minutos depois, as garotas ainda não voltaram. Cara, é incrível como mulheres sempre demoram, e logo vamos precisar pegar a estrada de novo. Mesmo com uma carruagem rápida, o tempo é curto. Aeri provavelmente está se maquiando. Ela insistiu em ir a uma loja de produtos de beleza quando passamos por Rahway. Gosta de pintar os olhos até que eles se pareçam com joias e os lábios até que fiquem como frutas suculentas.

Eu me mexo pouco à vontade na cadeira, afastando pensamentos sobre a boca de Aeri. Cadê a comida, hein?

Pouco tempo depois o café da manhã é servido. Ovos, arroz, mingau de

abóbora, panquecas de cogumelo, ensopado de peixe e banchan.

Sora volta no momento certo, e se senta ao lado de Mikail.

— Aeri ainda está se refrescando? — pergunto enquanto me sirvo um pouco do ensopado de peixe. Parece meio gorduroso, mas estou morrendo de fome.

— Achei que ela estava aqui — diz Sora, olhando ao redor. — Eu não a vi.

— Não viu?

Ela balança a cabeça.

Merda. Largo a colher no ensopado com tanta pressa que o caldo espirra e me afasto da mesa, quase quebrando os pés da cadeira. Já estou na metade do caminho para os lavabos, marchando sobre o piso de azulejo, quando me dou conta de que não posso entrar no lavabo feminino sem ser expulso do estabelecimento. Dou uma olhada na estalagem. Nem sinal dela. Volto para a mesa, e os quatro me encaram.

— Sora, se importaria em dar uma outra olhada lá dentro? — peço.

Ela mal começou a comer, mas se levanta.

— Claro, Royo.

Ela entra no lavabo. Alguns segundos depois, sai franzindo a testa. Sei o que ela vai dizer antes mesmo que ela abra a boca.

— Não tem ninguém lá dentro.

Abro a porta e dou uma olhada. Ninguém à vista.

Aeri sumiu.

CAPÍTULO QUARENTA

SORA

CIDADE DE CAPRÍCIA, YUSAN

Royo está em pânico, o que é compreensível. Aeri desapareceu, e o trabalho dele é protegê-la. Não sei se a relação dos dois só se limita a isso, considerando a forma como eles se olham e o estado em que ele se encontra.

Volto à mesa com Royo, onde Euyun, Mikail e Tiyung estão tomando o café da manhã totalmente despreocupados. Tiyung é o único comendo com calma, porque os outros dois estão devorando a comida em seus pratos. Notei isso no jantar também — que Euyun não come do mesmo jeito que outros nobres que conheci, e sim como se a qualquer momento fossem roubar a comida dele.

Também estou com fome, mas temos problemas maiores no momento.

— Aeri sumiu — fala Royo.

Só então Euyun e Mikail param de comer e olham para nós.

— Como assim? — pergunta Euyun.

— Acabamos de olhar o lavabo — explica Royo. — Ela não está lá. Vocês viram ela entrando?

Euyun balança a cabeça.

— Não, ela só disse que ia se lavar e foi naquela direção.

A veia na têmpora de Royo incha azulada contra a pele pálida.

— Nenhum de vocês a viu entrando? — Ele agarra o encosto de uma cadeira.

Royo está irritado, então seu tom de voz está exaltado. Mikail quase não esboça reação, mas o perigo lampeja em seus olhos. Royo precisa ser mais cuidadoso.

— É um lavabo, Royo — fala Mikail. — Fique calmo. Aposto que ela deve estar por aí.

— É meu trabalho protegê-la. — Os ombros de Royo estão muito tensos, as mãos dele estão segurando a cadeira com tanta força que acho que ele pode quebrar a madeira.

Mikail dá um gole no café de forma casual.

— Então talvez seja melhor você ir procurar por ela.

Eu não acho que Mikail tenha algo pessoal contra Royo. Ele só não gosta de estarmos em um número maior de pessoas do que o necessário, então vê Royo e Tiyung como dispensáveis.

Royo sai furioso. Eu continuo parada, sem saber se deveria ir atrás dele para tentar apaziguar a situação ou não. Ninguém mais parece se preocupar com o fato de que a peça central do nosso plano desapareceu. Ou que nada de bom pode vir do desaparecimento de uma menina.

— Sora, sente-se, por favor — diz Mikail. — Aposto que Aeri só foi dar uma volta em algum lugar. Ela não pode ter ido longe em plena luz do dia.

Eu me sento. Tiyung está à minha esquerda. Eu preferiria não estar do lado dele, mas é só o café da manhã. Ele me encara enquanto me ajesto.

— Posso te ajudar a procurar — oferece ele. — Se quiser ajuda.

— Por quê?

— Porque você parece preocupada, mas pelo visto me enganei. — Ele mantém o olhar fixo em mim por um momento e depois volta a comer. Mas é... um teatro. Ele se importa. Tiyung quer mesmo ajudar.

Ele é filho do meu inimigo e literalmente está aqui para me matar, mas ontem à noite não me saiu da cabeça algo que Mikail falou depois do jantar, sobre como os homens nascidos de homens mais poderosos têm menos escolha do que imaginam. Que, de um jeito ou de outro, estamos todos presos às circunstâncias do nosso nascimento em Yusan. Sei que ele estava se referindo a Euyn, mas o que ele disse também se aplica a Tiyung.

Rune me contou que Tiyung está aqui para me matar depois que eu cumprir minha parte do plano — e ainda assim, cada palavra e gesto de Ty indica o oposto. Tento me lembrar de que esse é o mesmo homem que açoitou minha irmã, mas eu esperava uma pessoa muito diferente da que está sentada ao meu lado no momento. A que deu dinheiro a crianças pedintes e que agora está preocupada com o sumiço de uma plebeia.

Estou considerando aceitar a oferta de Ty no momento em que Aeri surge no salão.

— Você fugiu — brinca Mikail, enfiando os talheres numa batata salgada e a levando até a boca curvada dele.

— Eu não sabia que era uma prisioneira. — Ela ri e se senta na cadeira vazia de frente para Tiyung.

— Seu guarda-costas está furioso — informa Euyn.

Ela franze a testa.

— Ah. Ah, não. É melhor eu ir atrás dele.

Ela vai embora de novo. Volto a comer do meu prato. A comida não estava excelente quando estava quente e agora que está fria mal chega a ser comestível, mas nossa próxima parada é apenas à noite.

Alguns minutos depois, Aeri volta com Royo atrás dela. Ele está vermelho, e dá para perceber que os dois acabaram de brigar. Royo parece se importar com ela mais do que apenas como um guarda-costas. Ou talvez ele realmente precise que nossa missão dê certo. Eu me surpreendi quando ele jurou lealdade a Euyn. Ele deve amar demais *alguém*, a ponto de ceder sua lâmina a um príncipe exilado. Talvez seja Aeri, ou vai ver é outra pessoa.

Royo e Aeri se sentam, e ela começa a colocar comida no prato toda alegre.

No entanto, tem algo de estranho nisso tudo, como se ela tivesse aproveitado a primeira oportunidade que teve para escapar do grupo e de seu guarda-costas.

— Aonde você foi? — pergunto.

A mesa fica em silêncio e todos os olhos se voltam para ela. Aeri olha apenas para mim. Ela sabe que tenho certeza de que ela não estava onde deveria.

— Ai, é que a cidade é tão lindinha — responde ela, animada como sempre.

— Eu queria explorar. Peço desculpas por ter deixado você e Royo preocupados. Eu não deveria ter me separado do grupo. Não vai mais acontecer.

Os homens aceitam a justificativa como se não passasse de um capricho de uma garota que se deixou levar, mas eu morei com outras dezenove meninas. Sei como mulheres falam quando estão mentindo. Sei o que dizem quando dão uma escapadinha para fazer algo que não deveriam. Quando elas têm um segredo sobre o qual não querem que ninguém saiba. É bem assim que Aeri está falando agora.

Não consigo imaginar no que ela estaria se metendo numa cidade aleatória à beira da Estrada do Leste, e enquanto não consigo descobrir, sorrio de maneira agradável, como se ela tivesse me enganado também. Volto a comer os ovos no prato, que já estão em temperatura ambiente. Aeri está fazendo algum tipo de jogo, e com riscos tão altos, preciso saber o que é.

Depois do café da manhã, nós duas vamos juntas ao lavabo. Usamos o banheiro, e em seguida eu ajeito meu cabelo no espelho sem necessidade enquanto ela escova o dela.

— Seu segredo está seguro comigo — digo, tomando cuidado para observar a reação dela.

Aeri se vira e me olha com inocência. Sun-ye fazia a mesma cara quando voltava de suas escapadas.

— Que segredo? — pergunta ela, passando a escova larga pelo cabelo grosso.

Ela é uma mentirosa de respeito, mas tem uma coisinha que a entrega.

Eu apenas sorrio e saio do lavabo.

Existem muitas maneiras de criar um vínculo com alguém. Guardar um segredo é uma delas — mas só quando a outra pessoa sabe que você pode usá-lo como arma.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

AERI

CIDADE DE CAPRÍCIA, YUSAN

Isso foi... estranho.

Todo mundo ficou tão atordoado só por eu ter ido dar uma voltinha — principalmente Royo. Acho que dar satisfação às pessoas sobre o que estou fazendo o tempo todo é o lado negativo de trabalhar em equipe.

Enquanto voltamos para a carruagem, Royo ainda está irritado com alguma coisa. O maxilar dele está travado, os músculos estão tensos e ele não quer olhar para mim. Detesto isso. É tão constrangedor. O pior de tudo é que não sei o que o está deixando tão incomodado, mas o fato de ele estar bravo comigo é diferente. Sinto um aperto no estômago e um mal-estar que se instala em meus ossos. Só consigo pensar em deixá-lo feliz de novo.

— O que foi? — pergunto enfim. Preciso apertar o passo para acompanhar o ritmo dele. Royo está tentando andar mais rápido que eu, mas somos quase da mesma altura, então é fácil permanecer ao seu lado.

— Você não pode desaparecer assim — resmunga, passando a mão na cabeça quase raspada.

Ah, de novo isso. Pelo amor dos bons deuses, quem vê pensa que ele é meu pai, não o homem que estou pagando para me proteger.

— Eu não sabia que precisava pedir permissão — rebato.

Voltamos à mesma discussão de antes, quando gritamos um com o outro no meio da rua como plebeus embriagados. Quando saí da estalagem, ele veio para cima de mim como um touro, com o rosto todo vermelho, exigindo saber aonde eu tinha ido. Eu estava na casa de correspondências, mandando uma carta para que meu pai saiba que estou segura. Pela reação de Royo e Sora, parece até que eu estava fazendo algo ilegal.

— Eu já falei para você, não é questão de pedir permissão. Estou tentando te proteger, e não tenho como fazer isso se não souber onde você está.

— Então você devia ter ficado do meu lado em vez de ter voltado para buscar a Sora — retruco.

Royo fecha a boca.

Não estou com ciúmes de Sora. Ou talvez esteja. Quer dizer, é *a Sora*. Ela acorda como se tivesse passado o dia inteiro num salão de beleza. A voz dela é

melódica como o som de uma harpa. Além do mais, ela é tão letal que pode matar um homem com um simples beijo. Como se não bastasse tudo isso, ainda por cima é gente boa. Que tipo de pessoa *não* teria ciúmes dessa mulher? Mas eu gosto dela. Gosto de todos. Cada um do grupo é tão diferente do que parece ser — Royo mais do que qualquer outro. Talvez eu não devesse gostar deles tanto quanto gosto, já que não posso confiar em ninguém aqui.

Uma ladra, um capanga, um espião, uma assassina, um nobre e um príncipe exilado juntos formam uma aliança de mentirosos. Dar confiança é o melhor jeito de acabar com uma lâmina nas costas.

— Tá — responde Royo.

Paro na calçada segurando o braço dele para que ele pare também.

— O que é?

— Eu não devia ter perdido você de vista — murmura ele.

Demoro um tempo para assimilar as palavras e olho atônita para ele.

— Você está dizendo que tenho razão?

Ele me olha de lado com sangue nos olhos. O maxilar dele pulsa e uma veia salta no pescoço.

— Está? — pergunto de novo, inclinando a cabeça.

Ele grunhe e suspira como se eu estivesse tirando toda a sua vontade de viver.

— Tô.

Sorrio. Essas pequenas vitórias, quando ele cede um milímetro que seja, me animam, talvez mais do que deveriam. Mas acontece. Nesses momentos consigo sentir a felicidade se espalhando pelo meu peito.

— Tudo bem. Prometo que na próxima vez vou dizer aonde eu for.

Essa é uma grande concessão. Vivi sozinha durante os últimos sete anos — e o único lado bom disso era não precisar dar satisfação de nada a ninguém.

Royo respira fundo e assente.

— Está bem.

— Amigos? — pergunto, oferecendo a mão.

Ele revira os olhos cor de mel.

— Você não é minha amiga.

— Você tem *algum* amigo? — digo antes mesmo de conseguir ponderar se é uma pergunta grosseira ou não. É que ele parece uma criatura tão solitária que não consigo imaginar uma resposta afirmativa.

— Não.

— Nem eu — admito.

Ele olha para mim, me analisando, tentando decifrar algo. Acho que o peguei de surpresa, mas é a verdade. Minha mãe era minha melhor amiga, mesmo que eu nunca tenha sido a dela. Ela, sim, tinha milhares de amigos. Quando morreu, nenhum deles apareceu para a pira crematória — fomos só eu e meu pai. Então isso nunca me pareceu tão importante assim. Meu pai é tudo o que me resta, embora tenha passado anos sem falar comigo. Mas pensando agora, acho que se eu quiser ter um amigo preciso me desculpar com Royo.

— Desculpa por ter te preocupado. Não foi mesmo a intenção.

Ele assente e depois me dá um aperto de mão firme. Desta vez, não balanço seu braço para cima e para baixo. Agora é diferente — as coisas mudaram desde o dia do bote. Minha mão se encaixa na dele e eu sinto sua força, seu calor. Ele não encostou em mim desde que fugimos da guarda real. Não falamos sobre como ele quase me beijou ou como eu estava encostada no corpo dele. Royo não gostou do meu comentário sobre *cada* parte dele ser grossa e imponente. Mas esta experiência aqui é nova. Ele está me tocando em plena luz do dia.

A mão dele aperta a minha, e seu polegar desliza sobre minha pele. Eu nem sei se ele percebeu que estava fazendo isso. Mas a mesma sensação que tive quando nos conhecemos percorre meu corpo — como um trovão pelas minhas veias. Ele me passa a sensação de estar em casa, mas não o lar onde eu cresci ou o que tenho agora. É como a promessa de voltar para casa depois de anos longe. Um lugar caloroso, seguro e inexplicavelmente familiar. Dou um passo à frente, me aproximando dele. Meu coração retumba como um tambor e meus lábios se entreabrem. Ele os observa, mas surpreendentemente não recua.

— Odeio ter que quebrar esse clima encantador — diz Mikail. — Mas precisamos seguir caminho.

Quando foi que ele nos alcançou?

Royo solta a minha mão, e num piscar de olhos o momento passou. Valeu mesmo, Mikail.

Royo endireita a postura e gesticula para eu ir na frente. Voltamos para a carruagem e seguimos para o leste. Imersa em pensamentos, só consigo me perguntar o que poderia ter acontecido.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

ROYO

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Passamos os dias seguindo para o leste e as noites dormindo na carruagem na estrada para Tamneki. Não consigo nem descrever o quanto esta situação é um saco. Meu corpo está todo travado e, apesar de os meus machucados terem melhorado, estou com uma dor de cabeça quase constante. Porém, não reclamo. Se todos estão aguentando, eu também vou ter que aguentar.

Estamos quase em Oosant e não sei quem sugeriu, mas concordamos em passar a noite na cidade antes de irmos para a capital. Vamos perder um pouco de tempo, mas estamos progredindo. Contanto que a carruagem parta ao nascer do sol, não teremos problemas.

Não me lembro de ter me sentido tão pouco à vontade da última vez que fui a Tamneki, mas eu era adolescente. Além do mais, eu também não estava viajando com Aeri. Ela é tão... sei lá, viu. Ela faz com que essa seja, ao mesmo tempo, a melhor e a pior viagem da minha vida.

No entanto, Aeri não parece nem um pouco afetada pelos longos dias de viagem. Ela balança as pernas para cima e para baixo, e de vez em quando elas roçam nas minhas. Não sei quantas vezes. Está bem, foram catorze. Quando a gente se encosta sinto alguma coisa. Eu fico repetindo para mim mesmo que ela é só uma cliente, que está me pagando. Ela é uma mulher que preciso proteger e estou recebendo uma fortuna para fazer isso. Só que, quando as nossas mãos se tocam ou quando nossas pernas se esbarram, algo acontece. É a mesma emoção de ganhar uma aposta ou a animação de comprar um doce na confeitaria depois de ter economizado dinheiro a semana toda para se dar esse luxo. É o primeiro dia de sol depois que a temporada de monções termina.

O que quer que seja, é uma coisa que não sinto há anos, mas me forço a lembrar o motivo disso. O porquê de ninguém, muito menos uma garota tão cheia de vida como Aeri, deveria se aproximar de mim.

Eu me afasto. Ela parece um pouco decepcionada, mas talvez seja só o que eu quero pensar.

Com o passar dos dias, fica cada vez mais difícil me lembrar de criar distância entre nós. De repente se torna natural ter ela do meu lado. Apesar disso, estou feliz por finalmente descermos da carruagem e pelo espaço que virá com a nossa

parada noturna.

Damos entrada na Estalagem Evenglow, e todos vamos para os nossos quartos. Levo o novo baú de Aeri para cima.

— Sora e eu decidimos... nós vamos conhecer a taverna da cidade no jantar — fala Aeri, animada como sempre enquanto ajeita o quarto. Por que ela está tirando as coisas do baú como se estivesse de mudança, só os deuses sabem.

— Onde fica a taverna? — pergunto.

— A uns cinco quarteirões daqui.

— Está bem.

Estalagens nunca têm uma comida muito boa, e foi só o que comemos a viagem inteira. Eu não estava muito animado para outra refeição dessas, então deixo meu estômago decidir.

— Eba! Vamos. — Aeri prende o braço ao meu.

Eu ignoro o calor no meu peito quando ela segura meu bíceps. Não é nada de mais.

Encontramos Sora e Ty no saguão e seguimos o caminho.

Não sei onde Euyn e Mikail estão — provavelmente no quarto deles. Acho que nenhum de nós quer incomodá-los.

Antes de a carruagem parar, Mikail falou alguma coisa sobre como não deveríamos sair da estalagem, mas ele não manda em mim nem em mais ninguém aqui.

Oosant não é tão legal quanto Caprícia, mas é bem maior. As estradas são imundas, e a poeira sobe com o atrito das patas dos cavalos e das rodas da carruagem. Sora franze a testa quando percebe o vestido azul-claro ficando sujo, embora não diga nada. Entre as duas, Aeri é a que mais se importa com roupas e coisa desse tipo. Eu teria imaginado que fosse ser o contrário.

Quatro quarteirões e meio depois, chegamos à Taverna Hearst. É um lugar meio feio — ainda pior que o Costela & Cevada. No entanto, isso nunca impede esses lugares de terem comida boa.

Abro a porta, e parece ser um tipo de ponto de encontro para moradores. Uma dúzia de mesas, o mesmo número de bancos no bar, todos meio gastos. Sora me segue porta adentro e todos se viram para observá-la. Para os parâmetros dela, o vestido que está usando é modesto, o que significa que para Oosant é exuberante. Quando ela entra, os burburinhos morrem. Não é exagero — o estabelecimento inteiro fica em silêncio.

Não damos nem três passos antes que os pelos da minha nuca fiquem eriçados. Eu me viro e vejo uma mesa com seis homens no canto. Basta um olhar para eu sacar que são uma gangue. Um arrepio percorre meu corpo. Não sei nada sobre gangues em Oosant, mas se for como em Umbria, acabamos de dar de cara com um problema.

Eu os cumprimento com um leve aceno de cabeça — um reconhecimento de que este espaço pertence a eles. Alguns me cumprimentam de volta. Eles sabem que sou perigoso e que não sou daqui, mas acabei de prometer não causar nenhuma confusão. Espero que seja o suficiente para aliviar a tensão no ar.

Um segundo depois, Ty entra com Aeri ao lado. Os dois olham ao redor, mas não percebem a gangue. Agora metade dos homens está nos observando como lobos. Ótimo.

— Venham — falo. Encontro uma mesa do outro lado da taverna.

— Que lugar gostoso — diz Aeri, toda sorridente como sempre.

Zero noção da situação em que estamos. Zero. Mas é por isso que estou aqui.

Enquanto ela dá uma olhada em volta, outro homem entra. Ele olha direto para Aeri e Sora e em seguida vai até a gangue. Os homens se levantam e abrem espaço para o recém-chegado — ele deve ter mais ou menos a mesma idade que eu, mas é o líder deles. Agora, todos nos encaram.

Deslizo a mão pela cicatriz no meu rosto. Isto não vai acabar bem.

— O que... o que foi isso? — sussurra Aeri. Ela mexe na barra do vestido quando está nervosa. E é exatamente o que ela está fazendo agora.

— Uma gangue — digo.

Ela arregala os olhos, e Ty fica tenso. Sora apenas parece conformada, fechando os olhos por um segundo a mais do que o necessário para piscar.

Raiva e um pouco de preocupação crescem dentro de mim. Que sorte a minha encontrar a porra de uma gangue aqui. Teria sido melhor se tivéssemos ficado na estalagem e comido mais uma refeição ruim. Agora é tarde demais para isso.

Uma garçonete jovem vem até nossa mesa. Ela deve ter uns dezoito anos. Seu cabelo ruivo é bonito, mas seu rosto, não, e ela tem um ar de insolência como se fosse importante. Sem dúvida é a filha do dono.

— Querem pedir alguma coisa?

— Não é melhor a gente...? — começa Ty, olhando para a porta.

— Jantar para quatro — peço. — Dois para comer aqui e dois para viagem. E quatro canecos de cerveja.

A garçonete assente e sai.

Tenho um plano. Ou, pelo menos, o começo de um.

Espero até a garçonete estar longe o bastante. Os outros três chegam mais perto.

— Escutem: talvez não dê em nada, mas talvez dê merda. Essa gangue pode nos causar problemas. Precisamos inventar um plano para mandar as garotas de volta para a estalagem. É melhor ter um plano e não precisar dele do que se ferrar porque não pensamos em nada.

— Está bem... — responde Ty. Duvido que ele já tenha se deparado com uma ameaça real na vida, mas está calçando a cara e a coragem agora.

— No que está pensando? — pergunta Sora. Ela não deu um pio desde que avistamos a gangue.

No que estou pensando? Em tempo. Precisamos de tempo e um reforço não faria mal. Só que eu nunca tive reforços na vida e só desejar isso não vai ajudar em nada.

— Quando a garçonete voltar com a nossa comida, vamos dizer que mudamos de ideia e que queremos as quatro refeições para viagem — digo. —

Depois, vamos embora com a comida e, com sorte, voltamos à estalagem. Se a gangue nos atacar, quero que o resto de vocês corra. Corram até a estalagem, até o Mikail. Entenderam?

Aeri e Sora fazem que sim.

— Mas por que pediu, então, se estamos em perigo? — pergunta Ty. — Por que não vamos simplesmente embora agora?

— Para ganhar tempo. Quem sabe a gangue não vai embora enquanto bebemos nossas cervejas e esperamos a comida. Talvez eles decidam ir atrás de outras pessoas. Ou vai ver Mikail e Euyn dão as caras procurando a gente. Sei lá. Qualquer coisa pode acontecer se tivermos tempo.

— Está bem — responde Ty.

Neste momento, eu o odeio por ter tido uma vida tão fácil a ponto de nunca ter precisado se preocupar com gangues. Nunca ter visto o que podem fazer. Nunca ter tido de pensar às pressas em como voltar para casa. Aquele nariz nunca foi quebrado. Mas deveria ter sido.

Por outro lado, ele não é o problema. Ele não me deve nada, mas continua aqui. Isso é digno de respeito.

Minha cicatriz dói, mas lembro a mim mesmo que não é dor de verdade — é só uma lembrança. Mas lembranças podem cortar feito uma faca.

Nossas cervejas chegam, e Ty paga pela comida e bebida. Ele rapidamente guarda a bolsa de moedas cheia. Deve ter pelo menos uns cinquenta muns de ouro ali dentro, provavelmente cem. Não tenho a menor dúvida de que a gangue reparou nisso também.

Levanto minha cerveja.

— A fugir de desastres.

Bato meu caneco na mesa e bebo metade num só gole. Aeri beberica a dela. Ty e Sora nem tocam nas deles.

A cerveja está gelada e saborosa. O amargo na minha língua me lembra da Costela & Cevada, de aceitar trabalhos e planejar meus alvos. Depois de uma cerveja, meus pensamentos desaceleram e consigo pensar melhor. Talvez as gangues aqui não controlem tudo como em Umbria. Vai ver eu estou exagerando.

Meu instinto, no entanto, me diz o contrário. E nada de bom nunca aconteceu quando eu o ignorei.

Não vi muitos oficiais da lei enquanto entrávamos em Oosant. Nem sei ao certo onde a cidade fica, mas não é muito longe de Rahway, então estamos sob a proteção do conde do oeste.

Não. Espera. Não estamos, não. Pegamos uma carruagem rápida, então estamos a mais de uma semana de distância a cavalo, o que significa que estamos nas terras das fronteiras antigas entre o oeste e o leste de Yusan. Quanto mais longe das quatro capitais antigas, menos regulamento de leis existe. Foi por isso que Mikail não quis que deixássemos a estalagem — Oosant não é um lugar seguro.

Filho da mãe. Por que ele não falou de uma vez?

— A gente não devia ter parado em Oosant — falo. — E muito menos saído

com as garotas. Agora não tem mais nada que a gente possa fazer.

Aeri e Sora trocam olhares.

— Se chegar a esse ponto, você consegue lutar? — pergunto a Ty.

Ele respira fundo, depois assente.

— Servi à guarda real por dois anos.

Não é bem uma resposta, mas já é melhor que nada. Termino minha cerveja.

A garçonete aparece com o jantar. Ela coloca as refeições embaladas sobre a mesa e diz:

— Tragam de volta os utensílios depois. Podem deixar ali fora na porta dos fundos.

O jantar consiste em costelas de porco com arroz e *bok choy* estufado. O cheiro é delicioso. Pelo menos vai ser uma boa refeição, se conseguirmos chegar à estalagem.

— Mudança de planos — digo. — Pode embalar tudo para a viagem. Temos que encontrar um pessoal.

Ela fica confusa, mas assente com a cabeça. Um minuto depois, traz mais duas caixas, depois se retira e vai flertar com a gangue. Um dos sujeitos a puxa para o colo, e ela ri. Não entendo mulheres que acham que estão seguras com uma gangue de rua, mas Umbria é cheia dessas garotas. Elas sempre acham que vão ser amadas e protegidas, mas na melhor das hipóteses são usadas. Se bem que elas não têm muitas opções. Dizer não para caras assim também não acaba bem.

Espero que ela comente com eles que vamos nos encontrar com mais pessoas. Foi por isso que falei.

Tiro a tampa das caixas para viagem. Dentro delas estão os talheres.

— Quatro facas — digo. Cada um de nós pega uma de maneira discreta. Menos Ty. Ele vira a faca na mão.

— Enfia na manga — fala Aeri.

Mais uma vez, ela soa como uma ladra arrogante, mas ter noção de como se virar nas ruas só vai nos ajudar agora.

Ele guarda a faca e depois olha para mim.

— Você tinha razão a respeito das soqueiras de latão, Royo.

Ele bebe um gole da cerveja, e eu percebo que ele está admitindo que não há razão para uma luta justa — a primeira conversa que tivemos em Rahway.

Olho para a gangue. Sete. São sete homens armados. Temos duas mulheres, quatro facas de carne e as duas adagas e a soqueira de latão que sempre carrego comigo.

Não é justo, mas a vida também não é.

Eu continuo vigiando a porta. Cada vez que ela abre, levanto a cabeça, torcendo para que seja Mikail. Não é.

Sora me passa a cerveja dela, depois tira um batom da bolsa e o passa nos lábios. Eu não entendo mulheres. Para que se arrumar agora? Vai ver é um hábito de quando está nervosa, como Aeri com as coxas... com o vestido, quer dizer.

A comida da gangue chega. É nossa melhor chance.

— Beleza. — Deixo metade da minha segunda cerveja e me levanto. —

Vamos lá. Sora, pega as caixas, por favor.

Aeri segura meu braço e vamos embora. O olhar dos homens na mesa acompanha cada passo que damos até a porta.

Espero que Ty saiba mesmo lutar.

Quando chegamos ao lado de fora, cada um de nós respira fundo. Que os deuses estejam conosco.

Começamos a andar até a estalagem — rápido, mas não a ponto de correr. Quietos na noite silenciosa. A lua está brilhando e não há nuvens ou vento. Estou tenso, atento a qualquer ruído atrás de nós. A soqueira de latão está na mão esquerda. Na direita, a adaga.

Com uma das mãos, Aeri brinca com a gola do vestido, e com a outra ela mantém a faca escondida na manga. Ela não faz barulho algum, mas olha para trás, para Sora e Ty. Eles estão acompanhando nosso ritmo apesar do vestido longo de Sora.

Nós quatro chegamos ao fim do quarteirão. Meus músculos estão tão tensos que parece que vão estourar a qualquer momento. Minha respiração está curta, mas chegamos a outra rua. Precisamos dobrar a esquina, depois seguir por mais um quarteirão e meio para chegarmos à estalagem.

Avançamos metade do terceiro quarteirão. Começo a relaxar, a deixar meus ombros baixarem alguns centímetros. Vai ver eu me enganei e entendi tudo errado. Talvez a gangue passasse a impressão de ser perigosa, mas não estivesse atrás de nós. Quem sabe não fiquei paranoico pelo que aconteceu em Umbria. Talvez essa gangue da taverna não seja como as de lá.

É nesse momento que vejo algo estranho à nossa frente. Um brilho.

Só que as construções aqui não reluzem. Chegamos mais perto, e eu percebo o que é: alguém escondido nas sombras com uma adaga em riste. O brilho era o reflexo do luar na lâmina.

— Aeri. Sora. Corr... — começo a falar.

Porém, ouço um estalo alto e sou tomado por um rompante de dor. Quando dou por mim, estou caindo para a frente. Vejo as estrelas no céu noturno, depois não vejo mais nada.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

MIKAIL

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Tem alguém esmurando a porta. Qualquer cidade nas terras das antigas fronteiras é perigosa e quando alguém soca sua porta, não é para dar boas notícias — tanto sobre você quanto sobre outra pessoa.

Olho para Euyn e, sem dizer nada, ele pega a besta. Minha mão já está na empunhadura da espada.

— Quem é? — pergunto sem abrir a porta.

— É a Aeri! — diz ela. — Abre a porta!

Euyn mantém a besta apontada, para o caso de ser uma armadilha, mas eu escanco a porta. É só Aeri mesmo, mas ela está nervosa.

— Você precisa vir! Sora. Ty. Royo. Você precisa vir.

O cabelo dela está despenteado e os olhos são puro pânico. Ela puxa meu braço, tentando me fazer sair do quarto, mas não consigo entender o que aconteceu.

— Espera aí. Vai com calma — digo.

— Você precisa vir! — grita ela, batendo o pé no chão.

Troco um olhar com Euyn.

— Está bem, eu vou. Mas primeiro me diz o que aconteceu.

— Fomos jantar na taverna e tinha uma gangue lá. Achamos que não ia dar em nada, mas aí três caras atacaram a gente do nada. Apagaram o Royo primeiro. Não sei nem se ele está vivo! Ou a Sora, ou o Ty! Você tem que ajudar!

Pela luz das estrelas, eu não falei para eles sossegarem o rabo na estalagem? Por que não me ouviram? Não dá para ficar pisando na bola com coisa boba assim.

— Fiquem aqui, vocês dois.

— Nem pensar, eu vou com você — fala Euyn.

— Eu também. Preciso te mostrar onde o Royo está... se é que ele ainda está lá. Por favor, eu preciso dele... A gente tem que ajudar ele!

Não tenho tempo para discutir. Além do mais, ela está nervosa por causa do guarda-costas. Se o perdermos, ela pode abandonar nosso plano, e eu preciso dela.

— Está bem — digo. — Euyn, pega um manto e esconde a besta. Aeri, pega alguma arma do baú.

Descemos as escadas e saímos da estalagem. Aeri nos indica o caminho, correndo surpreendentemente rápido. Se bem que ela é da mesma altura que Euyun, e é assim que rouba — sendo mais rápida do que qualquer outra coisa que eu já tenha visto. Só que ela está correndo com um machado. O quê?! Que tipo de garota pega um machado? Isso faz outra pergunta me vir à cabeça:

— Como foi que conseguiu escapar se eram três homens atacando vocês?

— Eu corri.

É, faz sentido.

Percorremos dois quarteirões e então ela para de repente. Minha mão encontra o cabo da espada, mas não tem nenhuma ameaça à vista. Só um par de sapatos estilosos e comida espalhada pelo chão. Ty está desacordado, caído de costas no beco, mas está respirando. O nariz dele está quebrado, mas não está sangrando muito. Vejo então o outro corpo no chão. Royo. Ele está caído de bruços.

Pelo brilho das estrelas, como é que alguém conseguiu atacá-lo?

Dou uma olhada nele. Está respirando também, mas está desmaiado e com um galo enorme na parte de trás da cabeça.

— Respirando — digo.

— Ai, graças aos deuses! — exclama Aeri, chorando e estrangulando a haste do machado. — Graças aos bons deuses.

Continuo olhando ao redor, mas Sora não está por perto. Nem sinal dela.

— Sora — digo para Euyun.

Ele começa a procurá-la — a rastreá-la. Aeri parece preocupada rondando Royo no chão. Ela não tira os olhos dos fundos do beco, mas não tem nada lá. Deve ter sido de onde os homens que os atacaram vieram.

Eu me ajoelho e pego saís da minha bolsa transversal. Balanço embaixo do nariz de Ty e depois do de Royo. Ty recupera a consciência gradualmente; Royo se levanta num salto. Eu me afasto, o que é bom, porque no mesmo instante ele começa a cortar o ar com uma lâmina na mão.

— Aeri! — grita ele. — Aeri, corre! — A voz desesperada dele ecoa pelo beco, depois Royo olha para mim e pisca, confuso. — O quê? Mikail? O que está fazendo aqui?

Quando vê Aeri, ele suspira aliviado. Ela parece prestes a chorar de novo, e os lábios dele tremem. Ela pula sobre Royo, envolvendo o pescoço dele com um braço enquanto o machado raspa no chão sem que ela se dê conta.

— Sora? Sora! Cadê a Sora? — suplica Ty. Ele fica de pé, levando as mãos ao rosto. Seus olhos estão cheios de preocupação.

— Ela sumiu — diz Euyun, segurando um pedaço de tecido. É azul-claro, da mesma cor do vestido dela.

Pelo brilho das estrelas.

Ficamos imóveis. Aeri abraçando Royo. Ty segurando o nariz. Euyun mostrando o tecido.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Bateram em Royo, e ele desmaiou — conta Aeri. — Depois o Ty lutou o

melhor que pôde, mas eles já tinham pegado a Sora. Havia pelo menos três homens armados.

Inteligente da parte deles atacar primeiro o melhor lutador. Só que se Aeri viu tudo acontecer, já não tenho mais ideia de como ela escapou. Eles não devem ter sido descuidados a ponto de deixá-la fugir. Já vi as habilidades dela como ladra, sei que ela consegue ser inacreditavelmente veloz, mas algo não está batendo aqui. Deixo isso de lado, por enquanto, e me concentro no que é mais importante: alguém do nosso grupo foi levado.

— Deve ter sido uma gangue maior, mais de três — fala Euy. — Tem muitas pegadas em direção ao sul.

— Pegaram mesmo a Sora? — pergunta Ty.

Ele vira a cabeça e parece estar cogitando roubar minha espada e enfrentar a gangue sozinho. Talvez ele a ame mesmo, como Euy acredita.

— Preciso encontrá-la — diz ele. — Eu não... Eu preciso encontrá-la.

O pânico e a preocupação em sua voz são tão genuínos que é difícil acreditar que este é o mesmo homem cuja missão é matá-la. Eu não duvido que Rune possa ter inventado a coisa toda. Euy me lança um olhar como quem diz *Eu avisei*.

— O que a gente faz? — pergunta Aeri.

— Voltem à estalagem — digo. — Vocês três. Euy, você vem comigo.

— Eu vou junto — fala Aeri. — Por favor, posso ajudar.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — respondo.

— Vocês podem ficar — diz Royo. A cabeça dele deve estar doendo pra cacete. Ele respira com dificuldade e Aeri coloca a mão sobre o peito dele. — Eu vou.

— Vamos todos — propõe Euy. — Devem ser pelo menos uns sete homens. Precisamos de todo mundo.

De verdade, não entendo como Aeri poderia ajudar em vez de atrapalhar. Royo está com dor, e Ty já perdeu uma briga hoje. Porém, não temos tempo para discutir. Quanto mais tempo sem Sora, mais provável que ela seja morta, estuprada ou vendida. Cada segundo que passa faz com que seja mais difícil de a rastreamos.

Eu jurei que ela teria uma vida longa e vou manter minha promessa.

— Precisamos de respostas — falo. — Vamos até a taverna onde vocês encontraram a gangue. Alguém dê uma arma ao Ty.

Euy lhe entrega uma adaga. Ele anda sempre mais armado do que precisa. Nunca consegui convencê-lo de que isso atrapalha mais do que ajuda.

Aeri entrega o machado a Royo e pega uma faca de arremesso no lugar. Ah, isso sim faz mais sentido. Duvido que ela teria a força necessária para brandir o machado, mas Royo poderia cortar árvores sem grande esforço.

Chegamos à Taverna Hearst um minuto depois. É um lugar meio barra-pesada, mas um capanga como Royo não teria pensado duas vezes antes de entrar.

— Fiquem aqui e vigiem a porta — falo para Royo e Ty. — Euy, fica esperto com a porta dos fundos, não deixa ninguém entrar nem sair. Aeri, você vem

comigo.

Tem um bartender careca, duas garotas trabalhando e três homens idosos lá dentro. É uma pena estarem aqui. Não era a noite deles.

— Quem atendeu vocês? — pergunto a Aeri.

Ela aponta a garçonete, que demora para vir até nós. É nesse momento que percebo que ela já sabe de tudo, incluindo o motivo que me trouxe aqui.

— Quem foi que levou a garota que estava aqui agora há pouco? — pergunto. A garçonete encolhe os ombros, jogando o cabelo ruivo para trás.

— Sei lá do que você está falando.

Assinto, depois giro o corpo e a seguro pelo maxilar. No mesmo instante, pego a espada, que ganha vida na minha mão.

— Não tenho tempo para perguntar de novo.

Ela encara a espada com os olhos arregalados, atordoada demais para encontrar as palavras.

— Os Bulgae, meu senhor — fala o careca atrás do balcão do bar. Desvio o rosto da menina e olho para ele. É filha dele. Só pode ser. Eles têm o mesmo nariz empinado. — São os mandachuvias da cidade.

— Onde posso encontrá-los?

Ele titubeia. Agarro o rosto da garçonete com mais firmeza, e ela geme de dor.

— Eles geralmente ficam no Barril — informa ele.

— Onde?

— No extremo norte da cidade, no distrito de apostas, mas não sei se foi para lá que levaram a jovem.

Eles não seguiram para o norte. As habilidades de rastreamento de Euyun são incomparáveis. Contudo, o dono do bar acredita no que está falando. Ele está equivocado, mas não está mentindo. Volto minha atenção à garçonete.

— Para onde foi que levaram ela? Antes que você me responda, saiba que o que acontecer com ela vai ser feito com você quatro vezes mais. Isso eu te prometo e juro.

Encaro o fundo dos olhos dela.

— Para um lugar chamado A Mina, no distrito de armazéns ao sul — confessa ela. — É onde fica o covil deles, o esconderijo. Ou foram para lá ou para o Barril.

Eu a solto.

— Vocês todos foram coniventes com o rapto de uma cortesã real — anuncio, levantando o tom de voz. — Um ataque à propriedade do rei é um ataque à Sua própria Majestade. Julgo todos aqui presentes culpados. Fugam agora, exceto você e você. — Aponto para o pai e para a filha.

Os três idosos e a outra garçonete saem às pressas pela porta dos fundos sem olhar para a família desgraçada. Eles só se importam com o próprio bem-estar. Mas isso não interessa. Todos serão recebidos com os virotes de Euyun quando chegarem ao lado de fora.

— Venham comigo se quiserem ter a chance de ver novamente a luz do dia — falo.

Coloco a espada de volta na bainha e saio para a fachada da taverna.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

EUYN

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Quando entramos em Oosant, eu realmente não esperava fazer parte de uma caravana de sete pessoas indo para o sul rumo a um lugar chamado A Mina a fim de resgatar uma donzela venenosa, mas é exatamente o que está acontecendo.

Paro a cerca de quatro quarteirões da Taverna Hearst. Tem mais uma peça de tecido azul ao lado da estrada. Outra peça do vestido de Sora. A quarta que achei. Ela deixou uma trilha para que conseguíssemos encontrá-la. É bem esperta para uma mulher, mas pensando bem, ela *é* uma assassina. Talvez eu devesse ter botado mais fé nela.

Quando acho a quinta peça, já estamos quase no distrito de armazéns. Nós sete. Incluindo as duas pessoas que não conheço.

— Quem são esses aí? — sussurro para Mikail.

— Iscas — responde ele.

O tom da voz dele me deixa arrepiado. Este distrito de armazéns é sinistro e saber que as terras das fronteiras são mais como Fallow do que como Yusan não ajuda em nada. Edifícios altos nos cercam, fazendo cada som ecoar. Não gosto disso — é silencioso demais, e há lugares demais para se esconder.

Paramos ao chegar na rua principal.

— É o terceiro — fala o homem careca. O braço e a voz dele tremem quando aponta para o prédio que tem dois guardas no terraço e luzes acesas nas janelas.

Mikail olha para o fim da rua, assimilando todos os detalhes do alvo.

— Vocês vão bater na porta. Os dois. Digam que um homem do rei foi procurar por eles. Depois voltem e me falem quantos tinham lá dentro. E daí quem sabe eu poupo vocês.

Não sei dizer se é uma oferta verdadeira ou não.

O homem limpa o suor da testa.

— Vão nos matar se descobrirem que os traímos.

Mikail ergue as sobrancelhas.

— E o que você pensou, que estávamos todos só fazendo um passeio agradável juntos? Vocês cometeram traição à coroa. Caso se recusem a cooperar, na melhor das hipóteses, vou deixá-lo morrer primeiro, e rápido. Na pior, você vai contar em quantos pedaços vai ficar a sua filha. Eu juro.

O homem olha ao redor procurando por ajuda. Evidentemente, não encontra nada. No entanto, o plano de Mikail tem uma falha.

Dou um passo ao lado e aceno para ele vir até mim.

— A gente devia atrair a gangue para fora em grupos — sussurro. — Aquilo ali é um covil. Não é bom lutarmos para entrar quando nem sabemos o que nos aguarda lá dentro.

— É justamente isso que eles vão nos contar — diz ele, apontando para o homem e a garota.

— Solte-os — fala Ty, chegando mais perto.

Nos viramos para encará-lo. Meus deuses do céu, ele está falando sério. A linha entre coragem e estupidez não é tão tênue assim, mas Ty parece não se dar conta disso.

— O que foi que você acabou de sugerir? — pergunta Mikail.

Aeri e Royo se aproximam também, mas Royo fica de olho nas nossas iscas. Não que seja necessário, porque os dois estão apavorados demais para fugir.

Ty não recua, o que é admirável. Ele dá um passo à frente com o peito estufado. Pelo visto, levar um soco fez dele um guerreiro, mas é tolice achar que duraria um único round contra Mikail.

— Eu disse para deixá-los ir embora — repete. — São plebeus numa cidade controlada por gangues. Só estão tentando sobreviver. Não estavam envolvidos no rapto de Sora.

Mikail aponta para a garçonete, que está nitidamente tremendo enquanto olha apavorada para Royo.

— Ela é a putinha da gangue, e ele não é muito melhor.

— Estou com o Ty — fala Aeri, mantendo a voz baixa. — Tem que haver um jeito melhor.

— Aeri... — diz Royo. Ela olha irritada para ele, e ele suspira, mas fica do lado dela.

A tensão na rua está no limite. Royo se envolvendo significa que são eles três contra nós dois.

— Está com o Ty também? — Mikail olha para Aeri e sorri. — Sabia que a razão para ele estar conosco é para matar Sora no final?

Ergo as sobrancelhas, olhando para Mikail. Ouvi Sora dizer isso, mas eles estavam conversando de maneira tão descompromissada que eu pensei que pudesse ser uma piada. Não dava para pedir por explicações porque eu estava fingindo dormir quando escutei a conversa. Mas não, Mikail está falando sério.

A expressão de Aeri muda e Royo percebe.

— Você está aqui para matar a Sora? — pergunta ela, se virando para Tiyung.

Mikail e Royo levam as mãos às armas, mas Ty não percebe. Ele é filho de um conde, não está acostumado a estar em perigo. Ele balança a cabeça, mas é tarde demais. Essa foi a ordem que ele recebeu — Sora estava dizendo a verdade.

O pai e a filha parecem totalmente confusos, olhando para o nosso grupo enquanto lavamos nossa roupa suja.

Mikail balança a cabeça.

— Não tenho tempo para isso. Vão. Agora.

Ele empurra o pai e a filha para a frente, e eles seguem até A Mina.

— Lido com você mais tarde — acrescenta ele para Ty.

Merda. Acho que ele pode matá-lo. E então perderíamos Seok como aliado. Preciso dar um jeito de acalmar Mikail.

— Se prepara para atirar — diz para mim.

— Mikail... — começo a rebater.

— Ou não ajude. Não preciso de nenhum de vocês.

Arregalo os olhos. Não. Eu já vi este Mikail — o demônio. O que torturou o homem na passagem das montanhas. Não tem como fazer ele mudar de ideia agora. Mikail vai matar cada homem naquele armazém, ou vai morrer tentando.

— Estou com você — fala Royo. Eles assentem um para o outro, e em seguida Mikail olha para mim.

— Estou sempre com você. — Pego minha besta e a coloco sobre o ombro, um pouco ofendido por ele ter duvidado.

Mikail responde com um aceno de cabeça, depois sussurra no meu ouvido.

— Quando entrarmos, você mata o pai e a filha sem alarde.

Sinto meu estômago embrulhando, mas eu devia ter sacado que Mikail ia me pedir isso. Ele diz algo para Royo, que também concorda.

Confabulamos a melhor maneira de atacar o armazém. Mas não tenho dúvidas de que ao menos um de nós vai morrer tentando tomar A Mina.

— Espera. Me usem — fala Aeri.

Todos se viram para ela.

— Aeri, não venha com... — Royo começa a falar.

— Não, vai dar certo, Royo — interrompe ela. — Quando o dono do bar e a garçonete voltarem, me usem para entrar no armazém. A gangue não viu você, nem o Euyn. Vocês me levam para eles e pedem uma recompensa. Eles vão chamar vocês para entrar, e aí vocês veem o que tem lá dentro do prédio e planejam o melhor ataque lá de dentro.

Mikail concorda. Repasso o plano mentalmente — vai dar certo. A ladrazinha é mais esperta do que parece.

— Na verdade, vou levar vocês dois — emenda Mikail. Ele aponta para Aeri e Ty. — Royo, dê a volta pelos fundos. Euyn, vá para o terraço de frente para A Mina e dê um jeito nos olheiros deles.

— Aeri, eu realmente não quero que entre na... — tenta Royo mais uma vez.

— Está tudo bem, Royo. Mikail vai me proteger. — Ela se aproxima e acaricia o braço dele. Mikail e eu percebemos como há afeição real entre os dois. Royo enrijece, mas concorda, relutante.

Quando o pai e a filha voltam até nós, já estamos todos de acordo. Os dois estão tremendo como se tivessem um terremoto sob os pés. O careca parece estar com a cara meio verde e prestes a desmaiar.

— Tem dez caras lá dentro — declara ele.

Mikail o observa. Aposto que, qualquer que seja o número de homens dentro do armazém, não é dez. Espero que não seja vinte, mas provavelmente é. Toco os

virotos no meu peito.

— Entendi — fala Mikail. — Podem ir.

— Sim, senhor — responde o homem, fazendo uma reverência desajeitada.

Troco de espada com Mikail para que a gangue não veja a espada da realeza. Mikail vai fingir ser um caçador de recompensas, não um guarda real, e o cabo da espada o entregaria logo de cara. Royo vai até a rua ao lado após lançar um olhar demorado para Aeri.

— Sou seu. Nesta vida e na próxima — fala Mikail para mim. O olhar dele é penetrante, e sua espada bate na minha.

Faço que sim com a cabeça.

— Seu. Nesta vida e na próxima.

Sigo para o prédio que fica de frente para o armazém chamado A Mina. Ele está abandonado, mas consigo invadir e subir correndo as escadas até o terraço. Estou em melhor forma agora do que jamais estive no palácio — mais rápido e mais forte — porque precisei melhorar meu condicionamento para sobreviver. Não levo nem um minuto para chegar ao meu posto. Porém, quando olho, não tem nenhum guarda no topo da Mina.

Não tem ninguém lá.

Meus deuses do céu — é uma armadilha.

A gangue sabe. Eles devem ter chamado os olheiros para dentro, o que significa que o pai e a filha deram com a língua nos dentes.

Atiro duas vezes, matando os dois, depois checo novamente meus virotos. Vou precisar de todos hoje.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

ROYO

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Pelos Dez Infernos, a dor em minha cabeça vai acabar me matando.

Minha visão está duplicada. Tento aliviar piscando com força. Vou mutilar o filho da puta que me acertou. E mais um monte de outros homens dentro daquele armazém. Eles podiam ter matado Aeri. Podem estar machucando Sora. Vou fazer cada um daqueles desgraçados se arrepender de não ter me atacado feito homens.

Ando trôpego pelo beco, caminhando pelas partes mais escuras, mas não me sinto bem, e não é só a dor de cabeça. Paro, tentando entender o que é. Estou com as minhas lâminas e um machado, e então percebo que não me sinto bem porque não gosto de estar longe de Aeri. Não que eu goste dela, nem nada assim. É só que prometi não perdê-la de vista. Respiro fundo e digo a mim mesmo que ela está bem. Mikail não vai deixar nada acontecer com Aeri — o mestre-espião precisa dela. E de alguma maneira ela seguiu minhas instruções mais cedo e voltou para a estalagem. Não sei o que me deixa mais impressionado — ela ter me dado ouvidos ou ter escapado. O alívio que senti quando recuperei a consciência foi avassalador. Meus olhos se encheram de lágrimas. Por um momento a dor até sumiu.

E o rosto de Aeri quando me viu...

Solto um suspiro trêmulo. Ela significa algo para mim, e isso não está certo. Nada de bom pode surgir disso. Sou o guarda dela, e não deveria estar pensando nela agora. Preciso encontrar meu foco. Tenho muito sangue para derramar.

Arranco Aeri dos meus pensamentos e analiso meu entorno. Preciso ficar alerta. Principalmente porque a situação toda é muito estranha. Não sei por que Mikail confiou na garçonete e no pai dela, mas aposto que ele tem um plano que não contou para ninguém. Não importa — sabemos que Sora está lá dentro, sozinha com uma gangue ruim como qualquer outra em Umbria. Temos de tirá-la de lá.

Não vou deixar outra garota sozinha com uma gangue. Nunca mais.

Ajusto meu punho no machado. Aeri fez um ótimo trabalho escolhendo minha arma. Com essa belezinha, consigo matar sem causar alvoroço.

Pronto para matar, eu me esgueiro para a parte de trás da Mina. Deve ter um

ou dois guardas de tocaia na entrada dos fundos do armazém, mas provavelmente são a ralé dentro da gangue — os membros com menor experiência e os mais desatentos.

Dou a volta até um local onde eu consiga observar a parte de trás. A porta é cinza, mas não tem ninguém de guarda. Ninguém.

Não. Isso não pode estar certo.

Pisco forte de novo e olho de volta para o beco, mas não tem nada lá. Em seguida, olho para cima. Não tem ninguém no terraço também.

Meu estômago dá um nó, arrancando o ar dos meus pulmões.

Pelos Dez Infernos. Caímos numa emboscada.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

SORA

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Todos no armazém estão em alerta. Os homens ficam para cá e para lá, sussurrando uns para os outros e assumindo suas posições. A garçonete e o pai disseram à gangue que um guarda real e mais três homens estão atrás de mim porque sou uma cortesã real. Disseram que os homens também estão com a garota que estava na taverna — Aeri.

Mikail e os outros estão caindo em uma armadilha, e não tem nada que eu possa fazer para detê-los — não quando estou presa a uma viga no meio do cômodo. Meu estômago revira e meus braços tremem, mas não consigo escapar das amarras. Os nós estão apertados demais. Preciso pensar. Deve haver algo que eu possa fazer para salvá-los. Mas o quê?

Tem dezessete homens aqui dentro. O líder disse para falarem a Mikail que eram dez, então dez estão armados num círculo aberto ao meu redor, mas outros sete estão escondidos atrás de várias caixas e engradados. Tem outros dois lá fora, de tocaia na porta dos fundos. E mais dois à espreita no terraço. Os três homens que nos atacaram ainda nem voltaram, mas devem chegar a qualquer momento.

No total, são vinte e quatro membros na gangue. É gente demais.

Não existe a menor chance de nós seis matarmos vinte e quatro homens armados. O batom que passei na Taverna Hearst pode matar três homens, mas nunca precisei matar tantos com tanta rapidez — apenas discretamente.

Sei que Mikail e Royo são assassinos experientes, mas os números são exorbitantes. Não consigo imaginar Aeri sendo de grande ajuda, e Tiyung nunca precisou passar por uma situação dessas. O conde tem muitos homens que fazem o trabalho sujo por eles. Euyn eu não conheço, mas duvido que ele consiga matar *dez* homens. Ele é um pouco mais esguio que Ty, e além do mais, é um príncipe.

Alguém bate à porta. Todos se posicionam.

Prendo a respiração. Preciso ajudá-los. Mas como?

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

MIKAIL

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

A porta se abre e um homem quase tão largo quanto alto atende. Royo vai ficar com ciúmes, esse cara é mais forte do que ele. Porém, o sujeito da gangue tem a pele do rosto marcada por acne e um jeito aparvalhado. Royo é mais bonito.

— Sim? — pergunta o homem.

— Estou aqui para devolver duas coisas que pertencem ao seu chefe — falo, e empurro Ty e Aeri para frente. — Encontrei os dois no beco. Achei que teriam interesse.

O homem olha para trás e depois abre a porta. Ele não confere se estamos armados por entender que estamos em menor número.

Como eu disse: aparvalhado.

Entro, empurrando Ty. Não sei se ele está fingindo ou não, mas realmente preciso forçá-lo a andar. Aeri vai por conta própria, olhando ao redor. Tem pilhas de caixas e engradados, o que proporciona bastante espaço para homens que queiram se esconder, mas não dou muita atenção a isso, porque no centro tem uma viga à qual os braços de Sora estão atados. O vestido dela está rasgado, mas acho que ela fez isso por conta própria, a julgar pelas peças de tecido que Euyin encontrou. A bochecha dela está vermelha. Ela deve ter sido atingida por alguém aqui ou quando foi pega.

Ao lado dela, só pode ser o mandachuva. Ele é mais jovem do que eu esperava para um líder de uma gangue, mas mantém uma postura presunçosa, e tem um círculo de homens em volta dele.

— Você deve ser o guarda real — diz ele.

Sorrio.

— Acho que está me confundindo com outra pessoa.

— Cora foi bem específica.

Dou de ombros.

— A respeito de outra pessoa, então. Não sou da guarda real.

Alguns homens se entreolham, confusos. Evidentemente não é o mais inteligente dos grupos.

— O que quer aqui, então? — pergunta ele.

— Uma recompensa — respondo.

Há uma batida à porta. Eu me viro para o som. O mesmo brutamontes vai atendê-la.

— Espera — diz Sora.

O líder se vira para ela e levanta a mão.

Ela puxa as amarras.

— Deve ser a guarda real vindo me buscar — fala ela. — Não deixem que me levem.

Os olhos violeta dela suplicam. Seus lábios tremem. O desespero dela é palpável. Absorto, o líder se aproxima dela.

— Quer ficar aqui? — pergunta ele, hesitante, mas obviamente interessado.

Ela acena com a cabeça, ansiosa.

— Meus pais me venderam em troca de ouro. Não quero voltar para o rei. Eu nunca quis isso para mim. Por favor, me ajude.

— Ah, agora você quer cooperar? — pergunta ele.

Ela desvia o olhar, acuada. Aposto que foi ele quem bateu nela.

— Eu estava com medo — explica Sora. — Você é tão novo, eu não imaginei que pudesse comandar esta cidade. Achei que fosse um sequestrador qualquer, não um homem poderoso. Por favor. Me esconda.

Ele estende o braço e segura o rosto dela.

— Quer ser minha?

— Quero — responde Sora, ofegante. Ela olha para ele, cheia de desejo, entreabrindo os lábios. Em seguida, desvia o olhar fingindo inocência, como se estivesse lutando contra o impulso. — Por favor.

Ele vira o rosto dela de volta para si e a beija.

Estou absolutamente impressionado. Já vi atores do teatro da realeza menos talentosos do que ela.

Há uma segunda batida à porta. Duas, na verdade — o sinal de Euyun. O primeiro era um alerta para nos prepararmos, mas agora é para valer.

Puxo a espada e perfuro o homem ao meu lado. Ele cai de joelhos e colapsa no chão. Ao mesmo tempo, Euyun chuta a porta da frente e começa a atirar. Um segundo depois, Royo escancara a porta dos fundos. De repente, a Mina é tomada por gritos e caos. Sangue e tripas são derramados por toda a parte; a morte berra e faz o lugar de teto alto tremer.

Assimilo o que está acontecendo, mas só por um instante, antes que o próximo homem avance até mim. Acho que ele está muito ansioso para conhecer o Lorde Yama.

Os outros membros da gangue recuam, olhando para o líder, mas ele está agarrando e arranhando o próprio pescoço enquanto cai no chão. Outro homem, provavelmente o segundo no comando, corre para ajudá-lo, mas já é tarde demais. Sora faz o melhor que pode para parecer confusa e preocupada, ainda amarrada à viga.

Precisamos tirá-la dali.

Pego a espada do corpo do primeiro homem que matei e a jogo para Ty. Ele está com uma adaga, mas não é o suficiente para este tipo de combate.

— Tente não morrer — falo. — E cuide da minha retaguarda.

— Pode deixar — responde ele, pegando a espada no ar sem dificuldade. Talvez ele seja melhor do que eu pensava. É bom que isso seja verdade, para que ele consiga sobreviver a esta situação com a cabeça ainda acoplada ao corpo.

Corto o homem que veio correndo até mim. Minha lâmina não é tão afiada quanto a minha espada da realeza, porque é alguma merda barata que Euyin comprou. Isso está me dando nos nervos, mas ela dá conta do recado. Abro o homem do pescoço até o umbigo, mas com muito mais esforço do que eu normalmente precisaria fazer.

O próximo sujeito, tendo visto o que acabei de fazer, sai correndo na outra direção. Lanço minha espada às costas do fujão em um único movimento fluido e, em seguida, pego a espada do homem que cortei ao meio.

Dois homens atacam Royo ao mesmo tempo, mas ele é maior e mais forte que eles. Além do mais, ele está com o machado... fazendo uma bela de uma sujeira e sendo mais minucioso do que precisaria. Mas ele é capanga, está acostumado a se certificar de que sua vítima esteja mesmo morta.

Estou prestes a ir ajudar quando outro homem tenta me golpear com uma lâmina. A espada que peguei é ainda pior do que a porcaria que Euyin comprou. Esses ferreiros deveriam ser condenados à forca. Luto usando essa faquinha de mesa que tenho à disposição, mas seria mais eficaz se eu golpeasse o homem até a morte com o cabo dela.

De canto de olho, percebo movimentos. Aeri, rápida como sempre, usou o caos como distração. Ela corre e tenta soltar a corda nos braços de Sora. Ela não vê o homem atrás de si, nem a lâmina na mão dele.

— Aeri! — grito.

Ela se vira no exato instante em que um virote acerta o homem no peito. Ele desaba de joelhos com o pulmão perfurado. Ótima mira, Euyin.

Aeri fica boquiaberta de choque, e o sangue do homem esguicha no meio de seu vestido amarelo. Foi Ty que enfiou a lâmina nas costas do homem, dando o golpe fatal. Ela encara a mancha de sangue e depois olha para Ty, que está com a respiração ofegante e com cara de quem vai desmaiar. Também fico bastante surpreso com o quanto ele se mostrou letal.

Não achei que fosse capaz de tanto.

Chuto o homem que está atracado comigo e ele cai no chão. Enfim, consigo chegar ao ângulo certo para cortar a garganta dele. Vou tentar usar a espada dele agora. É impossível ela ser pior do que esse troço.

Aeri se atrapalha para pegar a espada do corpo do homem que Ty matou. Com a lâmina grande em mãos, ela se aproxima de Sora. Sendo sincero, a ideia de Aeri manejando uma espada não me parece o melhor dos cenários. Pelo semblante de Sora, ela também não acha.

Quando Aeri está prestes a cortar a corda, o líder interino finalmente recupera o equilíbrio e puxa a espada para atacá-la. Aeri fica paralisada, mas antes que o homem possa golpeá-la, Ty corta o pescoço dele. Entretanto, ele usa força demais, fazendo sangue espirrar por toda a parte.

Preciso ensiná-lo a matar sem fazer tanta sujeira.

Aeri liberta Sora.

Euyun derruba homens a torto e a direito, causando uma chuva de virotes que caem como folhas no outono. Alguém esfaqueou o ombro direito de Royo, mas não parece muito grave. Fico de olho nele, nas mulheres, e sempre em Euyun. Sempre. Porém, outro membro da gangue avança para mim, louco para fazer uma viagem só de ida para os Dez Infernos.

Ele já está morrendo quando Aeri grita.

— Royo!

Ela lança sua faca e acerta um homem que está correndo para as costas de Royo. Ela derruba o cara de primeira.

Royo se vira e o vê caindo no chão. Aeri ainda está com o braço estendido. Ele olha chocado de um para o outro. Por fim, acena com a cabeça num agradecimento para Aeri, e ela abre um sorriso largo. Em seguida, Royo esmaga a traqueia do homem com quem estava lutando.

Onde foi parar o machado dele?

Pelo visto, os membros restantes da gangue perceberam que tentar me atacar individualmente é morte certa, então três avançam de uma só vez. Euyun grita e me lança a minha espada. Pego a arma, tão grato por ter uma lâmina de verdade de volta que eu poderia beijá-la. Desembainhando-a, jogo o braço para trás e dou um impulso para a frente, girando o pulso. Corto os três homens no peito com um único movimento suave, e depois aterrisso em um joelho. A lâmina pinga sangue com meu braço estendido para trás. Os três paspalhos olham para os próprios peitos abertos ao mesmo tempo, e desabam ao chão.

Depois disso, ninguém mais nos ataca. Ainda assim, nós seis ficamos em posição por algum tempo, prontos e com as armas em riste.

Não sei dizer quantos corpos têm aqui — definitivamente mais de dez. O pai e a filha nos traíram, como eu presumi que fariam. Eu os mandei aqui porque queria que a gangue reunisse todos os membros; desta forma, Euyun e Royo teriam mais facilidade de acessar as portas. Eu sabia que, quando entrássemos, daríamos conta de matar todo mundo.

Não sinto remorso algum por ter sussurrado para Euyun matar o pai e a filha, e “zero sobreviventes” para Royo.

— O que aconteceu com o machado? — pergunto quando a curiosidade fala mais alto.

Royo aponta com a cabeça para o lado, e eu me viro.

— Ah. — Um sorriso se espalha pelo meu rosto. O machado está prendendo um homem num mapa de parede que ilustra todo o território de Oosant.

Royo dá de ombros.

— O machado ficou preso na parede, então eu deixei quieto.

Sem que novos membros viessem nos atacar, relaxamos a guarda. Libero toda a adrenalina que sinto quando ergo uma espada. Me vem uma sensação de paz depois de matar tantos homens, da mesma forma que uma barulheira faz uma pessoa ser grata pelo silêncio.

Normalmente, eu vasculharia a área, mas antes quero ver se as garotas estão bem, principalmente Sora.

Estou prestes a parabenizar Aeri pela mira impressionante quando ela arregala os olhos. Ela está me encarando. Seu queixo cai. Percebo então que ela está tentando me alertar de algo, mas pela expressão no rosto dela, sei que é tarde demais.

Estou prestes a ser morto.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

SORA

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

O eco do nome de Mikail quebra o silêncio do armazém.

Ao olhar ao redor vejo o porquê. Atrás dele tem um homem com a espada em riste.

O covarde ficou atrás das caixas o tempo todo. Ele continuou escondido enquanto os membros eram dizimados, enquanto gritavam por ajuda, imploravam aos deuses ou suplicavam pelas próprias mães. Enquanto tentavam fugir para um lugar seguro antes de serem atingidos por virotes. Criou coragem porque neste momento Mikail está de costas para ele.

Grito tentando alertá-lo, mas é tarde demais. O homem está muito próximo, e o braço dele já está pegando impulso.

No mesmo instante uma espada voa pelo ar. Ty tentou matar o homem, mas está longe demais e não vai atingi-lo antes que ele ataque Mikail.

Fecho os olhos, não querendo ver Mikail morrer, mas então percebo que agora a covarde sou eu. Ele veio até aqui para me salvar. Matou inúmeros homens para me libertar. Devo isso a ele, assistir, testemunhar sua morte, assim como devi às meninas na escola de venenos. Assim como falhei em testemunhar a morte do meu amor.

No entanto, ao abrir os olhos, vejo o membro da gangue largar a lâmina e cair de joelhos. Ele grita e agarra a panturrilha. Mikail se vira e enfia a espada no peito dele. O homem vai ao chão, gritando de dor enquanto é empalado.

A lâmina que Ty lançou cai alguns metros à frente do homem, tamborilando até parar. Mikail vê a arma caída e olha ao redor.

O que foi que aconteceu? O homem só... tropeçou?

Estamos olhando uns para os outros.

Aeri está ao meu lado, ofegante. Há sangue pingando da mão dela, mas estamos todos cobertos de sangue. Ty está à minha esquerda, e Royo ainda está vindo até nós. Euyn é quem está mais distante, recarregando a besta. Todos nós estávamos longe demais de Mikail para conseguir ajudar. Então não faço ideia do que aconteceu. Talvez tenham sido os deuses.

Mas de uma coisa eu tenho certeza: os deuses raramente ajudam assassinos sem cobrar um preço.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

EUYN

CIDADE DE OOSANT, YUSAN

Vasculhamos o local para garantir que todos os Bulgae estejam mesmo mortos. Nós seis trabalhamos juntos até que cada centímetro do armazém seja checado. Obviamente, Mikail assume a liderança e eu fico logo atrás com a besta apontada sobre o ombro dele. Pronto para protegê-lo e pronto para morrer por ou com ele. Mas não tem mais ninguém. Todos morreram ou estão morrendo.

Então ficamos ao redor do corpo do homem que quase matou Mikail. Ainda sinto o meu coração batendo forte. Não sei se vou conseguir me livrar dessa sensação até que estejamos sozinhos, sentindo o coração dele batendo contra o meu. Eu quase o perdi de novo.

— Eu não entendo — fala Aeri, balançando a cabeça.

Mikail coça a nuca.

— Ele deve ter tropeçado numa arma, se bem que... não sei como isso seria possível.

É difícil dizer o que aconteceu, porque o armazém está uma zona. Mas faz sentido estarem confusos. Eu tinha certeza de que Mikail estava prestes a morrer, quando os deuses intervieram e o salvaram.

— Sorte — fala Royo, apesar de estar olhando para Aeri.

Ou os deuses do céu.

Não digo isso em voz alta. Mikail se diverte com a ideia de que ele possa ser escolhido pelos céus — mas ele é. Por outro lado, talvez o Reino dos Infernos tenha se recusado a recebê-lo. Não tem como saber ao certo.

Ele balança a cabeça, saindo do estupor.

— Temos que limpar esta bagunça.

Entendo o que ele quer dizer — ele vai pôr fogo no armazém.

— O que tem nisso aqui? — pergunta Ty, olhando para os engradados.

É uma ótima pergunta. Com tudo o que aconteceu, nem pensei em checar. Nem eu, nem ninguém.

Chuto uma das caixas respingadas de sangue que está tombada e bolsas de veludo caem dela. Fico olhando para elas sentindo ondas de choque e confusão me atingirem ao mesmo tempo, porque conheço esse tipo de bolsa. Com essa insígnia de cobra. Mas não pode ser.

Abro uma. É isso mesmo.

Laoli.

Perplexo, entrego a bolsa para Mikail e depois dou uma olhada no lugar. Este armazém inteiro está repleto de laoli. Tem pelo menos o equivalente a um milhão de muns de ouro da droga aqui. Em teoria, não é para a laoli ser cultivada, processada ou armazenada em qualquer lugar que não seja território da realeza — e com certeza não estamos em terras reais agora.

Deuses do céu, o que é isto?

Mikail enfia o dedo, experimenta e assente para mim.

— Laoli.

Um turbilhão de emoções passa pelo rosto de todos à medida que nos damos conta de que estamos no meio de uma enorme operação de tráfico de drogas. Precisamos ir embora. Imediatamente.

Todos começam a se movimentar.

Royo e eu buscamos o corpo da garçonete e o do pai dela que estavam na rua e trazemos para dentro do armazém. Royo pega o cadáver do homem pelas pernas, e eu pego a menina, embora ela seja mais pesada do que eu esperava. Deixamos dois rastros de sangue iguais pela terra.

Quando voltamos para dentro, Ty e Aeri já estão quase terminando de empilhar as caixas. Eles olham para os corpos que carregamos, mas logo se viram e voltam ao trabalho. Sora nos chama até o lavabo nos fundos, um de cada vez, para limpar o sangue da nossa pele e suturar nossas feridas. Royo e Ty estão sangrando. Ninguém pergunta por que ela é boa nisso. Ninguém falou muito desde que o combate chegou ao fim. Em vez disso, trabalhamos em equipe, em silêncio.

Pouco tempo depois, está tudo feito e todos estão devidamente limpos.

Royo derrama óleo que encontrou em um jarro dentro do armazém. Com um único acenar de cabeça, Mikail acende a própria espada e atea fogo à primeira pilha de caixas. O óleo incendeia e todas as pilhas restantes ficam em chamas também.

Em seguida, vamos para os fundos do armazém, deixando os mortos e os moribundos para trás. Seguimos como uma equipe, num ritmo confortável, mas sem correr. Todos estão tensos, mas tentando agir normalmente até chegarmos ao final do quarteirão. Depois mais outro. E mais outro.

Quando passamos pela Taverna Hearst, arrisco olhar para trás. Chamas sobem pelo céu escuro. As labaredas são tão altas que as construções adjacentes também devem ter pegado fogo — difícil dizer. As pessoas estão gritando e correndo para o distrito de armazéns ou fugindo dele.

— Ninguém aqui vai argumentar a favor de passarmos a noite em Oosant, vai? — pergunta Mikail.

Todo mundo fica em silêncio.

— Ótimo — diz ele. — Troquem de roupa e peguem suas coisas o mais rápido possível, assim caímos na estrada o quanto antes.

— Mas e quanto... — começa Aeri, mas depois fecha a boca.

Mikail olha de cara fechada para ela.

— A garçonete e o pai estão mortos. Eu tive que... Eles podiam ter...

— Não, eu vi isso. O que eu ia dizer é que... A gente não jantou.

Mikail e eu nos entreolhamos. Ela matou um homem. Todos nós matamos alguém. E ela só consegue pensar na própria barriga. Ela é tão esquisita.

Mikail solta uma risada abafada.

— A gente arranja alguma coisa para comer na próxima cidade.

Chegamos à estalagem e subimos até os quartos. Levamos pouco tempo para trocar de roupa e pegar a Estrada do Leste de novo.

Espero que a gente não deixe um rastro de carnificina até Tamneki, mas os sinais não são promissores. A morte parece me perseguir como um cão faminto.

Quando seguimos caminho, me sento ao lado de Mikail e fico observando-o. Ainda não entendo como ele pode estar vivo, mas me sinto grato. Coloco a mão na dele. Ele sorri e entrelaça os dedos nos meus. A pele dele está brilhando pelo suor, pela energia e ele parece satisfeito. Entretanto, ainda estou abalado por causa do armazém. Por que é que tinha uma fortuna de laoli nesta cidade antiga da fronteira? A quem ela pertencia? Eu vi a insígnia real, mas Joon não tem armazéns secretos num fim de mundo como este.

Só sei que os homens que matamos não podiam estar no controle do estoque de droga. Eles não teriam nem a visão nem a perspicácia para conseguirem contrabandear laoli de Gaya. Não, só um nobre de alto escalão — um conde — teria dinheiro e poder o suficiente para enfiar um armazém ilegal cheio da droga em Oosant. Mas qual conde, e por quê?

Por fim, percebo que ninguém está conversando. Estão todos olhando para o nada, menos Mikail, que está esfregando um respingo de sangue seco no calcanhar. Por um momento o silêncio me deixa confuso, mas depois me lembro de que é algo pesado — tirar a vida de tantos homens, quase ser mortos... E fizemos isso tudo juntos — Aeri salvou a vida de Royo, Ty e eu salvamos a dela e todos nós salvamos Sora.

Sora olha para cada um de nós e pigarreia, chamando a atenção de todos.

— Eu... eu não sei como agradecer a vocês.

— Você teria feito o mesmo por qualquer um de nós — fala Mikail.

Num primeiro momento, acho que é apenas uma coisa simpática de se dizer, mas depois penso melhor e percebo que é verdade.

Estamos todos unidos pela missão.

Eles estão arriscando tudo para me ver no trono, ou pelo menos para matar meu irmão. Acho que todos temos nossos próprios motivos e segredos, mas acabamos de matar uns pelos outros e esconder os nossos crimes. Esse tipo de ligação sangrenta é mais forte do que a de parentesco ou de um clã. Acho que nem um deus-rei é páreo para seis pessoas que matariam e morreriam umas pelas outras.

CAPÍTULO CINQUENTA

TIYUNG

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Devem ser doze badaladas da madrugada e acho que vou vomitar. Abaixei a janela para tomar ar fresco e, surpreendentemente, ninguém reclamou.

Inclino a cabeça de um jeito que me permita sentir melhor a brisa. Finalmente entendo a reação de Royo na taverna, quando perguntou se eu conseguiria mesmo lutar e eu respondi que tinha servido na guarda real por dois anos. Aquilo não me adiantou de nada. Na guarda real, fiz patrulhas, treinamentos e práticas. Mas *agora* eu matei.

Finquei minha espada em um homem e o observei morrer aos meus pés. Tirei a vida de outro ser humano. A pessoa que eu era antes desta noite ficou para trás. Minha alma não está mais limpa — se é que estava, quando durante a vida toda aceitei de bom grado o dinheiro sujo de sangue do meu pai e quando açoitei Daysum, uma menina indefesa. Ainda que tenha sido para poupá-la das chibatadas selvagens que meu pai lhe teria dado, minha alma não era imaculada.

Porém, eu não sabia o nome da minha vítima hoje. Quando o Lorde Yama julgar meus pecados no Reino dos Infernos, isso deve piorar minha situação. O homem tinha mais ou menos a minha idade e agora é uma pilha de cinzas. Não sei por que ele estava no armazém, quem ele amava ou odiava, ou o que pensou nos momentos finais da vida dele. O homem foi reduzido a uma mancha de sangue a ser lavada das minhas roupas.

Quem sou eu agora?

Estremeço. Eu preferiria não precisar viver nada daquilo de novo, mas faria tudo outras cem vezes para salvar Sora.

Olho para ela. Por ela eu iria para os Dez Infernos.

Exceto pelo vento, está tudo tranquilo dentro da carruagem, apesar de estarmos acordados. Quer dizer, exceto Mikail, que adormeceu. Vai ver para ele é tão comum assassinar alguém que já não perde mais o sono.

Eu não consigo acreditar no que vi — como um homem pode matar feito um deus. Mas ele é a única razão pela qual conseguimos dar conta disso. Foi a visão dele, o planejamento dele, e suas percepções astutas que a mantiveram viva. Não concordei com o assassinato da garçonne e do pai dela, mas no fim das contas eles realmente nos traíram.

Lembro a mim mesmo de que eles poderiam ter custado a vida de Sora, então eu não deveria sentir nada ao me recordar dos corpos sendo arrastados como carcaças de porcos, com os virotes da besta fincados no peito.

Mas eu sinto. A bile sobe pela minha garganta e tenho vontade de vomitar, mas reprimo.

A luz do luar é forte o bastante para que eu consiga ver o rosto de todos. Pela primeira vez, tenho a sensação de que eles me aceitam, então acho que foi um grande avanço em relação aos dias anteriores da viagem.

Aeri retribuí meu olhar e sorri, embora pareça estar exausta. Gosto dela. Desde o começo. Talvez porque ela não era uma assassina como os outros do grupo... antes de hoje. Meu estômago revira e minha boca se enche de saliva.

— Você salvou minha vida — diz ela, sentando-se mais para a frente.

Aceno com a cabeça, fazendo esforço para engolir.

— Obrigada. Você... não era sua obrigação. — Ela fala como se estivesse confusa, sem entender por que fiz isso.

— Eu não ia deixar alguém te matar — respondo. — E, na verdade, foi Euyun quem atirou nele primeiro.

— Só no primeiro cara.

É mesmo. Matei dois homens hoje, mas só estive pensando em um — no primeiro. O que consigo justificar para a minha consciência como um caso perdido, porque outra pessoa já o havia atacado. Respiro fundo. Deuses, tem o fardo de mais um assassinato pesando minha alma.

Inspiro um pouco mais da brisa. Meus dedos ainda estão dormentes e tenho uma sensação estranha no peito. Sem falar na dor no nariz quebrado, da qual, em meio a adrenalina de mortes e caos, eu sinceramente tinha me esquecido. Tem também um corte na minha coxa, mas é superficial.

— Você se saiu bem — fala Royo.

Levo um momento para perceber que ele está se dirigindo a mim. O elogio me surpreende de tal forma que meus olhos se enchem de lágrimas. Não posso chorar de jeito nenhum na frente de um homem como Royo. Pior que isso é só chorar na frente do meu pai. Qualquer um dos dois poderia me espancar até a morte pelo puro desgosto de eu estar externalizando sentimentos.

Não sei como descobriram que fui enviado para matar Sora. Acho que seria bom eu tocar no assunto. Acabamos de matar e quase morrer. Guardar segredos depois desta noite me parece inviável.

Pigarreio.

— Obrigado. Eu... eu jamais machucaria Sora. Quero que saibam disso.

E, mais importante ainda, quero que ela acredite em mim.

Ela se vira na minha direção, depois volta a olhar para a frente. Sora não falou muito. Duvido que esteja com remorso por ter envenenado o líder da gangue. Ela provavelmente está quieta por causa de algo que aconteceu antes de chegarmos. Fecho as mãos em punhos só de pensar, mas não pergunto nada. Eu nunca a questionaria a respeito do que aconteceu nos quartos dos nobres que já matou. Não é que eu não queira saber. Eu passaria dias ouvindo Sora desabafar se isso

fosse trazer algum alívio a ela, mas não quero fazer com que ela se sinta pior com a minha insistência por informações. E, de qualquer forma, ela não se abriria comigo.

— Foi o que meu pai me mandou fazer depois que o rei estiver morto — admito. — Queimar a escritura e depois matar Sora. Mas eu não seria capaz. Não farei isso.

— Por quê? — intercede Euyun. — Por que seu pai está dando ela de mão beijada para nós e te pedindo para matá-la depois?

É uma excelente pergunta, mas não tenho a resposta. Meu pai espera obediência inquestionável. Ele só me fala sobre o que tenho a perder. Neste caso, se eu não matar Sora, ele vai parar de me sustentar financeiramente até o fim da vida dele — o que não é uma consequência insignificante. Sem o dinheiro dele, não consigo viver meu estilo de vida, muito menos quitar secretamente as dívidas de escrituras. Passei anos em busca dos irmãos e irmãs das garotas que morreram nas escolas de venenos do meu pai e dando um jeito de comprar quatro de suas escrituras. Um quinto tinha acabado de ser localizado assim que cheguei a Rahway. Tudo isso terá sido em vão se eu perder o dinheiro dele.

Meu pai também fez a gentileza de me lembrar de que tenho poucas habilidades úteis. Entretanto, ele está errado, porque eu não me tornaria um indigente. Eu me alistaria novamente na guarda real para servir a Yusan. Mesmo que eu não tivesse perspectiva alguma de vida, ainda assim não tiraria a vida de Sora. Agora, mais do que nunca, sei que eu jamais seria capaz.

Gesticulo com as mãos para cima.

— Não sei. Meu palpite era que dessa forma ela não poderia se vingar dele, ou de nós, mas nunca saberei ao certo.

— É proibido questionar Seok sobre os motivos dele — intervém Sora.

O semblante e tom de voz dela parecem vazios.

Ah, então ela também já sentiu o tapa do meu pai. Eu tinha minhas suspeitas, mas não queria acreditar.

Troco olhares com Sora. Ela acabou de me defender mesmo que não precisasse ter feito isso. Talvez ela esteja finalmente começando a entender o que eu disse: farei qualquer coisa para ajudá-la. Somos vítimas do mesmo homem.

De repente, a dor irradia do meu nariz quebrado. Faço uma careta e toco o rosto, mesmo sabendo que isso só vai piorar as coisas. Sora faz menção de me tocar, num movimento sutil da mão, antes de voltar atrás e retrai-la. Contudo, a intenção é o suficiente para fazer meu coração se aquecer e a dor passar.

Ainda não entendo por que os homens que nos atacaram no beco, os que me apagaram, me deixaram na rua. Eles levaram minha bolsa — devem ter ao menos suspeitado que eu era um nobre de alto escalão. Por que não me mataram, então? Ou me sequestraram para pedir resgate?

— Era para eu estar morto — sussurro.

— Ninguém aqui vai morrer — fala Royo. — Não se eu puder evitar.

Vindo dele, o comentário parece verdadeiro.

Aeri apoia a cabeça no ombro de Royo. Ele se retrai, e ela parece ficar

chateada, mas foi apenas uma reação involuntária. Alguns homens acham que delicadeza é algo contagioso. Ele respira fundo, depois apoia lentamente o braço no banco. Os dedos dele parecem hesitar antes de enfim tocarem o ombro de Aeri. Ela abre um sorriso largo e se aninha nele. Royo... quase sorri de volta.

Olho para Sora de novo. Se Royo pode deixar Aeri se aproximar, pode ser que as pessoas sejam passíveis de mudança. Talvez haja alguma esperança para nós dois.

Porém, outra coisa sobre a noite de hoje não me cai bem. Quando fomos embora da Mina, eu me virei. Fui o único a olhar para trás. E quando virei, vi um movimento quase imperceptível — alguém vestido de preto estava no terraço do edifício mais próximo. No entanto, quando olhei de novo, o terraço estava vazio. Ninguém mais comentou a respeito disso, mas não consigo tirar o que vi da cabeça.

Não faz sentido. De lá de cima, um membro da gangue poderia ter matado todos nós. Estávamos agrupados no beco atrás da Mina e podíamos ter sido atacados com muita facilidade. Então não tem como ter sido um membro dos Bulgae. Mas se não era um deles, então quem era? Estou prestes a perguntar se mais alguém viu o homem quando Sora fala antes:

— Está doendo muito?

Quando ela se vira para mim, percebo que os olhos dela estão genuinamente preocupados. Minha boca fica seca. Ela nunca me olhou assim antes.

— Vou ficar bem — respondo, fingindo estoicismo.

Ela assente, mas depois treme e um calafrio se espalha por sua pele. Tiro o casaco e o ofereço a ela. Sora hesita, mas acaba aceitando. Sou inundado por um sentimento de felicidade ao colocar o casaco sobre os ombros dela. Talvez ela tenha se dado conta de que não sou meu pai. Ou vai ver ela só está com frio mesmo. Seja como for, Sora permite que eu a ajude, o que é um avanço monumental.

Pode ser que haja mesmo esperança para nós dois. Eu me permito sonhar com isso.

Satisfeito, me apoio no banco e caio no sono, mas não demora muito até que os pesadelos comecem.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

SORA

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Paramos ao amanhecer e todos comemos como se estivéssemos em jejum há dias. Voltamos à carruagem assim que terminamos de limpar a boca. Queremos nos distanciar o máximo possível de Oosant. Além do mais, não temos muito tempo até a celebração milenar.

Se é que chegaremos lá.

Não costumo pensar nos homens que matei — não me faz bem. No entanto, ontem à noite foi diferente. Eu não tinha sido enviada para matar, para ser uma donzela venenosa. Para eles, eu era só uma jovem a ser raptada, aproveitada e por fim descartada. Se bem que meus alvos nobres devem ter pensado a mesma coisa.

É melhor tirar isso da cabeça.

No entanto, quando me sento na carruagem, percebo que é inevitável. Estou grogue. Acordei algumas vezes durante a madrugada porque Ty estava grunhindo enquanto dormia e depois não voltei a pegar no sono. Acho que ele estava tendo pesadelos. Assassinato é uma coisa pesada que mancha sua alma e infecta seus olhos. Isso ainda é novidade para ele. Para mim também foi um fardo depois que matei o primeiro nobre. Por isso fugi sem pensar nas consequências, eu estava perdida naquele pesadelo.

Mikail me observa com cuidado. Ele está ao meu lado de novo, já que trocamos de lugar após o café da manhã.

— Você está bem? — pergunta ele.

Assinto e forço um sorriso. Ele ergue uma sobrançelha.

Abro um sorriso genuíno. É óbvio que não consegui enganá-lo.

— Estou bem, na medida do possível. Quando apagaram Royo, só resisti por um tempo. Não queria que eles soubessem que eu tinha treinamento de combate, porque me destacaria como alguém diferente. Por isso fui embora com eles sem protestar demais. O líder tinha me levado para um quarto nos fundos, mas não fazia muito tempo que estávamos lá quando a garçonete apareceu para dizer que um guarda real estava vindo.

— Nós... chegamos a tempo? — Os olhos azul-esverdeados dele analisam meu rosto.

— Chegaram. — Estremeço, sentindo meu estômago embrulhando. — Mas é

claro, eu estava preparada, caso ele decidisse fazer mais alguma coisa.

Não gosto de pensar nisso — todos os quase assédios, o número de situações que quase terminaram em estupro. O líder tinha me derrubado de joelhos depois de eu ter me recusado a tirar o vestido. Ele me bateu com tanta força que deixou uma marca. Aeri foi gentil ao se oferecer para passar maquiagem no meu rosto hoje de manhã para esconder as marcas na minha bochecha e no meu pescoço.

O líder me estrangulou enquanto ameaçava me jogar para os cães por eu não querer pertencer a ele. E provavelmente teria me dado aos capangas deles se eu tivesse me comportado de maneira dócil. Existem muitos homens como o conde do oeste, que só querem causar dor. Para eles, as mulheres são apenas mais uma maneira de se sentirem poderosos. Cheguei muito perto de beijá-lo só para colocar um fim à vida dele, mas eu não tinha uma estratégia de fuga e estava nutrindo a esperança de que o grupo fosse encontrar minha trilha de tecido rasgado.

No momento em que eu estava considerando beijá-lo, ouvi uma batida abençoada na porta.

— O conde já mencionou Oosant alguma vez? — pergunta Mikail.

Levanto as sobrancelhas. Que pergunta estranha.

— Seok? Não. Não que eu lembre.

Ele acena com a cabeça.

Vai ver Mikail só está tentando entender por que Ty está vivo. Eu estive me perguntando a mesma coisa — por que os homens não o mataram no beco ou o sequestraram em troca de resgate? Só que nada daquilo teve a ver com o conde de Gain. Afinal, Oosant está sob a proteção do conde do oeste ou do conde do sul. Ou de ninguém, como pareceu ser.

Mas não é como se o conde fizesse confidências a mim.

— Daysum deve saber mais sobre os negócios de Seok do que eu. Ela ouviu por trás das paredes.

— Sua irmã — deduz ele, e sorri.

Eu confirmo.

— Ela é mais inteligente do que eu.

— Nossa, ela deve ser um terror, então.

Solto uma risada.

— Você também tem uma irmã?

— Eu... não.

Pela forma como Mikail olha pela janela, sei que está mentindo. Sua boca assume um formato específico quando ele não é totalmente sincero. Não sei por que ele mentiria sobre isso, mas foi o que acabou de fazer.

Ele encontra meu olhar de novo. De alguma forma devo ter deixado transparecer que percebi o sinal que o entrega.

— Ela morreu muito novinha — diz ele num tom baixo.

Faz sentido. Ele disse que o motivo de fazer parte desta missão é a família dele. O rei Joon deve ter estado envolvido na morte da irmã de Mikail de alguma forma. Pode ter sido uma infinidade de coisas, desde a guarda real passando por

cima dela até a fome generalizada de quase vinte anos atrás, ou algo totalmente diferente. Poder é responsabilidade. Isso significa que, quando as coisas dão errado, todos culpam o rei.

E muitas coisas dão errado em Yusan.

Euyn olha para Mikail. Ele está sentado ao lado de Royo, mas nos escutou. Mikail percebe, e algo em seu semblante se transforma, a expressão no rosto, os olhos, a linha da boca. Ele se fecha, não vai falar mais da irmã. Além do mais, homens como ele não gostam de ser pressionados.

— Bem — digo —, me conte sobre os restaurantes em Tamneki.

Ele ri pela mudança de assunto repentina, e o olhar dele se torna gentil de novo.

— Sora, são os melhores do país. Os distritos de comida e de entretenimento são parte do terceiro arco, e cada estabelecimento de lá é o melhor que Yusan tem a oferecer.

O conde já me contou a respeito disso — de como Tamneki é uma cidade de arcos concêntricos, com a Arena do Rei bem no coração da cidade e hidrovias separando cada distrito. Os prédios cívicos ficam no primeiro arco, onde está o Templo do Deus do Oceano do Leste como a estrutura mais alta da capital. Os estabelecimentos de negócios se reúnem no segundo arco; comida e entretenimento no terceiro. Os arcos mais distantes são para estabelecimentos de alojamento e prazer, moradia e de menor importância.

— Estou ansiosa para chegarmos — falo. — Uma cama me faria bem, assim como uma boa refeição e um banho quente.

— Vai ter tudo isso antes que se dê conta — responde Mikail. — Vamos parar primeiro na propriedade campestre do conde Dal. É no caminho entre onde estamos agora e Tamneki.

Que surpresa boa.

— Fica muito longe?

— Não muito, vai depender se vamos parar ou não para passar a noite em algum lugar.

— Sem matar dezenas de homens e atear fogo a um edifício desta vez? — pergunto.

— Bem, não dá para fazer isso em toda cidade — ironiza Mikail, dando uma piscadinha. — As pessoas vão começar a falar.

Sorrio e olho para o lado. Aeri está conversando com Ty. Ela continua sendo a única pessoa nesta carruagem que não entendo — não totalmente. Não entendo as motivações dela para estar aqui ou o relacionamento dela com Royo. E ainda não sei aonde ela foi quando sumiu em Caprícia. No entanto, é dela que preciso. Por mais que todo mundo aqui tenha me salvado, por mais que eu seja grata e por mais que goste deles, Daysum ainda é mais importante. Ela vale mais do que minha própria vida. E vou conseguir aquela coroa para ela mesmo que eu precise trair cada pessoa aqui.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

ROYO

ESTRADA DO LESTE, YUSAN

Até que Ty não é tão ruim assim. Admito — eu estava errado em relação a ele. Ele é bem mais corajoso do que aparenta ser. Matou para salvar Aeri, e isso faz ele subir no meu conceito. Ela está sentada ao lado de Sora agora, sã e salva, porque Ty e Euyn derramaram sangue para protegê-la. Estou em dívida com eles de uma forma que nunca vou conseguir pagar.

Tento não olhar muito para Aeri, mas fracasso totalmente. No entanto, ela podia ter morrido, e enquanto eu estava tentando matar os homens que se colocavam entre nós dois, ela... me salvou. De algum modo, a garota que pensei que poderia ser nocauteada por uma brisa qualquer matou um homem para salvar minha vida. Só porque eu me exaltei e prendi meu machado numa parede.

Aeri sorri para mim e sinto um calor no peito. Desvio o rosto. É só pelo dinheiro. Isso não passa de um trabalho. É apenas gratidão, e agora o fato de que estou em dívida com ela. Me sinto aliviado porque preciso que ela sobreviva até Tamneki. Estou grato por ela ter me salvado e isso é tudo que importa.

São as mentiras que repito para mim sem parar.

Porém, fico pensando em como eu poderia ter perdido Aeri naquele armazém, o que faz meu estômago embrulhar e a palma das minhas mãos suar. A noite de ontem podia ter dado merda de tantas maneiras — mas não deu. Ainda estamos aqui na Estrada do Leste. Talvez graças aos deuses, mas principalmente graças a Mikail.

Não consigo superar a forma como ele mata. Eu aqui me achando um bom capanga, mas Mikail é um outro nível de assassino. Ele mata como se tivesse nascido para isso. Como se estivesse cortando água, não músculos e ossos. Ele pulveriza sem pensar duas vezes e numa velocidade que eu nunca tinha visto. Ele já tinha dado cabo de quatro homens antes mesmo de eu fazer minha primeira vítima.

E olha que eu estava com um machado.

Euyn me pega encarando Mikail.

— Quer perguntar alguma coisa? — diz ele.

— Por acaso ensinam a matar como ele na guarda real? — pergunto.

Preciso servir por dois anos antes que eu complete trinta, mas tenho adiado.

O serviço paga dez muns de ouro por mês, o que não é tão ruim, porque te dão comida e uma cama, mas não tinha como fazer isso enquanto eu tentava levantar a grana para custear a liberdade de Hwan. Além do mais, não faço muito o tipo patriota — não quando estou tentando matar o rei atual. Mas se o treinamento ensinar habilidades como as de Mikail, o alistamento pode valer a pena.

Euyun balança a cabeça.

— Isso não se ensina. Mikail é feito de aço, formado e esculpido desde a infância. Você provavelmente seria tão rápido quanto ele se tivesse crescido nas mesmas circunstâncias.

— Não sei não, viu. Ele nem parece humano quando mata.

Euyun assente e depois franze a testa.

— Nossos inimigos chamam ele de demônio.

— É...

Dá para ver o porquê.

Algo no rosto de Euyun me indica que ele também entende o motivo. E não é uma coisa ruim, ser temido a ponto de seus inimigos transformarem você numa lenda.

As garotas riem, o que chama a atenção dele.

— Por outro lado, é difícil acreditar que aquelas duas conseguem matar homens feitos — diz ele.

É mesmo.

Perguntei a Sora por que o líder da gangue morreu depois que eles se beijaram, e ela explicou que é uma donzela venenosa — uma assassina que seduz para matar. Ela disse que o batom que passou depois do jantar tinha veneno o bastante para matar três homens. Três homens adultos. A ideia ainda me deixa atordoado — o fato de ela ser imune a veneno, tudo pelo que ela precisou passar para chegar a isso e que o conde do sul sequer tenha cogitado criar uma ameaça como ela.

Yusan está desmoronando e todo mundo quer fazer justiça com as próprias mãos. Em vez de dar um jeito no país, Joon vai sediar um campeonato de tuhko, para distrair a população e celebrar a si mesmo.

Ele tem que morrer.

— Você vai ser um bom rei? — pergunto a Euyun.

Ele respira fundo.

— Não sei, Royo. Espero que sim.

— Preciso que faça mais do que só esperar por isso.

As palavras saem da minha boca e parecem ficar suspensas no ar. Eu nunca teria me imaginado falando assim com alguém da realeza, mas esta tem sido uma viagem estranha.

— O que faz com que um rei seja bom ou ruim geralmente depende do que ele já possa ter feito àqueles a quem se pede essa opinião. Mas vou tentar ser justo... se eu me tornar rei.

Entendo o que ele quer dizer. O plano é frágil e quanto mais nos aproximamos de Tamneki, mais importante isso se torna. Devemos encontrar o

conde do leste amanhã na residência de campo dele, e ele terá mais informações. Muito mais. Isso vai nos dar tempo para nos prepararmos — e para Sora e Euyn estabelecerem uma relação com ele. Tudo o que preciso fazer é proteger Aeri. E é o que farei.

No entanto, eu me sentiria muito melhor se não tivesse a certeza de que um deles está guardando um segredo enorme. Quanto mais eu penso no assunto, mais convicção eu tenho de que alguém matou os homens que estavam vigiando os fundos da Mina. Achei que aquele lado tinha sido deixado sem ninguém de guarda intencionalmente, mas logo antes de chutar a porta, vi um pouco de sangue na maçaneta — sangue fresco. Não consegui pensar muito no que poderia ter acontecido, porque Euyn deu o sinal de que já podíamos começar a matança.

Só sei que não tem como ter sido ninguém na carruagem. Então alguém aqui deve estar trabalhando com gente de fora.

Vou descobrir quem é e qual é a verdadeira intenção da pessoa na missão. Depois, vou matá-la.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

EUYN

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

A residência campestre de Dal é a melhor definição possível de ostentação. Ela ocupa hectares e mais hectares de terra, como costumam ser as propriedades de todos os condes, mas a do conde de Tamneki é a mais rica dentre as quatro. E Dal está sempre disposto a relemburar a todos desse detalhe.

Todo mundo, exceto Mikail e eu, olha boquiaberto pelas janelas da carruagem à medida que nos aproximamos da redoma de vidro imponente e das fontes performáticas. Ainda assim, esta casa em Aseyo consegue ser menos grandiosa do que a mansão urbana de Dal.

Já estive nas duas diversas vezes. Afinal, ele era o melhor amigo de Joon.

É uma longa história de amor, traição e, como estamos falando da minha família, assassinato também.

Quando paramos, o chefe dos criados sai apressado da mansão e se desculpa repetidas vezes pela ausência de Dal. Assim que me vê, se joga ao chão e faz uma reverência. É óbvio, ele me reconheceu imediatamente, mas não consigo me lembrar do nome dele de jeito nenhum.

— Minhas desculpas mais sinceras, Sua Alteza — diz ele. — O conde está atulhado com negócios em Tamneki em razão da celebração. A informação transmitida a mim era de que nossos convidados chegariam apenas amanhã, no mínimo, e eu não fazia ideia de que a Sua Alteza estaria entre eles.

Tradução: ele não achava que eu ainda estava vivo. Não é um começo promissor para a nossa estadia.

O funcionário nos leva até as suítes. Ao seguirmos pelos corredores ventilados, percebo que Dal trocou o uniforme de seus criados. Agora eles usam verde em vez de azul. De resto, o lugar está basicamente como há cinco anos, quando o pai de Dal morreu e ele se tornou conde.

Enquanto minha criada prepara meu banho, vou para o quarto de Mikail. Não quero de forma alguma ficar sozinho com empregados que podem estar dispostos a me matar em troca de recompensa pela minha cabeça. Há muitas maneiras de morrer nesta propriedade, e a maioria envolve afogamento.

Quando entro, a criada dele também está preparando o banho dele.

— Que ninguém nunca ouse dizer que Dal é inútil. O verde foi uma melhoria

— afirmo, olhando para o uniforme dela.

Mikail levanta as sobancelhas. Ele está relaxando na cama, folheando um livro.

— Não se esqueça de que você está aqui para consolidar uma aliança em apoio ao seu reinado. Duvido que essas gracinhas ajudem, principalmente porque não me recordo de Dal um dia ter tido senso de humor.

Franzo os lábios.

— Vai lá tomar seu banho, Euyn. — Ele aponta para o quarto atribuído a mim, bem ao lado do dele.

Hesito.

— E... e se tentarem me matar?

Ele dá um suspiro profundo e sofrido.

— Ufa, por um instante achei que você tinha deixado de ser paranoico.

Não é paranoia. Vinte mil muns de ouro poderiam muito bem quitar uma dívida pequena de escritura ou garantir uma vida confortável a um plebeu assalariado. E mesmo se não for pelo dinheiro, qualquer nobre é capaz de apunhalar alguém pelas costas. Podem querer me matar para conseguir um favor de Joon. Tenho minhas dúvidas de que Dal faça isso, considerando quão feia foi a briga com o meu irmão, mas ainda assim não descarto a possibilidade. Tudo pode acontecer.

— Toma banho aqui — fala Mikail, suspirando. — Quando você acabar, vou para o seu. Não demora, por favor. Quero pegar a água ainda morna.

Odeio admitir, mas me sinto bem melhor sabendo que ele estará do outro lado da porta enquanto me banho.

— A menos que queira escandalizar os criados e tomar banho comigo. — Os lábios dele se curvam num sorrisinho safado e irresistível.

O escândalo não seria por sermos do mesmo gênero — ninguém ligaria para isso. A questão é que Mikail não é da nobreza. Classe importa mais em Yusan do que diferenças simples como cor de pele ou orientação sexual, e eu estou bem no topo da hierarquia social, enquanto Mikail faz parte da plebe.

Ainda assim, a ideia é tentadora. Nunca liguei para rumores ou escândalos, pelo menos não no que diz respeito à minha relação com Mikail. Paro com a mão na maçaneta. Passamos tanto tempo na carruagem e não ficamos a sós desde que nos enfurnamos no nosso quarto na estalagem em Oosant. Tudo que aconteceu depois faz o prazer parecer uma lembrança antiga. Já faz tempo demais desde que o senti dentro de mim.

— Mais tarde, Euyn — diz ele com um sorriso travesso. — Ainda sinto sangue nos meus poros.

Eu até sentiria vergonha do tamanho do meu desejo por ele, de como eu lhe dou prazer com mais entusiasmo que um cortesão, mas já passamos desse ponto. Sempre foi assim — pura luxúria desenfreada, sem pudor. Já estou duro só de pensar em como ele falou “mais tarde”.

Balanço a cabeça e entro na sala de banho. Uma banheira enorme está à espera, fumegando. Pétalas de rosas brancas flutuam em cima de bolhas

aromáticas. A criada está parada no canto, segurando uma toalha e um esfregão de banho. Ela é só uma menina, mas eu a dispenso. Já vi o suficiente nesta viagem para saber do que meninas aparentemente inocentes são capazes — principalmente Sora.

Aeri, por outro lado, é um mistério. Ela não é uma assassina profissional como Sora. Devia ter ficado em frangalhos depois das mortes no armazém, mas... não ficou. Nem naquela noite nem no dia seguinte, quando já tinha dado tempo de o choque ter passado. Por que não? Será que pode ser porque ela já matou antes?

Eu até comentaria isso com Mikail, mas ele diria que estou sendo paranoico... de novo. Além do mais, ela é só uma garota.

Deixo isso de lado, fico nu e entro na banheira. Na água quente, minto para mim mesmo que todas as minhas preocupações vão sumir com o vapor.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

AERI

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Este lugar é incrível. Tipo, absolutamente incrível. As fontes, as hidrovias, os peixinhos fofos. Eu amo tudo. Depois dos assassinatos em Oosant, passamos dias enclausurados na carruagem, então é bom ter espaço para me esticar e ar para respirar.

Fico vagando pelos corredores de mármore, depois paro e encaro a enorme redoma de vidro no meio da propriedade. Dentro da esfera, pássaros coloridos voam ao redor de árvores raras.

É inacreditável que um homem seja dono disto. Isso, sim, é luxo. Isso, sim, é vida. É o que eu quero para mim. É o que poderei ter se completar a missão — poderei viver como um rei.

Percebo que estou deixando marcas de dedo no vidro, então limpo as digitais com a manga. Que bom que mandei fazer vestidos novos em Rahway. É uma pena que só três tenham ficado prontos antes de partirmos e que o amarelo agora esteja com manchas de sangue que não saíram totalmente quando o lavei. Os outros que pedi estão muito atrás de nós, sendo enviados para a capital. Fico pensando se não conseguiria mandar fazerem mais enquanto estamos aqui. Não dá para ficar parecendo uma plebeia quando estou rodeada de coisas assim.

Também preciso enviar uma mensagem para o meu pai logo, mas como todo mundo ficou de cabelo em pé com a minha escapulida em Caprícia, talvez eu precise esperar até chegarmos a Tamneki. Se bem que aquela desconfiança toda aconteceu antes da Mina, antes de matarmos e sangrarmos uns pelos outros. Quem sabe não haja mais credibilidade agora.

Provavelmente não.

Minha mãe me disse para jamais confiar em um homem, mas é mais forte do que eu. Confio em Royo. Ele já cometeu erros na vida, mas quem nunca? Pelo menos ele assume a responsabilidade pelo que fez. Aceitar o mal que se já causou é melhor do que apenas ser uma boa pessoa.

Royo está do meu lado agora, e de vez em quando pego ele me observando. Finjo que não estou vendo. Por trás de toda a pose, por trás de toda a força e violência, quando se trata de mim ele é tímido. A sensação faz meu coração palpitar. Cada vez que ele se aproxima um centímetro sequer, compensa se

afastando trinta. Faço o melhor que posso para me manter imóvel e deixar que ele chegue perto por conta própria. Ele é como um animal arisco que eu quero prender e domar.

Nossa, que coisa horrível de se pensar.

Fazer o quê? Às vezes a verdade não é poética.

— Precisamos nos arrumar para o jantar logo — fala Royo.

— Não estamos patrulhando o terreno agora? — pergunto.

Ele revira os olhos para mim. Quanto mais olho para eles, mais bonitos eles ficam. Âmbar, vitral, mel cristalizado. Os meus são castanhos. O mesmo marrom chocho e comum. Porém, quando Royo me olha, eu os sinto diferentes, especiais — como os de Mikail ou os de Sora, como as joias caras que Ty usa.

Fiquei tão preocupada com Royo no armazém. Não só quando atirei a lâmina, mas quando os dois homens o atacaram ao mesmo tempo. Foi diferente, mais caótico do que no navio. E, mesmo assim, ele lutou com eles. Royo enfiou um machado no corpo de um homem e esmagou um pescoço com as próprias mãos. Nunca vi nada parecido. Quero dizer, pensando bem, eu o vi torcer o pescoço de um homem no rio Sol.

Paro quando sinto uma pontada no ventre. Me bateu um calor do nada.

Foi Sora quem suturou a ferida no ombro de Royo, mas desde então fui eu que o papariqueei, trocando as bandagens e perguntando como ele estava se sentindo de tempos em tempos. Ele fingiu detestar, mas acho que estou vencendo-o pelo cansaço.

Imito o caminhar de ombros largos dele.

— Para com isso — reprova ele, mas depois ri. Ele ri de verdade. Meus bons deuses... que som incrível. A risada ricocheteia no vidro, e a melodia faz eu me sentir como se pudesse largar os sapatos e sair voando como os pássaros dentro da redoma.

— Você *riu*? — pergunto, balançando a mão cada vez mais perto da dele a cada passo.

Ele balança a cabeça, voltando a ficar sério.

— Não.

— Hum, que estranho... — Coço atrás da orelha. — Já ouvi risadas antes, e tenho certeza de que o som era exatamente o mesmo.

Ele me olha de esguelha, mas a casca grossa se quebra. Seu rosto suaviza por um segundo apenas. Não, meio segundo. Se eu piscasse, teria perdido. Mas que bom que vi. Royo com a guarda abaixada, mesmo que só um pouquinho, é a melhor coisa que já presenciei.

Mas não posso brincar com isso, porque se eu provocá-lo, ele vai voltar para a concha, e só os deuses sabem quando vai sair de lá. Além do mais, não temos muito tempo até que minha missão seja cumprida, e então não sei o que vai ser de nós dois. De nenhum de nós, na verdade.

De repente, Mikail e Euyin surgem no fim do corredor. Mikail anda relaxado, como sempre, e Euyin caminha de um jeito majestoso. Ambos estão bem-vestidos, prontos para o jantar.

— É impressão minha, ou acabei de ouvir Royo rir? — pergunta Mikail.

— Evidentemente não — respondo. — Esse seria um som impossível.

Royo revira os olhos de novo, mas os lábios ameaçam se abrir num sorriso.

— Já estamos quase na capital. Nada é impossível — emenda Mikail, e olha para Euyun.

Tento imaginar o mesmo que ele deve estar fantasiando agora — Euyun como rei. A coroa do Lorde Dragão na cabeça dele. Mas não consigo.

— Por que está me olhando assim? — pergunta Euyun.

— Ah, desculpa. — Balanço a cabeça. — Eu só estava te imaginando com a coroa.

— O rei do milésimo ano — enuncia Royo, ajustando a postura. — Está pronto para se tornar imortal?

Euyun solta uma risada ofegante e olha para o lado. Mikail o analisa com atenção — muita atenção. Euyun se vira para observar os pássaros na redoma e depois se volta para nós de novo. Fico surpresa por ele não ter respondido automaticamente que sim.

— Acho que vamos descobrir daqui a três dias — diz ele, enfim.

Deuses. Três dias. Só três dias até Dal levar Sora para perto o suficiente do rei para matá-lo. Eu já sabia disso, óbvio, mas não estava pensando a respeito. É tão pouco tempo. Sou tomada por uma inquietação — não quero que isto tudo acabe. A verdade é que nenhum de nós nunca tem o amanhã garantido, então não faz sentido nos preocuparmos com algo que está a dias de acontecer.

— Estávamos a caminho do arsenal antes do jantar — fala Mikail. — Euyun precisa de mais virotes. Royo, quer que a gente pegue outro machado para você?

— Eu não recusaria... — diz Royo, esfregando as mãos.

— Quero um também — peço.

Os três homens me lançam olhares de descrença.

— Brincadeirinha, mas ter uma adaga seria bom.

Euyun concorda.

— Feito — diz Mikail.

Eles saem e nós voltamos para a nossa suíte. Deram a Royo um quarto separado, mas ele está ficando no meu.

Fiz Royo rir! Essa é a única coisa com a qual vou me importar hoje. Amanhã me preocupo com o amanhã.

Danço pelo corredor.

— Você é a pessoa mais estranha que já conheci — resmunga ele.

Estendo a palma das mãos para cima.

— Não sei o que você quer que eu faça a respeito disso, Royo.

— Nada — responde ele, depois acrescenta: — Eu gosto.

Erro o passo e paro. O calor sobe dos meus dedos dos pés até meu rosto, pegando um longo desvio para se acumular nos meus quadris. Fico parada olhando para ele.

Ele desvia o rosto, fingindo que não disse nada.

Mas sei que falou.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

SORA

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Nós seis acabamos de ter um jantar absurdamente bom em uma sala esplêndida. A nobreza tem poucas virtudes, mas a boa hospitalidade é uma delas. Como havia um príncipe à mesa, tudo foi duas vezes mais extravagante do que o normal, o que é muita coisa. Foi a melhor refeição que já fiz na vida. Cheia de desperdício, como eles sempre fazem, mas inacreditavelmente deliciosa.

Depois de tanto tempo na estrada, um banho quente e um jantar fantástico não poderiam ter vindo mais a calhar. Acho que quando eu conseguir dormir, meus tremores vão parar. Pelo menos é o que eu espero.

Nosso grupo riu e trocou brincadeiras durante o jantar como se não tivéssemos dizimado um armazém repleto de homens e agora planejássemos matar um deus-rei. Conseguimos deixar tudo isso de lado e relaxar, aproveitando a companhia uns dos outros. Até Royo sorriu e Mikail contou uma história impossível sobre uma serpente marinha ter roubado a adaga dele.

Fiquei confusa por um instante, tanto pelo rosto de Royo ser capaz de sorrir quanto pelo que eu estava sentindo. Não consegui identificar o aperto no peito, mas depois entendi: eu estava me sentindo em família. Só que, desta vez, com laços que não são de sangue. É uma relação forjada por circunstâncias, mas que pode oferecer o mesmo tipo de conforto. Depois disso, precisei pedir licença e sair da mesa, porque essa percepção estragou a noite para mim. Sei melhor do que ninguém que famílias não duram — tudo sempre acaba em traição ou tristeza.

Desta vez, no entanto, quem vai trair os demais serei eu. Preciso pegar aquela coroa, e não é como se eu pudesse simplesmente pedir a Euyn para me entregar a chave da imortalidade. A vida de uma plebeia não tem importância em um esquema destes. Ainda que eu consiga roubar a coroa, como vou conseguir chegar a Gain? Se por acaso Seok descobrir, pelo Reino dos Infernos, ele vai me matar só por ter pegado a coroa. Talvez até mate Daysum antes que eu consiga chegar a ela.

É impossível.

Ando de um lado para o outro no meu quarto, apertando a cabeça e balançando as mãos. A verdade é que gosto de todos aqui. Com o tempo que

passamos juntos e o sangue que derramamos, me conectei a eles. Não tenho essa sensação desde as meninas na escola de venenos. As que eu vi morrer, uma a uma, sem conseguir salvá-las ou ajudá-las — como eu disse, essa família terminou em tristeza. Não quero machucar nenhuma dessas pessoas, mas também não posso simplesmente desistir da minha irmã. Sou tudo o que ela tem. Já desafiei a sorte ao permanecer viva. Posso completar uma missão impossível.

Mas como?

Como?

Não sou inteligente o bastante para descobrir isso por conta própria. Queria poder falar com Daysum. Queria afagar os longos cabelos da minha irmã e sentir o perfume dela, que me é tão familiar, para me trazer conforto. Queria ter a mente como a dela.

Ouçou uma leve batida na porta. Fico imóvel, surpresa. Quero, mais do que qualquer outra coisa, que seja ela à porta. Mesmo sabendo que não é possível.

— Sim? — pergunto.

— Sora, sou eu — diz Ty.

Não é Daysum. Óbvio que não. Suspiro e destranco a porta.

— Só vim ver se você estava bem. — Os olhos azuis dele me analisam.

— Eu... — Tento dizer que estou bem, mas de repente começo a chorar.

Não entendo. Não choro há anos, mas as lágrimas escorrem pelo meu rosto e minha respiração falha.

Depois que as primeiras escapam, é como se uma barragem se rompesse dentro de mim. Tudo — desde o medo que se instalou em mim quando fui vendida pelos meus pais até a culpa pelas vidas que tirei — escorre na forma de lágrimas. Além disso, continuo quebrando a cabeça para pensar em uma maneira de salvar Daysum. Como sobreviver. Como guardar qualquer resquício de humanidade que me resta. Fico remoendo o fato de que nada de bom dura, porque meu rosto e minha família me arruinaram há muito tempo. Fico procurando o motivo pelo qual, no fim das contas, eles não me amavam e, pior, não amavam Daysum.

Ty vem de imediato até mim e me envolve em seus braços. Fico parada, chocada com o toque dele. Espero para descobrir o que ele quer de mim, do meu corpo, mas... não é nada. Ele só está me abraçando.

Meu corpo está todo tenso, mas aos poucos me apoio no ombro dele.

Ty não pergunta qual é o problema, nem me força a falar — só me segura firme enquanto choro. Ninguém me abraça assim há anos. Isso é o que faço com Daysum, mas ser abraçada por alguém é totalmente diferente. Mas Ty não devia estar fazendo isso. Está tudo errado.

Recupero o fôlego, limpo o rosto e me mexo para dar um passo para trás. Ty me solta e os braços dele voltam para a lateral do corpo devagar.

— Desculpa.

Seco as lágrimas que restam. Meu rosto está quente, então eu o abano.

Ty franze a testa.

— Por que está se desculpando?

Dou uma fungada.

— Por chorar.

Ele balança a cabeça.

— Não precisa se desculpar por isso.

Eu o encaro. Nós dois estamos num tipo de trégua desde Caprícia e sem dúvidas desde que ele lutou duas vezes para me salvar em Oosant. Ele matou e eu limpei o sangue dele, eu o defendi, tratei seus ferimentos. Mas o que aconteceu aqui é diferente de uma aliança, é bondade e cuidado.

— Você é filho de Seok. Como pode ser gentil?

— Eu já falei para você: não sou Seok. E não é difícil ser gentil com quem se ama. — A voz dele é como um murmúrio. Em seguida, ele pigarreia e ajeita a postura, se afastando um pouco.

Levo um segundo para assimilar as palavras, mas a ficha cai.

— Com quem se ama?

Ele fica pálido e olha para o piso brilhante de azulejos, mudando o peso entre as pernas. Eu poderia achar que escutei errado, mas ele estava à minha direita e, levando em consideração a sua reação, sei que o entendi perfeitamente. Tiyung, o futuro conde de Gain, acabou de admitir que me ama.

Ty assente para si mesmo uma única vez e suspira, endireitando a postura.

— Eu te amei desde a primeira vez em que te vi, Sora. Quando você tinha apenas nove anos, mas enfrentou homens armados de queixo erguido e tentou esconder Daysum atrás de si. Sua beleza me cativou, naturalmente, sou humano, mas foi seu espírito que me conquistou de vez. Sua capacidade de amar é mais profunda que o Oceano do Oeste. Você é honesta. Você é verdadeira. Você é tudo.

Balanço a cabeça, me recusando a processar o que ouvi.

— Mas... não pode ser. Você não me ama. Você me odiava. Você me caçou. Você... você...

Porém, não consigo dizer mais uma única palavra, porque me lembro da expressão no rosto dele quando éramos apenas crianças, e depois na propriedade do lorde Shan. Esse é o olhar que eu não conseguia decifrar. Tiyung acha que me ama.

Mas isso não é possível. O pai dele me comprou. Tiyung era insuportável comigo na escola de venenos. Ele me arrastou de volta pela floresta de Xingchi.

Ty vai até a janela entreaberta com as mãos às costas.

— Quando você fugiu, meu pai disse: “Se você a ama, traga ela de volta para mim com vida.” Mas tirar sua liberdade acabou comigo. E ter que açoitá-la depois foi ainda pior. Eu sabia que você nunca me perdoaria, mas acabei me oferecendo, porque sabia que dos dois males, eu era o menor. Eu tinha certeza de que se meu pai desse as chibatadas, ele a teria machucado de verdade.

Balanço a cabeça de novo. Tiyung a machucou também. Daysum carrega as cicatrizes até hoje. No entanto, pensando agora... A curandeira ficou surpresa por minha irmã não ter precisado de suturas internas. Ela ergueu as sobrancelhas quando analisou os ferimentos, e, enquanto me sentava, agarrada à mão de

Daysum, eu perguntei por que ela estava fazendo aquela cara.

Estou surpresa, só isso. Eu tinha me esquecido desse detalhe porque a desolação e a culpa me devastaram.

A verdade me atinge em cheio e me despedaça. Tudo o que eu sabia, ou *achava* que sabia, estava errado. E agora não sei o que fazer com os meus cacós. Então, apenas observo os músculos das costas de Ty se mexendo enquanto ele se apoia no parapeito da janela e contempla a noite.

— Eu me alistei na guarda real para que eu pudesse fugir de Gain, de tudo que eu tinha feito — continua ele, falando para o próprio reflexo no vidro. — Tentei esquecer você enquanto estive longe. Teria sido melhor para nós dois, não tenho dúvidas. Mas não é possível. Nunca será.

Dou alguns passos até ele.

— Por que diz isso?

Ele se vira para mim.

— Porque eu reconheceria você nesta vida e nas próximas cem.

Ele fala de modo tão objetivo, não se parece em nada com as declarações de amor teatrais, e sim como um fato inegável. Por algum motivo, isso me comove ainda mais.

Não sei o que dizer. Acho que não saberia nem se eu vivesse mais duas vidas.

Estou prestes falar quando ele desvia os olhos de mim de repente. Viro a tempo de ver alguém correndo da janela. Alguém estava nos observando.

Pelo Reino dos Infernos, o que foi isso? Quem estava lá?

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

ROYO

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Aeri está largada na cama de dossel, sorrindo.

— Que refeição gostosa — diz ela, acariciando a barriga.

Ela vira a cabeça e me observa com aqueles olhos, e eu a desejo. Não consigo nem me iludir dizendo que não é isso. A agitação que sinto não tem a ver com o trabalho. Não é gratidão por ela salvar minha pele. Eu quero as longas pernas dela enroladas no meu corpo. Quero sentir o gosto dos lábios dela. Quero tirar o vestido verde que ela está usando. Quero ouvir Aeri gemendo meu nome.

Put a que pariu. Preciso dar o fora daqui.

— Vou dar uma olhada por aí — digo.

Minha mão treme ligeiramente enquanto guardo duas facas de arremesso no terno. Fui. Sério, preciso sair deste quarto.

Ela se senta na cama.

— Quer que eu vá junto?

— Não — respondo, com rispidez demais. Ela arregala os olhos. Mudo o tom da minha voz. — É só uma patrulha rápida antes de a gente se ajeitar para dormir.

— Ah, então... tudo bem. — Ela fica confusa, e com razão. Agora sou eu quem está agindo estranho.

— Tranca a porta quando eu sair e não atenda ninguém. Vou dar três batidas seguidas para você saber que sou eu quando voltar.

Nem espero ela responder. Saio às pressas do quarto e fecho a porta. Em seguida, me recosto nela e respiro fundo. Não posso desejar essa mulher. Quer dizer, aparentemente eu *posso*, mas não posso *ter* Aeri, então o que é que estou fazendo, caralho? Perdendo a cabeça, isso sim.

Um suspiro profundo escapa do meu peito. Pelos Dez Infernos.

Preciso me concentrar em algo que não seja a maciez do toque de Aeri. Qualquer coisa que não seja sua pele perfeita e as curvas de seus quadris e seios. Aquelas pernas. Qualquer coisa que não me faça voltar para o quarto e fazer bom uso daquela cama.

Patrulha. Uma boa vigia, é disso que eu preciso. Tem guardas particulares espalhados pela propriedade, mas que seja. Quem garante que são bons mesmo?

Além do mais, mesmo se o grupo de uns doze guarda-costas for realmente de alto nível, ainda assim eles seriam irrelevantes em uma casa cheia de assassinos.

Olho para a cicatriz na mão que ainda segura a maçaneta e me afasto da porta.

Sigo pelo corredor e me concentro na mansão. O teto é bem alto, como se fosse o de um templo, não só da casa de um cara. O piso é de mármore branco, com veios azuis que me fazem lembrar de água — água de verdade, não aquele chorume que corre pelo rio Sol. No meio da residência tem um globo de vidro enorme com um jardim. Quem é que pensa em colocar isso no meio de uma casa? É bonito, mas com todos os cômodos ao redor, a redoma previne qualquer linha de visão direta.

As luzes fortes do globo começam a me deixar com dor de cabeça. Não que a dor tenha aliviado desde que levei um soco. Gentalha desgraçada do caralho. Sora precisou suturar meu ombro. Dói, mas finjo que não estou sentindo.

Passo pela sala de jantar onde comemos a melhor comida que já experimentei na vida. Em uma das melhores noites que já tive. Sora e Ty saíram mais cedo, depois Aeri foi para o nosso quarto. Eu a segui, mas poderia ter comido mais. Me pergunto se sobrou alguma coisa. Preciso ocupar minha boca de algum jeito. Qualquer coisa que não seja o que quero fazer com ela.

Mikail e Euyun ainda estão à mesa. Um prato de frutas, uns cem bolinhos, chocolates, doces e vinho espumante ainda estão dispostos. Uma casa de doces cobraria uma fortuna pelo que está sendo servido na sala de jantar agora como se não fosse nada de mais.

— Algum problema, Royo? — pergunta Mikail. Ele está do lado oposto a mim na mesa.

— Não, tudo certo.

— Cadê a Aeri? — Euyun ergue uma sobranceira antes de beber de sua taça. Ele parece um pouco ruborizado. Vai ver bebeu vinho demais.

— Ela está se arrumando para dormir.

— A jornada tem sido longa. — Mikail relaxa na cadeira, parecendo mais majestoso do que o próprio Euyun. Porém, ele me encara e sinto que devo explicações. Não sei por quê.

— Vou fazer uma patrulha — digo.

Ele assente.

Desde o armazém, passei a confiar mais nele, mas não totalmente. Não posso confiar totalmente em ninguém — nem mesmo em Aeri.

Só preciso continuar me lembrando disso.

Pego uma tartaleta e vou andar pelo perímetro. Está mais quente do lado de fora da mansão do que dentro, e a noite está nublada. Alguma coisa está fazendo os pelos do meu braço ficarem arrepiados. Não pode ser chuva. A lua da monção está próxima e, com ela, a temporada de chuvas, mas isso só deve acontecer depois da celebração milenar. E quem sabe o que vai ser de Yusan quando isso acontecer.

Quem sabe o que vai ser de Aeri. Não. Eu sei o que vai ser: vamos nos separar daqui a três dias.

Enfio a tartaleta na boca.

Só temos três dias até a celebração. Só mais três dias e vou receber o pagamento para libertar Hwan. Vou voltar a Umbria, e aí... não sei o que farei depois disso. Não pensei muito além de custear a saída de Hwan da Prisão de Sal, porque só isso já foi muito difícil.

Hwan não vai querer nada comigo — eu certamente não ia querer nada com o homem que deixou minha filha ser assassinada. O sujeito que causou essa tragédia. Contanto que eu ganhe o bônus de Aeri, metade do dinheiro será dele. Isso vai ajudá-lo a reconstruir a vida em algum lugar. Vinte e cinco mil é o bastante para um novo começo para mim também, mas...

Fico me perguntando para onde Aeri vai. O que ela vai fazer.

Mas que diferença isso faz, cacete?

Por que estou tentando imaginar um futuro com ela quando nem existe um futuro? Não vou voltar a ter essa discussão comigo mesmo. Não tem a menor chance de eu deixar uma garota, ainda mais alguém como Aeri, se aproximar de mim. Por mais estranha que ela seja, Aeri é pura como neve recém-caída. Eu só a sujaria com a minha lama. A verdade é que não a mereço.

Paro e respiro fundo à medida que esse pensamento me atinge com tudo. Não sou digno de ter nenhuma mulher boa.

A verdade sempre foi essa.

Eu era jovem demais e esperançoso demais para admitir isso com Lora, ainda pensando que eu podia mudar, que eu podia melhorar de vida. Contudo, não passo de um capanga. Eu só sei fazer outros homens sangrarem. Esse não é o tipo de cara para uma garota como Aeri. Ela perceberia isso mais cedo ou mais tarde. Talvez, se a missão der certo e eu conseguir libertar Hwan, terei dinheiro o bastante para...

Esquece. Vai ser melhor para ela se eu tirá-la da cabeça. Pelo menos isso eu posso fazer por ela.

Então é o que faço.

Com as nuvens flutuando para cobrir a lua brilhante, me concentro nos meus passos. É o bastante para manter a mente ocupada — é difícil evitar cair nas malditas fontes desta propriedade pomposa. Ando mais devagar do que de costume. O ruído de cascata prejudica minha audição. Tem algumas lamparinas a óleo acesas, mas é difícil de enxergá-las por trás das gotículas de água. É como se este lugar tivesse sido construído no intuito de que assassinos e espíões passassem despercebidos. Talvez este conde não ache que alguém seja uma ameaça para ele. Vai saber. Eu é que não ia querer morar numa casa dessas.

Já estou na metade da minha patrulha pela mansão quando percebo algo estranho. Vejo um movimento. Paro numa postura de combate, com a mão próxima à adaga. Pode ser só um dos guardas fazendo uma ronda. Espero que um desses babacas não me mate por engano.

Estou tentando escutar se alguém está se aproximando, mas é impossível ouvir com o barulho dessas merdas de fontes. Estou prestes a avançar quando passos correm até mim. Não consigo ver quem é por causa da névoa de água. Pego

minha adaga, fico pronto, mas interrompo o movimento.

É Sora.

Mas que porra é essa?

Nós ficamos paralisados encarando um ao outro. Um grito de dor estridente supera o rugido das fontes.

Alguém acabou de ser assassinado.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

MIKAIL

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Este lugar é meio exagerado. Originalmente, foi arquitetado para se assemelhar à capital — o que já implica uma quantidade excessiva de água —, mas, após a morte de seu pai, Dal foi além e acrescentou várias fontes e cachoeiras novas do lado de fora. Já estive aqui antes para espioná-lo, mas nunca como convidado. E nunca em cima de Euyun.

— Por favor, Mikail. — Ele agarra os lençóis de seda, seu desejo pulsando. — Por favor.

Estou provocando Euyun sem parar desde que os outros saíram da sala de jantar. Quando Royo apareceu durante sua patrulha, Euyun tinha acabado de se levantar depois de ter se ajoelhado para mim. Porém, desde que entramos no meu quarto, não tive um pinga de piedade dele. Minhas costas estão cicatrizadas, então nada tira o prazer de vê-lo se contorcendo embaixo de mim. Sei que a espera é excruciante para um príncipe acostumado a ter tudo de mão beijada com um estalar de dedos — e é justamente por isso que trabalho a paciência dele. Para vê-lo se rebaixar ainda mais. Para que ele não seja nada além da personificação do desejo. Não um príncipe, nem um membro da realeza, apenas alguém totalmente investido no momento.

Estamos os dois de pau extremamente duro, e estou prestes a dar a ele o que ele tanto quer. Estive provocando suas coxas, brincando com ele.

— Implora — sussurro em seu ouvido.

Euyun abre a boca, e um grito irrompe de algum lugar fora da mansão.

Nos separamos com um sobressalto e pegamos nossas armas. Eu visto as roupas às pressas, enquanto Euyun faz o mesmo.

Bom, lá se vai o clima.

Em segundos estamos vestidos e corremos para fora, eu com a espada na mão, e Euyun com sua besta. Olhamos ao redor, um na retaguarda do outro, tentando descobrir de onde vem o barulho, mas chegamos tarde demais. Todos os outros já se reuniram. Sora, Ty, Aeri e Royo formam um meio-círculo. Dois guardas da mansão estão de frente para eles com espada na mão, porém abaixadas. Todos estão imóveis, em silêncio. Olho para Euyun.

Isso não pode ser nada bom.

As nuvens se afastam, e a lua ilumina nitidamente o que todos estão encarando. Um homem está de bruços, morto no chão, com uma adaga de arremesso fincada na lateral do seu pescoço, que está cortado pela metade. Então percebo o que ele está usando: uma roupa preta toda estilizada.

Era um assassino do palácio.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

EUYN

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Sinto um arrepio violento percorrer o meu corpo e estremeço em meio ao ar quente da noite. O que um assassino do palácio estava fazendo aqui? Por quem ele estava procurando? Acho que por mim, mas o palácio não deveria saber que estou vivo. Além do mais, não faz sentido um assassino ter sido tão malsucedido.

De repente lamparinas iluminam o lado de fora como se fosse meio-dia. Há tantas fontes aqui — Dal deve ter mandado instalar mais. Os guardas da mansão vasculham a área, mas chegaram tarde demais. Não sei por que se dão ao trabalho. Estão procurando o assassino quando o mais provável é que a pessoa que tenha feito isto esteja bem aqui.

Mikail se ajoelha ao lado do corpo, examinando a ferida. Ele arranca a faca do pescoço do homem e a vira ao contrário.

— Royo, não é uma das suas? — Ele limpa o sangue numa piscininha próxima e depois gira a lâmina para mostrar o cabo.

Faz sentido. Como ele estava de patrulha, deve ter visto o homem. Não sei como conseguiu derrubar um assassino do palácio que estava todo vestido de preto. Esse é o uniforme concedido apenas aos melhores assassinos de Yusan — também chamados de sombras. Os sombras que, além de matar, conseguem mentir e manipular se tornam espíões. O líder desse grupo é o homem que amo.

Mikail aguarda enquanto Royo olha para o cabo.

Royo franze a testa.

— Olha, acho que todas as adagas são meio parecidas, mas não fui eu.

— Como assim? — questiono.

— Eu não matei ninguém.

O vinco na testa dele forma uma ruga ainda mais profunda. Ele continua olhando do corpo para o grupo com suspeita. Royo está falando a verdade — não foi ele.

— Sora veio correndo até mim, e então ouvimos um grito.

Todos olham para Sora. Ela fica constrangida.

— Eu estava com Ty e vimos alguém se mexendo do lado de fora da minha janela. Fui ver quem era, mas antes de ouvir o grito que veio daqui, só vi Royo.

— Você viu alguém do lado de fora e foi atrás da pessoa sozinha? — pergunta

Aeri.

— Ela saiu correndo e eu fui atrás dela — diz Tiyung.

— Onde vocês estavam? — pergunta Royo.

Levo um momento para entender que ele está se dirigindo a Mikail e a mim. Que agora eles acham que pode ter sido um de nós. Olho para Mikail, mas ele nem se abala.

— Você viu a gente na sala de jantar, depois fomos para o meu quarto — explica ele antes de se virar para Aeri. — E você estava onde?

— Trancada no nosso quarto — fala Royo, repentinamente na defensiva. Ele deu um passo à frente, protegendo Aeri com o corpo antes que ela pudesse responder. Ela apenas concorda com a cabeça.

Todos trocamos olhares. Mikail coça a testa.

— Tá, só recapitulando: tem um assassino do palácio morto bem aqui e ninguém o matou? É isso que vocês estão dizendo? — pergunta ele.

Todos ficam em silêncio.

Ele se vira para os guardas da mansão. Os dois parecem ser homens bastante simples. Os nobres de alto escalão têm guardas particulares, mas também guarda-costas para as propriedades deles. Os menos competentes são selecionados para fazer a segurança das casas. Não espero um milagre vindo desses dois aqui.

— O que vocês viram? — questiona Mikail, sem tirar a mão do cabo da espada.

— Nada. Viemos atrás do grito.

Que novidade.

— Entendo — fala Mikail, suspirando.

— Calma. Quem gritou? — intervém Ty.

Ele tem um talento para fazer boas perguntas. Ficamos todos esperando a resposta do guarda.

— Acho que ele — fala o guarda, apontando para o homem morto. — Era a voz de um homem.

Balanço a cabeça. O único motivo pelo qual um assassino gritaria seria se ele tivesse visto a adaga antes que ela o acertasse, se ele estivesse vendo a pessoa que o atacou. O que é perfeitamente possível, considerando o ferimento dele, mas tem seis assassinos aqui e ninguém fez ou viu nada. Ninguém parece estar sujo de sangue. O que só pode significar que alguém está mentindo e encobrindo.

— Esse cara estava atrás de você? — Sora me pergunta.

Respiro fundo.

— Só posso presumir que sim.

Mikail balança a cabeça.

— Não, duvido.

Todos se viram para ele.

— Por que não? — pergunta Royo.

Mikail olha em volta.

— Um assassino do palácio não teria errado. Ele estava aqui por outro motivo.

— Matar um de nós? — Sora aponta para o peito, empalidecendo.

— Não — responde Mikail, olhando para cada um antes de acrescentar —, para *conversar* com um de vocês.

A acusação é séria e recai sobre o grupo como uma névoa densa. Ele quer dizer que alguém aqui está tentando esconder a ligação que tem com o assassino do palácio. Alguém está tentando trair todo o restante, e por algum motivo matou o homem com quem trabalhava.

— E com você não? Um mestre-espião? — Royo aponta para Mikail com o queixo.

— Acho que pode ser qualquer um de nós. Levem ele para dentro. Vamos revistá-lo — diz Mikail para os guardas.

Seguimos de volta para a casa.

— Não vamos encontrar nada — sussurro para ele.

Mikail dá de ombros.

— Provavelmente não, mas é melhor do que ficar discutindo perto dessas fontes.

Ele fala de um jeito tão descontraído que, por um segundo, um milésimo de segundo, eu me pergunto se pode ter sido ele. Royo está certo, Mikail é o mestre-espião. Ele deve lealdade a Joon e, além disso, conhece todos os assassinos do palácio. Talvez Mikail esteja na verdade trabalhando para o meu irmão. Pode ser que ele esteja agindo pelas minhas costas.

Mas não tem como, ele estava na cama comigo. Não é possível.

A não ser que ele tenha mandado outra pessoa fazer o trabalho. A não ser que dois deles — ele e Sora, por exemplo — estejam trabalhando em conjunto. Mas para quê? Não. Só estou sendo paranoico. Ele arriscou a vida por mim diversas vezes. Não é possível que ele me queira morto.

Passo por mais uma fonte e o respingo frio de gotículas me atinge junto de um pensamento: talvez o plano seja me entregar com vida.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

SORA

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

Nos reunimos ao redor de uma mesa, mas desta vez há um cadáver em cima dela. Estamos na sala de caça e não no salão de jantar luxuoso — o que significa que estamos rodeados por morte. Criaturas esfoladas ou intactas estão suspensas nas vigas do alto e há lâminas por toda parte. O ar está pesado com suspiros derradeiros e com o fedor de sangue.

No entanto, acho que estou olhando em volta para evitar encarar o que está bem na minha frente.

O assassino tinha mais ou menos a nossa idade — vinte e poucos — e agora está morto, com um talho bem feio no pescoço. Os criados colocaram lençóis sob o corpo e Mikail tirou as roupas do homem.

O clima anda bem tenso desde que Mikail acusou alguém — ou melhor, todo mundo — de estar em conluio com um assassino do palácio. Entretanto, observar o homem sendo despido é insuportável. Todos estremeeceram ao ver, mas para mim foi ainda pior. Não sei quem este homem era ou por que estava nos espionando, mas sei que se eu tivesse sido pega e morta durante algum dos meus serviços, este seria exatamente o tipo de tratamento que eu receberia. Eu seria arrastada para dentro, despida e colocada à mostra para que inspecionassem meu corpo. Sem dignidade alguma, mesmo na morte. E os mortos deveriam ser respeitados.

Nós o revistamos, mas não há nada para ser encontrado. Não me surpreende — se um dia me pegassem, não encontrariam a mais singela pista comigo.

— Tem uma coisa que não consigo entender. Como você sabe que ele era um assassino do palácio e não um dos homens do conde do leste ou qualquer outra pessoa? — pergunto.

— Porque os assassinos do palácio se vestem de preto dos pés à cabeça quando estão em missão — explica Euyun.

Que estranho. Um código de vestimenta para cometer homicídio. Se bem que eu também sigo um padrão — vestido, perfume e batom envenenado.

— Qualquer pessoa poderia usar camisa e calça pretas, não? — rebate Royo.

— Claro que podia, mas não é o caso aqui — fala Mikail, apontando para as roupas do homem, ao lado do cadáver. — O corte da calça e a costura diagonal

da camisa são muito particulares. Além do mais, a camisa e a calça são parcialmente reforçadas com uma malha de aço. Isso não é lá muito comum.

— Mas por que um assassino do palácio estaria do lado de fora da minha janela? — acrescento. — E por que ele fugiu?

— São as perguntas que precisamos responder. — Mikail cruza os braços, sustentando meu olhar por um segundo.

Nós todos nos entreolhamos. Ninguém diz nada.

— Eu... eu pensei ter visto alguém em Oosant — fala Ty. — Vestido todo de preto.

Todos se viram para ele. Suspiro, porque é tudo que consigo fazer para me impedir de arrancar meu próprio cabelo. Ele não falou nada antes e escolhe *agora*, quando a suspeita de todos está no auge, para dizer alguma coisa. É como se ele quisesse que as pessoas aqui o matassem.

— Por que não disse isso naquele mesmo instante? — pergunta Aeri.

Ele se vira para mim e responde:

— Não sei. Achei que eu podia estar vendo coisas. Ninguém mais mencionou, e foi tão rápido. Tinha tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que eu pensei que podia ter sido só uma sombra.

— O que você viu? — pergunta Mikail, encarando Ty com firmeza. — Seja específico.

Ty passa a mão pelo cabelo.

— Achei que era alguém no terraço da construção ao lado da Mina.

— Quando? — pergunta Mikail.

— Quando fomos embora. Depois de termos ateado fogo no local, olhei para trás e vi um movimento pelo canto do olho. Quando olhei de novo, não tinha ninguém.

O grupo está perplexo demais para falar. Como pode ter havido um assassino observando todos nós em Oosant?

— Meus deuses do céu — fala Euyn.

— Em Oosant — murmura Mikail.

— Eu podia estar vendo coisas — reforça Ty. Todos o observam. Ele tenta retirar o que disse, mas com um assassino à nossa frente, é improvável que estivesse apenas imaginando uma sombra.

— Vai ver foi seu pai que mandou ele — fala Aeri.

Ela lança a acusação com muita tranquilidade, mas soa como um tiro. De repente, sinto vontade de defender Ty, mas não posso. Não dá para descartar a possibilidade do que Aeri está sugerindo, conhecendo Seok.

Ty fica vermelho.

— Por que ele faria isso?

— Talvez ele seja comparsa do rei — diz ela. — Ou quem sabe para te observar e proteger. Sei lá. Só estou tentando entender o que pode ter acontecido.

Ty é o único herdeiro do conde e Seok ia querer garantir que ele permanecesse vivo, embora um assassino do palácio preste contas apenas à coroa. Só que a questão é: o mesmo serve para Mikail. Pelo Reino dos Infernos. Pode ter sido

qualquer um deles, menos Royo. Estávamos olhando um para o outro quando ouvimos o grito.

— De onde você é, Aeri? — pergunta Ty, ríspido.

Ela parece ofendida e arregala os olhos.

— De Saylee.

É uma cidade no nordeste, não muito longe de Inigo, onde nasci. Faz sentido. Ela tem a pele pálida, assim como Royo e eu.

Royo semicerra os olhos para ela.

— Então, por que estava em Umbria?

— *Nasci* em Saylee, mas moro em Pyong há sete anos.

Pyong fica no sudoeste de Umbria. Próximo ao sopé das Montanhas de Khakatan. Eu sei quais são todas as cidades na fronteira de Khitan de cor e salteado, é claro.

— Lar do maior distrito de joias de Yusan — comenta Mikail. — Foi lá que eu a vi furtando um diamante que valia cinquenta mil. E assim eu soube que ela seria perfeita para a missão.

— Se você a pegou com tanta facilidade, por que acha que ela está apta a fazer esse trabalho? — pergunta Ty.

— Porque ela não tinha como saber que eu estava observando. Eu estava lá para espionar outra pessoa e por acaso acabei a vendo.

Essa história me parece conveniente demais. Foi Aeri quem desapareceu em Caprícia. Ela disse que tinha ido mandar uma carta para o pai, mas talvez tenha dado uma escapada para se encontrar com o assassino. E se estivermos sendo seguidos esse tempo todo?

Mas por que matar este homem se ele a estava protegendo? Não faz sentido.

— Então, no momento, todos suspeitamos uns dos outros, certo? — Aeri ergue uma sobrancelha. — Aquela camaradagem toda já era?

O silêncio recai sobre a sala.

— Acho que não estamos falando o suficiente sobre este cara aqui — Royo gesticula para Mikail com a mão marcada pela cicatriz —, que é um espião da coroa que estamos tentando tomar, e que é justamente quem arquitetou tudo isso.

O grupo olha para Mikail, mas ele apenas dá de ombros.

— Podemos falar sobre mim, se quiserem, mas eu estava com Euyn quando ouvimos o grito. Além do mais, eu não teria sido descuidado a ponto de fazer barulho ao matar alguém.

Todos assentimos com a sua fala, e sinto um aperto no coração.

Então voltamos à estaca zero: não foi ninguém. Talvez seja esta a questão.

— E se tudo isso foi uma armação do conde do leste? — sugiro.

— Dal? — pergunta Euyn.

— Só ele sabe que estamos aqui — digo, pensando em voz alta. — E, convenientemente, ele não pôde estar aqui hoje à noite.

— Mas pra que ele faria isso? — pergunta Royo.

— Para causar isto aqui — digo, apontando para nós todos. — Semear dúvida

para que a gente fique uns contra os outros mais facilmente. Ou só para descobrir quais são nossas lealdades. Aposto que os criados estão lá fora ouvindo nossa conversa. Eles devem estar passando informações sobre nós para ele desde que chegamos.

Todos olham ao redor. Aeri está com os olhos arregalados. Ty respira fundo, provavelmente por saber que condes são capazes de tudo. Royo ainda está encarando Mikail, que mantém uma expressão indiferente. Euyn e eu parecemos ser os únicos realmente tentando entender quem é este homem e por que alguém o matou.

— Acho que saberemos mais sobre isso amanhã, dependendo de como Dal vai se comportar — comenta Euyn.

Mikail assente.

— Vou mandar os criados queimarem o corpo e enterrarem as cinzas.

Euyn o olha de soslaio. É o que precisa ser feito, mas queimar o corpo também impede qualquer outra pessoa de examinar o assassino. E enterrar as cinzas é exatamente o que Seok costumava fazer.

De repente, me pergunto se a conexão entre eles se estende para além desta missão.

CAPÍTULO SESSENTA

MIKAIL

CIDADE DE ASEYO, YUSAN

O dia tem sido bastante tenso. Cada um de nós permaneceu com o próprio par — Sora e Tiyung, Aeri e Royo, Euyun e eu. No entanto, nos encontramos na sala de jantar para a ceia com o conde.

Royo parece verdadeiramente desconfortável no terno novo. Aeri está com um vestido azul que reluz como água — aposto que ela mandou fazer hoje. Sora está novamente com um vestido deslumbrante, desta vez amarelo. O cabelo longo dela está trançado e repleto de joias caindo sobre um dos ombros. Ty está vestindo o casaco nobre dele, mas sem a cartola idiota. O casaco vermelho-imperial de Euyun cai à perfeição nele — este tom de vermelho só pode ser feito e utilizado por membros da realeza. Depois que Euyun foi exilado, precisei roubar alguns dos pertences dele que estavam no Palácio de Qali, para caso um dia ele pudesse retornar. Levei tudo comigo na jornada.

Nos sentamos à mesa, com Euyun ocupando o lugar da ponta. Apesar de a casa pertencer a Dal, Euyun está em um posto mais alto na hierarquia por ser príncipe — ainda que, tecnicamente, ele esteja morto. A cadeira à direita de Euyun fica vazia, aguardando o conde e eu estou à esquerda. Uma variedade de pratos pequenos já está disposta, mas a cozinha está aguardando a chegada de seu mestre para servir as entradas. O chefe dos criados disse para começarmos a comer o banchan, porque o conde poderia se atrasar, mas ninguém está comendo muito.

Ao contrário de ontem, ficamos em silêncio enquanto os criados nos servem. Sem risadas, sem anedotas. Apenas suspeita.

Dez minutos se passam, depois vinte, o que faz com que todos se sintam ansiosos. Já passamos do período em que um atraso de Dal seria considerado elegante, o que significa que alguma coisa está errada.

Três minutos depois, um mensageiro entra às pressas. Nos viramos para ele enquanto ele faz uma reverência a Euyun. Em seguida, se ajoelha com uma bandeijinha de prata estendida, sobre a qual há um único cartão, que sem dúvida contém uma mensagem de Dal.

Euyun pega o papel e fica boquiaberto. Ele joga o papel na mesa.

Pelo brilho das estrelas, o que foi agora? Seguro o cabo da espada com firmeza.

Estamos todos em silêncio. Euyun leva a mão à boca, o rosto pálido. Ele puxa a

barba de um jeito que parece doloroso. Estendo o braço e pego o cartão. A mensagem não é de Dal, mas sim do chefe dos criados da mansão dele em Tamneki.

Leio o recado e de repente tenho a impressão de estarmos naquela caverna em Fallow de novo — sem saber como vamos sobreviver, o que vai acontecer agora, o que nos aguarda. Só que desta vez tem um grupo de pessoas esperando que eu aja.

Pigarreio.

— O conde do leste está morto.

Arquejos e suspiros ecoam pela sala. Royo acidentalmente quebra a haste de sua taça de vinho.

— Como? — pergunta Euyun ao mensageiro.

— Ele sofreu um ataque cardíaco quando estava na mansão, Vossa Alteza. O corpo do mestre acabou de ser encontrado. A mensagem foi enviada pelo correio-água.

Então... com certeza não foi um ataque cardíaco. Muitos estrangulamentos podem parecer como tal desde que ninguém olhe muito de perto. Eu suspeitaria de Sora, mas um bate e volta a Tamneki levaria dezesseis badaladas. Ela não teve tempo para isso, já que a vi pela manhã. A morte de Dal, no entanto, é uma surpresa muito desagradável. Vou descobrir quem o matou, mas já sei de quem partiu a ordem. Joon está com a mira nele faz tempo. Não é bem uma surpresa, mas o momento em que aconteceu é. Preciso voltar a Qali e contar a eles, senão estaremos todos arruinados.

Euyun manda o mensageiro embora e dispensa todos os criados da sala de jantar. Com certeza há espiões escondidos, mas isso não importa agora. O conde estava envolvido nos nossos planos.

— O que fazemos agora? — pergunta Sora numa voz baixa.

— Cancelamos a missão? — pergunta Aeri quase ao mesmo tempo.

O silêncio se espalha pela sala à medida que cada um considera suas opções. Olho ao redor da mesa.

— Não sei como podemos continuar agora... — fala Ty.

Euyun coça a barba.

— Eu também não.

— Quem sabe num outro momento... — diz Sora, virando a trança repetidas vezes. Ela não costuma brincar com o cabelo, mas acho que é uma forma de esconder o quanto está trêmula. Ela não tocou no assunto, mas eu percebi. Assim como reparei que Aeri está parecendo cansada em vez de radiante.

— Talvez com um plano diferente... — diz ela. — Precisamos parar. Não dá para seguir com o plano atual.

Não. Eles querem abandonar o navio agora, mas chegamos longe demais para voltar atrás. Euyun vai morrer ficando em Yusan, e não é como se pudéssemos mandá-lo de volta para Fallow. Não foi nada fácil rastreá-lo pelos últimos três anos — passar dia após dia sem saber se eu acabaria recebendo a notícia de que ele tinha morrido. Eu já me esforcei demais e tem muita coisa em jogo para que

este plano vá pelo ralo por causa da morte de um homem.

— O plano segue o mesmo — declaro, falando mais alto do que eles. — Nós só precisamos encontrar outra maneira de apresentar Sora ao rei. O conde do norte estará na comemoração. Podemos usá-lo.

Ewyn faz uma careta.

— Bay Chin tem setenta anos.

— E desde quando a idade impediu homens de ter jovens cortesãs? — pergunto.

Ewyn dá de ombros, olhando para o lado. Ele reconhece a verdade da constatação.

— Bay Chin está com a gente? — pergunta Royo.

— Ele não se comprometeu — minto. — Mas não vai se opor a conhecer uma bela mulher. Podemos usá-lo sem que ele saiba.

Bay Chin foi bem claro quando exigiu que ninguém soubesse que foi ele quem orquestrou este plano, então não contei a ninguém. Nem mesmo Rune acha que ele está envolvido. Levando em consideração o que aconteceu onze anos atrás, não culpo Bay Chin, mas agora estamos sem opções.

Mais uma vez o silêncio recai sobre o cômodo. Todos estão pensando em maneiras de largar a missão. Só que agora é o momento de atacar, e não consigo fazer isso sem eles. Quero dizer, sem alguns deles. Temos alguns pesos mortos entre nós.

— Mikail, eu não sei... — diz Aeri. — Vai ver é melhor a gente...

Bato a mão na mesa. Todos se assustam como crianças — exceto Sora.

— Sei o que a missão significa para mim. Sei o que ela significa para Ewyn. Mas não posso falar pelo restante de vocês. Talvez deversem ponderar sobre o que os trouxe aqui.

Os cinco ficam calados, como as pessoas geralmente fazem diante de escolhas impossíveis. No entanto, seguir em frente é a única forma de sairmos disso.

Sora encara o prato vazio.

— Se o rei morrer, minha irmã é liberta. Estou com você, Mikail.

— Vou com Sora — anuncia Ty. Eles trocam um olhar significativo.

— Estou aqui para proteger Aeri — diz Royo. — Mas Ewyn tem minha lâmina. Se ele topa, estou com você.

Ewyn olha nos meus olhos e assente.

Só falta Aeri. Ela olha para Royo, depois balança a cabeça.

— Eu...

— Vamos encontrar outra maneira de matar o rei sem você — digo, fingindo desdenhar. Preciso me manter calmo, senão os outros vão sair correndo como ratos em um naufrágio. — Você não é a única ladra de Yusan, e não podemos mudar de rumo agora. Precisa ser no Campeonato Milenar. Não temos como saber quando Joon vai deixar a segurança do palácio após o término das festividades. Pode levar anos. E, até hoje, nunca houve uma tentativa de assassinato bem-sucedida no Palácio de Qali.

— Nunca? — pergunta Sora.

— Há apenas uma suspeita, mas nunca foi comprovada — respondo.

Euyun me encara, confuso. É verdade — nunca contei a ele da minha suspeita de que Joon tenha matado o pai. Não era primordial para a missão, ainda mais tendo sido um serviço interno. Eu até contaria a ele agora, mas seria apenas uma distração. E, sinceramente, que diferença faz um segredo a mais ou a menos entre nós dois?

— Aeri, eu te dei uma opção em Pyong. Coopere com a gente e ganhe uma fortuna, do contrário está livre para ir embora — eu a relembro.

Entretanto, espero que ela esteja conosco, porque não sei como faríamos isso tudo sem ela. Todos nós conseguiríamos matar um homem, mas apenas uma de nós tem a força e a destreza para tirar a coroa de Joon e torná-lo mortal. O papel dela é o mais importante.

Ela olha ao redor da mesa, depois assente devagar.

— Estou com vocês.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

AERI

CIDADE DE AEYO, YUSAN

Preciso levar o plano adiante, mas não quero. Tentei diversas vezes fazer com que todos reconsiderassem, mas eles toparam continuar com a missão. Eu me recusaria, mas não tenho escolha. Sem mim, eles não conseguiriam, e falhar resultaria na morte de todos eles. Pelo menos comigo o grupo tem a chance de sair com vida. Sem falar no fato de que eu preciso deste trabalho.

Ainda assim, queria poder convencê-los a abandonar a missão. As coisas estão mudando rápido demais, e o mais inteligente a se fazer seria adiar o plano até que possamos nos recompor. Não acredito nem por um segundo que o conde do leste simplesmente teve um ataque cardíaco hoje. E seria por meio dele que teríamos acesso ao rei. Nossos caminhos estão sendo bloqueados e ainda assim Mikail se recusa a alterar o plano. Ele quer Euyin no trono, e as vontades dele falam mais alto que a razão.

Royo e eu voltamos para as suítes depois do jantar. É uma caminhada silenciosa até o quarto. Vamos passar a noite aqui e partir de manhã para Tamneki. Se é que vamos amanhecer vivos.

Só mais dois dias. Em menos de dois dias, tudo isto terá acabado.

Eu não esperava estar tão dividida. Não achava que estes assassinos, este círculo de mentirosos, estariam dispostos a arriscar a própria vida para me proteger, ou que eu mesma faria isso por eles. Eles gostam de mim simplesmente por eu ser quem sou — isso nunca tinha acontecido.

No entanto, esta camaradagem é temporária. Completar a missão significa que cada um de nós vai seguir o próprio caminho. E o mais importante é que vou recuperar a aprovação do meu pai. Nunca mais vou ter que roubar, nunca mais terei que ficar sozinha. Vou ter um lar, uma casa de verdade. E, sim, ainda precisarei ser quem meu pai quer que eu seja, mas por que não mudar por alguém que se ama?

Então, acho que minhas vontades também falam mais alto do que a razão, porque quero Royo, e no fundo sei que meu pai jamais o aprovaria. Não quando ele descobrir que Royo não passa de um capanga. Em dois dias ele terá que ficar no passado.

No entanto, isso não me parece possível. Sinceramente, só de pensar fico

abalada. A ideia de nunca mais vê-lo me faz sentir como se gelo percorresse as minhas veias e como se um vazio se espalhasse pelo meu peito. Não deveria precisar escolher. Meu pai é sangue do meu sangue, mas Royo me salvou, e eu o salvei. Tem algo muito profundo nisso.

Solto um suspiro.

— O que foi? — pergunta Royo.

— É só que... nada.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É, é bem sua cara mesmo não querer falar.

Sorrio a contragosto. Ele foi minha maior surpresa nesta missão.

— Eu gosto de você — digo.

Um lampejo de emoções passa pelo rosto dele, de uma alegria inocente ao arrependimento, e depois ele desvia o rosto.

— Não deveria.

Ele é o homem mais perturbado e interessante que já conheci. Porém, Royo tem razão — eu não deveria mesmo gostar dele. Só que isso não importa, porque eu gosto.

— Queria que a gente pudesse ficar aqui para sempre — falo.

Royo evita meu olhar a todo custo. Ele abre a boca. Os lábios dele são tão bonitos. Como eu nunca percebi isso?

— Você ficaria comigo para sempre? — pergunto.

O corpo dele fica paralisado, então pego a mão dele em um gesto brincalhão. Abro um sorriso e pisco para ele várias vezes, ignorando o aperto que sinto no peito.

— Tem fontes demais — responde Royo enfim, e depois o olhar dele encontra o meu.

Tenho a impressão de que meu coração vai explodir para fora do peito, porque algo na expressão dele me diz que sim.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

ROYO

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Nós seis chegamos à capital. Estamos hospedados na Estalagem das Fontes — mais um lugar chique, cheio de mármore, fontes e a porra toda. Nunca vi coisa igual, esta região parece ser obcecada por água. É mais luxuosa do que as casas dos mercadores ricos de Umbria, que já não são pouca bosta.

Com a celebração milenar marcada para amanhã, todas as pousadas já estavam lotadas fazia um ano, mas Dal conseguiu quatro suítes para nós. Acho que ser o dono de uma cidade inteira tem seus benefícios. Se bem que isso não o impediu de ser assassinado. O momento foi propício demais para ter sido um ataque do coração, mas parece que só a gente percebe isso.

As bandeiras em Tamneki estão erguidas a meio mastro e todos estão usando braseadeiras pretas como símbolo de luto pela morte do conde. Na prática, todo mundo só está seguindo com a própria vida. Fico me perguntando se vai ser a mesma coisa quando houver um novo rei. Minha aposta é que sim. Quando você é servo ou plebeu, não faz muita diferença quem está no comando. Que a nobreza de nariz empinado e os altos escalões se preocupem com isso. Só me importa por causa de Hwan. E agora de Aeri também. E Euyun.

Ela é importante para mim, não dá mais para negar.

Repassamos o plano nos mínimos detalhes durante o caminho até Tamneki. O jogo é amanhã à tarde, às cinco badaladas. Deve acabar lá pelas oito badaladas, com um time perdedor e, espero eu, um rei morto também. Até o fim do dia de amanhã, tudo isso vai ter acabado. Euyun vai estar no trono, ou estaremos todos mortos ou trancafiados na Prisão do Ócio.

Nenhuma das possibilidades me deixa confortável, mas estou aqui pela minha força, não pela minha inteligência. Com a morte de Dal, todos têm focado em como vamos conseguir levar Sora a conhecer o rei. Deixaram totalmente de lado a morte do assassino do palácio e seguiram em frente. Menos eu.

— Royo, não faz sentido ter sido Mikail — fala Aeri com um suspiro. Ela está sentada no sofá, lendo um livro que roubou da mansão em Aseyo. Ela disse que Dal não daria falta, o que foi tão mórbido quanto engraçado.

— Bem, *alguém* o matou, certo? E Mikail é espião da coroa.

Aeri não aguenta mais essa conversa. Já toquei no assunto do assassino do

palácio e das minhas teorias a respeito disso quatro vezes. Nem na primeira vez ela demonstrou interesse.

— Estou com fome — fala ela. — Vamos encontrar os outros para jantar.

Ela se levanta e sai do quarto.

Parece que a merda da conversa está encerrada, então.

Se bem que já são oito badaladas e meu estômago está roncando. Ela tem razão. É a badalada do jantar.

Seguimos pelo corredor até o quarto do canto. Bato na porta da suíte de Mikail e Euyn.

— Quem é? — pergunta Euyn.

— Somos nós — respondo.

Trinta segundos se passam. Ouço coisas se mexendo atrás da porta. Aeri e eu nos entreolhamos. Por fim, Euyn abre a porta alguns centímetros, com uma besta apontada para fora. Eita. Que porra é essa? Dou um passo para trás. Nós dois levamos as mãos ao alto, e eu vou para a frente de Aeri, protegendo-a.

No entanto, Euyn não atira. Em vez disso, olha com suspeita para o corredor — à esquerda, à direita, depois de volta para mim. Ele então gesticula para entrarmos depressa. Entramos, apesar de eu estar achando isso tudo muito estranho. Olho ao redor da suíte enorme me perguntando se ele está protegendo algo ou alguém aqui, mas está sozinho.

— Cadê o Mikail? — pergunto.

— Foi resolver umas coisas. Deve voltar já, já.

Sinto minha testa se franzindo. Que coisas são essas que Mikail precisa resolver às oito badaladas da noite? E então eu percebo: Euyn também não sabe. Vai ver é por isso que está tão paranoico.

— Onde estão Sora e Ty? — pergunto.

— Cada um no seu quarto, eu acho — responde ele. — Eu até iria verificar, mas... — Ele começa a vagar, andando de um lado para o outro com a besta carregada.

— Tudo bem — digo. — Depois dou uma olhada.

— Nós vamos jantar? — pergunta Aeri.

— Eu não posso — responde Euyn. — Vocês todos podem ir.

Acho que aprendemos bem nossa lição quando nos separamos para jantar em Oosant.

Ele percebe a minha expressão.

— Ou podemos só mandar um criado buscar comida para nós — propõe. — O terceiro arco tem vários restaurantes excelentes.

Estamos no quarto arco, formado por estalagens de um lado e casas de prazer do outro. Não entendo por que tantas pessoas frequentam casas de prazer. Fui uma vez porque uma garota do lado de fora era parecida com Lora, mas eu sentia tanto a falta dela que não soube o que fazer. Não era Lora. A mulher não tinha o mesmo cheiro, toque ou tom de voz. Saí de lá me sentindo ainda pior do que quando tinha entrado. A maior parte dos trabalhadores das casas de prazer são drogados com laoli para conseguir suportar as noites de trabalho. Talvez seja

diferente aqui na capital, mas acho que não. A maioria dessas pessoas está aqui por escrituras de obrigação, independentemente de onde estejam.

— Está bem, vamos lá ver o que Sora e Ty querem — diz Aeri.

Eu me viro para ir com ela.

— Não seria má ideia fazermos nossa última refeição juntos. Mas aqui — comenta ele. — Neste quarto.

Aeri olha para mim. O jeito como ele falou de essa ser nossa última refeição foi esquisito. Sem falar que essa paranoia generalizada dele é bizarra pra caralho. Mas sei lá também. Eu não sou um príncipe que tem uma recompensa pela própria cabeça rolando pelo país. E, de fato, depois de amanhã, cada um vai seguir o próprio rumo. Só não tenho certeza de que foi isso que ele quis dizer.

Vamos até o outro lado do corredor e batemos na porta de Sora. Ty atende a porta, corado e com o cabelo desgrenhado. Exceto no dia em que teve o nariz quebrado, eu nunca o tinha visto em um estado menos que impecável. Por um momento, penso que viemos ao quarto errado, mas não, ali está Sora, perto da janela.

Acho que interrompemos alguma coisa. Momento superoportuno.

— Vamos pedir alguma coisa para o jantar e comer com Euyn e Mikail — digo.

— Ah, está bem — fala Sora. — No quarto deles?

— Sim, daqui a cerca de uma badalada.

Ela concorda.

Fecho a porta.

— Nossa... isso foi constrangedor — comenta Aeri.

Rio e depois finjo ter sido uma tosse. Ela não se deixa enganar.

Estamos prestes a descer as escadas quando Mikail aparece e sorri de maneira espontânea.

— Estavam me procurando? — questiona ele.

É uma pergunta inteligente. Ele quer saber se já fomos ao quarto de Euyn. Se sabemos que ele saiu e não contou a ninguém aonde foi e por quê.

Faço que sim.

— Vamos pedir comida.

— Ótima ideia. Peça para colocarem na conta dos nossos quartos, mas dê uma boa gorjeta ao rapaz, assim os pratos vão chegar quentes. Ou eu posso ir atrás do criado. O que preferirem.

Ele está falando de um jeito tão tranquilo. Na verdade, Mikail é tranquilo em todas as situações — matando homens no armazém, encontrando o assassino morto, descobrindo sobre a morte do conde do leste... Acho difícil que seja por simplesmente não se importar. Então qual é a desse cara?

— Aonde você foi? — pergunto.

— Fui resolver os últimos preparativos para amanhã. — Ele se interrompe e faz questão de olhar ao redor, o que significa: estamos numa estalagem pública. — Pode me fazer mais perguntas quando estivermos todos reunidos.

Mikail segue até o fim do corredor e bate duas vezes na porta antes de Euyn

abrir. Ele olha para nós por cima do ombro.

— Procura a Sal & Costa e pede para eles mandarem tudo o que tem no cardápio.

Com isso, ele some para dentro do quarto.

Esse cara é suspeito demais para o meu gosto, e eu decididamente não pretendo arriscar a vida de Aeri confiando nele.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

SORA

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Não consigo decidir se o momento que Royo e Aeri escolheram para aparecer foi péssimo ou perfeito. Eu estava passando as mãos pelo cabelo de Ty, prestes a beijá-lo, mas não tenho certeza se um beijo meu é tóxico — mesmo sem os batons envenenados.

Seok disse que sim — que fui exposta a uma variedade de venenos tão ampla que meus fluidos corporais provavelmente são venenosos. Porém, se isso for verdade, quer dizer que nunca poderei ter intimidade com ninguém. Que Seok também tirou o amor e a paixão de mim, assim como todo o resto.

A fúria me domina, incandescente feito metal derretido. Juro que vou tirar tudo daquele homem. Quase tirei o filho dele sem querer agorinha mesmo.

Quanto mais próximos estamos do dia de amanhã, mais eu me afasto da lógica e da razão. Afinal, que diferença faz agir de forma imprudente, por exemplo, desejando o filho do meu inimigo, quando provavelmente vamos todos morrer? Eu só queria sentir. Queria sentir qualquer coisa que não fosse pavor, medo e tristeza. Qualquer coisa que não fosse preocupação, dor, culpa ou desesperança. Eu queria me sentir amada e Ty disse que me ama. Eu quis acreditar nisso e depois eu quis sentir. Sem me importar com as consequências. Pelo visto, assim como o luto, o desejo pode nos levar a um total descaso com o futuro.

Então, Royo e Aeri bateram na porta e nós nos afastamos com um sobressalto. Tentamos agir com naturalidade, mas acho que não conseguimos.

Ainda preciso roubar a coroa, mas não estou mais perto de descobrir como fazer isso do que quando eu estava em Rahway. E só tenho mais um dia. Meu tempo está se esgotando, porém não posso simplesmente desistir.

— Sora, no que está pensando? — pergunta Ty.

Volto a me concentrar nele. Eu me esqueci de que ele ainda estava no quarto. Ty me observa com o olhar firme e estou prestes a fazer a coisa mais imprudente em que consigo pensar: confiar em Tiyung.

Ele disse que faria o que fosse preciso para me ajudar e estou prestes a colocar isso à prova.

Dou um passo até ele.

— Preciso da sua ajuda.

— Está bem — responde ele.

Respiro fundo, porque este pode ser um tiro espetacular pela culatra, e a culpa vai ser toda minha, mas não vejo alternativa. Sozinha eu não vou conseguir. Não consigo nem chegar a uma solução por conta própria.

— Preciso arrumar um jeito de pegar a coroa de Aeri antes que ela esteja na cabeça de Euyn.

Ty me olha atônito, abrindo a boca e depois a fechando.

— Vou precisar que me explique isso um pouco melhor. A coroa? Está falando da coroa de Yusan?

Faço que sim.

Ele estreita os olhos, balançando levemente a cabeça.

— Mas eu não entendo... A coroa não vai te dar o trono. Não somos da família Baejkin e o país só pode ser reinado por eles. Foi esse o decreto do Lorde Dragão.

— Eu sei. Não quero o país, nem o trono. Mas você ouviu o que disseram em Rahway. A coroa torna quem a usa imortal. Preciso levá-la até Gain e entregá-la a Daysum.

Ty fica confuso.

— O quê? Por que sua irmã precisa ser imortal?

— Porque ela está morrendo.

Ele respira fundo, depois franze e coça a testa.

— Tem certeza?

Suspiro.

— Não sei. Ela parecia um pouco corada e ofegante quando a vi da última vez, mas não pude perguntar nada, porque ela é muito sensível em relação à própria saúde. Eu não queria fazer com que ela ficasse chateada, então não comentei nada durante a visita. Mas quando nossa badalada estava quase terminando, ela sussurrou que acha que está morrendo. Não... não era para eu ter ouvido.

— Meu pai não falou nada sobre isso.

Dou de ombros.

— Por que ele falaria? Ela é o meio pelo qual ele consegue me controlar. Quer dizer, ela e minha escritura. Mas nós dois sabemos que eu arriscaria fugir se não fosse pela minha irmã.

Ty balança a cabeça e me lança um olhar sério.

— Sora, eu já queimei a sua escritura.

— O quê? — arquejo. Agora quem fica paralisada e perplexa sou eu.

— Queimei a escritura antes de partirmos de Gain.

— Por quê? Por que você faria uma coisa dessas?

— Eu falei para você. Eu te amei a vida inteira. Foi a primeira vez que tive sua escritura em mãos. Você sabe que meu pai esconde a sua e a de Daysum. Se eu tivesse encontrado a da sua irmã, teria queimado também. Mas não consegui achar.

Balanço a cabeça e não consigo parar. Não parece possível que eu esteja livre. O acordo era que ele só queimaria minha escritura quando o rei estivesse morto. Estremeço ao pensar no que o conde faria comigo se eu o desobedecesse assim. Provavelmente me mandaria um pedaço do corpo de Daysum.

— Eu devia ter encontrado e destruído as duas escrituras há muito tempo, Sora — diz ele. — Mas não fui corajoso ou esperto o suficiente. Me desculpe por isso. Nunca fiz nada para deter meu pai e tenho tentado compensar.

Não consigo nem processar o pedido de desculpas dele.

— Por que não me contou?

— Achei que... — Ele expira, fazendo uma pausa. — Primeiro eu achei que você poderia usar isso contra mim de alguma forma, considerando o quanto me odiava. Sinto muito, não confiei em você. Quando tentei contar, você estava chorando. E então vim até aqui revelar, mas... — Ele aponta para a janela.

Ah, sim. O momento em que quase nos beijamos.

Cambaleio para trás e me sento à beira da cama, sentindo o peito doer enquanto busco compreender tudo o que ouvi.

— Estou livre.

Legalmente. Há um documento arquivado com o magistrado, mas não é o bastante para reforçar minha obrigação perante uma corte. É preciso o certificado de escritura, assinado por ambas as partes e o magistrado. Portanto, agora não pertencço mais a Seok, mas com Daysum ainda na palma da mão dele, não estou mais livre do que estava um segundo atrás. Se ela morrer, serei livre, mas de que me adiantaria a liberdade nesse caso?

Agarro a colcha.

— Não sei como salvá-la, Ty. — Meus ombros cedem com o peso dessa constatação. O desespero me atormenta, tentando tomar conta de mim a todo momento. Estou tão cansada de lutar contra isso.

Ele se aproxima.

— Eu sei, Sora. Mas se você pegar a coroa, eles *vão* te matar. Seja Mikail, ou os assassinos do palácio, não sei. Mas você não vai sobreviver.

— Não me importo.

Ele suspira, seu semblante sério.

— Eu sei que não, mas você não está pensando em como seria a vida de Daysum se a irmã dela morresse. Além do mais, mesmo que não possam matá-la se ela estiver usando a coroa, podem facilmente tirar da cabeça dela. Ela ainda seria apenas uma garota e não um rei com uma guarda do palácio para protegê-la o tempo todo. Ela morreria logo depois de você.

Cubro o rosto com as mãos. Ele está certo. Eu não tinha pensado direito. Eu não tinha pensado em nada. Então, o que eu faço agora?

Queria muito acreditar que, se eu tivesse a coroa em mãos, todos os meus problemas estariam resolvidos. Da mesma forma como me convenci de que eu poderia envenenar homens o suficiente para um dia nos libertar.

Quando menos espero, sinto a mão de Ty nas minhas costas. Meu corpo fica tenso com o toque da palma dele, mas depois percebo que gosto da sensação, da

forma como ele esfrega minhas costas em círculos, com delicadeza.

— O que eu faço? Não posso simplesmente desistir.

Ele coloca o polegar embaixo do meu queixo e ergue meu rosto.

— Colocamos Euyun no trono como planejamos, e depois você traz Daysum para o palácio. Qali tem os melhores curandeiros do país.

— Talvez isso não seja o suficiente.

— Precisamos tentar.

Olho para o lado. Sei que ele tem razão, mas ainda não quero desistir. Não quando existe algo que eu *sei* que pode salvá-la.

— Um passo de cada vez — aconselha ele. — Mate o rei, consiga a liberdade de sua irmã e então nos preocupamos com o que vem em seguida. Considerar tanta coisa sob o peso de tudo que está acontecendo agora é demais.

Fecho os olhos por um instante.

— Ainda assim sinto como se estivesse falhando com ela.

Ele se inclina para se nivelar à altura dos meus olhos. Eu me dou conta de que gosto disso. Gosto de conseguir conversar com ele. Gosto *dele*.

— Seja gentil consigo mesma — diz ele. — Não conheço ninguém que ame tanto a irmã quanto você. Não conheço ninguém que já tenha feito tanto.

Franzo os lábios.

— Você quer dizer que já tenha matado tanto.

— Quero dizer que você se sacrificou por ela inúmeras vezes.

Balanço a cabeça.

— Não passo de uma lâmina.

— Você é feita de aço. — A voz dele reverbera pelo quarto. — Mas é muito mais do que isso.

Minha respiração falha.

Ele desvia o olhar. Tiyung não está acostumado a poder me elogiar tanto, assim como eu não estou acostumada a me abrir com ele.

— Cada dia em que você não fugiu para Khitan foi um dia que você deu a ela.

Sorrio lentamente. É claro que ele sabia que eu queria tentar chegar a Khitan, onde escrituras são inválidas e proibidas por lei. Nosso vizinho ao norte não é lá grande coisa, mas pelo menos existe a promessa de liberdade para os yusanianos que conseguem atravessar as Montanhas de Khakatan. A fronteira marca a diferença entre uma vida livre no norte congelante e o encarceramento ou a morte em Yusan. Segundo o decreto real, súditos de escrituras não têm permissão para deixar o país sem estarem acompanhados por seus mestres. Podemos ser executados no mesmo instante até chegarmos à segurança fornecida pela travessia das montanhas.

— Se o rei sobreviver, o que vai acontecer com você? — pergunto.

Ty faz uma careta, mas endireita a postura.

— Ele não vai sobreviver, Sora. Você vai conseguir, e você e Daysum serão livres.

Ele fala com tanta convicção que não tenho outra escolha a não ser acreditar

nele.

Então ouvimos outra batida na porta. Royo e Aeri devem ter voltado com o jantar.

Ty estende a mão para me ajudar a levantar da cama, e desta vez eu aceito.

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

EUYN

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

—Você precisa ficar calmo — diz Mikail do sofá. — Eu amo sua paranoia, mas isso já é um pouco demais, até para você.

Paro de andar de um lado para o outro e o encaro — belo e tranquilo como sempre. Mikail está sentado com o braço jogado por cima da almofada, sem uma mísera ruga de preocupação.

— Aonde você foi? — pergunto.

— Já disse: fui fazer os últimos preparativos para amanhã.

— E o que isso quer dizer?

Quero saber se estou caindo em uma armadilha. Se todos nós estamos. Mas não é como se ele fosse me contar. Desde que voltamos da capital ele tem sido evasivo, mais até do que o normal.

— Você quer me perguntar alguma outra coisa? — Os olhos azul-esverdeados de Mikail me analisam, com uma expressão indecifrável. — Você quase nunca se preocupa com os detalhes de como o trabalho sujo vai ser feito.

Respiro fundo. É melhor desembuchar de uma vez.

— Você está armando para a gente?

— Não.

Eu o encaro, procurando um sinal de honestidade no semblante dele, tentando desvendar uma mentira em seus olhos, em sua boca. Desisto. Nem sei por que perguntei. Não é como se eu conseguisse perceber quando ele está mentindo. Por mais que eu tenha começado a gostar dos outros, não confio neles também. Alguém deve estar passando a perna na gente. Pelo menos uma pessoa. Ou vai ver estão todos envolvidos numa trama contra mim.

— O que aconteceu com o assassino do palácio? — pergunto.

— A gente já não discutiu isso? Nenhum de nós sabe ao certo. Só pode ter sido um deles, mas obviamente ninguém confessou nada.

Ele tem razão, é claro. Todo mundo disse que não sabia ou que não tinha feito nada. A pessoa com o álibi mais fraco é Ty. Se ele tivesse um assassino por perto, para garantir a segurança dele, isso explicaria como ele escapou lá em Oosant. Por outro lado, também foi ele quem nos contou ter visto alguém no terraço no distrito de armazéns, e chamar nossa atenção para esse fato não faz sentido

nenhum. A menos que seja para nos distrair. Mas por que ele mataria o assassino? Por que arriscaria ficar desprotegido ao seguirmos para Tamneki?

— Por que você não está mais preocupado? — Minha voz irritada ecoa nas paredes, mais estridente do que eu pretendia.

Mikail arqueia as sobrancelhas.

— Porque, no fim das contas, foi a própria pessoa que traiu o assassino, e não a gente. Não sabemos se o homem era um traidor da coroa e não é como se pudéssemos sair perguntando no palácio.

— Não deveríamos arrancar a verdade deles? — Bato as mãos na coxa, sentindo a frustração tomar conta de mim.

Mikail suspira.

— O que quer que eu faça, Euyun? Que eu torture os quatro para que alguém diga a verdade? Duvido que isso vá fazer algum bem para o espírito de equipe.

É, colocando desse jeito, nossas opções não são as melhores.

Ele balança a cabeça.

— Tudo o que posso fazer é ficar de olho neles, e é o que tenho feito. Nossa maior preocupação é o fato de que Joon matou Dal.

Paro de andar.

— Como sabe que foi Joon?

Ele olha para mim como se eu fosse uma criança. Tudo bem, obviamente o momento da morte do conde se encaixou em perfeita sincronia com a celebração de amanhã. Todo mundo está ocupado demais para averiguar com cuidado o que aconteceu, então Dal será queimado sem muitos questionamentos. O conde do leste tinha um filho e herdeiro, mas a criança só tem oito anos — é jovem demais para ser conde —, o que significa que Joon pode apontar um regente. E regentes têm um hábito curioso de acabarem assumindo de vez os cargos. Basta perguntar para a minha irmã.

— Quilimar ainda está do nosso lado? — pergunto com a voz baixa.

— Não houve nenhuma mudança — responde ele.

Uma batida na porta me causa um sobressalto. Mikail se levanta calmamente para atender, me lançando um olhar de censura pelo exagero da minha reação. Os demais vão se juntar a nós para o jantar. Tenho que agir como se estivesse tudo normal, mas não consigo ignorar a sensação de que Mikail não está sendo honesto. Provavelmente porque ele nunca é. Ele vai me contar o que acha que eu devo saber sem se importar em partilhar toda a verdade.

Por exemplo, ainda não entendo o motivo de ele estar traindo o rei. Meu irmão fez dele o general dos guardas do palácio, que é o cargo mais alto que um plebeu pode alcançar. Por que matá-lo? Não consigo acreditar que ele faria isso em nome do amor que sente por mim. Não sou ingênuo a ponto de acreditar em amor incondicional.

À medida que os demais entram, sei que pelas próximas badaladas não vou descobrir o que está rolando, mas antes do fim da noite vou chegar a uma conclusão.

Por ora, nos sentamos ao redor da mesa de jantar da nossa suíte. Não vai ser

uma refeição tão boa quanto a que tivemos na mansão de Dal, mas se tudo der certo, vou passar o resto da vida jantando no Palácio de Qali. Nunca mais vou ter que fazer refeições suspeitas em estalagens ou dormir em uma carruagem.

Ao me sentar à ponta da mesa, sinto uma fisgada. É tristeza? Parece ser, mas não faz sentido estar triste. Estou cercado de assassinos e ladrões. Amanhã à noite, voltarei ao meu lugar de direito — jantares com cortesões e a nobreza. Criados vão correr para atender a cada um dos meus caprichos e o país vai se curvar a mim. Quer dizer... isso se eu não virar uma pilha de cinzas.

Não quero morrer amanhã. Não quero que minha vergonha seja exposta publicamente. Por outro lado, arriscamos demais para mudar os planos agora. E, se eu não contar a eles por que, se eu não admitir que sou uma fraude, vou parecer apenas um traidor. Não tenho outra escolha a não ser levar o plano adiante e torcer para que a lenda não passe de um mito. Porém, quanto mais próximo chegamos, mais preocupado eu fico. Em relação a tudo.

— Ao nosso futuro rei — propõe Royo, erguendo a taça. Os demais também levantam suas taças.

Faço uma reverência com a cabeça e depois bebo do meu vinho.

— À morte do tirano — diz Sora.

Bebemos a isso e começamos a distribuir os pratos. Parece que pediram o cardápio inteiro de um dos melhores restaurantes daqui. Não vai estar tão bom quanto a comida do palácio, mas vai chegar muito perto.

— Sora e a irmã dela ganham a liberdade. Euyn ganha a coroa. Mikail, o que acontece com você depois de amanhã? — pergunta Royo.

— Consorte do rei me parece uma boa. — Ele ri e abre um sorriso para mim do outro lado da mesa.

Ergo as sobranceiras. Não é como se eu não tivesse cogitado essa possibilidade — de conferir a Mikail um título oficial —, mas eu também não tinha considerado que ele iria querer algo em troca de me colocar no trono. Agora estou me sentindo extremamente tolo por não ter pensado nisso. Eu não acabei de me perguntar por que ele trairia Joon? É óbvio que é para ser elevado ao nível da nobreza. É o mínimo que posso fazer. Talvez todos queiram algo de mim, queiram me controlar — incluindo minha irmã.

É em situações como esta que não me sinto inteligente o bastante para governar.

— Brincadeira — fala Mikail. — Vou continuar com a espionagem em nome da coroa e mantendo Euyn em segurança, é claro. Como sempre fiz.

— Você poderia ser as duas coisas. O primeiro consorte do rei e mestre-espião. — Sora abre um sorriso.

Mikail dá um sorrisinho e passa o dedo pela taça de vinho, depois olha para mim.

— Tudo é possível.

— E você, Ty? — pergunta Royo.

Ele para com os pauzinhos no ar.

— Acho que não vai mudar muita coisa. Meu pai vai libertar Sora e Daysum

e, com certeza, continuar com as maquinacões políticas. Eu... vou descobrir o que eu quero da vida.

Ele fixa o olhar em Sora ao responder. Ele a quer — isso é evidente para qualquer um. E parece que ela está pelo menos considerando a ideia. Já avançaram muito em relação ao ponto onde estavam no começo da viagem, quando eu achava que ela iria matá-lo.

— Aeri, o que pretende fazer quando o rei estiver morto? — pergunta Sora.

— Eu... não sei. — Ela parece sem reação, como se não esperasse que essa pergunta fosse ser feita a ela.

Sora inclina a cabeça.

— Você deve ter planejado fazer alguma coisa com o meio milhão que Mikail te ofereceu.

Eu não sabia que as habilidades de Aeri custavam esse valor. Algo em mim faz com que eu hesite ao ouvir um valor tão alto, mas Mikail me diria que não é o momento de pechinchar.

— Não planejei nada — responde Aeri. — Vou dar a Royo a parte dele, os cem mil, depois vejo o que fazer. O que eu mais queria era uma família, e isso eu vou ter. Não pensei em mais nada além deste objetivo, mas acho que meu pai e eu podemos viver o resto da nossa vida muito bem com quatrocentos mil.

Sora abre um sorriso agradável.

— Só falta você, Royo. O que planeja fazer com os cem mil?

Ele engole um monte de comida.

— Vou consertar alguns erros. Tem um homem inocente preso e eu vou pagar alguém para tirá-lo de lá, contanto que Euyin honre a palavra dele de reverter o decreto de Joon.

— Ele não pode simplesmente dar o perdão ao homem quando for rei? — pergunta Aeri. — Assim você poderia ficar com o dinheiro todo, Royo, e ser rico como um lorde.

A mesa toda se volta para mim.

Bebo um gole da água.

— Certamente.

Isso parece satisfazer a todos. E estou sendo sincero. Só espero conseguir cumprir o prometido.

CAPÍTULO SESENTA E CINCO

ROYO

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

—Você parece estar... tenso — comenta Aeri.

Fiquei para lá e para cá pelo quarto durante um tempo, mas paro por um instante e olho para ela. Aeri inclina a cabeça e o cabelo curto dela encosta na gola alta do vestido. Ela é tão linda. Estive tão absorto nos meus pensamentos que mal reparei nela esta noite.

Não gosto desta cidade, são muitas memórias. Mas não posso focar no passado, o que tenho no momento é amanhã. Amanhã tudo muda. Só não consigo confiar nisso. Não confio neste plano nem em nenhuma dessas pessoas.

Sinto a comida pesar no meu estômago, e meu instinto nunca erra.

O plano agora é que amanhã Ty apresente Sora ao conde do norte no momento do chá, e todos simplesmente presumem que depois disso Bay Chin vá levar os dois ao Campeonato Milenar. Aeri vai fingir ser uma criada da arena. Eu vou como o guarda-costas de Sora e Ty.

Euyn vai se esconder embaixo da arena e aparecer quando soar o alerta de dois minutos. Os últimos dois minutos de cada tempo do jogo são os melhores, porque os pontos são duplicados, então todos estarão vidrados no campo. É nesse momento que Aeri vai roubar a coroa, Sora vai beijar Joon e Mikail vai coroar Euyn.

É, não tem como nada disso dar errado. Em frente a duzentas e cinquenta mil pessoas e sabe-se lá quantos guardas do palácio. Vinte? Cem? Isso tudo considerando que só vamos descobrir se Sora vai conseguir comparecer ao jogo depois do meio-dia de amanhã.

Esfrego o rosto. Minha cicatriz está doendo.

E o pior de tudo é que Aeri não está nem um pouco estressada. São onze badaladas da noite. Um dia antes de cometermos traição à coroa e ela está lendo um livro à luz de velas.

— Por que você *não* está tensa? — pergunto.

Ela dá de ombros e vira a página.

— Sei lá. Acho que esquentar a cabeça não vai ajudar em nada. O que tiver que acontecer amanhã vai acontecer e pronto, sabe?

— Não.

— É, acho que não mesmo.

Ela deixa o livro de lado e vai até a bolsa de veludo dela. Pela primeira vez, ela a abre onde consigo vê-la. Depois de revirar a bolsa por um instante ela se frustra e joga tudo em uma mesa. Joias caras, o retrato de uma mulher — talvez a mãe dela —, um monte de muns e uma escova de cabelo caem de dentro da bolsa. Só isso. Esse era todo o conteúdo da bolsa. Ah, e o dragão de pelúcia que ganhei para ela. Aeri... guardou ele junto do tesouro dela.

Ela pega o diamante que havia me prometido. É o maior de todos e tem um corte especial. Foi o que o sujeito entendido em joias disse — um corte de um milhão. Por isso é tão valioso.

— Como prometido. — Ela coloca a pedra na minha mão. — Assim você tem uma coisa a menos com que se preocupar.

O diamante pesa na minha mão, e ela sorri enquanto os dedos roçam meus calos e minhas cicatrizes.

— Você poderia roubá-lo de volta se quisesse — digo. Meio que estou brincando, mas também meio que estou falando sério.

— Eu poderia, mas não vou. Você me manteve em segurança e quero garantir que receba o pagamento caso algo aconteça no jogo.

A sensação de estar com o diamante em mãos é diferente. Na verdade, é mesmo uma preocupação a menos, como ela disse. Eu consegui. Esse é o restante do dinheiro de que preciso para comprar a liberdade de Hwan, mesmo se der merda e Euyun não conceder o perdão a ele. Quando Hwan estiver fora da Prisão de Sal, vou ter acertado as coisas.

— Não fuja com ele — fala Aeri, dando uma piscadinha.

Eu fixo o olhar nela.

— Você tem a minha palavra e o meu juramento.

— Acho bom. — Ela sorri antes de voltar para o sofá e pegar o livro de novo.

Eu deveria estar feliz. Isto é tudo o que eu queria. O objetivo pelo qual trabalhei e sangrei durante os últimos anos. Eu consegui — cem mil muns de ouro. Mas... não me sinto bem. Eu sei que é porque depois de amanhã não vou mais vê-la.

Nunca conheci ninguém como Aeri. Ela é estranha e feliz demais para o meu gosto, mas eu vejo que ela se importa. Percebi pela forma como ela se desculpou em Caprícia, ou quando ela se deu conta de que eu estava vivo em Oosant, e depois quando matou alguém para me salvar. Eu nunca tive alguém que se importasse comigo dessa forma. Lora me amou quando éramos mais novos, mas não era assim. Então minha ficha cai: esta é nossa última noite juntos. O que quer que eu sinta vontade de dizer precisa ser dito agora.

Limpo a garganta e ela olha para mim.

— Aeri... eu...

— Sim?

— Eu... — Me faltam palavras. Engulo em seco e tento novamente. — Quero pedir desculpas.

Ela franze a testa.

— Pelo quê?

— Por não ter sido muito legal com você. Você... salvou a minha vida. Você se importa comigo. E eu... eu...

Tento me desculpar pelo meu temperamento, por não confiar nela, pelas inúmeras brigas. Mas não consigo nem me lembrar de quando foi a última vez que pedi desculpas a alguém cara a cara. Sinto como se, caso eu comece a me desculpar agora, não conseguirei mais parar.

Tento de novo, mas as palavras não saem.

Ela fecha o livro.

— Royo, este pedido de desculpas parece estar doendo mais do que a ferida no seu ombro. Está tudo bem. Eu entendo. Você é meio fechado e rabugento, e tem toda a sua história de vida, mas é uma boa pessoa. Eu gosto de você. Gostei de você desde o começo.

Desabo no sofá. É como se ela tivesse me atingido no peito com um virote. O calor se espalha por todo o meu corpo e não sei como me comportar. Seguro a cabeça nas mãos.

— O que foi? — pergunta ela. — Sua cabeça está doendo de novo?

Respiro fundo.

— Ninguém acha que eu sou uma boa pessoa.

Ela dá de ombros e chega mais perto.

— Sei lá, é o que eu vejo. É por isso que eu queria que você fosse o meu guarda.

— Não gosto do nosso plano, Aeri. — Fixo o olhar nela.

Ela franze a testa de novo.

— Eu também não. Queria que a gente pudesse desistir dele. Mesmo. Mas tem tanta coisa em jogo que já não temos opção. Só não se esqueça de que você deve me proteger, não importa o que aconteça amanhã.

— Nunca vou me esquecer disso.

— Eu gosto de você, Royo, de verdade. Mais do que eu achei que seria possível. — A voz dela sai baixa e calorosa.

Aeri segura a minha mão. Ela nunca teve medo de tocar em mim, mesmo no começo, quando ninguém queria se aproximar. Viro o pulso e seguro a mão dela. Ela respira fundo e olha para baixo, surpresa.

— Não quero te deixar — confesso.

Ela inclina a cabeça.

— Então não me deixe. Por que você não me aquece esta noite?

Aeri solta a minha mão e vai para a cama. Não está frio aqui, mas ela quer dormir como fizemos na ilha. Quando isso foi totalmente necessário. Foi a primeira vez que senti o corpo dela encostado no meu. Para ser bem sincero, nunca consegui parar de pensar na sensação daquela noite.

— Royo. — Ela sorri e dá batidinhas na cama ao lado dela.

Deve haver um milhão de motivos pelos quais eu não deveria fazer isso, mas não consigo me lembrar de nenhum deles.

Sopro a vela e vou para a cama macia ao seu lado. Assim que me deito, ela me

abraça e aninha o rosto no meu pescoço. Eu a abraço da mesma forma como fiz na areia. Sinto o perfume dela — ela tem o mesmo cheiro de flores.

E isso é gostoso pra caralho.

Fico pensando em contar a ela como me sinto. Mas contar o quê? Que também gosto dela? Isso não chega aos pés do que estou sentindo agora. Eu poderia dizer que ela é a primeira coisa boa que me aconteceu em tanto tempo que eu já tinha desistido de acreditar que um homem como eu poderia voltar a viver coisas boas. Dizer que quero ficar com ela, não importa o que aconteça. Para quê? Eu não a mereço. Só vou arruinar qualquer mulher que se aproximar de mim.

Não. Se eu estiver me apaixonando por ela mesmo, é melhor não dizer nada. Preciso partir meu próprio coração para salvar o dela.

Mas não consigo fechar a matraca.

— Aeri...

Ela vira a cabeça.

— O quê?

— Não quero que este seja o fim de tudo. Quero ficar.

Sinto ela sorrindo no meu pescoço.

— Então fique.

— Mas estou falando de amanhã e depois e depois.

— Eu também.

Tenho uma sensação estranha no peito e os músculos no meu rosto doem, e então me dou conta de que estou feliz. Não há nada mais a dizer, então acaricio os braços dela. Sinto a pele de Aeri tão macia nas minhas mãos ásperas. Fico pensando se a sensação do meu toque é boa para ela.

Eu acho que sim, porque em poucos minutos ela dorme. Não consigo imaginar me sentir tão seguro, mas não me ressinto dela por isso. Espero que um dia eu também me sinta dessa maneira. Começo a sonhar com uma vida depois de amanhã, embora ainda esteja acordado.

Só um pouco mais de sangue a ser derramado — o do rei e o da pessoa que está nos traindo —, e finalmente poderemos ter um futuro.

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

SORA

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Royo e Aeri foram os primeiros a sair depois do jantar. Ty e eu ficamos para repassar o que dizer ao conde do norte amanhã, mas agora estamos em frente à porta do meu quarto.

Eu a destranco e depois me viro.

— Você... Posso... — começa Ty. Ele se interrompe e coça a nuca. — Boa noite, Sora.

Então eu percebo que quero que ele entre comigo. Quero que passemos esta última noite juntos. Seguro a mão dele e Ty me segue para a suíte. Paramos alguns passos do lado de dentro, de mãos dadas.

— Você acha que depois de amanhã... — Ele suspira. — Vou poder te ver de novo?

— Vou voltar a Gain com você — digo.

Ele arregala os olhos.

— Vai?

— Vou. Daysum estará livre e eu preciso buscá-la para levá-la até Qali.

— Ah, é. Claro.

Ele está tão decepcionado que abaixa as mãos. Me dá um aperto no peito. Por um momento fico confusa, mas depois entendo que ele queria saber se eu consideraria permanecer com ele.

— Não posso ficar em Gain — digo gentilmente. Como se isso pudesse suavizar o golpe.

— Para onde você vai quando Daysum estiver curada? — Ele tenta conter a dor em sua voz, mas ela ecoa pelo quarto.

Eu nem cheguei a pensar nisso.

— Não sei. Acho que voltarei para Inigo, onde nascemos.

— O que vai fazer lá?

Não sei. Antigamente, fazer planos, sonhar, era o caminho certo para a decepção. Ainda mais quando não existe a menor chance de que eles se realizem. Só que agora isso pode realmente acontecer.

— Quem sabe eu não viro costureira — pondero. — Não sei ainda.

Ele ri e depois parece se sentir culpado por isso.

— Desculpa. Sério. Acho que você pode ter o que quiser. Só não consigo te imaginar como costureira.

— É, eu sei. Minhas habilidades são bem medíocres. — Sorrio. — Talvez eu possa ser diretora de uma escola. Amo crianças.

— Sei que sim. Espero que um dia...

Ele reprime o restante da frase porque nós dois sabemos que o que ele estava prestes a sugerir é impossível. Mesmo que meu corpo não seja venenoso, as toxinas inviabilizariam uma gravidez. Foi o que os curandeiros disseram. Por outro lado, existe a possibilidade de adoção. Se houver um futuro para mim, talvez eu possa pensar sobre o assunto.

— Espero que encontre a felicidade — diz ele por fim.

— Você está tão sério. Isto não é um adeus. Pelo menos ainda não.

— É, sim, Sora. Você... — Ele respira fundo e engole em seco. — Você nunca vai sentir por mim o que eu sinto por você. E eu entendo. Mas amanhã nós vamos nos separar para sempre. É melhor assim.

Algo dentro de mim se contorce e tenho vontade de gritar de dor, mas não sei o motivo. Minhas mãos voltam a tremer. Acho que presumi que ele sempre estaria na minha vida, e odeio saber que posso perdê-lo também. Em vez de pensar nisso, me concentro no fato de que ele precisa voltar para Gain.

Cruzo os braços.

— Nossa, está tão ansioso assim para voltar para a palma da mão do seu pai?

— Sora, não sou nada sem meu título.

Balanço a cabeça.

— Não é verdade. Você é... você.

Ele olha para mim.

— E o que isso quer dizer?

— Não sei — respondo. — Eu só...

Gesticulo, mas meus sentimentos estão tão nebulosos que é difícil colocá-los em palavras.

Ele dá um pequeno passo na minha direção. Os músculos dele estão tensos, e os olhos brilhantes.

— Sora, se tiver alguma chance de um dia você me amar, me diga agora.

Não sei. Já aconteceram tantas coisas e ainda existem tantas outras para acontecer. É difícil ter certeza sobre qualquer coisa. Mas ele não está me pedindo por certeza.

— Tudo é possível — afirmo.

Eu me pego repetindo o que Mikail disse no jantar, porque de repente eu realmente sinto que tudo pode acontecer uma vez que Joon esteja morto. Eu não me permito fantasiar sobre isso, mas sei que existe a possibilidade de surgir um novo reino. Uma nova vida — para mim, para Daysum, para Ty.

Ele abre um sorriso largo.

— Então vou esperar.

Ty se inclina e pressiona os lábios na minha testa lentamente enquanto me envolve em seus braços. A sensação do toque dele é tão quente e forte, mas ele

apoia a cabeça na minha com delicadeza. O nariz dele toca o meu e nossa respiração se mistura. Fecho os olhos e estremeço.

Mantenho os olhos fechados enquanto ele beija minha bochecha, depois traça beijos e mordiscadas pelo meu pescoço. Minha pele formiga com calafrios e eu levo as mãos ao cabelo curto dele. A sensação é incrível — seus lábios macios, a ansiedade crescente em descobrir onde sua boca vai encostar a seguir. É como se cada centímetro de pele que ele beija se incendiasse; cada uma das partes implorando para ser a próxima.

Eu me enganei sobre nunca conseguir ter um momento de intimidade com outra pessoa. Isso é muito mais particular, mais avassalador, do que nobres enfiando a língua na minha boca.

Ele se aproxima da minha clavícula, mas em vez de seguir adiante, sobe os beijos pelo outro lado do meu pescoço. Isso me decepciona um pouco, mas depois ele pressiona os lábios nos meus. Faço um esforço abismal para não abrir a boca, porque não sei se meu beijo vai matá-lo.

Sinto meu peito subir e descer rapidamente. Ele está ofegante também.

— Eu passei a vida toda desejando você — diz ele.

Eu estou sentindo o mesmo que ele — desejo. O pulsar dentro de mim. O veneno de Xitcia provoca uma sensação bem semelhante antes de te matar. E eu não sei se meu corpo poderia ser responsável pela morte dele.

— Não sei se podemos... — começo.

Ty balança a cabeça.

— Também não sei, mas não importa. Podemos te dar prazer. É só o que eu quero.

— Eu... — Eu quero, mas não sei o que dizer. Meu corpo todo anseia por isso. Quero que ele me toque em cada canto. Quero que ele continue me beijando. Quero esquecer da nossa missão, dos venenos, dos assassinatos, só por hoje.

Envolvo o pescoço dele com os braços e ele me pega no colo e me leva até a cama. Em vez de me jogar, ele me pousa gentilmente nos lençóis e se deita ao meu lado. Puxo a camisa dele enquanto ele abre os botões. Que visão. O peito dele é liso, mas musculoso. Passo os dedos pelos vincos e pelas elevações do corpo dele. Em seguida, ele coloca as mãos nas minhas costas e abre meu vestido. Ty dá atenção ao pescoço, com beijos e mordidinhas nos intervalos dos movimentos suaves de suas mãos. Eu o quero tanto.

Beijo seu braço, sua bochecha, tentando fazer com que ele acelere o ritmo. Puxo o cós de sua calça.

Ele sorri.

— Sora, eu pretendo aproveitar bem o meu tempo.

Franzo os lábios, mas acabo sorrindo.

— Então vou esperar.

— Eu te amo, Sora — diz ele antes de continuar descendo os beijos pelo meu corpo.

Arqueio as costas e começo a acreditar que tudo é mesmo possível — até um

futuro para nós dois, se conseguirmos sobreviver a amanhã.

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

EUYN

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Mikail veste a calça. Estamos os dois em silêncio e tensos. Ele se senta na cama, de costas para mim, e acende a lamparina, iluminando a pele dele, marrom e marcada pelas cicatrizes profundas do ataque da samroc. Elas cobrem machucados antigos — aqueles dos quais ele nunca fala.

— Quer falar sobre isso? — pergunta ele, olhando para trás.

Ele não está se referindo às cicatrizes, e sim ao fato de que eu não consegui ficar excitado a noite toda, apesar das tentativas dele. E isso nunca aconteceu. Não com Mikail. Ele, por outro lado, não teve problema nenhum em ficar duro e gozar.

Torço o lençol na mão.

— Não. Não tem por que, se você vai acabar mentindo como sempre.

Ele suspira e se vira.

— O que quer saber, Euyun? Eu já disse que o plano de amanhã não é uma armadilha.

— Por que está fazendo isso?

— Isso o quê?

— Isso tudo! Por que vai matar Joon? O que você ganha com isso?

Ele desvia o rosto. Não quer me responder. Típico. Só que eu não consigo deixar isso para lá, não hoje.

— Você disse para a Sora que tinha uma irmã que morreu jovem, e foi literalmente o máximo que já ouvi você contar sobre o seu passado.

Ergo o braço e dou um tapa na cama. Talvez eu devesse ter me vestido antes de começar esta discussão, mas agora já é tarde demais para isso.

Mikail me encara.

— E nunca passou pela sua cabeça que possa haver um motivo para isso?

Balanço a cabeça.

— Você nunca disse.

— Acha que é só porque eu quero ser misterioso? Porque eu funciono à base de segredos, homicídio e tortura, feito um demônio sem um pinga de consciência?

Ele fecha a cara, e meu estômago revira. Sei o quanto ele odeia que falem dele

como se não fosse humano. Normalmente, eu deixaria isso de lado, mas não entendo *por que* isso deixa ele tão incomodado. Quando se trata de Mikail, eu nunca sei os motivos, porque ele nunca me conta nada. Eu daria o trono, um reino inteiro, em troca de um único segredo dele.

— Não, eu acho que você se recusa a ser meu — digo. — Ou de qualquer outra pessoa. Porque se compartilhasse algo real, correria esse risco. Talvez deixasse alguém chegar perto demais.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Desculpa por ser a única pessoa que você não pode ter do jeito que quer, Euyun.

— Então é isso? — Os nós dos meus dedos ficam brancos, torcendo o lençol por causa da frustração. — Eu sou seu por inteiro, Mikail. Desde que a gente era criança. Não quero ter você mais do que você já me tem, mais do que você sempre me teve, de corpo e alma.

— Eu deixo meus segredos guardados para te proteger — rebate ele. Cada músculo do corpo dele está tenso. — Nem sob tortura eu teria revelado seu paradeiro em Fallow ou que eu tinha te salvado. Você poderia dizer o mesmo?

Quero responder que sim. Abro a boca. Mas não sei se é a verdade, então fecho meus lábios.

Ele aponta para o meu rosto.

— Essa hesitação é a resposta.

Engulo em seco aquela verdade.

— Tá, mas eu ainda não entendo o perigo em me contar sobre a sua família — digo. — Em me contar qualquer coisa que seja real.

Ele fecha os olhos por um longo momento, frustrado e exausto por minha causa.

— Por que o passado importa?

— Se não importa, então por que você não me conta?

— Você também não foi lá muito aberto em relação a caçar aquelas pessoas na Floresta do Oeste. — Ele para e espera o tiro atingir o alvo. Ele acerta, me rasgando por dentro com o que fiz àqueles homens, ao pai de Sora. — Deixa o passado enterrado, Euyun. O que importa é o futuro.

— Mas você sabe tudo a meu respeito — digo.

Não é verdade, porém, é mais um exagero do que uma mentira. A questão é a disparidade. Ele sabe quase tudo sobre mim, sobre a minha família e sobre o meu passado. Eu não sei nem o nome do pai dele. Só sei que ele é de algum lugar por aqui, mas não sei onde. Nunca nem vi onde ele foi criado.

— O fato de eu ter te salvado devia bastar. Eu ter arriscado minha vida por você e ter estado disposto a morrer por você desde que éramos pequenos.

Balanço a cabeça.

— Isso é lealdade, não amor.

Guardas do palácio arriscam a própria vida e estão dispostos a morrer pelo rei. Pela coroa. A proteger a coroa de Yusan e, portanto, o reinado da lei. Porque uma terra sem lei seria muito pior. Ou talvez o motivo pelo qual eles arriscam a vida é

o próprio dinheiro e status, considerando que os guardas do palácio são os melhores soldados do país e são mais bem pagos e respeitados. Contudo, independentemente da motivação, nenhum deles ama o rei. São leais. Não é a mesma coisa.

— E lealdade não é nada para você — conclui Mikail.

Não tenho resposta para isso. Não sei se é a verdade. Fui criado para esperar lealdade, que o país se curvasse a mim e honrasse meus caprichos sob a penalidade de morte. Porém, não desmereço a lealdade de Mikail. Pelo contrário, preciso dela — sempre precisei. Amo o fato de ele ser leal, mas ainda assim, isso não é o mesmo que amor.

Ele me lança um olhar frio.

— Euyun, estou te dando o trono de Yusan. Se isso não é o suficiente, não sei o que pode ser.

Ao dizer isso, ele veste uma camisa, pega a espada e sai do quarto.

Ele não respondeu a uma pergunta minha sequer.

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

MIKAIL

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Juro pela minha vida que às vezes não sei o que Euyn quer. A frustração me faz andar depressa pela Estalagem das Fontes. Não virei as costas e saí andando só porque ele estava fazendo perguntas desconfortáveis. Tudo bem, foi por isso, sim, mas também porque eu preciso me certificar de que o estabelecimento está seguro e, mais importante ainda, que nenhum dos outros quatro vá tentar escapar para se encontrar com alguém. Talvez seja hipocrisia da minha parte.

Nesta pousada, todas as escadarias levam ao saguão. Até dá para fugir pelas sacadas, mas duvido que algum deles tentaria isso do terceiro andar.

Chego a uma poltrona que fica de frente para as escadarias e a porta da entrada, e me sento nela. Uma família passa por mim, uma mãe, um pai e três filhos. Dois meninos e uma menina. Assim como a minha família, aquela na qual eu nasci. O mais novo fica para trás, como eu costumava fazer. Foi esse hábito que acabou salvando minha vida. Naquele dia, fui o último a sair de casa. Quando cheguei ao lado de fora, já estavam todos mortos.

Nosso vilarejo em Gaya ficava numa colina, tão perto do Estreito Dentado que dava para sentir o cheiro de sal no ar. Só que naquele dia havia um cheiro diferente. Não era o das plantas encantadas e do mar, e sim de fogo e sangue. Respirei o ar pútrido e depois olhei para as minhas sandálias. Só então vi minha família me olhando do chão. Uma mosca pousou bem no olho aberto da minha irmã. Ela não piscou.

A cena me deixou paralisado, aquela mosca na íris dela. Em seguida, percebi que minha mãe, meu irmão e minha irmã estavam deitados de costas, cobertos de sangue. Levei muito tempo para me dar conta de que estavam mortos e de que tinha gente gritando. Que tudo ao redor estava o mais absoluto caos. As pessoas tentavam fugir em meio ao incêndio dos campos das plantas encantadas. À distância, vi os estandartes do império, de Yusan. A serpente preta na bandeira vermelha. Eu tinha apenas cinco anos, mas sabia que devia temer aquela imagem. Minha mãe e meu pai costumavam cochichar sobre Yusan quando a casa ficava cheia de homens. Eu me escondia nas vigas para ouvir, um espião nato desde cedo, desesperado para descobrir o que as outras pessoas queriam esconder. A palavra que repetiam em um sussurro era “rebelião”. Na época, eu não sabia o que

isso queria dizer e também não entendia “independência”, a outra palavra que eles diziam. Mas não interessa — o que ganhamos foi uma chacina.

Depois, descobri que os moradores do norte do vilarejo se uniram e mataram o guarda real yusaniano que estava alocado no norte de Gaya. Então, foram para o sul, na esperança de fazer mais gaianos se juntarem a eles. No entanto, muitos se recusaram, porque viam o rei como um deus.

Quando Joon cruzou o estreito, ele tocou o inferno na terra. Chegou com o exército dele e a guarda do palácio para sufocar a revolta da colônia. Os gaianos rebeldes avistaram os navios e incendiaram os campos das plantas encantadas, o que provocou a fúria da coroa.

Isso tudo começou no dia que ficou conhecido como o Festival Sangrento. Não importava para onde eu olhasse, tudo o que via eram pessoas mortas, morrendo ou sendo levadas por soldados para serem estupradas e assassinadas. Joon deu a ordem de “*nil*” — zero sobreviventes. Não pouparam nem mesmo mulheres, crianças ou idosos. Ninguém. Nem os que se uniram aos rebeldes nem os que se recusaram a participar do levante. Todos, até mesmo os cachorros, os gatos e os burros, foram massacrados. Nada que tivesse um coração pulsante estava seguro. A matança se espalhou a partir da costa, até que o Exército Yusaniano encontrou os rebeldes e os dizimou. No total, trinta mil homens, mulheres e crianças foram assassinados. Assim como no meu vilarejo, a maioria estava desarmada.

Sinto o estômago embrulhar e tenho que engolir a bile que sobe pela minha garganta. Eu não passava de uma criança indefesa, mas minha idade e inocência não significaram nada durante o Festival Sangrento. Eu estava fugindo quando um soldado veio até mim com uma maça de espinhos.

Mesmo quando menino, meus reflexos eram rápidos de maneira sobrenatural. Dei uma cambalhota para sair do caminho, mas ainda assim a arma conseguiu fazer um estrago nas minhas costas. Fui esperto o bastante para cair no chão e ficar deitado imóvel, fingindo estar morto.

Eu bem que queria ter morrido mesmo.

Euyun acha que sabe o que é sofrer. Ele não faz a menor ideia. Ele não sabe o que é ouvir seu povo sendo exterminado como porcos, vítimas de estupro e mutilação por puro entretenimento de soldados que acham que você vale menos do que eles. Ficar deitado, paralisado, se perguntando se alguém vai te encontrar, ou se o que aconteceu com os outros também vai acontecer com você. Se sentir impotente por não conseguir fazer com que tudo isso pare. Se sentir um covarde por não tentar ajudar. Fechar os olhos e desejar que todo mundo morra de uma vez para que o terror finalmente acabe. Mas não acaba. E ter que conviver com a consciência de ter desejado a morte das pessoas que estavam sendo torturadas.

O Festival Sangrento foi responsável pelas piores atrocidades de que já ouvi falar. Bebês foram dilacerados, grávidas foram mutiladas, crianças foram decapitadas. Partes de corpos humanos oferecidos como alimento a cães de guerra. Tudo isso com a permissão de Joon, em nome de ensinar à ilha uma lição. Quase vinte anos depois, os gritos ainda ecoam na minha mente em noites

tranquilas. O pior de tudo é a lembrança da risada e da lascívia dos soldados.

Aquilo durou a noite toda. Continuavam encontrando sobreviventes, e então os terrores recomeçavam.

Agarro os braços da poltrona ao me lembrar de Ailor me encontrando na manhã seguinte — desidratado, ferido, com as calças defecadas. Não ousei me mexer para me aliviar. Não movi um músculo sequer.

Ailor deveria conferir se não havia mesmo nenhum sobrevivente e matar ou queimar os feridos vivos nas fogueiras. Em vez disso, ele me tirou escondido do vilarejo e me levou até o meu novo lar em Cetil, a cidade do outro lado do estreito de Gaya. Não tenho muitas lembranças do período entre o momento em que ele me encontrou e quando já estávamos do outro lado da água vendo as imensas piras crematórias. Quando as chamas se apagaram, ele me pediu para escolher um novo nome e daquele dia em diante eu me tornei Mikail. O nome do herói do meu livro favorito.

Eu me levanto e saio da estalagem, sentindo um aperto no peito. Neste momento, preciso mais de ar fresco do que ficar de olho nos demais. Se me traírem, acabo com a vida de quem for. Acabo com todos eles.

Caminho até que eu esteja sozinho e então me encosto no exterior de mármore frio e respiro fundo. Sora estava certa — esquecer parece errado, mas lembrar é difícil demais. Fico me perguntando de quem é que ela sente saudade e espero que depois de amanhã ela possa reencontrar quem quer que seja, mas acho que os entes queridos dela, assim como os meus, já estão nos Dez Infernos. E, nesse caso, espero que demore muito para voltarmos a vê-los. Porém, tenho minhas dúvidas.

Quando finalmente consigo silenciar as memórias, volto a ser como uma rocha. Travo o maxilar, permitindo a vontade de assistir a Joon sofrendo tomar conta de mim como a escuridão tomando o lugar do dia. Minha família já esperou tempo demais pela vingança, e eu vou me vingar, mesmo que isso signifique precisar sacrificar Euyun no final.

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

SORA

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Acordo nos braços de Ty. A luz do sol invade o quarto pelas cortinas que esquecemos de fechar ontem à noite e os lençóis estão embolados ao nosso redor.

Fico deitada me lembrando do toque dele fazendo meu corpo se arrepiar. De como finquei as unhas nos ombros dele. De como ele me admirou e disse que eu era maravilhosa. Do meu desejo crescendo pouco a pouco até me deixar desesperada por ele. Da maestria com que ele moveu os dedos. De como vi estrelas e de como me senti queimar e congelar ao mesmo tempo, da melhor maneira possível. Da sensação de estar viva pela primeira vez. Da expressão de pura satisfação no rosto dele, mesmo que eu não tenha lhe dado prazer.

Sorriso pensando na insanidade de ele ter arriscado morrer para me dar um beijo rápido. Prendi a respiração e me senti tão aliviada por ele ter sobrevivido.

— Por que fez isso? — perguntei. — Você acabou de arriscar a vida para me beijar.

— Sora, eu morreria cem vezes para beijar seus lábios.

Ele ainda está ao meu lado, dormindo. Ty é adorável quando dorme, com os cílios compridos, o rosto plácido. Durante o sono, ele, não carrega o peso de ser o herdeiro de Seok ou um nobre de alto escalão. Aqui e agora, ele é só meu. Por um momento, cogito abandonar a missão. Eu queria poder ficar aqui com ele e conhecer a paz e o prazer como os outros casais jovens.

Mas a minha vida não é assim. Isso é só uma fantasia.

Balanço a cabeça para afastar meus devaneios e saio de baixo do braço musculoso dele. No futuro, talvez tudo seja possível. Mas o futuro não é o presente. Agora, tenho um trabalho a fazer. Nós dois temos.

Hoje é o dia.

Eu me levanto. Já são dez badaladas. Vou até a sala de banho, preparo a banheira e começo a me arrumar. Temos que encontrar o conde do norte para um chá ao meio-dia. Separo meu segundo melhor vestido. O primeiro da lista vai ficar para hoje à noite, quando formos ao jogo de tuhko.

— Sora! — grita Ty. A voz desesperada faz meu sangue gelar. Viro, procurando uma arma, uma ameaça, mas tudo que encontro é ele, ainda deitado. Mais um pesadelo. Ele tem tido muitos desde Oosant.

Assustado, ele desperta e tateia a cama.

— Sora? Sora!

— Estou aqui — digo, voltando ao quarto. — Você estava sonhando. Já amanheceu. Precisamos nos arrumar.

Ele passa as mãos no rosto, a testa está brilhando com o suor. Em seguida, ele me oferece um sorriso trêmulo, que eu retribuo com um olhar gentil.

— Logo, logo tudo isso acaba — tento acalmá-lo.

Ele concorda, mas os olhos dele parecem assustados. Algo horrível deve ter me acontecido no sonho e a mente dele ainda não está totalmente desperta.

— Foi Oosant? — pergunto.

Ty balança a cabeça.

— Não, era hoje. Alguém nos traiu, e você... você foi morta.

Sinto um arrepio, e meus ombros estremecem. Queria que ele não tivesse me contado. Quando pesadelos são narrados em voz alta, às vezes acabam acontecendo. Pelo menos é o que minha mãe dizia.

Engraçado, não penso nela tão vividamente há uns dez anos. É muito esquisito que minha mãe passe pela minha cabeça justo agora. Eu poderia pensar que tem a ver com o perigo da missão, mas todos os meus trabalhos foram situações de vida ou morte. Vai ver foi a ideia de enfim ser livre que me trouxe ela à mente. Afinal, doze anos atrás, ela e meu pai venderam minha felicidade em troca de ouro. Hoje, tenho a oportunidade de recuperá-la.

Ty estende o braço para segurar minha mão com uma expressão séria no rosto.

— Sora, se tudo der errado... quero que você fuja. Ninguém vai suspeitar de uma bela cortesã escapando da arena. Saia de Tamneki. Não se preocupe com mais ninguém, nem mesmo comigo.

Discutimos isso em grupo, uma maneira de cada um de nós sair da arena se o plano for por água abaixo. Mikail nos mostrou um mapa do espaço para que cada um de nós possa escolher a própria rota de fuga. Ainda assim, é estranho ouvir Ty dizer isso agora.

— Não vai dar errado. Vamos matar ele e Daysum será liberta.

— Só me prometa. — Os olhos azuis dele me encaram, intensos, analisando os meus repetidas vezes.

— Está bem. Prometo.

Ty assente, depois vai se vestir. Um minuto depois, ele me dá um beijo na testa.

— Vou esperar — diz ele, me abraçando.

Sorrio. Quero dizer a ele que gostaria de ver como as coisas vão se desenrolar, mas não é verdade. Apesar de confiar nele, não sei se posso confiar nestes sentimentos. Ty me entende e entende tudo pelo que passei de uma forma que ninguém nunca foi capaz de compreender. Talvez Sun-ye, mas não nos falamos. É tudo muito novo, muito cedo para eu ter a certeza que ele tem. Mas quem sabe depois de hoje eu encontre uma resposta.

Em vez disso, digo:

— Tudo é possível... depois de hoje.

CAPÍTULO SETENTA

TIYUNG

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Alguns minutos antes das doze badaladas, Sora e eu pegamos uma carruagem para encontrar o conde do norte. Nunca a vi tão linda, e isso é um baita de um elogio. O cabelo dela está preso para cima em tranças e cachos. Assim, ela exhibe seu rosto espetacular. Bebo essa visão como um homem morrendo de sede, saboreando cada gota.

Não tenho dúvida de que ela vai encantar e seduzir Bay Chin, assim como faz com todo mundo. Inclusive comigo. No entanto, após o pesadelo que tive, estou com medo de que estejamos todos condenados. A verdade nua e crua é que meu pai não quer que Sora sobreviva à missão. Ele com certeza não quer que ela fique livre. Não sei o que ele fez, se estava envolvido na morte de Dal ou se teve algo a ver com o assassino do palácio ter nos seguido, mas sei que Seok costuma conseguir o que quer.

Chegamos à Casa do Chá das Palmeiras no terceiro arco da cidade. É a melhor em Tamneki, e o entorno é cercado de fontes e palmeiras. O jardim dos fundos está vazio, exceto por um homem e seus guardas — o conde do norte.

— Bay Chin — digo, fazendo uma leve reverência ao idoso. Ele é hierarquicamente mais importante do que eu por ser o conde e porque sou apenas um herdeiro, mas também por ter setenta anos. Até meu pai teria que abaixar a cabeça para Bay Chin, já que a idade exige respeito.

— Tiyung — cumprimenta ele, permanecendo sentado, mas me dando um aperto de mão. As mãos dele são fortes, uma lembrança do homem musculoso que foi no passado, e ele faz questão que as pessoas saibam disso. Aos setenta anos, o cabelo dele está branco e o corpo tem o formato de uma maçã, mas seria um erro subestimá-lo. Envelhecer não diminuiu o poder letal dele.

— Esta é Sora, cortesã do meu pai — apresento. Bay Chin não sabe da escola de venenos, e é melhor assim. — Sora, quero que conheça o conde do norte, Bay Chin de Umbria.

— É um prazer, Vossa Graça — cumprimenta ela, fazendo uma reverência profunda e a sustentando até Bay Chin responder.

— O prazer é todo meu — diz ele, e Sora enfim levanta a cabeça.

Ainda que a observe com mais discrição que Rune, Bay Chin demonstra a

mesma avidez. Todos querem devorá-la. Sinto a possessividade crescer em mim, mas ela também não é minha.

Bay Chin gesticula para as cadeiras à sua frente.

— Por favor, juntem-se a mim.

O dia está ensolarado e nos sentamos sob a sombra do guarda-sol da mesa. Bay Chin está usando um terno branco, suando com o ar úmido.

— Não consigo me acostumar com o calor. — Ele se abana com o chapéu, e dois criados correm até ele com folhas de palmeira para refrescá-lo. — Sora, minha querida, de onde você vem faz muito calor?

Ela sorri.

— Sim, o clima em Gain é bem parecido com o daqui. Um pouco mais úmido, talvez.

Ele assente, mas semicerra os olhos de leve.

— Mas você não nasceu em Gain, nasceu?

— Não, sou de um vilarejo no nordeste chamado Inigo.

— Do conde do leste? Que os deuses reconheçam a alma dele.

Ele não parece nada abalado pela morte de Dal, embora tenham sido aliados. Por outro lado, sei que todos os condes subiriam nos cadáveres uns dos outros para chegar mais próximo do trono.

Na melhor das hipóteses, Sora nos acha confusos, na pior, repugnantes. Mas ela não entende, porque tudo o que quer é ser deixada em paz. Homens que têm liberdade e poder querem mais do que isso. Quando estão neste nível de nobreza, querem o país. Querem ser deuses.

— Acredito que sim — responde ela. — Mas o vilarejo ficava nas antigas fronteiras.

Bay Chin franze a testa.

— Ah, as antigas fronteiras têm dado tanto trabalho nos últimos tempos.

A julgar por Oosant, isso é um tremendo eufemismo, mas Sora assente com empatia.

— Tiyung, como está o seu pai? — Bay Chin se vira para mim, mas mantém os olhos em Sora até o último segundo.

— Ele está bem. Mandou lembranças ao senhor.

— Ah, sim, sei o quanto elas valem. Mande as minhas a Seok.

— Pode deixar.

— Então você vai comparecer à cerimônia do Conselho dos Lordes em nome do seu pai hoje?

Faço que sim.

Sora olha para mim. Esqueci de mencionar a cerimônia porque ela não afeta nossos planos. Todos os condes e os nobres de alto escalão das maiores metrópoles vão se encontrar para o Conselho dos Lordes às três badaladas. O conde do oeste, o conde do norte, acredito que o filho jovem de Dal e eu estaremos lá. A princípio, meu pai se recusou a ir por conta do ódio que sentia por Dal, e agora já é tarde demais para ele vir a Tamneki. A cerimônia será aqui na capital em vez de no Palácio de Qali por causa do jogo, mas vai ser só um

monte de apertos de mão e puxa-saquismo — nada a que eu não consiga sobreviver.

— E você, minha querida, como vai ocupar seu tempo aqui? — pergunta Bay Chin a Sora.

— Ouvi dizer que as lojas são imperdíveis — responde ela com um sorriso tímido.

Sora detesta fazer compras, mas o conde do norte é tradicionalista. Ela sabe o que ele quer ouvir. Neste momento a verdade não tem importância, porque ela está interpretando um papel.

— É mesmo, mas vão fechar em breve — diz Bay Chin.

— Por que, senhor? — Sora olha do conde para mim.

Bay Chin arqueia as sobrancelhas grisalhas.

— Por causa do desfile da celebração e do Campeonato Milenar.

— O campeão... ah, sim, de tuhko? — pergunta ela.

Em silêncio, os garçons trazem bolos e pães como acompanhamentos para o chá. Todos estão vestindo braçadeiras pretas, em sinal de luto pelo conde do leste. Tudo por pura obrigação, não por tristeza genuína. Eles discretamente se retiram após colocarem os pratos sobre a mesa. Nenhum deles ousa interromper uma conversa entre nobres de alto escalão.

— A senhorita vai ao evento, não vai? — pergunta o conde com uma sobrancelha erguida. — Ora, não vai me dizer que não gosta de um esporte sangrento. Eu me recuso a acreditar nisso.

Bay Chin também é bastante conhecido por ser um entusiasta de tuhko. Umbria tem seu próprio time, e ele investe um dinheirão na academia de treinamento e no campo. Meu pai acredita veementemente que Bay Chin interfere nas partidas, mas se as suspeitas se revelassem verdadeiras, ele seria assassinado pelo ministro de jogos real.

— Gosto, sim, senhor, embora ache tudo muito intenso — responde Sora, ainda com ar de timidez.

Bay Chin se inclina à frente.

— Por isso é tão agradável!

Pigarreio.

— Não vamos ao evento.

Ele para com os pauzinhos a meio caminho da boca. Eles são feitos de marfim e jade. Bay Chin deve viajar com eles, o que é bem inteligente de sua parte, considerando que existem envenenadores, como Sora, por todo lado.

O conde franze a testa para mim.

— Por que não?

Limpo a boca com um guardanapo e o deixo de lado.

— Meu pai quer que esta viagem seja estritamente de negócios. Ela não tem ingresso, e eu não devo deixá-la sozinha.

A nobreza de alto escalão jamais compraria ingressos para o jogo, não somos plebeus. Ou nos sentamos em cabines de luxo, ou simplesmente não comparecemos. É óbvio que eu poderia ocupar o lugar reservado ao meu pai, mas

a ideia aqui é fazer Bay Chin convidar Sora. Fazê-lo pensar que a ideia partiu dele.

Bay Chin balança a mão envelhecida no ar.

— Mas que bobagem. Será uma experiência única na vida. Sora, você será minha convidada pessoal desta noite.

— Ah, eu... — Sora parece empolgada, depois olha para mim e se cala. Ela fala por fim olhando para seu prato, no qual nem tocou. — Obrigada pela oferta bondosa, senhor, mas devo recusar o convite.

O conde parece surpreso. Aposto que está mesmo. Não é todo dia que alguém lhe diz não, muito menos uma plebeia. Nem mesmo uma linda como Sora.

— Recusar?

Ela olha de mim para ele e depois para mim de novo.

É exatamente como Mikail a instruiu a fazer. No entanto, ela age de maneira tão natural que me pega desprevenido.

— Eu... de verdade... — gaguejo.

— Mas eu insisto! Vocês dois vão hoje à noite.

O tom dele é definitivo. Paro de discutir, mas Sora balança a cabeça.

— O senhor é tão gentil — diz ela. — Agradeço imensamente a generosidade e adoraria ir ao jogo. Mas o conde é meu lorde e mestre. Não posso trair suas ordens.

— Não, minha querida. Você tem apenas um mestre. — Ele levanta um dedo no ar. Sora o observa. Eu o olho também, curioso para o que ele vai dizer a seguir. — O rei Joon. Vou apresentá-la a ele hoje à noite.

Sora olha para mim, e eu assinto devagar, ignorando meus batimentos acelerados. É exatamente o que precisávamos que acontecesse, mas parece fácil demais.

— Obrigada, Vossa Graça — diz ela, oferecendo ao conde mais um sorriso tímido.

Em seguida, Sora pega o chá, então não vê o brilho de satisfação que reluz nos olhos pretos de Bay Chin. Mas eu vejo.

CAPÍTULO SETENTA E UM

EUYN

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

São duas badaladas e estou enlouquecendo dentro deste quarto. Vagueio de um lado para o outro em frente às janelas, tentando absorver o máximo de luz do sol possível — para caso eu acabe na escuridão da Prisão do Ócio mais uma vez. Porém, nada consegue te preparar para aquele lugar. A umidade, o escuro, a canção lamuriosa do iku e os gemidos de dor dos outros prisioneiros. Se bem que eu duvido que meu irmão me mande para lá uma segunda vez.

Não, se falharmos, de duas uma: ou virarei cinzas ou serei decapitado como traidor.

Dou uma risadinha. Vai ver cortam minha cabeça junto com o time que perder no jogo de tuhko. Ou drenam meu sangue na fonte do Deus da Guerra.

Um príncipe de Yusan sangrando junto com um time esportivo. Um final bem apropriado para um bastardo.

Olho ao redor quando uma risada atordoante ecoa pela suíte. Percebo que sou eu.

Paro de perambular. Preciso me recompor. Não tenho que me preparar para a morte, e sim para o sucesso. Ao pôr do sol, posso me tornar rei. Que tipo de governante serei? Eu sei o tipo de príncipe que fui. Sei que Joon marcou o reinado dele com o Festival Sangrento. Mas o que vai marcar o meu reinado, além do assassinato do meu próprio irmão?

Não é um começo muito promissor, mas a história como um todo é flexível. O país de Wei tem uma fama digna apesar das atrocidades por conta de sua riqueza, seu poder e por não terem se envolvido em conflitos nos últimos tempos. A memória é curta; o passado pode ser reescrito — isto é, caso se consiga chegar ao Templo do Conhecimento e se modifique os registros de Yoksa, mas não seria a primeira vez que alguém faria isso.

Apesar de ser o Carniceiro da Floresta do Oeste, posso ser um rei benevolente. Já vivi com a plebe. Já viajei com eles, confiei neles e matei por eles. Eu poderia ajudar o povo, me importar de uma maneira que Joon nunca fez. Eu poderia ser o tipo de rei para o qual as pessoas rezam no Templo Divino. Nem todos os reis têm isso. Alguns nós escolhemos esquecer.

Fico me perguntando se Joon será esquecido quando eu for rei. Não falamos

nem sobre Omin. Eu não me lembro muito dele, mesmo porque ele deixou o Palácio de Qali numa desgraça silenciosa quando eu tinha treze anos e morreu alguns anos depois.

Mas... eu matar meu próprio irmão? O que meu pai pensaria disso?

E então me lembro mais uma vez de que ele não é meu irmão de sangue e que meu pai também não era. Não sou um Baejkin. Talvez nem sangue nobre eu tenha. Quanto mais a badalada do jogo se aproxima, mais eu penso nisso. Mais eu juro conseguir sentir os olhos da minha mãe sobre mim. E então vejo algo... *alguém*... no canto.

Não. De jeito nenhum. Fecho os olhos e desejo que ela vá embora.

Ao olhar de novo, o canto está vazio. Respiro fundo, aliviado. A última coisa de que preciso hoje é ver o fantasma da vadia da minha mãe.

Talvez, se eu não estivesse sozinho, eu não estaria perdendo o juízo agora. Mikail não está aqui. Ele voltou ao quarto ontem à noite, mas não deu um pio. Depois, saiu ao amanhecer e mais uma vez não sei aonde ele foi. Confio nele, mas será que eu devo? Ou sou o maior idiota da história por confiar em um mestre-espião?

Fico atento ao som de passos se aproximando da porta: soldados prontos para me levar à Prisão do Ócio, ou Mikail voltando. Mas não há nada.

Pedi comida, mas ela está intacta sobre a mesa. Eu deveria comer, fazer uma última refeição. Contudo, pela primeira vez desde que acordei em Fallow, estou sem fome.

As badaladas são, ao mesmo tempo, minhas amigas e inimigas. Aeri e eu vamos para a arena às quatro badaladas. Por um lado, está muito perto, mas por outro parece que ainda vai levar uma eternidade. Vou usar meu casaco vermelho-imperial sob um manto. Está quente demais para usar as duas peças juntas, mas o manto vai ajudar a esconder minha identidade até que chegue o momento de revelar à arena que eu sou o rei. Espero.

O ar está úmido. O país todo está se preparando para a chuva das monções. Para as enchentes que salvam e que tiram vidas. As tempestades estão próximas. Os relâmpagos, os trovões e as chuvas sem fim. O ritmo de Yusan desacelera por um mês e para as pessoas é como se fosse um feriado. Um mês é o tempo ideal para a transição de governantes. Para sediar uma coroação oficial após o fim das chuvas.

Fico me olhando no espelho e imagino a coroa sobre a minha cabeça. Os rubis, os ônix e os diamantes da coroa dourada do Lorde Dragão. É então que a vejo de novo, mas desta vez no espelho — minha mãe. Não sei por que essa mulherzinha perversa escolheu justo hoje para me atazanar.

Com um berro, me afasto e volto para a janela. Vai ver estou vivo até hoje só porque tenho medo demais do que me aguarda, de *quem* me aguarda, nos Dez Infernos.

Depois de uns minutos, preparo um banho e rezo para não ser hoje que eu vá descobrir.

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

MIKAIL

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

O general Salosa é um homenzinho baixo e pomposo que tem quinquilharias demais no escritório. O espaço é gigantesco, com teto alto e entalhes elaborados pelos quais o palácio é conhecido, mas fica difícil reparar com tanta bugiganga.

Estou em frente à mesa enorme, quase que em posição de sentido, pois minha coluna está reta, mas meu peso está pendendo para o quadril esquerdo. O general tem um bigode que é quase tão grande quanto o próprio ego. Ele franze a testa, sentado atrás da mesa, ocupado com a papelada. Não tem nada que o Palácio de Qali ame mais do que deixar uma trilha de papel sob qualquer pretexto. Mas ele não precisa enviar nada agora. É uma jogada de poder, orquestrada para que eu perceba a importância dele.

Através das janelas largas, olho para o sol refletido na água. O palácio fica em uma ilha rochosa no meio de um lago fundo, acessível somente por uma ponte estreita.

Na maioria das vezes eu desejo que a terra engula isso aqui tudo.

Eu me volto ao general e brinco com um peso de papel que está sobre a mesa dele. O vinco na testa dele se aprofunda cada vez que eu toco o objeto, então eu o giro feito um pião na madeira envernizada. Ele imediatamente pega o objeto de volta e o deixa fora do meu alcance. Em seguida, finaliza sua assinatura supercomplicada. O general dos guardas do palácio é muito divertido.

— Quais são as notícias a respeito do plano de assassinato? — pergunta ele, enfim tendo concluído seu trabalho.

— Não houve mudança.

Ele pega outra folha de papel para assinar.

— Ainda vai ser depois da partida de tuhko?

— Vai, é isso que “não houve mudança” quer dizer.

Generais e espíões não costumam se dar bem, e nós dois não somos exceção. Eles querem nos controlar, mas nós respondemos apenas ao rei. Por isso o conflito.

Ele me olha, irritado. Abro meu sorriso mais convencido.

Salosa fica vermelho e abre a boca, mas depois lembra que, de acordo com o rei, estamos no mesmo nível.

— Muito bem — diz ele.

— O rei deve ficar atrás das muralhas de Qali, então? — pergunto.

— Não houve mudança.

— Acho que eu mereci essa.

— Sem dúvida. — Ele me encara com os olhinhos desconfiados. — Traga os traidores com vida, Mikail. Será recompensado por isso.

Assinto e me retiro da sala caminhando de um jeito arrogante, embora não me sinta nada altivo. Este é um jogo perigoso, mas preciso seguir as regras por enquanto.

Sigo pelo corredor de mármore abobadado até o Salão dos Espiões. Meu escritório fica do outro lado de Qali, passando pela enorme redoma interior, que possui uma pintura linda. Eu me lembro de como fiquei impressionado na primeira vez que vim ao castelo. Meu pai, Ailor, estava recebendo uma medalha por seu serviço, e eu observava tudo boquiaberto. Todo este luxo banhado a ouro quase faz você se esquecer de que o esplendor foi construído à custa da morte e do sofrimento de muita gente.

Os criados me reverenciam e os guardas me saúdam quando passo. Não estão acostumados a me ver perambulando pelos corredores da ala oeste, porque os espiões têm as próprias entrada e saída na ala oposta. Geralmente não venho por este caminho, a menos que eu seja requisitado no salão do trono ou esteja espionando Salosa ou um de seus tenentes.

Ninguém está livre de suspeita em Qali.

Chego ao corredor do leste e levo um momento para me lembrar de qual chave usar para a minha porta. Esta sala é minha há dois anos e meio e ainda assim nunca fico aqui a menos que precise. Tenho praticamente o mesmo espaço de Salosa, mas, ao contrário do escritório dele, o meu não é cheio de tralha. Espiões não escrevem tudo, e existe um ótimo motivo para isso. Seríamos péssimos em nossa função se deixássemos segredos anotados por aí.

Apesar do calor e da umidade que antecede a temporada de monções, está sempre fresco no palácio. Meu escritório tem uma lareira enorme. Ela é tão grande que daria para assar Salosa no espeto dentro dela. É aqui que queimo toda a correspondência. Abro a saída de fumaça e acendo o fogo. Quente ou frio, sempre acendo uma chama fumacenta quando estou aqui caso alguém esteja escondido na chaminé enorme ou bisbilhotando lá de cima.

Estou apoiado na moldura da lareira, observando as chamas, quando ouço uma leve batida na minha porta. Sei quem é mesmo sem olhar.

— Pode entrar — digo.

— Bem-vindo de volta — fala Zahara.

Tenho certeza de que esse não é o verdadeiro nome dela. Ela é bela — não como Sora, mas à sua própria maneira. O cabelo dela é castanho, quase do mesmo tom dos olhos de cílios volumosos. Ela tem a mesma cor de pele que eu, e por volta da minha idade. Os espiões são todos jovens. Não é uma profissão na qual venhamos a nos preocupar com rugas e netos.

Como mestre-espião, costumo escolher os espiões, mas ela chegou até mim

por meio de Joon. Não demorou até ela virar minha segunda em comando, embora eu não confie nela. Sem ofensas; não confio em ninguém.

Zahara entra e fecha a porta.

— Foi você? — pergunto.

Um canto dos lábios dela se curva para cima. É resposta o suficiente. Ela matou o conde Dal. Não me dou ao trabalho de perguntar como, isso não importa.

— Ele está se movimentando — sussurra ela. E só pode estar falando de Joon. Ele é o único que não conseguimos rastrear adequadamente. Não temos permissão para segui-lo ou espioná-lo. Seríamos jogados aos iku se desobedecêssemos a essa ordem. Nenhum homem está livre de suspeitas, mas Joon não é um homem. Ele é um deus-rei. Por enquanto.

— Quem mandou Thorn? — pergunto.

Thorn era o assassino que foi morto em Aseyo. Assassinos tecnicamente não fazem parte do Salão dos Espiões, mas podem matar por ordens nossas. Além disso, também podem operar sob a direção do general Salosa.

— Nenhum de nós — diz ela.

— E o alvo?

— Desconhecido. Salosa alega que o assassino estava trabalhando por fora de Qali.

Um rebelde. Salosa está dizendo que Thorn agiu por conta própria.

Assassinos são mais propícios a fazer isso do que espiões. Eles têm a habilidade de matar, mas não são inteligentes nem confiáveis o suficiente para a espionagem. São menos respeitados, então são mais suscetíveis a suborno ou a mandar um “foda-se” e trocar de lealdade.

Ainda assim, a resposta me parece simples demais, mas sei que não é aconselhável manifestar meu ceticismo.

— Alguma novidade sobre Khitan? — pergunto.

— Inalterado. A rainha Quilimar está usando o anel e recebendo dignitários do trono. O menino está vivo... por enquanto.

O príncipe de Khitan completará quatro anos no mês que vem. Quilimar é a mãe dele e era de se esperar que ela não fosse matar o próprio filho, mas eu não descartaria a possibilidade. Laços de família nunca impediram assassinato nenhum para os Baejkin. E Quilimar é a mais implacável que tivemos em décadas.

— E Gaya?

— Estamos averiguando a questão do suprimento de laoli desaparecido que foi encontrado em Oosant. Nenhuma resposta ainda. A suspeita está indicando o conde do leste — explica ela.

— Que conveniente.

Ela dá um sorriso irônico.

— Não é?

Uma quantidade de droga equivalente a um milhão de muns de ouro escondida em um armazém no meio do nada e quem está levando a culpa é um

homem morto. Alguém está mexendo muitos pauzinhos, e precisamos descobrir logo quem é, porque independentemente de quem seja, é uma ameaça ao trono de Euyn. É claro, o fato de que matamos todos na Mina e incineramos a evidência não ajuda em nada. Mas não tive tempo para torturar os homens até conseguir respostas, e se eu deixasse as drogas com os corpos, a laoli teria sumido já no dia seguinte. Não tenho dúvidas quanto a isso.

— Continue a busca — ordeno.

— Está bem.

— E Wei?

— O sacerdote rei ainda mantém o reinado de ferro, apesar dos nossos esforços. Houve dois desaparecimentos.

Dois espíões assassinados ou praticamente mortos em Wei. Isso eleva o total a catorze desde que virei mestre-espião. Não podemos continuar perdendo pessoas boas para aquele país, mas também não podemos parar de enviá-las para lá, não quando precisamos dar a Wei milhões de muns de ouro em um tributo sazonal.

— Os condes do norte e do oeste estão em Tamneki? — pergunto.

Ela faz que sim.

— Sem sinal do conde do sul.

— Por enquanto é só — digo. Normalmente, Zahara iria embora nesse ponto, mas ela continua parada. Estranho. Longas despedidas não fazem o nosso estilo. — Pois não?

— Você vai trazer os traidores hoje à noite? — pergunta ela.

Sorrio. É lógico que ela já ficou sabendo. O general Salosa não consegue segurar a língua dentro da boca, mas foi exatamente por isso que contei a ele — eu não queria que isso fosse mantido em segredo. Depois de encontrarmos o assassino, deixei de dormir e vim até aqui, invadi o escritório de Salosa e reclamei aos berros de ele quase ter comprometido minha missão de um mês para trazer os traidores da coroa.

— É o que dizem por aí — digo.

— Uma morte segura — diz ela. Assinto, e ela vai embora.

É uma coisa que dizemos ao nos despedir — e também um conselho. Para espíões, tirar a própria vida é melhor do que ser capturado. Todos nós andamos com comprimidos de Erlingnow por questão de praticidade. Sob tortura, você corre o risco de ceder. Se estiver morto, seu cadáver não tem como dar com a língua nos dentes.

Entretanto, neste caso, Zahara está dizendo para trazer os *corpos* dos traidores, não para trazê-los vivos.

Que curioso.

Ainda estou com isso na cabeça quando a torre soa três badaladas. Preciso voltar a Tamneki às quatro.

Dou uma última olhada ao redor e deixo a ala leste do palácio. Temos um bote para ir e vir discretamente sob o olhar atento de centenas de arqueiros do palácio. É o único bote com permissão para cruzar o Lago do Ócio, e com as lunetas de espíões eles observam nosso rosto e cada remada que damos. Porém,

em vez de pegar o bote, vou a pé pela ponte.

O Lago do Ócio parece ser feito de vidro, de tão calma que a água é. Contudo, a superfície agradável esconde os monstros que vivem nas profundezas.

Que metáfora perfeita para Qali.

Se eu acabasse caindo da ponte de pedra, desejaria e rezaria pela minha morte. Os iku têm mandíbulas de barracudas, mas também quatro braços humanoides e torsos como os de humanos. Na extremidade desses braços, despontam garras de mais de dez centímetros. A parte inferior de seus corpos parece a de um peixe enorme. Reza a lenda que antigamente os iku eram humanos, criados do Lorde Dragão que foram transformados em monstros e condenados a viver na água depois de tentarem roubar os tesouros de seu mestre.

São criaturas espertas, conseguindo se movimentar sem causar a menor perturbação na superfície. Os iku também caçam em bando, se comunicando com uma linguagem própria. Dá para ouvir o som deles na Prisão do Ócio. Deixa o clima das celas úmidas ainda mais tenebroso.

O palácio oferece aos iku cervos sacrificados e faz questão de colocar peixes grandes no lago. A pior característica dessas criaturas, no entanto, é como atormentam as presas. São conhecidas por deixarem as vítimas nadarem até quase chegarem à margem, depois as agarram e puxam para baixo. Essa brincadeira toda com a comida pode levar badaladas. Às vezes, humanos são jogados no lago também. Como os corpos são comidos e, portanto, não podem ser cremados, é uma punição reservada apenas aos piores criminosos — assassinos e traidores.

Pessoas como eu.

Chego em segurança ao outro lado mais uma vez. Olho para trás, encontrando o olhar de centenas de soldados a postos ao longo das muralhas do palácio. Por um instante, me pergunto se serei jogado aos iku no dia de hoje. Será que os guardas vão me jogar da ponte enquanto a nobreza observa com interesse e terror?

Não. Vou trazer os traidores. De um jeito ou de outro.

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

AERI

CIDADE DE TAMNEKI, YUSAN

Os olhos de Euyun parecem tão cansados. Eles vagam tanto que começo a olhar ao redor também. Quem diria que a paranoia era contagiosa? Porém, não há nada para ver. Ou tudo, considerando que estamos em meio a uma multidão.

— Tá tudo bem? — pergunto, minha voz mal passando de um sussurro.

Ele faz que sim. Euyun tem estado muito quieto desde que bati na porta dele na Estalagem das Fontes. Vai ver ele está com o estômago embrulhado, assim como eu.

Mas estamos quase lá.

Mais alguns passos e chegamos às sombras da enorme Arena do Rei. Nunca vi nada tão grande. Não achei que fosse possível pessoas construírem algo assim e, de acordo com as histórias, não construíram mesmo. O mito conta que a arena foi colocada aqui pelo Deus do Oceano do Leste. Não sei se acredito, porque, afinal, o que faria um deus construir uma arena? Seja quem for que a criou, ela é usada para as partidas violentas e superpopulares de tuhko.

Um mar de gente segue conosco. A maioria das pessoas com ingresso parece estar abrindo mão de assistir ao desfile da celebração para chegar a tempo em seus assentos. A arena tem dezenas de entradas e saídas, mas com duzentos e cinquenta mil visitantes, ainda assim haverá filas para entrar.

Euyun colocou o capuz e caminha de cabeça baixa enquanto seguimos pela rampa até a entrada de criados ao norte da arena. Ninguém nos impede de entrar, está todo mundo ocupado demais para se importar com isso.

Eu me sinto vulnerável e meio exposta sem Royo ao meu lado, mas Mikail está nos esperando no ponto de encontro. Ele está apoiado na parede com a espada chique presa no quadril. Armas são proibidas dentro da arena, mas ele é um mestre-espião, então as regras não se aplicam a ele. Na verdade, a maior parte das regras parece não se aplicar a Mikail.

Ele dá um sorriso contido em vez do sorriso convencido de sempre. Acho que o dia de hoje afetou a todos nós. Ontem eu estava ótima, mas desde que Royo e Sora saíram mais cedo estou com vontade de gritar ou vomitar. Assim que ele saiu pela porta, tive vontade de agarrá-lo pelo braço e implorar que ficasse comigo, mas eu não podia. Cada um de nós tem a própria tarefa a cumprir hoje. Só

preciso arrumar coragem para realizar a minha. Nunca me senti tão dividida na vida.

— Está pronta? — pergunta Mikail.

Respiro fundo. É isso aí, não tem mais volta. Ainda assim, eu quero dar as costas e sair correndo. Quero dizer a eles para esquecerem o plano todo. No entanto, não posso fazer isso agora, como também não podia em Aseyo. Já estou envolvida na missão e preciso levá-la adiante. Nada mudou.

Quando Mikail me ofereceu este trabalho, ele me perguntou se eu realmente queria passar o resto da vida roubando. Respondi que não, mas ele não sabe o porquê. A verdade é que *não posso* continuar roubando. E assim que eu conseguir ajudar meu pai, posso parar. Ele é quem mais importa. Recuperar nosso relacionamento, fazer com que ele se orgulhe de mim, finalmente tê-lo como minha família e garantir a segurança que vem com isso é tudo o que eu sempre quis. Por algum motivo, vivo me esquecendo disso, mas meu pai é sangue do meu sangue. O laço que criei com essas pessoas é feito de água e vai evaporar depois de hoje.

Portanto, assinto, e Mikail me entrega uma bolsa com um uniforme de criada.

Sinto minha boca ficar seca. Quero dizer algo a eles, algo significativo, mas não sei o quê. Então simplesmente me afasto.

— Aeri — chama Mikail.

Fico paralisada e sinto meu peito apertar. Engulo em seco e me viro para ele.

— Sim?

— Se tudo der errado... fuja. Salve a si mesma e esqueça que nos conhece.

Respiro fundo porque foi exatamente o que Royo disse. E ele disse porque se importa comigo. Isso significa que Mikail também se importa.

Não achei que ele se importasse. Para ser sincera, exceto Royo, não achei que nenhum deles se importasse. Só que sinto meu estômago revirar quando lembro: Ty e Euyn salvaram a minha vida em Oosant, Sora esfregou o sangue do meu vestido e eu disfarcei os hematomas dela com maquiagem, e Mikail me trouxe uma adaga do arsenal em Aseyo.

Será que ter uma família é assim? Nunca senti isso. Mesmo antes, quando criança, eu era sozinha. Minha mãe era uma boa mãe, eu acho, mas ela estava mais preocupada em ter um filho e garantir um futuro do que comigo. E foi só recentemente que meu pai deixou de não querer nada comigo.

Dou um passo e tropeço, meus joelhos fraquejando. O que estou fazendo? Mikail vem me ajudar, erguendo as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Balbucio algo a respeito de estar nervosa e digo que estou bem, mas se tem uma coisa que eu não estou é bem. Na verdade, acho que vou passar mal.

Esses assassinos são as únicas pessoas que já se importaram comigo, se eu viveria ou morreria. Talvez tenha sido só por causa da missão, mas não sinto que seja isso.

Eu estava errada quando pensei que nada tinha mudado.

Tudo mudou.

No entanto, não digo nada. Apenas assinto e sigo meu caminho.

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

ROYO

ARENA DO REI, YUSAN

Está todo mundo animado com o jogo de tuhko. Por toda a arena é possível ver faixas de torcida por Silla e Rouran tremularem ao vento — o polvo azul e o leão da montanha amarelo. Silla é o time da região sul. Rouran é da oeste. Os caras ricos que fundaram os times profissionais de tuhko gostam de dar a eles seus próprios nomes. Os atuais campeões, times do norte e do leste, já perderam em rodadas anteriores, fazendo com que esses dois fossem considerados os melhores da nação. Isso também significa que um deles está condenado. Enquanto os outros dezoito times sobreviverão para treinar mais um dia, metade dos jogadores que estiverem em campo hoje vai morrer.

Vamos assistir à partida bem de trás dos gols, do lado direito da arena.

Estou vestindo um terno, fingindo ser o guarda-costas de Sora e Ty. A cabine real fica acima da parede do gol. Diferentemente do joguinho de merda que eu jogava em Rahway, estas argolas são de ferro e estão pregadas na parede do estádio.

Tem outras duas cabines de luxo de cada lado da arena, que também são destinadas à realeza. São doze nobres de alto escalão à direita e doze sacerdotes à esquerda. São os sacerdotes que vão matar o time que perder. As vestes deles ficarão empapadas de sangue e tripas, e estarão com as adagas pingando enquanto a multidão vibra.

Porém, nem o campeonato de tuhko é o bastante para me distrair de procurar Aeri. Odeio não estar de olho nela, ter precisado deixá-la.

Respiro fundo. Preciso confiar que ela está bem e onde deveria estar — e eu *confio* nela.

Só não sei se confio nos outros.

Os guardas do palácio cercam a cabine real ao nosso lado. Armaduras pretas e cinza brilham no sol do fim de tarde e penas vermelhas adornam os capacetes deles. Nem se me pagassem eu usaria esse negócio espalhafatoso, mas bem que eu queria o aço protegendo meu peito agora.

Parecem ser uns vinte guardas. É difícil afirmar, porque metade da cabine está coberta por uma sombra. No meio, porém, está um único trono de ouro — vazio agora, mas logo cem trombetas vão anunciar a chegada do rei e a arena toda vai se

curvar. Duzentas e cinquenta mil pessoas em silêncio absoluto pelo rei.

Estou desarmado e detesto isso, mas revistam cada um na entrada e confiscam quaisquer armas. Obviamente os guardas do palácio estão armados até os dentes, os sacerdotes têm as facas cerimoniais e os guardas da arena têm os cassetetes de madeira. E só eles.

Armas são a última coisa de que alguém precisa quando se tem duzentas e cinquenta mil pessoas absurdamente arrebatadas aqui dentro.

Quando a arena fica muito alvoroçada, os guardas do palácio cercam o rei, e os guardas do estádio batem na multidão para que todos se aquietem. Às vezes, se forem cercados por uma muvuca, os guardas da arena morrem. Às vezes, tem gente que apanha deles até morrer.

Com tanta coisa em jogo, as emoções estão sempre à flor da pele.

Sei bem como é isso.

O conde do norte cumprimenta Sora e Ty. Sou apenas o guarda, então não me apresentam, mas posso jurar que o olhar dele pousa em mim. Nunca nos conhecemos, mas é óbvio que sei quem ele é. Ele governou Umbria durante toda a minha vida. Foi por causa dele que as gangues tomaram conta da cidade. Que o rio Sol virou aquela merda. Que as sanções de Joon acabaram com a cidade. Foi ele que nem ao menos aceitou me encontrar quando tentei procurá-lo após a prisão de Hwan para avisar que tinham prendido o cara errado. Travo o maxilar e, quando ele passa, não tiro os olhos do campo.

— Que bom que vocês dois decidiram se juntar a mim — diz Bay Chin. — Esta será uma partida sem igual. — Depois, ele para e fica babando em cima de Sora. — E você, minha querida, é uma mulher sem igual.

Ela está usando um vestido cor-de-rosa que revela um brilho dourado quando ela se move. Nunca tinha visto nada igual — é como se ela reluzisse.

Bay Chin segura a mão dela.

São duas fileiras de cadeiras estofadas na cabine da alta nobreza, e todos os assentos estão ocupados, exceto três. Bay Chin ocupa o lugar dele no meio da fileira da frente e gesticula para que Sora se sente à direita e Ty à esquerda. Tem uma criança no assento do canto que deve ser o filho do conde morto do leste.

Fico de lado com os demais guarda-costas, observando a multidão encher a arena. Eu me porto como os guardas reais, com as mãos grudadas às costas. É uma postura idiota, mas fazer o quê.

Nenhum sinal de Aeri na cabine real ainda. Continuo olhando.

De repente, começa um batuque ritmado e os dois times entram em campo. O estádio vai à loucura com os gritos da torcida. Os times rondam o perímetro e então param de frente à cabine real, numa fileira longa com os ombros apurados, à espera do rei.

Reconheço a maioria dos jogadores. Assim como cada garoto em Yusan, eu queria ser jogador profissional de tuhko. É, você pode acabar morto se for o segundo colocado, mas um dia comum na vida de um capanga é bem mais perigoso. Além do mais, os jogadores são tratados como nobres. Todos os conhecem, e eles podem ser mais ricos que comerciantes se forem realmente

bons. Seria uma vida boa demais.

Nada de Aeri.

De uma só vez, cem trombetas soam e todos se levantam. O rei chegou. A multidão se vira para a cabine real.

Joon aparece numa roupa cor vermelho-imperial com um manto sobre os ombros. Está quente demais para isso, mas ele deve ter criados para abaná-lo. Ele está igualzinho a quando visitou Umbria mais de uma década atrás. Um pouco grisalho nas têmporas e com algumas rugas a mais, mas fora isso, continua o mesmo. Ele e Euyun têm cabelo preto e olhos castanhos, mas não se parecem em nada. Joon deve ter mais ou menos a altura de Sora e um corpo esguio, enquanto Euyun é mais alto do que eu. As feições de Joon são angulares, as de Euyun, não. Mas faz sentido, já que Euyun é vinte anos mais novo e eles tiveram mães diferentes.

O estádio fica em silêncio enquanto nos curvamos ao rei. Joon acena, e então os gritos da torcida tomam o local. Os times se cumprimentam com apertos de mão e vão para seus respectivos lados na arena.

Percebo Mikail perambulando pela cabine real e logo em seguida, até que enfim, vejo Aeri, vestida com uniforme marrom de criada. Solto um suspiro de alívio e meu peito fica até mais leve. Ela está bem. Ela chegou até aqui bem e agora está a postos.

Euyun é o único que não consigo ver, mas ele deve estar em algum lugar abaixo de nós, próximo — mas não demais — das escadas reais, até que chegue o momento certo.

Estamos prontos.

O primeiro tempo do jogo é dividido em dois períodos de trinta minutos. É no segundo período que acontecem os dois minutos mais importantes, quando os pontos dobram.

É nesse momento que vamos atacar. Mas antes a partida tem que começar.

Joon vai até a beira da cabine real e a multidão se acalma. O rei segura uma bandeira vermelha, que tem uma cobra de ouro maciço enrolada nela. O técnico do time vencedor receberá a serpente como prêmio. O mais premiado da história acumulou três delas. O técnico do Silla tem duas.

O rei olha em volta da arena e sorri. Todos acompanham com expectativa o movimento da mão dele. Quando a bandeira cair no campo, a partida inicia. Os dois times vão correr até a bola parada no centro.

Até eu estou na ponta dos pés, aguardando ansioso.

O objetivo do tuhko é bem simples: marcar mais pontos do que os adversários. No entanto, falar é fácil. Os times precisam decidir quais e quantos jogadores ficarão na defesa e no ataque. A defesa aguarda sob as argolas para bloquear tentativas de gol. Como no jogo do festival, para acertar é preciso que o lançamento à distância seja perfeito. A violência é aceita como um recurso, mas jogo sujo, como lançamentos nos genitais, acarreta penalidades. Os árbitros de preto ficam em campo, prontos para alçar bandeiras douradas de falta. Quando um jogador recebe uma falta, precisa sair de campo temporariamente, deixando o

time em desvantagem por toda a duração da penalidade. Entre uma falta e outra e os demais intervalos, o primeiro tempo costuma levar bem mais do que uma badalada. Está mais para uma badalada e meia.

Mas primeiro Joon precisa soltar a bandeira.

É como se eu conseguisse sentir a respiração dos times. Os olhos ávidos dos torcedores. A animação. Não estou aqui para assistir ao tuhko, mas ainda é difícil não se deixar levar. Duzentas e cinquenta mil pessoas querendo a mesma coisa.

Joon abre a mão e eu solto a respiração à medida que a bandeira cai, esparramando o vermelho pelo gramado verde. A multidão vibra tão alto que a arena de pedra treme, e então um monte de gente começa a cantar. Os músicos tocam os tambores num frenesi.

O jogo começa.

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

SORA

ARENA DO REI, YUSAN

Tuhko é violento demais. Já assisti antes, mas não desse jeito, não quando o risco é de vida e morte.

Os times colidem com tanta força que estremeço na cadeira. Não há nada para amortecer o impacto e proteger os jogadores. Estamos sentados tão perto que consigo ver o sangue manchando os uniformes deles.

Bay Chin vibra, os lábios dele estão úmidos pela empolgação. Ele não fala muito comigo. Olhou para mim quando entrei, mas fora isso, a atenção dele está toda na partida. Observo as faixas de tecido azul-claro e fico me perguntando se Silla é o mesmo que Maricelus Silla, o homem que Seok me mandou matar. Provavelmente, sim. Será que o assassinato dele tinha alguma relação com este jogo? Duvido que um dia eu vá descobrir.

— Para quem está torcendo? — pergunto, chegando mais perto de Bay Chin. Preciso inclinar a cabeça para conseguir escutá-lo, pois ele está do meu lado esquerdo e o barulho da torcida está muito alto.

— Apostei uma grana no Rouran — diz ele sem olhar para mim. Depois, se levanta e grita por causa de um passe. Está um a zero para o Rouran, mas considerando a raiva de Bay Chin e a reação de muitos na arena, nem parece que eles estão ganhando.

Aeri está na cabine da realeza. Ela segura uma bandeja cheia de uvas. Quatro criados abanam o rei com plumas pretas enormes, que suponho serem de samroc. Sentimos a brisa daqui. Exceto pelos criados, os guardas e Mikail, o rei está sozinho. É estranho o isolamento que esses homens procuram e com o qual se acostumam.

Bay Chin me pega olhando para o trono. Sorrio e olho para a frente.

— Não me esqueci, minha querida — diz ele. — Apresentarei você ao final do primeiro tempo.

Não deixo nenhuma reação transparecer, mas meu estômago se revira e eu luto contra a vontade de enfiar as unhas no apoio de braço. Se for assim não vai funcionar. Preciso dar um jeito de conhecer o rei antes disso. Aeri falou que os últimos dois minutos de cada tempo são os melhores para atacar porque todos estarão vidrados no jogo.

O intervalo vai ser tarde demais.

— Vou adorar, senhor. — Sorrio.

Agora tenho menos de quarenta minutos de partida para inventar algum pretexto, alguma maneira de chegar perto do rei.

Não posso desviar de Bay Chin para olhar para Ty, não importa o quanto eu queira. Preciso da lógica dele, que me dê uma opinião, que me conforte. Que estranho, nunca tive muito conforto na vida, e agora não sei como vivi tanto tempo sem.

Mas precisamos fingir.

Logo me dou conta de que não tem como eu conhecer o rei sem Bay Chin, porque Ty não tem influência suficiente para se aproximar do trono. É por isso que precisávamos de Dal. Penso em ir ao banheiro e depois fingir entrar na cabine errada, mas os guardas do palácio me deteriam. Mikail não pode me apresentar, senão arriscaria revelar que já nos conhecemos. Como é que vou até Joon, então? O que eu faço? Não cheguei até aqui para falhar agora.

— Minha querida, você perdeu um lance incrível — comenta Bay Chin.

Eu estava imersa em pensamentos, olhando para o nada, mas é claro que ele espera que eu preste atenção a cada movimento do jogo. É então que enxergo a minha oportunidade.

Alguns minutos depois, após uma bandeira de falta ser lançada, dou um bocejo. Finjo que estou tentando esconder meu tédio, mas Bay Chin percebe e homens assim não suportam não ser o centro das atenções de uma mulher.

— Venha, minha querida. Enquanto eles discutem a penalidade, deixe-me apresentá-la ao rei.

Ajo como se não conseguisse conter minha animação. O que acaba sendo verdade, porque não acredito que fingir um bocejo deu certo.

— Mesmo?

Ele fica de pé e me oferece sua mão. Ty se levanta também imediatamente.

— Você já conheceu o rei — repreende Bay Chin. Ele coloca a mão no ombro de Ty como se para fazê-lo se sentar novamente.

— E sou sempre grato pela oportunidade — responde Ty.

Bay Chin força uma máscara jovial.

— Ah, sim, é claro.

No entanto, a expressão no olhar dele chama a minha atenção. Tem alguma coisa errada, mas não tenho tempo para tentar descobrir o que é. Já estamos quase no alerta de dois minutos.

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

MIKAIL

ARENA DO REI, YUSAN

Assisto ao jogo com tranquilidade e observo o rei, mas sou tomado por uma sensação sinistra, como a atmosfera antes de uma tempestade de relâmpagos, quando os sábios e as criaturas sabem que devem buscar abrigo.

A essa altura Sora já deveria ter sido apresentada ao rei. Estamos no segundo período do jogo, mas ela ainda está sentada ao lado de Bay Chin na cabine da alta nobreza.

Que bom que Euyn não está aqui para ver isso. Ele estaria fora de si insistindo que tinha razão. Euyn, em meio a toda a paranoia dele, havia exigido diversas vezes para fazermos um teste, só que não tinha como acessarmos a arena sem sermos vistos por centenas de trabalhadores. Além do mais, não tinha o que praticar. Aeri pode roubar, Sora pode beijar. Não deixamos nada por conta da sorte, exceto a boa vontade de Bay Chin em apresentar Sora ao rei. Ele é nosso impedimento.

Não gosto de ter que confiar no conde com a última fase do plano. Sim, a trama toda foi ideia dele, mas ele foi muito claro quando exigiu não se envolver ou mesmo ser mencionado. Agora, como Zahara matou Dal, ele está literalmente no centro disso tudo.

Mas acho que não tem tanta importância. O papel crucial é o de Aeri, e ela já está a postos. Se precisar, eu mesmo esfaqueio Joon. Vou morrer, é claro, dilacerado por vinte guardas do palácio, mas pelo menos o general Salosa ficará feliz — talvez ele até me dê o golpe fatal. Independentemente do que aconteça, vou arrastar Joon até o Lorde Yama comigo.

Entretanto, sendo sincero, eu preferiria que Sora desse um jeito de vir para cá. O assassinato de Joon tem que parecer um ataque cardíaco, porque isso não deixaria rastros. Digo a mim mesmo para esperar. Relembro que se tem alguém que consegue fazer isso, é ela. Hoje, Sora está brilhando feito a luz de uma vela. E ainda temos tempo.

Ando muito impaciente, o que é atípico para mim, mas acho que isso é por estar tão perto da vingança. Esperei por tanto tempo que precisar esperar ainda mais parece uma crueldade excessiva. Mas a realidade é esta, e a impaciência só traz arrependimento por ter sido desleixado.

Quando Joon estiver morto, vou me ajoelhar para Euyn como nosso rei. Com toda a confusão, alguns dos guardas vão se ajoelhar comigo, assim como os condes e Ty. O aval dos guardas do palácio e da nobreza deve bastar para a nomeação de Euyn como rei, ainda que sem uma coroa. O que contei a Salosa não vai fazer diferença e é por isso que revelo coisas a ele. Ou todo mundo se dá bem, ou eles vão morrer como traidores de qualquer forma.

Além do mais, Euyn vai me odiar por destruir a coroa. Honestamente, talvez ele me mate com as próprias mãos, mas o preço da vida de um homem não é nada comparado a libertar toda uma nação. O que estou prestes a fazer é por amor.

Só não o meu amor por Euyn.

CAPÍTULO SETENTA E SETE

EUYN

ARENA DO REI, YUSAN

As trombetas. Só estou esperando as trombetas soarem. O som vai indicar o alerta de dois minutos. Joon estará morto e eu vou subir as escadas até a cabine da realeza. Então, tudo terá acabado. Serei coroado por Mikail e me tornarei o novo rei de Yusan.

A arena chacoalha conforme milhares de pés batem no chão, a multidão torcendo por seu time predileto e entoando gritos de comemoração, vaias, suspiros de decepção, vibrando com passes certos. O povo ama tuhko. Ainda mais os campeonatos fatais. Yusan tem uma sede de sangue insaciável. E eu serei Yusan.

Ou uma pilha de cinzas.

Agarro os cabelos e depois agito os braços. Não. Eu vou ser rei. Os rumores a respeito da coroa não passam de boatos. É, tem crânios com lanças na Prisão do Ócio, mas vai saber por que estão lá ou de onde vieram. Se o general realmente tivesse virado cinzas, a cabeça dele teria queimado também. É só conversa fiada.

Talvez.

A coroa é etherum. Ninguém sabe como funciona. Pode ser verdade.

Não, é um mito. Um boato espalhado para desencorajar as pessoas a roubarem a coroa. Eu acho.

Pensando assim, por que ninguém a tomou? Por que tivemos um milênio ininterrupto do reinado de Baejkin? Não é como se o povo tivesse amado todos os monarcas. O próprio Joon não é lá muito querido pelos yusanianos.

Ando de um lado para o outro no corredor iluminado por tochas, meu manto roçando no chão de pedra. Ainda esperando. Ainda suando, embora esteja frio aqui embaixo. Tem que ser daqui a pouco. Não consigo ouvir as badaladas, mas já passou tempo demais. Penso em subir até a arena para dar uma olhada, mas não posso. Preciso ficar aqui.

Não. A multidão ainda vibra. Não passou tanto tempo assim, eu só perdi a noção. Como quando fiquei de guarda para Mikail durante aquela noite na caverna em Fallow, cada segundo parece mais longo. Cada som parece mais significativo.

A menos que algo tenha dado errado. A menos que tudo tenha dado errado.

Um arrepio percorre minha espinha. Tem alguma coisa estranha acontecendo. Fico com a mesma sensação que tive na passagem da Montanha de Tangun, de que eu deveria correr. Dar o fora desta arena. De Tamneki. Salvar minha própria pele.

Sigo para a saída, mas depois dou meia-volta. Não. Não, estou sendo paranoico. É tudo coisa da minha cabeça. Essa sensação é tão irreal quanto o espírito da minha mãe no espelho. Estremeço, mas preciso ficar aqui, do contrário, Mikail não vai ter ninguém para coroar, a capital vai ser tomada por um caos e pessoas inocentes vão morrer. Talvez até Mikail morra se as pessoas acharem que ele roubou a coroa para si mesmo.

Mas cadê essas trombetas?

Estou olhando para as escadas quando sinto o metal afiado de uma espada nas minhas costas. Só um tipo de pessoa poderia me pegar de surpresa assim: um assassino do palácio.

— Não se mexa, Vossa Alteza — ordena uma voz. Não sei de quem é, porque soa abafada. Às vezes os sombras usam máscaras.

Respiro fundo e olho para as escadas. Certamente Mikail vai aparecer aqui embaixo com sua espada flamejante. Ou Royo vai marchar até aqui com as mãos cerradas em punhos. Ou pode ser que Ty venha até mim, mate o assassino e me proteja.

Ninguém aparece.

Porque fui traído.

A aceitação fria me inunda. Eu sabia que tínhamos um traidor entre nós, desde a noite em que ninguém assumiu ter atacado o assassino, mas ainda segui com o plano. Porque eu não tinha alternativa. Porque sou um idiota.

Estou sem a minha besta. Mikail disse que seria suspeito demais trazê-la, então a deixei na estalagem. Mas tenho minha espada cerimonial, enfeitada com pedras de rubis, ouro e ônix encrustadas. Considero pegar o cabo para tentar lutar e sair daqui. É só uma pessoa... eu acho. Mas não tenho como saber se não tem outro sombra à espreita em algum lugar. E como vi diversas vezes nesta viagem, não sou páreo para espadachins experientes.

O metal é pressionado nas minhas costas com mais força. Não chega a cortar minha pele, mas não é nada agradável.

— Mãos ao alto, por favor, príncipe Euyn. Recebi ordens para levá-lo com vida... se possível. Eu preferiria não precisar matá-lo, porque seu amante quer ter uma palavrinha com você.

Fecho os olhos sentindo meu estômago se revirar.

Sem saída, levanto as mãos ao ar.

Mikail me traiu. Esse tempo todo, o traidor era ele.

CAPÍTULO SETENTA E OITO

AERI

ARENA DO REI, YUSAN

Estou esperando na cabine da realeza. Faz um bom tempo que os árbitros estão discutindo uma bandeira de penalidade. Já era para estarmos no alerta de dois minutos, mas interromperam a partida para bater boca.

Meu nervosismo aumenta a cada segundo. Fico parada segurando a bandeja de frutas feito uma estátua, mas sinto frio e calor ao mesmo tempo. Meus dedos estão congelados, só que estou suando. Meu coração está disparado e me sinto levemente zonha.

O que eu faço? O que eu faço?

O rei está a menos de dois metros de mim, assistindo ao jogo. A coroa dourada reluz sobre a cabeça dele. Mikail está na cabine, mas Sora ainda não está aqui.

Ela está sentada ao lado de Bay Chin, só... conversando.

Fico olhando na direção deles, até que finalmente, finalmente! Bay Chin, Sora e Ty vêm para a cabine da realeza. Royo se move para segui-los, mas o conde o manda ficar para trás. Não consigo entender suas palavras, mas seus gestos são de fácil compreensão.

Não.

Não, não, não. Royo não tem como me proteger se não estiver aqui. E eu também não posso protegê-lo.

Porém, não posso dizer nada. Nem fazer um sinal para ele, nem mesmo olhar na direção dele. Pensando agora, talvez seja melhor assim, que ele fique em segurança na outra cabine. Tem tantos guardas do palácio aqui, tantas lâminas, tantas maneiras de isso tudo dar errado.

Bay Chin aparece na cabine. Prendo a respiração quando ele passa diretamente por mim. Ele finge que não nos conhecemos. Depois, solto o ar.

O conde faz uma reverência ao rei.

— Vossa Majestade, eu gostaria de lhe apresentar Sora de Gain, cortesã do conde do sul.

— Vossa Majestade — cumprimenta Sora, fazendo uma reverência elegante.
— É uma honra inestimável conhecer o senhor.

— Eu não sabia que Seok tinha uma acompanhante, muito menos uma jovem

tão esplêndida — fala o rei. Ele se dirige a Bay Chin, não a Sora.

— Ela é mesmo uma raridade — concorda o conde.

Eles falam de Sora como fariam de um animal ou uma obra de arte. Ela sorri parada ali do lado, fingindo que está gostando disso. É o jogo que temos que jogar. O jogo no qual eu estaria metida pelo resto da vida. Mas já chega. Hoje isso acaba.

Não quero continuar fingindo pelo resto da vida. Não quero mais ser nobre ou ter o reconhecimento do meu pai. Quero estar com as pessoas que me valorizam por quem eu sou, não pelo que posso ser caso eu mude. Quero amanhã e depois e depois com Royo.

E eu sei o que preciso fazer.

Conforme chego a uma decisão, meu estômago para de tentar dar um nó. De repente fico calma, pela primeira vez no dia inteiro. É assim que compreendo que fiz a escolha certa. Estes mentirosos e assassinos são meus.

Preciso trair meu pai.

A partida recomeça e então soam as trombetas. O barulho reverbera dentro de mim. É o alerta de dois minutos. Nosso sinal. É agora.

Olho para Royo, mas Bay Chin acena para que eu me aproxime. É claro que ele escolhe o momento perfeito. Sora está ao lado do rei Joon e Mikail está um pouco mais longe, na lateral. Isto é exatamente o que queríamos, precisamente como planejavamos.

Talvez seja fácil demais, mas as coisas não têm mistério quando se é uma ladra do tempo.

Levo a mão à gola do meu uniforme e pego o amuleto. É um sino de vidro tão pequenino que parece uma joia amarela. Eu o uso no colar, sempre escondido por baixo das golas altas dos meus vestidos, e não o tiro para nada. Nunca, desde a noite em que o roubei do cadáver do príncipe Omin.

Com a joia amarela na palma da mão, o tempo paralisa. As faixas ficam imóveis em meio ao tremular; as pessoas paralisam durante um movimento; os jogadores param em meio a um ataque. Eu, no entanto, consigo me mover. Por um preço terrível. Cada segundo que congelo me envelhece e parece estar piorando com o tempo. É por isso que tenho dezenove anos, mas aparento ter vinte e quatro.

Mesmo assim, congelo o tempo sempre que necessário. Foi o que fiz para roubar um diamante de um milhão, para colocar a carta no bolso de Royo, para ganharmos distância no bote durante o ataque dos piratas, para tirar o chapéu de Euyn, para salvar Mikail no armazém e agora para completar a missão. Depois disso, nunca mais vou precisar recorrer ao artefato.

Levo segundos para tirar a coroa da cabeça de Joon, e em seguida corro para colocá-la na mão de Mikail. Depois, vou para o lado e descongelo o tempo, guardando o colar novamente.

Respiro aliviada. Foi fácil. Acabou.

O tempo volta, e ninguém sabe que eu o paralisei. A exaustão bate com tudo, mais de um mês de envelhecimento me atinge de uma só vez, mas ninguém

nunca suspeita de etherum, já que acreditam que não existe mais magia em Yusan. Assim, pensam que é pura destreza, porque ninguém sabe que eu tenho o Amuleto do Lorde Dragão.

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

SORA

ARENA DO REI, YUSAN

Em um piscar de olhos a coroa saiu da cabeça do rei Joon e foi parar na mão de Mikail.

Não sei como ela fez isso, mas não importa. Joon agora é mortal.

Sem um instante de hesitação sequer, eu me inclino e selo meus lábios envenenados nos do rei. Ele arfa, pego de surpresa, mas corresponde ao beijo.

Pensei em usar o veneno de Erlingnow por ele ser o mais letal, ou o tabernáculo, o segundo mais tóxico, mas ambos também são os mais comuns. Portanto, em vez disso, meu batom está impregnado com o Heroti, um veneno derivado de uma planta das Terras Exteriores. Ele matou cinco meninas na escola de venenos, e mesmo a dose mais baixa comprometeu minha saúde por dois meses. Não deixa rastros e deve passar a impressão de um ataque cardíaco. Este veneno causa uma dor intensa à medida que o peito sangra por dentro. Não se conhece antídoto para ele.

Coloquei o bastante para matar cinco homens. Uma sensação de sucesso toma conta de mim. Joon estará morto em poucos segundos.

Porém, quando endireito a postura e abro os olhos, o rei Joon está... bem.

— Que encantador, minha querida — diz ele.

Perplexa, dou um passo para trás. Não tem nada sobre a cabeça dele. Ele deveria estar pressionando a mão ao peito, caindo do trono com uma dor descomunal.

Mas nada disso acontece.

Eu me viro para Mikail a tempo de vê-lo partir a coroa ao meio com sua espada flamejante. Os pedaços caem ao chão e um dos guardas do palácio o golpeia, fazendo ele colapsar, inconsciente.

Pelo Reino dos Infernos, o que está acontecendo?

Por que Mikail destruiu a coroa? Cadê Euyn? E por que Joon ainda está respirando? Por que ele está *sorrindo*?

Olho para Ty, mas ele também está com os olhos arregalados.

— A pergunta que sempre me inquieta é... — O rei para e dá um suspiro cansado. — Quantas vezes as pessoas vão tentar matar um deus? Prendam eles.

Os guardas do palácio nos cercam. Mãos agarram meu corpo. Bay Chin é

puxado para fora da cabine real.

— Corra, Sora! — grita Ty. Ele dá um soco no guarda que prende meu braço, mas antes que consiga atacar de novo, dois guardas o seguram e um terceiro chuta a barriga dele.

— Parem! Por favor — imploro.

Ty se curva para a frente devido à dor e é levado para fora. Sou carregada para longe das ruínas da coroa do Lorde Dragão e levada para fora da arena.

Todo mundo mentiu para mim, o rei Joon é mesmo um deus. E Mikail nos traiu. Agora, vamos todos morrer.

CAPÍTULO OITENTA

ROYO

ARENA DO REI, YUSAN

Como caralhos Joon ainda está vivo?

Tudo aconteceu tão rápido que não consegui fazer nada. Agora, o caos reina não só na cabine real, mas por toda a arena. As pessoas sabem que alguma coisa aconteceu, mas não conseguem ver o quê. Nem *eu* sei o quê. Aeri roubou a coroa e Sora beijou o rei, mas de algum jeito o filho da puta ainda está respirando.

Fizemos tudo o que tínhamos que fazer, exceto Mikail, que acho que destruiu a coroa. Quer dizer, também teve o fato de Euyn nunca ter dado as caras.

É aí que eu percebo: isso aqui foi uma armadilha.

Euyn nos jogou numa armadilha. Ele é o único que não está aqui enquanto todo mundo é cercado.

O Carniceiro da Floresta do Oeste.

Como eu não percebi antes? Euyn fingiu que seria um rei melhor, como se fosse um novo homem. Tudo da boca pra fora. E ele vai pagar caro por isso.

Mas primeiro preciso chegar até Aeri. Preciso levá-la a um lugar seguro. Jurei protegê-la, e ela está no meio de tudo.

Dou um soco no guarda-costas parado no meu caminho. Ele cai ao chão e eu pulo o corpo dele. Saio às pressas da cabine da alta nobreza. Vou encontrar Aeri nem que eu precise matar a guarda do palácio inteira para isso.

É tarde demais.

Os guardas já a pegaram. Vejo quando eles a levantam e a carregam para fora da cabine real. Empurro as pessoas à minha frente. Vou salvá-la. Ela me vê e balança a cabeça, e isso é tão estranho que fico paralisado.

— Royo, não — diz ela, apenas mexendo a boca, eu acho. Não consigo ouvir com toda a gritaria.

E então ela desaparece.

Sou invadido pela dor mais intensa que já senti. É como se cada osso quebrado, cada machucado, corte ou concussão que já tive comesse a doer ao mesmo tempo e de forma mais intensa. Eu a perdi. Falhei novamente.

Solto um berro gutural, mas não consigo ouvir nem a mim mesmo por conta do retumbar dos tambores de alarme, indicando um ataque ao rei. As pessoas começam a gritar, confusas. Algumas decidiram fugir. Outras aproveitam a

chance para entrar em brigas. Os jogadores estão sendo levados para fora do campo.

Mãos agarram meus braços. Empurro os homens antes mesmo de perceber que são guardas do palácio. Não ligo. Não me importo se isso significar que vou morrer, eu vou quebrar o pescoço deles. É o que preciso fazer. Tenho que encontrar Aeri.

Os guardas puxam as espadas, mas eu só tenho meus punhos.

— Não tente brigar. Vai só piorar as coisas para o seu lado — avisa um cara em voz baixa.

Eu me viro, com os punhos ainda em riste. O homem que falou é elegante e levanta a mão no ar para que os guardas esperem. Não sei quem é, mas os olhos de serpente dele olham ao redor. E os guardas do palácio estão obedecendo suas ordens, então só pode ser um conde.

— Renda-se agora — diz ele.

— E por que eu faria isso?

— Para lutar de novo.

O tom dele não deixa margem para dúvidas, ele sabe que eu era parte do esquema. Sabe que deu tudo errado. Dal está morto, Seok não está por aqui e Bay Chín acabou de ser escoltado para fora, então ele só pode ser o conde do oeste.

Ele vai embora, cercado por seus guardas. Paro de me debater e levo as mãos ao ar. Permito que me levem não porque um conde me ordenou, mas porque agora essa é única forma de conseguir respostas ou ter a chance de proteger Aeri. Só me resta torcer para que eu seja levado para onde ela estiver indo. Quando eu chegar lá, vou matar *todo mundo* para libertá-la.

Espero que isso inclua matar Euyn com as minhas próprias mãos.

CAPÍTULO OITENTA E UM

MIKAIL

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

Quando recupero a consciência, minha cabeça está latejando e meu corpo não está num estado muito melhor. Os guardas provavelmente me arrastaram pelos braços. Babacas. Vou escrever uma carta bem grosseira ao general Salosa sobre os homens dele.

Mas onde é que estou? Duvido que esteja na Arena do Rei, está silencioso aqui.

Abro os olhos e meu estômago se revira. Conheço este piso de mosaico. Sem nem precisar olhar para cima, sei que estou no salão do trono do Palácio de Qali.

Fecho os olhos de novo e uso os sentidos. É sempre melhor fingir estar dormindo para bisbilhotar sem ser pego. Estou acorrentado com as mãos às costas. Tem mãos me segurando, então estou sendo mantido de pé por dois guardas, um de cada lado. Porém, ao escutar, descubro que há mais gente no salão.

Como foi que isso aconteceu?

Sei que destruí a coroa de Yusan depois de Sora ter beijado Joon. Porém, quando eu o vi pela última vez, Joon ainda estava respirando, e não era para ser assim.

A menos que Sora tenha nos traído.

Talvez não houvesse veneno algum nos lábios dela. Eu não teria como saber.

Eu não havia suspeitado dela porque achei que ela estava sendo sincera comigo. Solto uma risada ofegante. Que idiotice da minha parte pensar que eu era especial. Que tínhamos uma conexão diferente. Fui enganado por uma sedutora profissional.

Vai ver ela passou a perna em todos nós em nome da libertação de Daysum. Ela ama a irmã mais do que qualquer outra coisa, e foi honesta quanto a isso desde o começo.

Porém, minha maior preocupação é: se Joon sobreviveu, por que estou no salão do trono e não na Prisão do Ócio? Onde estão os outros? E Euyn?

Com esforço, levanto minha cabeça apesar da dor. Quando olho ao redor, fico totalmente chocado.

Estão todos aqui e estamos acorrentados uns aos outros. Incluindo Euyn e

Sora. Então ela não nos traiu. Mas o que eu faço agora?

Depois de termos encontrado Thorn, eu sabia que precisaria prestar contas ao palácio, então aleguei que essa tinha sido a minha estratégia o tempo todo. Que eu estava seguindo o plano deles para entregá-los depois da partida de tuhko, mas sem mencionar quando planejávamos cometer o assassinato real. Mas e agora? Como posso salvá-los? E quem é o traidor?

Royo está ao meu lado, em seguida vem Sora e depois Ty. Aeri está balançando a cabeça e chorando, ainda com o uniforme de criada. Depois tem o conde do norte, encarando o chão. Euyun é o último.

Pelo brilho das estrelas, que bom que ele está vivo. No entanto, Euyun está me lançando um olhar mortal. Ele deve saber que destruí a coroa. É outra traição, mas pelo menos a relíquia não existe mais e agora Gaya tem a chance de ser livre. Pelo menos isso eu consegui.

As portas se abrem e Joon entra, vindo dos aposentos reais. Os guardas nos forçam a ficar de joelhos. Reviro os olhos. Que exagero. Olho para cima e, ali, no topo da cabeça de Joon, está a coroa do Lorde Dragão.

Mas que caralho.

Eu destruí a coroa. Sei disso, eu vi os pedaços caindo no chão. Aquela porra se restaurou?

Olho para a coroa quando ele para na minha frente. Eu a cortei bem no meio, tenho certeza. Contudo, não há uma única rachadura, nenhuma marca de corte no rubi central.

— Vai ficar impressionado ao descobrir, Mikail — começa Joon — que a verdadeira coroa do Lorde Dragão é tão forte quanto o próprio trono de Yusan.

Pelo Lorde Yama. A coroa era falsa.

Meu rosto fica pálido. Alguém estava agindo por trás do nosso plano. Mas quem?

— Olá, meu irmão — diz Joon, indo até Euyun. Ele fala com mais gentileza do que eu esperava, o que me preocupa.

Será que foi ele? Este tempo todo, era Euyun o traidor? Prendo a respiração.

Euyun ergue o queixo, mantendo uma expressão neutra e majestosa como se não estivesse acorrentado.

— Irmão.

Solto o ar. Não foi ele.

Joon então para em frente ao conde do norte.

— Bay Chin.

— Vossa Majestade Graciosa — diz ele, a cabeça abaixada.

Joon coloca a mão sobre o ombro de Bay Chin.

— Que performance admirável. Como prometido, as sanções de Umbria foram anuladas. O senhor pode retornar ao norte.

O rei gesticula e os guardas ajudam Bay Chin a se levantar. O velho move os braços para recuperar o equilíbrio, porque nunca esteve acorrentado. Não por conta de sua idade, mas porque estava trabalhando com Joon esse tempo todo. Ele é o traidor. Foi ele quem orquestrou o complô todo, que me abordou desde o

início, e nos entregou para pagar a dívida de quando ele realizou uma tentativa de assassinato. Para que Umbria não tivesse mais que pagar um quarto de seus ganhos em sanções para Joon.

Meu coração martela contra as minhas costelas, mas faz sentido. Dinheiro, amor e vingança são as razões mais comuns para uma traição. E o dinheiro sempre fala mais alto. Eu deveria ter me tocado disso antes, mas o velhote é um ator convincente. Acreditei quando ele disse que queria Joon morto porque, afinal, ele já havia tentado o regicídio antes. E ele provavelmente ainda quer Joon fora de jogo. Sua lealdade é somente temporária.

Quando se levanta, Bay Chin faz uma reverência profunda em frente ao rei.

— Vossa Majestade é muito generosa e clemente — diz ele. — Mas eu poderia pedir que...

— Saia. — O rosto e a voz do rei ficam mais severos. O perdão não dá abertura a um favor, e Bay Chin deveria ter percebido isso.

O conde estremece e sai às pressas do salão do trono. Ele me olha e eu o encaro de volta. Vou caçá-lo feito um cervo. Isso eu prometo e juro.

— Quero parabenizar a todos pelo ótimo trabalho — declara o rei. — Meu assassinato foi um grande sucesso, como eu já esperava.

Todos nós olhamos ao redor em diferentes estados de descrença, mas aposto que, de todos, sou o mais chocado. Do que ele está falando? Por que torcer por uma tentativa bem-sucedida?

Aos poucos, minha ficha cai e o ar é arrancado dos meus pulmões.

Não. Não, não pode ser.

Joon me olha e sorri lentamente.

É verdade.

O *próprio rei* orquestrou todo o plano de assassinato.

E agora não há como salvar nenhum de nós.

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

ROYO

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

Pelos Dez Infernos, o que está acontecendo?

Aquele covarde do Bay Chin nos entregou, até aí eu entendi. Fecho as mãos em punhos. Não é certo atacar um idoso, mas posso abrir uma exceção.

Por que o rei Joon nos parabenizou por tentarmos assassiná-lo? Em primeiro lugar, ele continua vivo. Em segundo, que tipo de homem fica feliz com uma coisa dessas?

Ele olha para Aeri e se aproxima dela. Repuxo as correntes e sinto o metal machucar meus pulsos. Mais dois guardas vêm até mim para ajudar os outros dois a me conter. Boa sorte para eles, porque se Joon tocar num fio de cabelo dela, acabo com esse homem, seja ele um deus ou não.

Estou fazendo um alvoroço com as correntes, e o rei olha para mim antes de se voltar a Aeri.

— Filha, você me impressionou e me decepcionou ao mesmo tempo — diz ele.

— Pai — responde ela, curvando a cabeça, mas sem tirar os olhos dele.

Putá. Que. Pariu.

Paro de me rebater e olho em volta para o grupo. Estão todos em choque, cada um a sua maneira, porque o que diabos está acontecendo agora?

É como se meu cérebro estivesse sendo arrastado na lama. Vai ver eu tomei pancadas demais na cabeça, porque juro que imaginei Aeri chamando Joon de pai. Não pode ter sido isso. É impossível. Aeri não é da realeza. Ela é uma ladra de rua, uma batedora de carteiras, uma garota que foge comigo da guarda real. Talvez “pai” seja o jeito peculiar que ela usa para se dirigir à realeza. Sei lá.

— Ah, sim — fala Joon, olhando ao redor. — Ainda não tive a oportunidade de apresentar devidamente a minha filha. — Ele gesticula para Aeri. — Esta é Naerium Lin Baejkin. Filha de Soo Lin.

Um terror entorpecente toma conta de mim e meu cérebro volta a funcionar. Esse nome. Foi o nome que Aeri me deu quando nos conhecemos — Soo. Aeri Soo.

Ela é filha do rei.

E me enganou desde o começo.

Sinto um turbilhão de emoções me abalar. Não consigo mais sentir meu rosto e meu peito. Eu matei por ela. Estava disposto a morrer por ela. Pela porra de uma *princesa*.

Este tempo todo. Caralho, este tempo todo, desde quando ela me procurou na Costela & Cevada, eu sabia que tinha algo estranho. Sabia que jamais devia ter ido à Botina Preta para encontrá-la. Tive uma sensação ruim assim que Yuri disse que uma garota bonita estava me procurando, mas eu a ignorei, assim como continuei ignorando todas as merdas que não faziam sentido. As mentiras, os deslizos. Então eu me aproximei dela e parei de perceber os sinais. Eu me apaixonei. Até mesmo *confiei* nela. Puta que me pariu, eu fui o rei dos otários.

Agora, sim, tudo faz sentido, por que ela desapareceu na primeira oportunidade quando chegamos a Caprícia, por que a gangue em Oosant não a levou quando pegaram Sora. Quando ela desapareceu naquela cidade, de fato estava mandando uma mensagem para o pai, só que o pai dela é ninguém mais ninguém menos que o desgraçado do rei.

Todas as vezes em que ela falou do pai, sobre como estava fazendo isto por ele, Aeri se referia a Joon. Eu só nunca juntei as peças.

Era por causa dela que o assassino do palácio estava nos seguindo. Ele devia estar cuidando da proteção dela. E foi Aeri que se encontrou com ele em Aseyo, mas acabou enfiando uma adaga no pescoço dele quando ele foi visto por Sora, só para conseguir esconder a relação que tinha com o trono. Mikail tinha razão, era mesmo a minha faca de arremesso, porque Aeri a pegou no nosso quarto.

Mas eu *acreditei* nela. Eu a defendi. Continuei dando uma chance a ela, por causa do dinheiro, do trabalho, porque ela fingiu gostar de mim, fingiu me querer, fingiu se apaixonar por mim.

Foi tudo uma encenação.

Minha respiração fica ofegante e sinto meu coração doer de verdade. Será que vou morrer agora? É o que parece.

Por quê? Por que ela fez isso com a gente? Com qual intenção? E por que ela está acorrentada se estava trabalhando para ele?

Estão todos em silêncio.

— Que merda é essa que ele está falando, hein, Aeri? — pergunto. Minha voz ecoa pelo salão.

Um guarda me dá um soco bem entre as escápulas. Golpe baixo do caralho. Estou algemado. Ajeito a postura e olho para o guarda.

— Experimenta fazer isso de novo quando eu não estiver acorrentado.

— Guardas, levem aquele ali para a Prisão do Ócio — ordena o rei Joon.

Eu me preparo. Não vou me acovardar e muito menos suplicar. Dizem que a Prisão do Ócio é o inferno na terra, mas estou pronto. Eu prefiro estar em uma masmorra escura sob o lago a passar mais um segundo que seja com Aeri.

Aeri se levanta e abre a boca, aterrorizada.

— Não! Não! Ele não teve nada a ver com isso.

— Eu sei, querida. Eu não pedi para você trazer este aqui — responde o rei Joon.

Os guardas agarram Ty, não a mim.

Ele está mandando Tiyung para a prisão.

— Não! — grita Sora. — Não! Por favor! Por favor. Ele é o único filho de Seok.

— E cometeu traição à coroa — rebate Joon. — Podem levar.

Sora e Ty se entreolham com tanto desespero que é até difícil encará-los.

— Tudo bem — diz Ty. — Vou ficar bem, Sora. Tudo é possível.

Ty se mostra corajoso, mas as mãos dele estão trêmulas. Apesar disso, ele encontra forças para deixar o salão do trono e sai andando com a cabeça erguida. As lágrimas escorrem pelo rosto de Sora e ela desmorona quando as portas se fecham.

Porém, o rei Joon não está olhando para Mikail nem para Sora. A atenção dele está focada em Naerium. Algo na expressão dele me passa uma sensação ruim. É uma mistura de orgulho e... raiva?

— No fim das contas, você é mesmo uma Baejkin, traindo o próprio pai.

Aeri não responde. Ela simplesmente o encara de volta, com um olhar frio como eu nunca vi antes. Foi desta criatura que tive vislumbres por baixo da fantasia de jovem alegre e espontânea. Ela é feita de pedra e presas. Eu só não tinha percebido que isso tudo foi herdado de Joon.

— Quando você parou de me dar satisfação a respeito da missão, presumi que tinha se afeiçoado ao restante da laia — diz ele com repulsa. — Se eu não tivesse me preparado para a sua traição, você teria matado seu próprio pai. Que pena ter uma filha que não passa de uma adolescentezinha de mente fraca. Pode dar adeus ao nosso trato.

O quê? Que trato? E Aeri tem vinte e quatro, ela não é uma adolescente. Mas quem garante que essa não é só mais uma mentira? Meu coração palpita, minha cabeça parece que vai estourar, e seria muito bom se pelo menos uma vez na vida as pessoas parassem de rodeios e contassem a porra da verdade.

— O senhor me pediu para trazer Sora, Mikail e Euyn. Cumpri minha parte — fala ela. O sentimento de choque avassala o grupo e sinto como se eu estivesse mastigando cinzas. As próximas palavras dela me deixam totalmente sem chão: — Deixe Royo e Tiyung em paz.

Os outros três parecem querer matá-la aqui e agora. Fecho os punhos com o instinto de protegê-la, de defendê-la, porque ainda não aprendi a ser frio. Mas eu vou.

Por outro lado, acho que ela está tentando... salvar a Ty e a mim?

— *Você* não está em posição de fazer exigência alguma — afirma Joon. — Tenho contas a acertar com Seok. E você e o guarda que Bay Chin te mandou contratar podem ir aos Dez Infernos com seus amigos. — Joon encara a *princesa* com firmeza, mas ele não precisa se preocupar.

Eu mesmo vou matá-la.

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

EUYN

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

Não consigo entender o que está acontecendo agora. Eu *sei* que Mikail não me traiu. Ele não traiu ninguém. Foram só Bay Chin... e Aeri.

Joon disse que Aeri é filha dele, mas não pode ser. Não a vejo desde que ela era bebê, mas a filha de Joon morreu anos atrás. Ele não tem filhos vivos. Por isso eu era o segundo na linha de sucessão para o trono.

— Naerium morreu num incêndio há sete anos, quando ela tinha doze anos — falo quando finalmente encontro minha voz. — Não tem como Aeri ser sua filha de verdade.

— É, eu também tinha pensado que nosso querido irmão Omin a havia matado — responde Joon, dando de ombros. — Mas no ano passado encontrei Aeri na pira crematória da mãe dela. Viva e bem.

Estremeço. Então Aeri tem dezenove anos, não vinte e quatro, mas quem seria capaz de perceber a diferença? Sem falar que ela escondeu a verdade para que nunca suspeitássemos de sua identidade. Ouvi rumores de que Omin estava matando meninas jovens, que ele tinha sido banido do palácio porque foi pego descartando o corpo de uma delas no Lago do Ócio. Pensei que tinha sido só uma história que saiu de controle, da mesma forma como começaram a me chamar de carniceiro.

Mas não.

Suspiro baixinho. Mas que família, viu?

No entanto, a principal questão aqui é: por que raios Joon planejou o próprio assassinato? E o que ele quis dizer quando falou que Aeri podia ir aos infernos conosco? Porque meu irmão é muitas coisas, mas dramático não é uma delas.

— Que complexo — digo, erguendo uma sobrancelha. Chega de ser paranoico. Porque alimentar a paranoia significa temer a morte, e agora eu estou de frente para ela. — Se você me queria de volta no palácio, por que só não aumentou o valor da recompensa e exigiu que eu fosse trazido com vida? Nada disso sairia caro para você.

— Eu nunca estipulei uma recompensa para quem o encontrasse — fala Joon. — Isso veio do Conselho dos Lordes. Não quero você morto. Muito pelo contrário. Quero oferecer o perdão pelos crimes que cometeu e restaurar você

como príncipe.

Atônito, permaneço em silêncio. Entre todas as coisas que eu esperaria que meu irmão fizesse comigo — me matar, me torturar, me fazer assistir enquanto ele torturava Mikail —, a restauração da minha legitimidade não era uma delas. O que ele está armando?

— Vocês cinco são culpados de traição à coroa e podem ser condenados a lingchi, decapitação ou prisão perpétua na Prisão do Ócio — declara ele. — Mas... sou um lorde misericordioso. Estou disposto a perdoá-los. A recompensá-los, até. Com uma condição.

Obviamente ele quer algo em troca. Ele deve ter um bom motivo para fazer tudo isso, trazer todos nós com vida.

Prendo a respiração e sinto o coração disparado enquanto espero para descobrir o que Joon vai estipular.

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

MIKAIL

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

Ah, que ótimo. Mal posso esperar para descobrir o que Joon quer.

Mas estou distraído. Não acredito que não percebi que Aeri era filha dele. Que convidei uma traidora para ser parte do grupo. Eu pensava mesmo que Aeri era só uma ladra e achei que por acaso a tinha visto roubando um diamante de um milhão. Achei que eu fosse um espião tão bom por encontrar uma garota que podia pegar a coroa — a última peça de que Bay Chin disse que precisávamos. Achei que eu tinha sido inteligente o bastante para convencer Aeri.

Soberba. Meu deslize não passou de soberba.

Um tremendo clichê.

Joon me conhecia o suficiente para saber que eu precisaria pensar que o plano tinha sido ideia minha. Fiquei tão distraído com a minha sede de vingança, com o fato de que eu já tinha esperado por tanto tempo, que segui com a missão apesar de todas as minhas dúvidas. Apesar de ter encontrado Thorn morto e da morte absurdamente suspeita de Dal. Porque eu não queria parar. Eu só enxergava a oportunidade de vingança. E agora um plano de quase vinte anos está indo pelo ralo por conta da minha impaciência. Agora dependendo da misericórdia de Joon, o que não é um traço pelo qual ele é conhecido.

— Qual é a condição? — pergunta Euyn.

Joon sorri.

— Você sabe que nossa irmã está no trono de Khitan.

Euyn assente devagar.

— Fiquei sabendo.

— Ela está usando o anel. — Joon faz trejeitos com a mão como se não estivesse propondo nada de mais. — Traga-o para mim.

Euyn arregala os olhos.

— Trazer para você... o Anel de Khitan?

Solto uma risada. O Anel Dourado. A relíquia do Lorde Dragão que faz tudo virar ouro aos caprichos de quem o usa. É óbvio que ele quer o artefato. É óbvio que este seria o objetivo dele com o plano todo. Ele já tem a Coroa Imortal, e durante o Festival Sangrento em Gaya roubou a verdadeira Espada Flamejante do Lorde Dragão. Agora, ele quer a terceira relíquia. Talvez esteja tentando reunir

todas elas, mas o amuleto sumiu em Fallow há muito tempo, e os sacerdotes de Wei sempre matam os espiões que enviamos para roubar o Cetro D'água.

No entanto, Quilimar preferiria atear fogo ao país inteiro a dar algo de mão beijada para Joon. O que, nas atuais conjunturas, seria interessante de assistir.

— Seria muito mais rápido só nos matar — digo.

— Por que eu faria isso? — pergunta Joon. — Vocês cinco conseguiram roubar minha coroa e sobreviveram. Se eu não estivesse com a relíquia verdadeira escondida no braço, eu estaria morto, graças à minha filha. — Ele para e olha para Aeri. Vejo dor genuína na expressão dele, mas num piscar de olhos ela some. — Portanto, vocês cinco também conseguiriam roubar o anel e sair vivos de Khitan.

— Por que você só não me disse desde o princípio que era do anel que estava atrás? — pergunto. — Por que elaborar este showzinho todo?

Joon me encara, o rosto dele ruborizando levemente. Minha pergunta o irritou.

— Em que reino você teria concedido a informação do esconderijo de Euyun? Além disso, nada teria feito Seok confessar ter uma escola de venenos. Criando esta trama, os melhores assassinos de Yusan vieram até mim, conectados por um único propósito. — Ele dá de ombros. — E, com Quilimar, não posso arriscar fracassar. Encare o dia de hoje como uma audição.

Olho para Euyun. Odeio como a lógica de Joon faz sentido para mim. Que jeito melhor haveria de unir todos nós? A julgar pelo olhar de poucos amigos de Euyun, ele também vê coerência no que o irmão revelou. Nós dois conhecemos a brutalidade lendária de Quilimar e sabemos que ouro compra defesas impressionantes. Não posso culpar Joon por não querer correr o risco de falhar. Quer dizer, eu posso...

O rei continua.

— Tragam o anel para mim, e vocês receberão uma recompensa admirável. Euyun, você será o príncipe de Yusan novamente. — Ele vai até Sora. Desde que Joon mandou Ty para a Prisão do Ócio, ela só olhou para o nada com o rosto vago. — Sora, me diga se gostaria de ter sua libertação e a de sua irmã. E a mansão do conde em Aseyo, onde vocês poderiam viver em paz. Talvez até a oportunidade de matar Seok por conta própria quando ele for capturado?

Sora fica perplexa com a proposta. Seja quem for a fonte dele, a pessoa tem excelentes informações. Isso tudo é exatamente o que ela deseja.

— Minha irmã e eu teríamos a mansão que pertence ao conde do leste? — pergunta ela.

— Infelizmente ele faleceu, e o filho dele é jovem demais para o cargo — fala Joon. — Isso deixa a propriedade sob meu controle, e sou um lorde generoso. Traga o anel para mim e ela será sua.

Ela está chocada. A concessão de terras não é pouca coisa em Yusan. Os nobres ou a coroa são donos de todo o território. A plebe deve viver de aluguel à mercê dos lordes.

— E Tiyung? — insiste ela.

O pedido pega Joon de surpresa, mas ele se recompõe rapidamente.

— Está bem. Traga-me o anel e eu o soltarei. Tem a minha palavra.

Ela volta a ficar em silêncio.

— Falando no recém-falecido conde do leste — retoma o rei. — Mikail, você poderia assumir como regente pelo garoto.

Ele... me tornaria o conde do leste pelos próximos dez anos? O rei pode conceder e confiscar o status de nobreza como bem quiser, só não é uma prática muito comum. Os nobres gostam de pensar que a posição deles neste reino é definitiva. Entretanto, como conde de Tamneki, eu poderia fazer coisas grandiosas por Gaya. Angariar fundos, prover apoio para o vício em laoli, diminuir a presença da milícia e até ajudar em uma tentativa de golpe, finalmente conseguindo a independência para a ilha, algo sobre o qual até meus pais só ousavam sussurrar.

Meu coração acelera e eu começo a sonhar, mas percebo que é exatamente o que isto é: uma fantasia tola.

— Você me daria Tamneki? — pergunto, rindo. — Quando acabei de tentar te matar?

Joon dá de ombros.

— Você não foi o primeiro. Se eu fosse guardar rancor por todas as tentativas de assassinato que sofro, a classe da nobreza seria erradicada.

Ele tem razão.

— Vocês acabaram de me ver permitindo que Bay Chin saísse daqui, vivo e próspero. Não questionem minha misericórdia.

Tudo bem, é justo. E Joon sempre foi um governante prático. Ainda assim, roubar o Anel de Khitan não será mais fácil do que tentar roubar a coroa de Joon. Existe um motivo para isso nunca ter sido feito. A lenda diz que é preciso ser alguém da realeza para usar o anel, mas teríamos Euyn conosco, e acredito que Aeri também, então seria minimamente possível.

Ficamos em silêncio, sem dúvidas pensando nas vantagens do sucesso e ponderando a probabilidade de esse plano dar certo. De muitas maneiras, a condição dele é melhor do que eu esperava e, de diversas formas, muito pior.

— Falando em Umbria, ouvi dizer que você é capanga — fala Joon para Royo.

Aeri levanta a cabeça.

Royo não responde, só encara Joon.

— Bay Chin me contou que, muito tempo atrás, um homem foi preso por um crime que você cometeu — comenta o rei. De repente, Royo fica tenso. A testa dele começa a suar, e a respiração acelera. — Devo dizer: não gosto da ideia da minha filha ser protegida por um homem que matou uma garota. Mas acredito que as pessoas podem mudar.

Royo parece arrasado e Aeri fica boquiaberta.

Isso tudo é novidade para mim, mas Royo *queria* que Euyn perdoasse um criminoso. E ele ofereceu a espada porque Euyn jurou reverter o decreto. Pela expressão no rosto de Royo... não. Não foi ele. É algum tipo de manipulação do

conde do norte.

Pelo brilho das estrelas. Talvez Royo mate Bay Chin antes mesmo de eu ter a oportunidade.

Royo encara Joon com seriedade.

— Tenho certeza de que Bay Chin sabe muito bem quem matou Allora.

Joon dá de ombros.

— Independentemente, faça este trabalho, e o homem será perdoado — fala Joon. — E você ainda vai receber os cem mil que minha filha lhe prometeu.

Por fim, ele para na frente de Aeri. Ela olha para Royo, despedaçada. O que é bastante hipócrita, na minha opinião. Se bem que, no fim das contas, acho que somos todos mentirosos e hipócritas. Ficamos ultrajados ao nos passarem a perna quando desde o começo planejávamos puxar o tapete uns dos outros. Mentirosos e assassinos não são bons em amar. Ela e Royo são só mais inexperientes em relação ao amor do que Euyun e eu.

— E você será reconhecida, como prometi antes que me traísse — declara Joon. — Será uma princesa de Yusan. E sua mãe será postumamente reconhecida como a minha primeira rainha.

O silêncio é tão avassalador que daria para ouvir um fio de cabelo caindo no chão.

Em seguida, Aeri abaixa a cabeça, aceitando a proposta do rei.

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

EUYN

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

—Só uma última coisa — diz Joon.

Maravilha, ainda tem mais. Achei que fazer o impossível tirando o anel da mão da nossa irmã perversa já era o bastante, mas, pelo visto, não.

— Voltem antes do final da temporada de monções — ordena Joon.

Quê?

A estação começa em breve e vai durar um mês.

— Você espera que a gente vá até Khitan, roube o anel e volte para cá em um mês? — pergunto.

Joon concorda.

— Tecnicamente, são cinco semanas, mais ou menos, mas, sim, é exatamente isso que espero.

— Por que a pressa? Está tão ansioso assim para que eu esteja de volta ao palácio?

Joon gesticula os braços, abrindo-os bem.

— Nunca quis te banir. Se voltar com o anel antes do final da temporada, todos receberão recompensas generosas. Se falharem, vão desejar a morte. Se Quilimar descobrir que mandei vocês lá, vou assar seus entes queridos vivos e em seguida vocês terão de assistir enquanto eu os atiro aos iku. Isso eu prometo e juro.

Compreendemos o que a ameaça significa para cada um de nós. Para Sora, é obviamente Daysum; para Royo, o homem aprisionado; para Aeri, não sei ao certo, mas pode ser Royo.

Eu só amo Mikail, então sem dúvidas Joon se refere a ele. Não sei quem Mikail ama. Supostamente eu, mas não tenho certeza porque Mikail nunca se abre comigo. E o que foi aquilo de ele destruir a coroa?

Então minha ficha cai: se este plano veio de Joon por meio de Bay Chin, isso quer dizer que Mikail nunca falou com Quilimar. E se não foi ela que deu a ideia a ele...

Fico abalado e sinto um gelo percorrer a minha espinha. Ele mentiu para mim desde o início.

— Agora, se me dão licença, tenho outras questões para resolver — anuncia

meu irmão. — E vocês têm um navio no qual embarcar.

Os guardas nos botam de pé.

Joon faz uma pausa.

— Levem o que for preciso do arsenal. Ah, e Mikail...

Mikail olha para ele.

— Vou cuidar bem de Ailor até você retornar.

Ao dizer isso, meu irmão sai do salão, me deixando com uma nova pergunta em mente: quem é Ailor?

Quem quer que esse homem seja, a menção a ele deixa Mikail pálido como nunca vi antes. Incluindo a vez em que ele quase morreu de tanto sangrar. Chego a uma conclusão que me rasga por dentro como uma lâmina partida: não sei nada a respeito dele.

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

SORA

PALÁCIO DE QALI, YUSAN

Nada disso parece real. Nem o fato de que não conseguimos matar o rei, embora tivéssemos feito tudo que devíamos fazer. Nem o fato de termos sido capturados. Nem o fato de Bay Chin ter nos traído. Nem o fato de Tiyung estar em uma masmorra horrível sob um lago. Nem o fato de Aeri ser a filha do rei, ter traído o próprio pai e nos levado até ele. Nem mais nada do que descobri nesta última badalada.

É coisa demais, então me fecho. Foco minha concentração apenas em colocar um pé na frente do outro no piso de mármore. Mas não quero andar. Só quero me deitar e morrer.

Mas não demoro a recuperar o bom senso. Não posso desistir. Com o rei vivo e eu desaparecida com suspeitas de estar morta, Daysum pode ser mandada para casas de prazer. Se eu falhar, Ty permanece na Prisão do Ócio. O pânico ameaça tomar conta de mim, mas eu o sufoco.

Não.

Não posso perder minha irmã. Nem Ty. Preciso seguir firme. Mas como?

Pelo Reino dos Infernos, por que eu? Realmente é um peso, me importar tanto quanto me importo.

Os guardas do palácio nos levam ao arsenal, e é um caminho cheio de tensão. Nós cinco ainda estamos acorrentados às pessoas que odiamos, as que mentiram e nos traíram. Porém, Mikail instrui os guardas a pegar armas como se fosse algo rotineiro.

Eu o odeio. E odeio Aeri. E Bay Chin. E Joon. E Seok.

Quero desabar, mas não vou. Respiro fundo. Minha irmã e eu *vamos* morar juntas naquela mansão imensa e luxuosa. E vou ajudar Ty a sair da prisão também. Ele queimou minha escritura, desafiou o pai, fez eu esquecer da minha tristeza por uma noite. Vou arrumar uma maneira de fazer isso, por eles.

Um pé na frente do outro. Continuo andando.

Os guardas nos levam à fachada do palácio, onde uma carruagem nos espera, com meu baú já acomodado na parte de trás. O rei sabia onde estávamos este tempo todo por causa de Aeri e Bay Chin. Ao armar seu próprio assassinato, Joon conseguiu reunir os assassinos mais letais de Yusan para provar que podia roubar

uma relíquia. Agora temos cinco semanas para roubar o Anel de Khitan.

Não sei o que o anel faz, mas todos o chamam de uma relíquia do Lorde Dragão, o que significa que ele é como a coroa. Ou seja, será quase impossível roubá-lo. Mas alguma coisa neste plano está me incomodando — só não sei o que, porque não fui feita para estes joguinhos.

Nós cinco somos desacorrentados logo antes de sermos jogados para dentro da carruagem. Partimos imediatamente, cruzando a ponte estreita.

É possível notar suspeita e mágoa no olhar de todos. Nós nos sentamos o mais longe possível uns dos outros, mas esta não é uma carruagem rápida. Há somente dois bancos, então somos obrigados a nos encarar. Estamos a caminho de um navio que vai nos levar a outro reino. Khitan, para onde um dia eu quis fugir, mas que agora é o último lugar onde quero estar, já que preciso ir com todos eles.

Esfrego os pulsos, me perguntando por que continuo sendo lançada à fogueira.

Você é feita de aço, Ty me disse.

Só que aço se fortalece ao ser forjado. Eu não sou uma lâmina. Sou apenas um peão.

Royo está de frente para mim. Os pulsos dele estão sangrando. Arranco um pedaço do meu vestido e o enrolo neles. Ele me olha com a testa franzida, mas assente em gratidão.

Não sei por que o ajudei, por que eu ajudaria qualquer um deles agora, mas isso faz parte da minha natureza. É a única coisa que Seok nunca conseguiu tirar de mim, mesmo com os venenos e todas as torturas. Eu ainda consigo amar. Ainda consigo me importar. É por isso que tudo está sendo tão doloroso. Confiei em todos eles. Mas pessoas como Seok e Joon não amam ninguém. Eles só são passíveis de ódio, isolamento e medo.

Eu preferiria viver me machucando por me importar demais a ter uma vida tomada pelo medo.

— Esperem — sussurro.

Os quatro olham para mim.

— Esperem — digo mais alto. — Ele tem medo dela. — Todos olham para mim sem entender. — Joon tem medo de Quilimar.

Euyin assente.

— Ele a vendeu. Para um casamento.

As peças se encaixam rapidamente.

— Ele teve esse trabalho todo, inventou todas as mentiras, todas as maquinações, só para nos testar? Por quê?

Aeri, que realmente parece desolada, fala olhando para os próprios joelhos.

— Porque ele não pode arriscar fracassar.

— Exatamente — digo, falando como a diretora de escola que um dia quero ser.

— E daí? — resmunga Royo. — Isso só significa que estamos muito mais fodidos desta vez do que da primeira.

Mikail, no entanto, semicerra os olhos para mim.

— Aonde quer chegar, Sora?

Eu me inclino para a frente.

— Ele nos entregou o jogo de bandeja. A fraqueza de Joon é *o medo*. Podemos usar isso contra ele.

— E como sugere que a gente faça isso? — pergunta Euyn, cético a ponto de sua voz ficar um tanto mais aguda. — Temos que arrancar um anel da mão da minha irmã, o que vai ser impossível.

— Não, na verdade não temos — falo, erguendo o queixo. — Porque se ela é a inimiga *dele*... isso significa que agora ela é nossa nova melhor amiga. Joon pode pensar que isso foi um teste, mas... ele não considerou o fato de que nós cinco tivemos sucesso numa coisa, a mais importante.

— Não fomos bem-sucedidos em nada — fala Royo, virando os pulsos.

— Nós fizemos o unimaginável. Não foi simplesmente uma questão de nos encontrarmos na arena, cada um vindo de um canto de Yusan. Nós trabalhamos *juntos*. Matamos e sangramos uns pelos outros. Conseguimos conquistar a confiança uns dos outros, mesmo quando as mentiras e as enganações paralelas corriam soltas. Se podemos fazer isso, também podemos tornar a rainha nossa aliada. E então a usamos para conseguirmos tudo o que quisermos. Incluindo vingança.

Mantenho o queixo erguido e espero pelas reações deles. Ou esta foi a coisa mais estúpida que eu já disse na vida, ou pode mesmo dar certo. Lentamente, eles fazem que sim com a cabeça em resposta.

— Sou todo ouvidos — diz Mikail com um sorrisinho.

Talvez Ty esteja certo. Talvez eu seja *mesmo* aço.

E juro que vou quebrar as correntes que prendem ele e Daysum antes que o rei Joon sinta minha lâmina.

O FIM, POR ORA

AGRADECIMENTOS

Ninguém do grupo das Cinco Lâminas teria sido criado sem minha editora brilhante, Liz Pelletier. Obrigada pela troca de ideias, pelo apoio incondicional e por ter passado madrugadas e manhãs trabalhando nisto comigo. Obrigada por trazer esta joia de livro à vida e depois me ajudar a poli-lo. Dizer que este processo foi extraordinário seria um grande eufemismo. Obrigada por ter transformado a minha vida! Agradeço também a Jen Bouvier, cuja torcida constante me sustentou em cada etapa do que é supostamente uma carreira solitária. Obrigada por ter sido sempre uma amiga de verdade. Nada disso teria sido possível sem você.

Obrigada a todos da Red Tower pelos esforços incansáveis para fazer esta história virar um livro. Obrigada à minha equipe incrível de edição, incluindo: Rae Swain, Hannah Lindsey, Stacy Abrams, Molly Majumder, Nancy Cantor e Jessica Meigs. (Hannah, mais uma vez peço desculpas por ficar mexendo no arquivo durante a edição!) Obrigada às equipes maravilhosas de arte e design, incluindo: Bree Archer, Elizabeth Turner Strokes, Juho Choi, Jennifer Valero e Britt Marczak. Obrigada a Curtis Svehlak e Viveca Shearin, da produção. E agradeço à equipe fantástica de publicidade e marketing, incluindo: Ashley Doliber, Meredith Johnson, Heather Riccio, Brittany Zimmerman e Lizzy Mason. Um agradecimento especial a Aaron Aceves e Nicholas Macoretta pelas opiniões e pelo feedback valiosos, e obrigada a Nicole Resciniti por fazer este livro viajar o mundo.

Muito obrigada à minha agente, Lauren Spieller, por ter tomado meu partido incansavelmente, por ver meu potencial e por me afastar das minhas piores ideias. Muito obrigada a Hannah Morgan Teachout, pelos comentários absurdamente rápidos e incrivelmente assertivos. Este livro é melhor por sua causa.

Obrigada aos meus quatro filhos, que me inspiram e me encantam. Obrigada por serem minha família. Por serem compreensivos, mesmo quando não sabem ao certo por que estou trancada no escritório ou o que minha mente está fazendo num tal lugar chamado Yusan. Obrigada à minha mãe por me apoiar em cada passo do caminho. Espero deixar você e o pai orgulhosos a cada página que escrevo. Obrigada à minha irmã por me ajudar com um rascunho bastante inicial e por carregar a responsabilidade de ser a filha mais velha.

Agradeço à minha família de amigos, que me deram apoio nos altos e baixos desta montanha-russa que é ser autora, principalmente Karen McManus, Alexa Martin, June Tan, Caroline Richmond, Jennifer Dugan, Matt Weintraub, Jessica

Norgrove, Susan Thibault, Kiana Nguyen, Sarah Howell e Jenn Kominsky.

Obrigada aos influenciadores, livreiros, resenhistas e, principalmente, aos leitores, por passarem um tempo no meu mundo violento, mas cheio de esperança.

Por último e mais importante, obrigada a John Coryea, por me dar meu nome e um coração para chamar de casa. Como fogo e metal, nós fortalecemos um ao outro. Obrigada por ser meu homem de aço e minha inspiração hoje e amanhã e depois e depois.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Cinco lâminas partidas

Site do autor:

<http://www.>

Table of Contents

CAPA	
ROSTO	
CRÉDITOS	
SUMÁRIO	
CAPÍTULO UM	
CAPÍTULO DOIS	
CAPÍTULO TRÊS	
CAPÍTULO QUATRO	
CAPÍTULO CINCO	
CAPÍTULO SEIS	
CAPÍTULO SETE	
CAPÍTULO OITO	
CAPÍTULO NOVE	
CAPÍTULO DEZ	
CAPÍTULO ONZE	
CAPÍTULO DOZE	
CAPÍTULO TREZE	
CAPÍTULO CATORZE	
CAPÍTULO QUINZE	
CAPÍTULO DEZESSEIS	
CAPÍTULO DEZESSETE	
CAPÍTULO DEZOITO	
CAPÍTULO DEZENOVE	
CAPÍTULO VINTE	
CAPÍTULO VINTE E UM	
CAPÍTULO VINTE E DOIS	
CAPÍTULO VINTE E TRÊS	
CAPÍTULO VINTE E QUATRO	
CAPÍTULO VINTE E CINCO	
CAPÍTULO VINTE E SEIS	
CAPÍTULO VINTE E SETE	
CAPÍTULO VINTE E OITO	
CAPÍTULO VINTE E NOVE	

CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQUENTA
CAPÍTULO CINQUENTA E UM
CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE
CAPÍTULO SESENTA
CAPÍTULO SESENTA E UM
CAPÍTULO SESENTA E DOIS
CAPÍTULO SESENTA E TRÊS
CAPÍTULO SESENTA E QUATRO
CAPÍTULO SESENTA E CINCO
CAPÍTULO SESENTA E SEIS
CAPÍTULO SESENTA E SETE
CAPÍTULO SESENTA E OITO
CAPÍTULO SESENTA E NOVE
CAPÍTULO SETENTA
CAPÍTULO SETENTA E UM
CAPÍTULO SETENTA E DOIS
CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO
CAPÍTULO SETENTA E CINCO
CAPÍTULO SETENTA E SEIS
CAPÍTULO SETENTA E SETE
CAPÍTULO SETENTA E OITO
CAPÍTULO SETENTA E NOVE
CAPÍTULO OITENTA
CAPÍTULO OITENTA E UM
CAPÍTULO OITENTA E DOIS
CAPÍTULO OITENTA E TRÊS
CAPÍTULO OITENTA E QUATRO
CAPÍTULO OITENTA E CINCO
CAPÍTULO OITENTA E SEIS
COLOFON
CINCO LÂMINAS PARTIDAS

Landmarks

Cover
SUMÁRIO